

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**O VALOR DO TRABALHO PARA A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA
NA ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE VIDA**

Rachel de Castro Almeida

Belo Horizonte

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Rachel de Castro Almeida

**O VALOR DO TRABALHO PARA A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA
NA ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE VIDA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientação: Luciana Teixeira de Andrade

Coorientação: Miguel Chaves

Belo Horizonte

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A447v Almeida, Rachel de Castro
O valor do trabalho para a juventude contemporânea na elaboração de projetos de vida / Rachel de Castro Almeida. Belo Horizonte, 2010.
188f. : il.

Orientadora: Luciana Teixeira de Andrade
Co-orientador: Miguel Chaves
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Trabalho. 2. Juventude. 3. Valores sociais. 4. Estudantes de administração.
I. Andrade, Luciana Teixeira de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 331.013

“Revisão Ortográfica e Normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor”

Rachel de Castro Almeida

O valor do trabalho para a juventude contemporânea na elaboração
de projetos de vida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Luciana Teixeira de Andrade (orientadora)

Luís Miguel da Silva de Almeida Chaves (coorientador) - UNL

Inês Assunção de Castro Teixeira - UFMG

Magda de Almeida Neves – PUC Minas

Maria Elizabeth Marques – PUC Minas

Regina Novaes – UFRJ

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2010.

AGRADECIMENTOS

Certa vez, uma revista de Araxá publicou uma pequena autobiografia de cidadãos com mais de 80 anos. Meu pai, então, iniciou seu texto dizendo: “Lucília é a mãe dos meus cinco filhos”. Eu achei peculiar o início não cronológico, o fato de começar por nós e não pelos meus avôs, o que gerava como resultado imediato a minha inclusão na primeira linha, mesmo eu sendo a última, entre os filhos, a chegar.

É claro que vou passar a vida agradecendo à família que me escolheu, que pediu a Deus os meus cabelos, e que no final aguenta o que veio e o que ainda virá.

Essa tese tem tudo de Mário! É sobre o trabalho, uma esfera da vida que ele tanto aprecia e que a tanto se dedica, com esmero e excelência. É óbvio que foi ele quem me deu a segurança necessária para iniciar mais esse percurso e a ele agradeço.

Agradeço à Beth Marques, a primeira pessoa a ler o rascunho do projeto inicial, aquele elaborado para concorrer à vaga no doutorado. De lá para cá, acompanhou a qualificação e espero que esteja presente na Banca de defesa da Tese.

A todos os meus professores de doutorado, especialmente Magda de Almeida Neves e Cristina Almeida Cunha Filgueiras que fizeram parte de bancas de qualificação. Devo também à professora Lea Souki, que foi minha professora apenas na graduação, mas que sem dúvida me inspirou a percorrer o caminho das Ciências Sociais. À professora Analia Laura Soria Batista, da UnB, com quem cursei “Tópicos Avançados em Sociologia do Trabalho”.

Ao professor Carlos Benedito Martins, da UnB, com o qual tive o prazer de cursar “Teoria Social Contemporânea”. Ao Carlos e ao Manoel, este último meu colega na UnB, os dois se tornaram meus bons amigos!!

À direção da AIEC, que me apoiou integralmente em todas as fases, mas de maneira especial em meu período de estágio de doutoramento, em Lisboa. Sinceramente, sinto-me privilegiada pela sorte que tenho de encontrar pessoas tão significativas nos meus ambientes de trabalho. Agradeço aqui a toda a minha equipe, de norte a sul do Brasil, do Japão e de Angola; e também ao Danilo e à Suzy. Bom, lugares especiais têm Mário (Pinto), que me socorria e tranquilizava sempre nas horas em que eu dizia: “– Não dou conta da AIEC e da tese ao mesmo tempo!”; Patrícia e Márcia Csik sempre dispostas a me amparar e me ouvir.

Aos meus colegas professores da PUC que me faziam sempre a mesma pergunta: “– Em que dia você volta?”. Às coordenadoras dos Cursos de Enfermagem, professoras Jaqueline Barata e Maria José Antunes, as quais me incentivaram todo o tempo e, em especial, à coordenadora Telma Maciel que, além dos apoios constantes durante a tese, foi quem me concedeu a primeira oportunidade de inserção profissional como docente na PUC.

Aos coordenadores e professores dos Cursos de Administração das unidades Barreiro, Coração Eucarístico e São Gabriel que foram tão receptivos e me apoiaram nas duas fases da pesquisa; e em especial agradeço imenso ao Marcelo Pereira, meu amigo e colega de mestrado.

De fato, os meus amigos de mestrado sempre me acompanham, onde quer que eu esteja, continuamente dispostos a conversar sobre vida, trabalho e tese: Vany e família ilimitada, Chico (Cláudia e Fred), Helô, Zenólia, Márcia e Tanajura.

Aos colegas de doutorado, que percorreram comigo todas essas fases e dividiram alegrias e agruras. Especialmente à Hila e à Wania, pelos cafés, bolos, prosas e e-mails.

À Alessandra, que me acolheu em Lisboa e se tornou rapidamente uma grande amiga.

À Miriam Abramovay, que de forma doce me recebeu em sua casa para me orientar na produção do roteiro do grupo focal, na época em que ainda me perdia pelas ruas de Brasília e conseguia me atrasar para os compromissos.

À Naiane, Graziela e Célia que me apoiaram com os dados da pesquisa de campo, sempre a postos para responder aos meus e-mails. À Carolina Vieira pela leitura e revisão final do texto. À Ângela e à Valéria que me ajudaram em todos os processos administrativos dessa vida de aluna do doutorado!

Agradeço de forma especial aos alunos que participaram das entrevistas e dos grupos focais, que me receberam com muita atenção e até mesmo com certa curiosidade, o que ainda mais me motivou.

Agradeço a CAPES pela bolsa de estágio de doutoramento, concedida no período entre setembro e dezembro de 2008.

Aos meus sobrinhos, cujos confrontos com a escolha profissional e com trabalho tornaram-se fontes de inspiração para minhas reflexões. Victor e Luiz Henrique podem pensar que não estão incluídos nesta, então, vou ser mais explícita: observo desde o momento em que, com menos de 5 anos, Victor olhava o desenho da fachada de seu prédio e me apontava a janela de seu quarto, até Luiz Henrique, desde cedo com sua admirável eloquência.

À Luciana, com quem aprendi muito ao longo desses anos, e que mais do que uma orientadora é também uma amiga. À Luciana e à Ju (Juliana Jayme) que pelas praças de Belo Horizonte me aproximaram dos jovens.

Ao Miguel, meu coorientador, a quem devo de *facto* este produto. O cuidado, o rigor e a dedicação de Miguel ultrapassam a minha capacidade de descrição e de agradecimento...

RESUMO

O processo de transição para a vida adulta bem como suas alterações recentes constituem problemáticas centrais dos processos de reprodução social e, naturalmente, da sociologia contemporânea. Essa fase de transição ocorre presentemente no quadro de um conjunto de transformações conhecidas: desemprego estrutural, percursos escolares mais prolongados, inserções profissionais mais tardias e instáveis, homologias nos papéis de gênero e dilatação do tempo de conquista da independência financeira. Nesse sentido, a etapa de transição do sistema escolar para o trabalho ganha relevo uma vez que, tal como todo o processo de transição para a vida adulta, esta se torna cada vez mais complexa, diversificada, difícil de prever e instável. Argumentamos que os jovens, nesta fase de transição para a vida adulta, elaboraram seus projetos de vida e seus *selves*, associados a duas dinâmicas centrais na modernidade tardia que são a reflexividade e a defasagem entre as oportunidades objetivas oferecidas em um determinado momento e as expectativas subjetivas, no que tange os valores do trabalho e a centralidade do trabalho.

Esta tese investiga o lugar que a esfera do trabalho ocupa na elaboração dos projetos de vida para um conjunto de jovens, futuros administradores, alunos da PUC Minas. Procuramos documentar e analisar o modo como, atualmente, os indivíduos se confrontam subjetivamente com o trabalho remunerado, tendo por eixo as seguintes dimensões, definidas como fundamentais: a centralidade que conferem ao trabalho em relação às demais esferas sociais e os aspectos valorizados no trabalho, denominados de valores do trabalho. Essas dimensões serão captadas e analisadas mediante o estudo da forma como os indivíduos projetam o seu futuro, e particularmente do lugar e do estatuto que o trabalho remunerado ocupa no interior dessas projeções ou projetos de vida. Pretendemos assim contribuir para um melhor conhecimento dos processos de elaboração dos projetos de vida e de transição para a vida adulta que tem lugar nas sociedades contemporâneas, analisando a problemática do confronto subjetivo que os jovens estabelecem com o trabalho.

Palavras-chave: Transição para a vida adulta – valores do trabalho – centralidade do trabalho – projetos de vida – juventude

ABSTRACT

The process of transition to adulthood and its recent changes are central issues of the processes of social reproduction and, of course, the contemporary sociology. This transition is currently under a known set of transformations: structural unemployment, longer school careers, insecurity work insertions, homologies in gender roles and financial independence postponed. The stage of transition from school to work becomes important as well as the process of transition to adulthood becomes increasingly complex, diverse, difficult to predict and unstable. We argue that young people, in transition to adulthood, plan their lives and their selves, associated with two central dynamics in late modernity that are the reflexivity and the gap between the objective opportunities offered in a given time and the subjective expectations, with respect to work values and work centrality.

This thesis investigates a group of young, future managers, students of PUC Minas and analyzes the sphere of work in drawing up plans for their lives. We seek to document and analyze how, currently, individuals are confronted with subjectively paid work, and axle dimensions shall be defined as fundamental: the centrality they attach to the work in relation to other social spheres and aspects valued at work, named work value. These dimensions will be captured and analyzed through the study of how individuals design their future, and particularly the place and status as paid work occupies within those projections or plans for their lives. We intend to contribute to a better understanding of the process of drafting plans for their lives and transition to adulthood takes place in contemporary societies, analyzing the problem of subjective approach of the work. Palavras-chave: Transição para a vida adulta – valores do trabalho – centralidade do trabalho – projetos de vida – juventude

Keywords: Transition to adulthood - work values - work centrality- life projects - youth

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos jovens segundo satisfação com o atual grau de escolaridade, por grau de instrução, Brasil, 2004.	61
Tabela 2 - Distribuição dos jovens segundo situação atual em relação ao estudo, por classe grau de instrução, Brasil, 2004.	64
Tabela 3 - Distribuição dos jovens segundo indicação da situação em relação ao trabalho, por grau de instrução, Brasil, 2004.	64
Tabela 4 - Distribuição dos jovens segundo ocupação, desocupação e inatividade, por faixa etária, Brasil, 2004.	67
Tabela 5 – Distribuição de alunos por unidade da PUC Minas.....	81
Tabela 6 – Comparação entre renda mensal familiar dos concluintes PUC Minas e dos concluintes Enade.	87
Tabela 7 – Situação profissional atual ou no último trabalho	88
Tabela 8 – Distribuição dos jovens segundo condição de trabalho, por unidade da PUC Minas	89
Tabela 9 – Distribuição dos pais dos jovens pesquisados, segundo nível de instrução mais elevado concluído, por unidade da PUC Minas.	90
Tabela 10 - Distribuição das mães dos jovens pesquisados, segundo nível de instrução mais elevado concluído, por unidade da PUC Minas.	91
Tabela 11 – Distribuição dos jovens segundo principal motivo da escolha do Curso de Administração.....	96
Tabela 12 – Distribuição dos jovens segundo dificuldades que acreditam encontrar ao buscar o trabalho desejado.	110
Tabela 13 - Três valores que os jovens esperam conseguir por meio do trabalho	144

Tabela 14 – O que o jovem espera conseguir por meio do trabalho (primeira prioridade), segundo idade	145
Tabela 15 – O que o jovem considera mais importante em um trabalho (primeira prioridade), segundo idade	146
Tabela 16 - O que o jovem espera conseguir por meio do trabalho (primeira prioridade), segundo renda.....	158
Tabela 17 - O que o jovem espera conseguir por meio do trabalho (primeira prioridade), segundo situação profissional.....	159

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O trabalho e o sacrifício das relações pessoais e familiares	135
Quadro 2 – Expectativas relativas ao tempo dedicado às esferas sociais.....	138
Quadro 3 – O trabalho e a realização pessoal.....	140
Quadro 4 – O trabalho e o significado da remuneração	140

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CAPÍTULO 1 – Trabalho e Projeto de Vida: perspectivas sociológicas	22
2.1 Juventude: um breve histórico do conceito e da questão social	23
2.2 Transição para a vida adulta: da sequência “natural” à oscilação “natural”	28
2.3 Projetos de Vida e <i>selves</i> : elaborados de forma reflexiva na transição para a vida adulta.	34
2.4 Centralidade do trabalho e valores do trabalho no projeto de vida	39
3. CAPÍTULO 2 – A transição para a vida adulta: as dimensões trabalho e educação no desenho das transições dos jovens brasileiros	54
3.1 Marcos das dimensões trabalho e educação no desenho das transições para a vida adulta: o avanço da escolaridade e a retração do trabalho.....	56
3.2 O acesso ao ensino superior e o processo de transição para a vida adulta do jovem brasileiro	72
4. CAPÍTULO 3 – Os jovens administradores: conhecendo o grupo pesquisado e o percurso metodológico	77
4.1 Entre articulações teóricas e empíricas, análises quantitativas qualitativas	78
A pesquisa.....	81
4.2 Caracterização dos jovens futuros gestores	85
5. CAPÍTULO 4 – Os jovens administradores: Trabalho, projeto de vida e <i>selves</i>	93
5.1 A escolha do curso: motivos explicitados.....	95
5.2 Expectativas e estratégias perante o mercado	101
5.3 A elaboração dos projetos de vida na esfera do trabalho.....	113
5.4 A individualização e os projetos de vida na esfera do trabalho	119
5.5 Algumas considerações finais teóricas	123
6. CAPÍTULO 5 – Os jovens administradores e a experiência do mundo do trabalho: os valores do trabalho e a centralidade do trabalho	126

6.1 A centralidade do trabalho: o lugar da esfera do trabalho na elaboração dos planos de vida	131
6.2 Os valores do trabalho segundo os jovens futuros administradores.....	143
6.2.1 Segurança.....	147
6.2.2 Reconhecimento e Sucesso	149
6.2.3 Aprendizado e Autonomia	150
6.2.4 Ambiente de trabalho e relações interpessoais	154
6.3 Algumas considerações acerca do ajuste em relação aos valores do trabalho	156
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
A luta contra a desclassificação e a mobilidade	161
O ajuste das expectativas	163
Valores do trabalho articulados na elaboração dos projetos de vida.	165
Projeto de vida e a centralidade do trabalho.....	167
REFERÊNCIAS	169
APÊNDICE A – TABELAS	178
APÊNDICE B – Questionário	182
APÊNDICE C – Roteiro Grupo Focal.....	188

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma reflexão sobre um tema pouco abordado de forma sistemática pela investigação em Sociologia, mesmo se a situarmos na escala internacional – refiro-me ao confronto da juventude com o trabalho remunerado na fase de transição para a vida adulta e o impacto dessa experiência na elaboração dos projetos de vida. A centralidade do trabalho e as diversas formas de transição para a vida adulta da juventude contemporânea, e nesse caso especialmente a brasileira, revelam-se um rico e complexo universo de análise. Algumas alterações recentes no processo de transição para a vida adulta, como percursos escolares mais prolongados, inserções profissionais mais tardias e instáveis, homologias nos papéis de gênero e dilatação do tempo de conquista da independência financeira, revelam mudanças estruturais das sociedades. Nesse sentido, a fase de transição do sistema escolar para o trabalho ganha relevo uma vez que, tal como a transição para a vida adulta, esta se torna cada vez mais complexa, diversificada, difícil de prever e instável.

Assim, inseridos nessas dinâmicas, os jovens, hoje em dia, se confrontam com a necessidade crescente de elaborar seus projetos de vida e idealizar seus *selves* de forma reflexiva. Esses processos – elaboração dos projetos de vida e *selves* – ganham forma na articulação entre a possibilidade de ação individual em constante relação com os campos de possibilidades. Os projetos de vida ligam dimensões que, embora sociais, adquirem expressão individual como as aspirações, as motivações, as necessidades ou estratégias particulares. Desse modo, os projetos de vida elaborados pelos jovens na esfera do trabalho e a idealização de seus *selves* revelam os aspectos que são por eles valorizados nessa esfera, bem como as expectativas que irão motivar as ações e as escolhas.

A melhor descrição que conheço sobre o exercício de construção de uma tese de doutorado, desde a definição do objeto de estudo até a escrita e revisão do texto, passando pelas reformulações da questão e dos instrumentos de coleta dos dados, ou ainda pela coleta e análise da informação, foi realizada de forma aparentemente não premeditada por Italo Calvino em um texto incluso na obra *Palomar*, intitulado “Leitura de uma onda”. Neste, como aqui – na elaboração desta tese –, em determinado momento se torna claro que é simplesmente impossível manter-se tudo ao alcance, abarcando toda a vastidão da informação, e é impraticável obter tudo o que se deseja, em função da extensão do objeto de estudo. Em certa altura, já me perguntava: e os meus projetos de vida, e a centralidade do

trabalho na minha vida? Obviamente essas perguntas apareciam quando o trabalho inundava a minha vida e não me restava um segundo para refletir, quanto mais para efetivamente participar das outras esferas da minha própria vida.

A introdução é um bom momento para refazer o percurso de elaboração do produto provisoriamente finalizado. A inspiração inicial, a qual transparece desde a minha primeira versão do projeto de pesquisa para participar do processo de seleção do doutorado, nasceu da afirmação enunciada por Karl Mannheim (1968) de que a essência da juventude moderna está no fato de que, ao inserir-se na vida pública, o jovem se confronta com “o caos das valorizações antagônicas”. Foi em 2005, ao tomar contato com esse autor clássico da Sociologia alemã da primeira metade do século XX, que comecei a elaborar minhas inquietações, dúvidas e curiosidades sobre esse processo.

Essa leitura de Mannheim surgia em um momento particular, pois nesse período realizava com Luciana Andrade (minha orientadora de mestrado e de doutorado) e Juliana Jayme algumas pesquisas sobre uso e ocupação dos espaços públicos em Belo Horizonte (JAYME, ALMEIDA, ANDRADE, 2005). Neste trabalho, cada vez mais, nos deparávamos com uma população juvenil, com idade superior a 18 anos, já fora da instituição escolar e sem perspectivas de inserção no mercado de trabalho. Foi da conjugação entre as preocupações de Mannheim (1968) e as observações realizadas nessa pesquisa que brotaram as inquietações iniciais do presente texto. A chegada à juventude possibilita uma série de novas experiências incluindo a participação em diferentes grupos, o que confere ao jovem o potencial de um novo olhar, uma vez que o processo de socialização o coloca frente a um universo no qual as expectativas comportamentais e o próprio sistema de valores podem ser bem distintos dos que até então conhecera na esfera familiar. Esse novo olhar me parece mais sensível por não se ter ajustado ou estar adaptado aos padrões vigentes nos novos grupos e, assim, o jovem percebe as valorizações antagônicas próprias das sociedades. Se os jovens são especialmente sensíveis às valorizações antagônicas, como é que nessa fase de transição e inserção na vida adulta se estabelece a relação trabalho remunerado e projeto de vida para a juventude brasileira contemporânea?

Ao iniciar efetivamente minhas investigações teóricas acerca da juventude, uma pesquisa da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) e Organização Iberoamericana de Juventude (OIJ), publicada em 2004, mostra um diagnóstico da América Latina no qual se revelam dez dos principais paradoxos da juventude contemporânea.

Resguardadas as diferenças regionais ou nacionais, os jovens latino-americanos apontam questões associadas às esferas do trabalho, educação, saúde, família e consumo. Em linhas gerais, esses paradoxos são os seguintes: mais acesso à educação e menos acesso ao emprego; mais acesso à informação e menos acesso ao poder¹; maior destreza para as necessidades de uma sociedade da comunicação e menor autonomia; maior provimento em saúde e menor atendimento às formas de morbimortalidade específicas da população juvenil²; crescente mobilidade, no entanto os jovens são mais atingidos por trajetórias migratórias incertas; maior coesão interna, mas crescente segmentação em grupos heterogêneos impermeáveis; maior facilidade de adaptação às mudanças produtivas, porém maior exclusão do mercado de trabalho; crescente autodeterminação e protagonismo, contudo maior precariedade e desmobilização; maior consumo simbólico e menor consumo material; finalmente, embora protagonistas das mudanças, esses jovens são também o foco (público-alvo) de políticas sociais.

Embora notoriamente relevante, a explicação desses paradoxos deve ser pesquisada em pormenor. Não basta elencá-los de um modo geral, pois a interpretação elaborada pelos indivíduos acerca das contradições da realidade e o modo como as vivenciam é sempre mediada subjetivamente. Torna-se então absolutamente necessário ouvir esses jovens e compreender a interpretação que fazem da realidade que pretendemos investigar.

A minha familiarização gradual com o patrimônio da Sociologia da juventude ou com a presença da noção de juventude na literatura sociológica revelou-me que a identificação de tais paradoxos, longe de circunscrever à América Latina, emergia também em outros contextos nacionais e em outros continentes e não é uma questão propriamente recente. Desde a década de 1970, Bourdieu se referia, em diversos textos, ao fato de a sociedade francesa se encontrar diante de uma geração de jovens que enfrentava uma tensão especial: a defasagem entre oportunidades objetivamente oferecidas em um determinado momento e as aspirações e expectativas dessa juventude. Bourdieu afirmava que esta defasagem era geradora de uma “inflação dos diplomas”, acrescentando que o grau dessa inflação variava em função da raridade do diploma e da origem social do diplomado. Nesse sentido, o autor destacava que essa “geração enganada” seria profundamente questionada em sua identidade social, na

¹ Eles trocam mais informações que outros grupos etários, no entanto, sentem-se pouco representados no sistema político.

² Os jovens têm menos chance de adoecer ou morrer por causas endógenas, entretanto, a prevalência de acidentes, agressões físicas, uso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis aumentam e não encontram cobertura no sistema de atendimento à saúde no que se refere à atenção a saúde como à prevenção.

imagem de si mesma, por um sistema escolar e um sistema social que se limitavam a apresentar-lhe “vãs promessas”. Nesse cenário, os jovens só conseguiriam restaurar a sua integridade pessoal, respondendo com uma recusa global aos veredictos propostos pela sociedade.

Em 2000, a população de jovens correspondia a 28% do total da população brasileira (IBGE *apud* UNESCO, 2004). Trata-se da população economicamente ativa mais atingida pelo desemprego, sendo também nesse estrato em que aparecem os piores índices de precarização e flexibilidade laboral (trabalho sem carteira assinada ou com baixo rendimento). A inatividade, o elevado tempo de espera para a inserção no mercado de trabalho, e a baixa qualificação são também fatores presentes na experiência desse segmento social.

No entanto, será que os jovens interpretam efetivamente esses problemas sociais como “os seus problemas”? Com ensina Pais (1993) esta interrogação é um exemplo muito simples de problematização sociológica da juventude; de como transformar o problema social da juventude em problema sociológico. Essa pergunta reforça aquela distinção clássica que as Ciências Sociais lapidaram, no final do século XX, deixando de considerar a juventude como um problema social e passando de fato a observá-la como um problema de pesquisa ou um objeto social, sendo a própria definição social da categoria “jovem”, assim como o seu significado e balizamento, alvos de problematização. É nessa direção que enquadrámos então as questões essenciais desta tese: no confronto com o trabalho remunerado, como os jovens elaboram de forma reflexiva seus projetos de vida e idealizam seus *selves*? Ao mesmo tempo, qual a centralidade que conferem ao trabalho e quais os aspectos mais valorizados no trabalho?

Mais uma vez, na fase de projeto, em função da pesquisa empírica, deparei-me com a necessidade de definir um universo empírico que me permitisse analisar em profundidade a interpretação dos jovens sobre esses processos. A escolha incidiu sobre jovens universitários brasileiros, alunos de Administração da PUC Minas, das unidades de Belo Horizonte, que estavam cursando, à época, o último ano do seu bacharelado. Os jovens universitários brasileiros, em 2003, representavam 13% da juventude brasileira com tendência de crescimento do acesso ao ensino superior que já se verificava extremamente expressiva na década de 1990. O Curso de Administração sempre teve uma elevada representatividade e participação no volume de egressos do ensino superior no país, ao lado dos Cursos como Direito e Engenharia, e em 2007 significava 14% dos egressos do ensino superior no Brasil.

O enquadramento teórico foi de fato consolidado quando tive acesso a um estudo de Miguel Chaves (2007), a propósito dos valores atribuídos ao trabalho. Tornou-se mais fácil então perceber que me interessava, nesse momento, refletir sobre o modo como os jovens brasileiros elaboram seus projetos de vida e idealizam seus *selves* perante o trabalho remunerado. Algumas questões essenciais, como o confronto subjetivo com o trabalho, o valor e a centralidade do trabalho, a elaboração dos projetos de vida e dos *selves*, começaram a adquirir forma conceitual e a articular-se com os arcabouços teóricos relativos à transição para a vida adulta nas sociedades contemporâneas.

Do ponto de vista intradisciplinar, esta tese insere-se nos campos da Sociologia do Trabalho, da Sociologia da Cultura e da Sociologia da Juventude. A proposta é investigar a experiência e a vivência de uma parcela dos jovens universitários brasileiros, alunos de Administração da PUC Minas, com a intenção de compreender como esse grupo se confronta subjetivamente com o trabalho remunerado. As dimensões que constituem esse confronto são as seguintes: a *centralidade do trabalho*, os *valores do trabalho*³, a *dialética das oportunidades objetivas e esperanças subjetivas* em relação à concretização dos valores do trabalho. Essas dimensões serão captadas e analisadas mediante o estudo do modo como os indivíduos projetam o seu futuro e idealizam seus *selves*, e particularmente do lugar e do estatuto que o trabalho remunerado ocupa no interior dessas projeções de vida.

O projeto de vida é uma forma de preparar um curso de ações futuras mobilizadas em torno de finalidades específicas que podem adquirir um formato muito estruturado e definido ou, ao contrário, assumirem um formato muito volátil ou débil. Para a elaboração do projeto de vida, essa fase inicial de primeiros contatos, experimentação e estranhamento diante da inserção no mundo do trabalho se destaca como um ponto chave no processo de transição para a vida adulta. Esse processo de elaboração de projetos de vida nas sociedades contemporâneas, caracterizadas pela diversidade e diferenciação dos grupos, códigos, hábitos e valores (BERGER e LUCKMANN, 2004; GIDDENS, 1991), ganha maior complexidade uma vez que a coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo gera uma multiplicidade de campos de possibilidades e redes de significados (VELHO, 1999). As dificuldades provocadas por um tempo em que o movimento é constante e que as âncoras resistentes parecem ser cada vez mais escassas, em particular na esfera da família ou do trabalho, geram

³ A conceituação acerca dos valores do trabalho é tributária da Psicologia Social.

uma perspectiva de futuro cada vez mais nebulosa e a possibilidade de um plano parece se dissolver ou se esvaír.

Cabe ressaltar que a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração desta fase, dos conteúdos e significados sociais dos processos deste ciclo de vida modifica-se de sociedade para sociedade, na mesma sociedade ao longo do tempo ou segundo seus diferentes segmentos internos (ABRAMO, 1994). A juventude não é uma categoria homogênea, ao contrário, as pesquisas demonstram uma enorme riqueza e diversidade mediante abordagens por faixa etária, por sexo, por classe social, por grau de escolaridade, por grupos culturais, religiosos, em síntese, uma multiplicidade de grupos socioculturais distintos. Neste trabalho será adotado o termo jovem sem diferenciar o sexo: optei por empregar masculino genérico clássico representando tanto a diversidade dos grupos quanto dos gêneros.

Embora se centre em um grupo dotado de particularidades, cremos que a relevância deste estudo extrapola os limites do universo empírico sobre o qual se debruça. Esperamos estar em condições de elaborar um quadro teórico exportável para o estudo de outros segmentos sociais, porventura bem diversos. Além disso, é razoável pensar que alguns aspectos característicos da relação que essa população estabelece com o trabalho podem ser identificados junto a outras populações de jovens, especialmente com formações superiores. Importa, portanto, tendo em mente os jovens egressos do ensino superior, cotejar as hipóteses que aqui forem avançadas.

Em síntese, este trabalho se subdivide em 5 seções que pressupõem um movimento analítico que deve responder, como aponta Geertz, ao bordejar dialético contínuo entre o menor detalhe nos locais menores e a mais global das estruturas globais, de tal forma que ambos possam ser observados simultaneamente. (GEERTZ, *apud* BLASS, 2004, p.220). Trata-se esse, bem o sabemos, de um objetivo muitas vezes perseguido, embora parcialmente cumprido.

O capítulo inicial traça o marco teórico a partir dos conceitos de *transição para a vida adulta, projeto de vida, centralidade do trabalho, valores do trabalho, e idealização do self*. A transição para a vida adulta é entendida como um processo em grande medida marcado pela saída da escola e a (tentativa de) entrada no mercado de trabalho. Esse marco de transição para a vida adulta persiste com considerável solidez, não obstante a heterogeneidade e reversibilidade que caracterizam, hoje em dia, esse processo. Nessa fase, na elaboração de seu

projeto de vida, o jovem adulto deve confrontar-se com a experiência do trabalho remunerado e, portanto, com a centralidade e o significado do trabalho neste projeto de vida. Ao mesmo tempo em que esse jovem estabelece o contato com o trabalho e com outros marcos que compõem o processo de transição para a vida adulta, ele estará elaborando a idealização de seu *self* e seu projeto de vida, de modo reflexivo.

O segundo capítulo aborda a importância dos vetores “trabalho” e “educação” no desenho das transições para a vida adulta, dando destaque à realidade brasileira. Um aspecto comum nas transições contemporâneas é a tensão que reflete o avanço do acesso aos diversos níveis de ensino e a retração do mercado de trabalho, gerando como desdobramentos a reavaliação do grau de satisfação com o nível de escolaridade atingido, do valor do diploma universitário e da importância atribuída à educação continuada. Em seguida, em um processo contínuo de aproximação com os sujeitos desta tese, discute-se o acesso ao ensino superior com um importante marco no processo de transição para a vida adulta do jovem brasileiro. Essas estruturas do processo de transição são tratadas por meio de uma análise dos indicadores da população jovem no Brasil, com foco nos dados sobre escola e trabalho, justamente para apontar em linhas gerais os dados centrais que compõem o cenário das trajetórias da juventude contemporânea.

No terceiro capítulo apresentamos a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, relatamos o processo de execução da pesquisa de campo e revelamos um quadro do nosso grupo investigado – os jovens futuros administradores – mediante descrição de alguns dados coletados por meio de questionário. Em função das questões que nortearam a investigação, adotou-se a combinação do uso de questionários e grupos focais, como forma de permitir a articulação entre os dados. A abordagem qualitativa possibilita situar a investigação no plano das práticas, representações, valores e significados, relacionados ao passado, presente e projeções de futuro.

No quarto capítulo, o eixo principal é o lugar que a esfera do trabalho ocupa na elaboração dos projetos de vida e dos *selves* desses jovens. Este capítulo já apresenta, concomitantemente, os resultados dos dados quantitativos e qualitativos. Em um primeiro momento, dá-se ênfase à experiência do mundo do trabalho, às escolhas, às expectativas e à relação entre o trabalho esperado e o trabalho realizado. Esse processo ganha forma na elaboração dos projetos de vida e dos *selves* na esfera do trabalho, do ponto de vista da ação individual em constante relação com a sociedade ou campos de possibilidades. Por meio dos

relatos dos jovens é possível perceber as ações destes agentes tendo em vista a interpretação que fazem de seus campos de possibilidades. Os campos de possibilidades são revelados por meio dos pressupostos sociais e culturais que emergem do discurso dos jovens sobre trabalho e que conduzem as escolhas e expectativas.

O quinto capítulo procura investigar o modo como o grupo de jovens, futuros gestores brasileiros, confronta-se com o trabalho remunerado, tendo por eixo as seguintes dimensões, definidas como fundamentais: a centralidade que os jovens conferem ao trabalho em relação às demais esferas sociais e os aspectos valorizados no trabalho, denominados aqui de *valores do trabalho*. Os aspectos mais valorizados pelos jovens na esfera do trabalho são elencados e descritos por meio do discurso destes futuros administradores. E na sequência, observa-se como é percebida a defasagem entre as oportunidades objetivas e as esperanças subjetivas em relação à centralidade do trabalho e aos valores do trabalho, ou seja, quais os desencantamentos vivenciados por essa geração. Pretende-se assim compreender os processos de transição para a vida adulta que têm lugar nas sociedades contemporâneas, analisando a problemática do confronto subjetivo que os jovens estabelecem com o trabalho.

As conclusões apontam as estratégias adotadas por esse grupo de jovens para ajustar as expectativas iniciais e as do presente momento no confronto com o trabalho bem como as formas engendradas de luta contra a desclassificação. Além disso, algumas considerações analisam o modo como os valores do trabalho são articulados na elaboração dos projetos de vida e a centralidade que o trabalho adquire nesses projetos.

2. CAPÍTULO 1 – Trabalho e Projeto de Vida: perspectivas sociológicas

Esta tese pretende documentar e analisar a forma como um conjunto de jovens brasileiros, futuros administradores, alunos da PUC-Minas, confronta-se com o trabalho remunerado, tendo por base as seguintes dimensões: *a centralidade que os jovens conferem ao trabalho e os valores do trabalho* (entendidos como os aspectos que procuram obter no ou por meio do trabalho). Essas dimensões serão captadas e analisadas mediante o estudo do modo como os indivíduos projetam o seu futuro, particularmente do lugar e do estatuto que o trabalho remunerado ocupa no interior dessas projeções. Analisar-se-á, portanto, não apenas aquilo a que os jovens aspiram, mas também as crenças que manifestam relativamente à maior ou menor possibilidade de concretização dessas aspirações.

Iniciamos nosso percurso buscando situar o marco conceitual que estruturará, de agora em diante, o nosso olhar face às questões nucleares do presente estudo. O pressuposto teórico básico do qual partimos é muito inspirado em Giddens (2002; 2003) incidindo na ideia de que na “modernidade tardia”, a natureza da vida social cotidiana e os aspectos pessoais da existência são alterados, em função do dinamismo das instituições sociais. A modernidade tardia é uma conceituação referente à nova dinâmica dessas instituições sociais caracterizada por profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos que deslocam as relações sociais de seus lugares específicos, atuando na transformação do conteúdo da natureza da vida social cotidiana. A dúvida radical instituída pela modernidade tardia que promove o declínio e a quebra das rotinas e seguranças preestabelecidas vai exigir crescentes níveis de reflexividade por parte dos agentes sociais. (GIDDENS, 2002).

Neste estudo, o foco está nas mudanças ocorridas nos processos de transição para a vida adulta observadas por meio das dinâmicas de elaboração dos projetos de vida e da idealização de seus *selves*, no que tange a esfera do trabalho. Parece-nos significativa a abordagem das alterações no processo de transição para a vida adulta justamente por refletir essas novas dinâmicas das instituições sociais e as consequentes transformações estruturais da sociedade. Neste processo de transição, o momento em que os jovens transitam do sistema escolar para o trabalho funciona como um marco relevante na trajetória biográfica dos sujeitos. A

problemática de construção de projetos de vida encontra-se, regra geral, particularmente presente nesse momento, cujos limites temporais são cada vez mais difíceis de balizar.

Os jovens, na fase de transição para a vida adulta, elaboram projetos de vida e *selves*, associados a duas dinâmicas centrais: a primeira refere-se à reflexividade, que na modernidade tardia é generalizada, intensa e radical; e a segunda dinâmica está presente na defasagem entre oportunidades objetivas e expectativas subjetivas relacionadas aos valores e à centralidade do trabalho. Partimos do pressuposto conceitual de que os indivíduos elaboram seus projetos de vida e seus *selves* de forma reflexiva, para manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas, em um contexto de múltiplas escolhas ou necessidades.

A defasagem entre oportunidades objetivas e expectativas subjetivas é uma apropriação de discussão apresentada por Bourdieu (2007) e refere-se ao processo gerado por uma inflação de diplomas ou pelo paradoxo designado como “democratização escolar”. Em síntese, os jovens, especialmente os bacharéis, vivenciam a distância entre as aspirações produzidas pelo sistema escolar e as oportunidades objetivas encontradas no mercado de trabalho. Em linhas gerais, esse é o percurso proposto por essa tese, que olha para juventude com a intenção de compreender a relação trabalho e projeto de vida na modernidade tardia.

2.1 Juventude: um breve histórico do conceito e da questão social

Pelo menos desde a década de 1930, a juventude torna-se objeto de estudo, com foco nos processos de educação e de socialização, destacando-se as abordagens da Sociologia Funcionalista em que o conceito de juventude, como categoria de análise, é elaborado como um momento de transição no ciclo da vida, da infância para a idade adulta, etapa em que os indivíduos sofrem um processo de integração social. Desse modo, a ênfase da Sociologia Funcionalista recai sobre o processo de socialização e as possíveis disfunções nele encontradas (ABRAMO, 1997). Nesse sentido, é efetivamente no século XX que a juventude emerge enquanto um fenômeno, como problema na sociedade moderna, já que determinados setores juvenis começam a questionar o processo de transmissão das normas sociais, fugindo aos padrões de socialização aos quais deveriam estar submetidos (FLITNER, 1968). A juventude torna-se portanto, nesse período, foco de atenção ao representar uma ameaça, para si própria ou para a sociedade, de ruptura com a continuidade social.

É nessa discussão acerca de produção e reprodução de novos padrões sociais que se enquadra o argumento de Mannheim (1968) sobre a essência da juventude moderna. Segundo o autor, o cerne da juventude moderna está calcado no processo de inserção na vida pública, momento em que os jovens se confrontam com “*o caos das valorizações antagônicas*”. Nessa fase, o jovem passa a frequentar outras instâncias socializadoras que extrapolam o âmbito familiar, penetrando em um mundo em que os hábitos, costumes e o sistema de valores podem ser bem distintos do que até então conhecera na esfera familiar. Portanto, essas diferentes instâncias revelam um universo dinâmico de valorizações presentes nas sociedades. Para Mannheim, no processo de construção e reprodução da sociedade, o jovem é um recurso latente que toda a sociedade dispõe e de cuja mobilização depende sua vitalidade. Esse recurso latente da juventude, na concepção de Mannheim, é aflorado quando o jovem identifica as denominadas “*valorizações antagônicas*”.

Já a Escola de Chicago, nos Estados Unidos, notadamente o trabalho de Cohen, privilegia o estudo acerca dos grupos juvenis que desenvolvem comportamentos desviantes da norma, como aqueles que praticam delitos ou os envolvidos no universo sociocultural da marginalidade e criminalidade (ABRAMO, 1994). O cenário em Chicago estimula o debate e as pesquisas em torno das implicações entre juventude, violência e criminalidade especialmente no contexto das teorias sociológicas sobre crime e desvio. Nesse período, as reflexões passam também a indagar as relações que se estabelecem entre juventude e mudança social, notadamente por meio da interpretação das manifestações com contornos políticos ou artísticos (LAPASSADE, 1968; VALITUTTI, 1968; MUCHOW, 1968).

No final do século XX, a juventude deixa, porém, de ser entendida, sobretudo, como um problema social e passa a ser percebida pelas Ciências Sociais como um problema de pesquisa. Nessa direção, o fato das sociedades modernas serem altamente estratificadas e segmentadas e de possuírem uma acentuada divisão do trabalho fez com que a passagem do universo infantil para o de adulto se tornasse mais complexa, reforçando-se igualmente a noção de que a juventude é socialmente variável. As definições do período de duração desta fase e dos conteúdos e significados sociais que lhe são conferidos modificam-se de sociedade para sociedade, bem como na mesma sociedade alteram-se ao longo do tempo e entre os seus diversos segmentos (ABRAMO, 1994).

Dentre as diferentes correntes teóricas da Sociologia da Juventude subscrevemos as propostas desenvolvidas por José Machado Pais, com destaque para a obra *Culturas Juvenis* (1993a),

por Helena Abramo (1994), especialmente em *Cenas juvenis* e por Marialice Foracchi (1972), particularmente na obra *A juventude na sociedade moderna*. Foi na articulação entre elas que se forjou o nosso modo de analisar a problemática da juventude.

Vale ressaltar um aspecto abordado por Pais (1993a, p. 23) quanto às duas tendências verificadas no campo da Sociologia da Juventude em um período recente. Em uma primeira linha, intitulada pelo autor de “corrente geracional”, a juventude é considerada como um conjunto social, cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos que partilham de uma mesma geração, desenvolvendo, portanto, uma cultura juvenil que é específica de uma determinada faixa etária e relacionada muitas vezes a uma geração peculiar. Uma segunda linha concebe a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, associadas muitas vezes às “culturas de classe”. Diante desses caminhos, o referido autor sentiu a necessidade de adotar uma postura, na qual nos revemos, e que visa conciliar essas orientações polares, sob o primado da pesquisa empírica:

[A juventude não é apenas] (...) um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada ‘fase de vida’, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens; isto é, vi-me na necessidade de passar do campo semântico da juventude que a toma como unidade para o campo semântico que a toma como ‘diversidade’. (PAIS, 1993a: 36).

No Brasil, uma conceituação de juventude que se tornou um legado para a Sociologia da Juventude, em função do pioneirismo e da relevância dada ao tema, foi elaborada por Forracchi (1972).⁴ Segundo o seu ponto de vista, a juventude deve ser sondada a partir de três dimensões fundamentais, intrinsecamente associadas. A primeira dimensão passa por reconhecê-la como uma fase de vida, a segunda por constatar sua existência como força social renovadora e a terceira dimensão, em que a juventude é reconhecida como um grupo peculiar, com um “estilo próprio de existência”. Nessa perspectiva, em cada sociedade os jovens elaboram suas trajetórias a partir de modelos estabelecidos socialmente, mobilizando seus recursos e potencialidades em função da sua inserção social. Desse modo, uma mesma sociedade produz diferentes “maneiras de ser jovem”. Para a análise da segunda dimensão, no processo de construção da sociedade, a juventude é identificada como uma força dinamizadora atuante na transformação, expressão das capacidades de resistência, disputa e renovação. Associando a primeira à terceira dimensão, segundo o argumento de Forracchi

⁴ Um bom artigo que analisa a obra de Forracchi e seu legado para a sociologia da juventude foi elaborado por Augusto (2005).

(1972), a juventude é uma fase que antecede a idade adulta, muito marcada pela revelação do Eu, essencial para a formação da pessoa.

O conceito de juventude aqui adotado, portanto, resgata os pressupostos de Furrer (1972) e Pais (1993a) e compreende a juventude como um conjunto social composto por indivíduos em uma determinada fase, marcada pelo processo de transição para a vida adulta. A juventude é um momento singular na elaboração e revelação do Eu. Este processo de elaboração do Eu está latente nessa fase do curso da vida e vem associado a um momento em que outras esferas da vida, para além da família e da escola, como as esferas do trabalho e da participação política e pública começam a ter uma importância relativa crescente.

A juventude é entendida, assim, como uma passagem, uma fase de transição da adolescência para a vida adulta, obviamente pautada por processos sociais, econômicos, culturais de abrangência macrossocial. Dessa forma, uma alteração significativa na noção de juventude observada atualmente em diversas sociedades e constantemente destacada na pesquisa sociológica relaciona-se com o tempo de duração desta fase. A juventude como fase de transição tende a um alargamento, ampliando-se em suas duas extremidades – ao mesmo tempo em que se concede a passagem para a juventude precoce, prorroga-se a saída da fase de transição para a vida adulta, em função da dilatação do tempo de espera para ingresso no mercado, do aumento do tempo de permanência na casa dos pais e da ampliação do tempo destinado ao estudo ou à formação acadêmica.

A juventude, bem como “as maneiras de ser jovem”, é distinta em cada sociedade e dentro de uma mesma sociedade torna-se plural, em função das diferenças, sejam elas sociais, culturais ou econômicas. É necessário considerar na composição do conceito de juventude, com particular ênfase no cenário brasileiro, as desigualdades – de classe, de gênero, de cor e socioespaciais (como local de moradia) – somam-se, muitas vezes, à ausência de perspectivas positivas de emprego e de mobilidade social e à emergência da violência⁵. Como comenta Novaes (2006, p. 119) “falar de ‘juventude brasileira’ é falar de processos resultantes de uma conjugação específica entre herança histórica e padrões societários vigentes”.

⁵ Como destaca Novaes (2006) os jovens mencionam nas pesquisas que o desemprego e a violência são os dois maiores problemas do país. A percepção desses problemas automaticamente gera dois medos: o “medo de sobrar” e o “medo de morrer”. O medo de sobrar está muito associado à esfera do trabalho. Enquanto o medo de morrer se refere à violência urbana e aos riscos que acompanham as transgressões, aventuras e necessidade de adrenalina. Nossa juventude convive com os seguintes medos conectados ao risco: “medo de bala perdida”, “medo da polícia”, “medo de ser preso sem motivo ou injustamente”.

O tema “juventude”, abordado como questão social ou política pública, ganha projeção no Brasil a partir da década de 1990⁶, momento em que aumenta a visibilidade da juventude. A população de jovens no conjunto da população nacional representa 26,9% na década de 1970, 29% na década de 1980 e 28% nas décadas de 1990 e 2000, o que conseqüentemente faz crescer a preocupação social e política com esse assunto (IBGE *apud* UNESCO, 2004). Os projetos e programas destinados aos jovens no Brasil até então eram desenvolvidos e implementados por instituições e agências de trabalho social, como ONGs e associações beneficentes, sendo a maioria dedicada à prestação de atendimento ao jovem em situação de desvantagem social, em geral, visando a integração social ou a capacitação profissional. Segundo Abramo (1997), até a década de 1990, não existia no Brasil, nas mais diversas esferas de governo, uma tradição de política especificamente destinada aos jovens. Além disso, prevalecia a ausência de uma perspectiva que compreendesse o jovem enquanto sujeito protagonista:

(...) parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da tematização como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros autores (...) (ABRAMO, 1997, p.28).

A dificuldade em considerar o jovem como sujeito protagonista, segundo a autora, pode estar associada a fatores históricos relativos à formulação de direitos sociais no Brasil, como a ideia da dádiva que sobrepuja a de direito, ao modo como as diferenças sociais (étnicas, culturais, de gênero e geracionais) têm conseguido se transformar em alteridades políticas, e aos processos de conflito e negociação política na sociedade brasileira.

As políticas públicas de/para/com a juventude abrem espaço e tomam corpo no Brasil, no final da década de 1990, já com avançada descentralização do Estado e, portanto, com a emergência de novo papel desempenhado pelos três níveis de governo. Primeiramente, essas políticas começam a ser elaboradas nas esferas municipais e estaduais. A partir de 2004, o Governo Federal cria a *Secretaria Nacional de Juventude* e implementa um primeiro programa intersetorial, que envolve relações intergovernamentais: o *ProJovem*. Em 2005, a lei 11.129/2005 e o Decreto Presidencial 5.490 criam e regulamentam o *Conselho Nacional de Juventude* (Conjuve). Ajustando a cena, no campo do direito e da política, os jovens

⁶ Vale a pena consultar como referência de publicações brasileiras (ALMEIDA & EUGENIO, 2006; NOVAES, & VANNUCHI, 2006; PAIS & BLASS, 2004) bem como os números especiais sobre juventude da *Revista Brasileira de Educação* (n. 5-6, mai./dez., 1997) e da revista *Tempo Social*, (v. 17, n. 2, nov. 2005).

brasileiros estão conquistando espaços como atores, protagonistas, multiplicam-se os conselhos nos âmbitos estaduais e municipais, os orçamentos participativos jovens, as coordenadorias e assessorias municipais e estaduais das esferas executivas. No Brasil, desde o início dessa década, a temática da juventude ganha cada vez mais espaço e abrangência enquanto questão social, cultural, econômica e política, o que reforça a importância do papel da academia na elaboração de marcos teóricos que possam ancorar as discussões, os projetos e as políticas nesta seara.

2.2 Transição para a vida adulta: da sequência “natural” à oscilação “natural”

Centrar-nos-emos, nesta tese, numa fase do curso da vida juvenil, designada por diversos autores como transição para a vida adulta. O processo de transição para a vida adulta e a alteração que este sofreu nas sociedades contemporâneas são questões atuais, frequentemente trabalhadas por autores (EGRIS, 2001; PAIS, 2003a; MARINI, 1984; JOHNSON, 2002; JOHNSON, 2008, VINKEN, 2008) que perpassam as áreas da Sociologia da Juventude e da Sociologia da Educação.

A transição para a vida adulta é um processo que ganha corpo na Sociologia, nos anos 70, quer no domínio teórico quer no nível da pesquisa empírica, acompanhando a tendência de problematização do conceito de juventude. Segundo Guerreiro e Abrantes (2004), nos anos 80 e 90, o tema das transições para a vida adulta além de ser considerado um processo social, constitui um eixo de estruturação quer das identidades pessoais, quer das sociedades, assim como um campo fértil e fascinante para o pensamento sociológico.

Em termos sucintos, a transição para a vida adulta foi lida de maneira singular nos países desenvolvidos, uma vez que o “Estado do bem estar social” e suas políticas tendiam a padronizar a transição para a vida adulta com a saída da escola, a entrada no mercado de trabalho, a saída da casa dos pais e o casamento ou constituição de uma nova família. Essa não era apenas uma sequência natural como também era a sequência socialmente prescrita, como nos lembra Hogan, citado por Marini (1984). Alguns marcos nessa transição revelam-se intrinsecamente associados às condições mais estruturais como: condição de entrada no mercado de trabalho, processos de educação, acesso à habitação, bases legais, condições ou valores associados ao casamento e à co-habitação, regulação e acesso ao referido estado do bem estar social.

Esses conjuntos de discretas etapas e marcos “*inscrevem-se nas questões mais abrangentes acerca das transições na modernidade e só podem ser compreendidos no âmbito dessas transformações de fundo nas estruturas sociais*” (GUERREIRO & ABRANTES, 2004: 14). Esse é justamente o ponto essencial da argumentação de diversos autores (MARINI, 1984, PAIS, 2003a) para ressaltar que, na atual conjuntura, as alterações no processo de transição para a vida adulta de certo modo espelham as transformações estruturais da sociedade. Se, aproximadamente até a década de 70 do século XX, estabeleciam-se parâmetros ou passos que se sucediam de forma relativamente linear e que garantiam uma homogeneidade nesse processo, atualmente a perspectiva da diversidade de conjunturas impõe restrições às análises homogeneizantes e reducionistas.

Machado Pais (2002) recorre a uma analogia criada por outros autores (ROBERTS, 1995; FURLONG & CARTMEL, 1997) para explicar as diferenças entre os modos de transição para a vida adulta nas décadas seguintes ao pós-guerra, contrapondo-se às observadas atualmente. No primeiro momento, a transição se assemelhava a “viagens de trem”, uma vez que o embarque nesses trens dependia das classes sociais, gêneros e qualificações dos diferentes jovens. Esses fatores predeterminavam o destino e limitavam as variações. Já nas últimas décadas, as trajetórias de transição equivaleriam metaforicamente às “viagens de automóvel”, em que os caminhos possíveis multiplicar-se-iam e as decisões e experiências do condutor assumiriam grande importância. Como explicam Furlong e Cartmel (1997), as viagens de carro implicam em uma série de decisões individuais e de constantes avaliações sobre as rotas, ou seja:

Ao contrário do transporte ferroviário de passageiros, a movimentação do carro individual é constantemente confrontada com uma série de decisões relativas às rotas que irá levá-los de seu ponto de origem até seu destino. Eles podem pegar a autoestrada, seguir a estrada A, atalhar por estradas secundárias ou rotas cênicas, ou podem seguir qualquer combinação dessas rotas. Em muitos cruzamentos, eles podem mudar rotas e podem decidir alterar as estradas, devido às dificuldades em avançar pelas estradas anteriormente seguidas (FURLONG & CARTMEL, 1997, p.16, tradução nossa)⁷

De fato, a transição revela uma série de eventos interdependentes que, ultimamente, são alterados se os confrontarmos com a sequência outrora desejada e esperada. Autores como Nilsen (1998), Guerreiro e Abrantes (2005) e Marini (1984) apontam algumas transformações

⁷ Unlike the railway passenger, the individual car drive is constantly faced with a series of decision relating to routes which will take them from their point of origin to their destination. They can take de motorway, follow A roads, stick to minor roads or ‘scenic’ route, or can follow any combination of these routes. At many junctions, they can switch routes and may decide to change roads due to difficulties in making progress on roads previously followed.

nesse processo de transição como: percursos escolares mais prolongados, inserções profissionais mais tardias e instáveis, homologias nos papéis de gênero e dilatação do tempo de conquista da independência financeira. É destacada também a importância crescente do acesso à informação e a todo um conjunto vasto de recursos que se disseminam em escala global, permeando e moldando os cotidianos dos jovens em transição.

No mesmo sentido, o *European Group for Integrated Social Research*, destaca que a transição para a vida adulta não é mais uma sequência gerenciável sucessivamente, etapa após etapa, não deixando, contudo, de se apresentar como uma fase central na condição de vida dos jovens (EGRIS, 2001). A transição para a vida adulta nas sociedades da alta modernidade também não é simplesmente a análise de uma esfera, como o trabalho, a família ou a escola, pois requer a observação do somatório complexo das dimensões que a constituem. A interpenetração entre essas esferas e a própria fluidez dos limites que se estabelecem entre as mesmas refletem as nuances das mudanças no processo de transição. No entanto, é essencial reconhecer que, não obstante a volatilidade, algumas dimensões continuam a ser extremamente relevantes para os sujeitos que atravessam e vivenciam esse processo. É o caso, por exemplo, da passagem da escola para o trabalho, da transição da família de origem para uma condição de autonomia ou independência e os dilemas associados aos estilos de vida e às formas de participação social.

A abordagem do processo contemporâneo de transição para a vida adulta por meio de analogia com uma oscilação *ioiô*, proposta por Pais (2001), tornou-se uma referência e é incorporada de forma comum nas reflexões acerca da temática. Essa analogia expressa, justamente, o quanto são oscilatórios e reversíveis os movimentos nessas esferas. Segundo Pais (2006):

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa os pais para um dia qualquer voltarem, abandonam os estudos para retornarem depois, encontram um emprego e em qualquer momento se vêem sem ele, suas paixões são como ‘vãos de borboleta’, sem pouso certo; casam-se, mas não é certo que seja para toda a vida... (PAIS, 2006, p.8).

Para a análise e descrição dos novos padrões de transição de forma que se consiga captar esses deslocamentos, oscilações e flutuações, alguns autores procuram elaborar tipos ideais ou modelos de processo de transição para a vida adulta. Guerreiro e Abrantes (2004), por

exemplo, estabelecem a partir das trajetórias e identidades dos jovens portugueses⁸, constituídas nas relações com vários campos sociais, os seguintes tipos percursos: transições “profissionais”, “lúdicas”, “experimentais”, “progressivas”, “precoces”, “precárias” e “desestruturantes”. Os nomes das tipologias de transição revelam bem as principais marcas de cada percurso. Essas tipologias foram elaboradas a partir de variáveis que estruturam esses padrões de transição: “origem social”, “escolaridade”, “integração profissional”, “modo de residência” e “orientação ou pretensões”.⁹ As tipologias “precoces”, “precárias” e “desestruturantes” são mais comuns entre as classes classificadas pelos autores como desfavorecidas, enquanto as transições “lúdicas” e “experimentais” estão mais presentes nas classes altas e médias; finalmente, as tipologias “profissionais” e “progressivas” são compostas por diversificadas origens sociais. Além disso, é bom destacar a conclusão dos autores de que a capacidade individual de criar estratégias, de traçar projetos de vida e de mobilizar recursos e oportunidades disponíveis gera formas distintas de transição e de projetos de vida (GUERREIRO & ABRANTES, 2004).

Uma descrição dessas tipologias torna essas realidades mais tangíveis e nos permite perceber alguns dos processos sociais que estão presentes como impulsionadores dessa diversidade de transições. As “transições profissionais”, por exemplo, são caracterizadas pelo elevado investimento no trabalho que, conseqüentemente, gera pouca atenção às esferas da família e do lazer. *“Em geral, esses jovens encontram-se integrados no mercado, ocupando posições de prestígio e bem remuneradas (...) vivem ainda na casa dos pais, não revelando intenções claras de constituir família”* (GUERREIRO & ABRANTES, 2004, p. 150). As “transições lúdicas” são caracterizadas por longos trajetos de escolaridade, no entanto, nem sempre associados a um forte envolvimento com o estudo, com inserção precária e descompromissada no mercado de trabalho, uma vez que esses jovens estão destinados a viver *“de forma descontraída, emocionante e sem grandes preocupações, sob o signo da fruição e da errância”* (GUERREIRO & ABRANTES, 2004, p.154). As “transições experimentais” são

⁸ Este trabalho produzido por Guerreiro e Abrantes (2004) é resultado de uma linha de pesquisa de âmbito europeu – *Transições incertas* – a qual utilizou uma metodologia de caráter qualitativo, tem como objetivo analisar as orientações dos jovens para emprego, formação, carreira e família. Essa investigação situou-se no plano das práticas e representações, valores e significados. Vale ressaltar que em função das investigações comparadas entre grupos de jovens europeus sobre o tema transição para a vida adulta, as análises geradas e tipologias delineadas extrapolam os limites da juventude portuguesa e possibilita correlacionar as particularidades e semelhanças entre os jovens portugueses e europeus.

⁹ As origens sociais revelam as classes sociais, a integração profissional foi avaliada em função do grau do vínculo com o trabalho (forte, instável, periférica), o modelo de residência sugere o tipo de co-habitação (casa dos pais, casa própria, espaço transitório ou habitação provisória) e orientação de futuro situa a representação de um objetivo principal (trabalho, lazer, responsabilidade, sobrevivência).

marcadas por formas alternativas de saída da casa dos pais, por meio de um período de experimentação de viver sozinho, em co-habitação ou com um grupo de amigos. Em alguns casos, esses jovens são também experimentais na esfera do trabalho, valorizando a mobilidade entre projetos e trabalho. As “transições progressivas” são as mais próximas do modelo tradicional, pois embora rompendo, aqui e ali, com a linearidade, revelam, em todo caso, uma transição programada, passo a passo. As “transições antecipadas”, “*caracterizadas pela entrada precoce na conjugalidade ou na parentalidade*” (GUERREIRO & ABRANTES, 2004, p.158), estão cada vez mais restritas e ainda possuem uma marca muito acentuada – o fato de se concentrarem no gênero feminino. Por sua vez, as transições precárias distinguem-se pela inserção precária na esfera do trabalho o que gera “*percursos de constante (re)adaptação dos jovens às condições que vão lhes sendo impostas*” (GUERREIRO & ABRANTES, 2004, p.160). Em geral, são jovens com baixa escolaridade e de classes menos favorecidas. As “transições desestruturantes” são caracterizadas por desemprego de longa duração, experiências dramáticas de isolamento, desintegração em nível familiar, até situações extremas “*como doenças prolongadas, modos de vidas marginais, alcoolismo ou a toxicodependência*” (GUERREIRO & ABRANTES, 2004, p.164).

Como já ressaltamos, Pais cunhou o termo “*geração ioiô*” justamente para conseguir expressar esse efeito contemporâneo de oscilação decorrente das mudanças sociais e econômicas que, embora afetando todas as categorias sociais, incidem com destacada ênfase nas novas gerações em virtude da erosão de certos marcos de referências. Para Pais, Cairns e Pappámikail (2005):

Para além de se terem reforçado os processos de singularização biográfica, as transformações no mercado de trabalho (flexibilização e precarização) e nas estruturas familiares (pluralização das formas de organização familiar) enfraqueceram as referências culturais que serviam de fio condutor biográfico às trajetórias individuais. Esse fato teria pressionado os jovens a fazerem novos caminhos, criar novos estilos de vida, compor novas identidades, numa multiplicidade de opções – disponíveis ou inventadas. (SCHEHR, apud PAIS; CAIRNS; PAPPÁMIKAIL, 2005, p.113).

Cabe, então, a seguinte pergunta: o que está gerando essas alterações no processo de transição para a vida adulta, modificações que tornam esse processo cada vez mais descontínuo, reversível e oscilante? Resgatemos os pontos-chave dessas descrições dos tipos ideais de transições e perceberemos uma resposta na obra de Chaves (2007). O autor destaca três vetores que, analisados de forma interligada, sustentam o novo paradigma da transição acima documentado: em primeiro lugar, as diversas alterações que ocorrem no mundo do trabalho

(especialmente a precarização); em segundo lugar, um conjunto de transformações que se tem sucedido e intensificado nos sistemas e instituições sociais, caracterizáveis por meio do conceito de ‘destraditionalização’¹⁰ e, em terceiro, “*uma crescente abertura do curso da vida à elaboração de estratégias biográficas reflexivas, em larga medida assentes no aprofundamento de ‘individuação’*” (Chaves, 2007, p. 277).

As reflexões no campo da Sociologia basicamente caminham por apontar que a complexidade dos modos de transição para a vida adulta exige novas abordagens teóricas e, mais além, metodologias que permitam contemplar as singularidades, bem como a heterogeneidade desse processo. Segundo Pais (1993), o avanço da pesquisa empírica na área demonstra que a pluralidade de formas de transição para a vida adulta escapa das análises quantitativas e revela que essa pluralidade tem implicações nos próprios efeitos do processo de transição que caracteriza a juventude do ponto de vista da mobilidade geracional e da reprodução cultural e social.

As transições para a vida adulta que outrora seguiam um curso estável e pré-definido, com uma sucessão de ações, fases e marcos bastante uniformes no calendário de vida dos jovens e, nesse sentido, pareciam de certa forma *naturais*, são, agora, reconfiguradas. Nota-se, portanto, que os vetores apontados por Chaves (2007) tiveram como consequência o desencadear de um rol de transições distintas, complexas, dinâmicas, flexíveis. Parece-nos que esses padrões de transições já são identificados pelos jovens, como demonstram Pais (1991), Leccardi (2005), Guerreiro e Abrantes (2004) como oscilações *naturais*; passando, ironicamente, as trajetórias típicas a ser contempladas com crescente surpresa.

Nessa pesquisa, a transição para a vida adulta será analisada a partir do modo como os jovens elaboram seus projetos de vida e idealizam seus *selves*, no momento do confronto com o mundo do trabalho, conferindo particular relevância ao estudo do grau de centralidade que atribuem ao trabalho em sua vida bem como os aspectos que valorizam no trabalho. A escolha da esfera do trabalho se justifica uma vez que um dos fatores ou processos mais marcantes

¹⁰ Esse conjunto de transformações é abordado por Pais (2003) com foco na juventude, por meio de um resgate de Adorno, Horkheimer e Deleuze, apontando que na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, a quebra dos limites entre as instituições (família, escola, trabalho), a perda da autonomia das mesmas e a ruptura dos limites que distinguiam os espaços públicos dos privados são algumas das características do cenário contemporâneo que contribuem para a alteração das configurações da transição para a vida adulta.

que define a noção de transição para a vida adulta refere-se justamente à transição da instituição escolar para o mundo do trabalho¹¹.

2.3 Projetos de Vida e *selves*: elaborados de forma reflexiva na transição para a vida adulta

O processo de transição para a vida adulta nos mostra que o curso da vida é compreendido como uma série de passagens, algumas menos institucionalizadas, outras mais estruturadas e, ainda, demarcadas por meio de fórmulas ritualizadas. As passagens como sair de casa, conseguir um emprego, enfrentar o desemprego, construir uma relação conjugal estão intrinsecamente associadas às trajetórias de vida. Desse modo, essas transições na vida dos indivíduos sempre demandaram a reorganização psíquica, algo que era frequentemente ritualizado nas culturas tradicionais na forma de ritos de passagem (Giddens, 2003, p. 37). Agora, os indivíduos realizam muitas vezes sozinhos e sem uma linha ou demarcação muito clara essas transições, tendo, portanto, que contemplar seu repertório sociocultural, as suas experiências passadas, o seu campo de possibilidades a fim de elaborarem os seus projetos de vida e idealizar seus *selves*. Por isso, acreditamos que alguns conceitos propostos por Giddens (2002; 2003), com destaque para as noções de “monitoração reflexiva da ação”, “projeto de vida” e “*self*”, constituem uma matriz conceitual adequada à reflexão que pretendemos desenvolver neste estudo.

Segundo Giddens (2003), o ser humano é um agente intencional que tem razões para as suas ações. Na acepção do autor, essas ações não significam uma série de atos discretos, combinados entre si, mas correspondem a um fluxo contínuo de condutas que o agente é capaz de realizar, ao mesmo tempo em que procede ao monitoramento reflexivo da ação. Neste sentido, o monitoramento reflexivo é parte de toda a ação: o indivíduo age e monitora reflexivamente, de forma contínua, a sua ação. Podemos definir o monitoramento reflexivo da ação como o “*caráter deliberado, ou intencional, do comportamento humano, no interior do fluxo de atividades do agente*” (GIDDENS, 2003, 443). Este fluxo contínuo de ação é monitorado de forma reflexiva pelo agente, a partir da consciência discursiva e da consciência prática. Como explica Turner (1989), “*a consciência discursiva envolve a capacidade de fundamentar, ou apresentar as razões, e falar sobre o que se faz*”. (TURNER, 1988, 47,

¹¹ Desde já é fundamental esclarecer que essa análise pretende, portanto, ultrapassar os limites das investigações que se restringem às dimensões objetivas do trabalho, pois a interdependências entre projeto de vida, *self*, centralidade do trabalho e valores do trabalho nos conduz a contemplar dimensões subjetivas.

tradução nossa)¹². Ou seja, todo agente encontra-se apto, se solicitado, a elaborar discursivamente as razões para a sua ação, podendo omiti-las e mentir a seu respeito. Além da consciência discursiva em relação às condições de ação, o agente dispõe também da consciência prática que significa tudo aquilo que conhece de maneira tácita, que “sabe fazer” na vida social, sem o expressar de forma discursiva. Segundo Giddens, ao nível da consciência prática, a ação é produzida de forma não-consciente:

A maioria das formas de consciência prática não poderia ser ‘tida em mente’ no decorrer das atividades sociais, pois suas qualidades tácitas ou supostas constituem a condição essencial que permite que os atores se concentrem nas tarefas pela frente. (GIDDENS, 2002: 39)

Para Giddens não há uma barreira entre as consciências discursiva e prática como a que existe, por exemplo, entre consciente e inconsciente – entre o que pode ser dito e o que, de modo característico, é simplesmente feito. Voltamos a frisar que tanto no nível prático como no discursivo, os agentes mobilizam o estoque de conhecimento que se encontra a sua disposição no decorrer da produção e reprodução da ação, como se esses arquivos fossem mobilizados continuamente. Esse estoque de conhecimento ou arquivos são as convenções sociais produzidas e reproduzidas nas atividades diárias e reflexivamente monitoradas pelos agentes. Estes controlam e regulam continuamente o fluxo de atividades, assim como o contexto no qual este tem lugar, nos seus aspectos sociais e físicos, e espera que os outros façam o mesmo.

Nesta tese, o conceito de projeto de vida que adotaremos, em nosso entender muito conciliável com a proposta de Giddens, será caudatário de Gilberto Velho (1999). Este aborda o indivíduo dentro do que ele denomina “campo de possibilidades”, considerando um repertório sociocultural existente, que se relaciona com ideologias, visões de mundo e experiências de classe, de grupos de estilo, de grupos de pares. Estabelecendo uma interlocução clara com as obras de Schutz, Velho define projeto como uma representação de objetivos e desejos futuros, construída pelo indivíduo dentro do seu “campo de possibilidades” e que lhe permite organizar e conferir sentido às ações presentes. “*Entende-se projeto como uma conduta organizada para atingir finalidades específicas*” (VELHO, 2006, p.195). Essa conceituação sucinta, extraída de Velho (1999), está explicitamente dialogando com as concepções de Schutz (1970). Com efeito, Schutz (1970) parte da premissa de que para se compreender o projeto como conduta organizada para atingir finalidades deve-se

¹² (...) discursive consciousness involves the capacity to give reasons for and talk about what one does.

considerar que os projetos são elaborados com base em um estoque de conhecimento que o sujeito detém e partir de metas a serem atingidas, ações estabelecidas, problemas a serem resolvidos e os interesses dominantes¹³. Vale ressaltar que, na modernidade tardia, os indivíduos elaboram e reelaboram os projetos de vida – interesses, metas a serem atingidas, problemas a serem resolvidos – em função da projeção que fazem de cenários futuros que consideram encontrarem-se em parte por definir. Como explica Schutz (1970), por meio de uma metáfora, o indivíduo precisa ter uma ideia da estrutura a ser erguida antes de desenhar seu projeto. O projeto, assim como sua execução, é elaborado e realizado em etapas, passo a passo, com uma sucessão de ações encadeadas. A última ação de uma determinada fase do projeto liga-se automaticamente à primeira ação da fase subsequente do projeto (ARCHER, 2003). Trata-se de um processo dinâmico e contínuo em que o indivíduo projeta, age, monitora reflexivamente suas ações, tendo como suporte sua consciência discursiva e prática e o seu estoque de conhecimento. Ao elaborar os projetos, os jovens necessariamente o fazem como agentes autoreflexivos, que mantêm o registro do passado, o arcabouço do seu contexto sociocultural e ao mesmo tempo as projeções das ações no futuro. *Assim, para eu projetar minha ação futura tal como ela irá desenrolar-se, tenho que me colocar em termos imaginários em um momento futuro, quando essa ação já tiver sido realizada, quando o ato dela resultante já tiver sido materializado* (SCHUTZ, 1970, p.141, tradução nossa)¹⁴. Desse modo, o indivíduo projeta seu futuro, suas ações e suas idealizações acerca do *self*. Nessa sucessão de eventos em fluxo contínuo e encadeado devemos ressaltar a importância crescente da composição dos calendários pessoais na elaboração e reelaboração do plano de vida.

Dentro dos projetos de vida, o calendário é referência para o manejo do tempo pessoal da vida, marcado por fatos, eventos, início ou fim de processos. O início de uma vida profissional, a primeira experiência de trabalho, o desemprego, o fracasso em determinado trabalho são exemplos de marcos no calendário dos planos que vão obviamente estabelecendo os limites entre essas etapas. Como aponta Giddens (2002), o planejamento ajuda os indivíduos a dar forma às suas ações, a preparar o futuro e a interpretar o passado, reflexivamente. O planejamento da vida, portanto, é uma forma de organizar um curso de

¹³ (...) The term “action” shall designate human conduct as an ongoing process that is devised by the actor in advance, that is, based on a preconceived project. The term “act” shall designate the outcome of this ongoing process, that is, the accomplished action or the state of affairs brought about by it.

¹⁴ Thus in order to project my future action as it will roll on I have to place myself in my phantasy at a future time when this action will already have been accomplished, when the resulting act will already have been materialized.

ações futuras mobilizadas em torno da biografia do Eu. Há que se destacar que na modernidade tardia, como pondera Giddens (2002), diante de uma pluralização de mundos da vida, os planejamentos estratégicos da vida assumem uma importância fundamental, pois são daí extraídos os conteúdos substanciais da trajetória reflexivamente organizada do Eu.

As noções de projeto e de *self* estão estreitamente articuladas, pois ao projetar o curso de ações futuras, o indivíduo, ao mesmo tempo em que parte do seu *self*, reelabora-o continuamente, reconstruindo-o sob a égide de um *self* idealizado. Para clarificar o modo como Giddens concebe o *self* reflexivo na modernidade tardia, vale a pena definir e aprofundar o próprio conceito uma vez que já foi amplamente trabalhado nas Ciências Sociais por autores clássicos como Mead, Goffman e Giddens.

Segundo Giddens (2003, 59), o *self* é o agente enquanto caracterizado pelo agente, ou seja, é a capacidade do indivíduo se conceber e construir enquanto objeto para si mesmo. Com base nesse pressuposto, de que o indivíduo consiste em um objeto social, Chaves (1999) destaca duas características na definição de *self* que são a capacidade autoreflexiva e a condição social. A capacidade autoreflexiva significa a possibilidade de a pessoa “*julgar-se, falar e dirigir-se a si própria enquanto ‘internal environment’, como faz por relação a qualquer outro objecto social*” (CHAVES, 1999, p.326). A condição social se expressa no fato de que essas avaliações e julgamentos partem do estoque de conhecimentos que os indivíduos transportam e que foi constituído na vida social. Para Giddens (2002) o *self* não é simplesmente apresentado como resultado das continuidades do sistema de ação, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo, nesse sentido o *self* está relacionada à capacidade reflexiva do agente.

Cabe-nos nesse espaço tematizar a relação entre a elaboração de projetos de vida associados à idealização do *self*. Guerreiro e Abrantes (2004) ressaltam que no bojo das alterações nas formas de transição para a vida adulta, que têm lugar na modernidade tardia, encontra-se a valorização da identidade pessoal e a autonomização face às estruturas sociais, como a família, a comunidade ou o meio ambiente profissional. Nessa medida, os indivíduos ganham ou conquistam maior autonomia e flexibilidade na elaboração de seus *selves* e seus projetos de vida. Para que possamos perceber a valorização da identidade pessoal e a autonomização do indivíduo, intensificados nas sociedades contemporâneas, vale a pena atentar à comparação que se estabelece entre as sociedades modernas e tradicionais (VELHO, 1999). Nestas últimas, o indivíduo é englobado pelo clã, a memória coletiva é socialmente relevante e

estabelece o compasso da unidade, unificando um conjunto de indivíduos, incluindo diferentes gerações em uma identidade comum. Já a complexidade e heterogeneidade das sociedades contemporâneas suscitam a conjugação entre a construção de identidades socialmente dadas – étnicas, familiares, religiosas etc – e uma identidade pessoal construída ao longo da trajetória dos indivíduos no espaço social. A circulação entre vários estilos de vida e certo grau de sincretismo podem ser caminhos comuns aos indivíduos dessas sociedades. Compreende-se, portanto, que o jovem hoje inserido nos diversos campos de possibilidade elabora de forma contínua, reflexiva, mas também fragmentada o seu *self*, pois podemos afirmar que um sujeito social possui selves distintos, tanto quanto as instâncias de referência produtoras de discurso que interiorizou, com os quais se confronta e das quais participa (CHAVES, 1999, p. 326).

Essa noção de elaboração dinâmica e contínua do projeto e do *self* tem como pressuposto que o indivíduo não é um ente acabado com uma personalidade monolítica. Esse é um dos eixos do pensamento de Velho, que ressalta sempre o fato de o indivíduo construir sua noção de projeto *em razão de várias experiências, de vários papéis, e que o indivíduo não é um o tempo todo, é muitos, e este “ser muitos” tem a ver com a sua trajetória e com a sua participação em diferentes mundos e diferentes experiências (...)* (VELHO, 2001).

Uma pesquisa contemporânea que incorpora igualmente a discussão sobre projeto de vida e reflexividade foi realizada por Leccardi (2006), em 2002 e 2003, com jovens italianos, de âmbito nacional e abordagem qualitativa¹⁵. No quadro de suas investigações, Leccardi (2005) afirma, em consonância com as análises acerca da transição para a vida adulta contemporânea, que, no momento presente, a “trajetória biográfica linear”, ou da chamada “grande narrativa” – elaborada por meio de um percurso previsível e com a garantia de um enredo relativamente estável encontra-se em crise. No desenho de uma trajetória biográfica linear, tornava-se adulto aquele que tivesse concluído os estudos, se inserido no mundo do trabalho e saído da casa dos pais. Atualmente, para Leccardi (2005), verifica-se o desaparecimento desta ordem e da irreversibilidade destes processos, o que gera a sensação de risco¹⁶ e de deriva, apontada por Sennett (2001).

¹⁵ Leccardi (2006) utiliza o conceito de projeto de vida de Berger, aproximando-se bastante do conceito de plano de vida de Giddens (2002) e de projeto de Velho (2001; 2006).

¹⁶ A cultura do risco estabelece uma relação dialética com um dos princípios presentes na esfera do trabalho, de que a recompensa pode ser postergada. O risco parece subverter esse princípio, pois o risco coloca em causa a determinação de adiar, de aguardar um tempo vindouro para a satisfação, retribuição ou reconhecimento por um trabalho executado hoje. (BECK, 1997).

Na senda de Ulrich Beck, a autora passa a investigar a relação que esses jovens estabelecem com a noção de risco e aponta processos distintos na elaboração dos projetos de vida em função do contexto no qual os jovens encontram-se inseridos. Os jovens com mais recursos culturais, sociais e econômicos são, segundo a autora, mais capazes de ler as incertezas do futuro e as múltiplas possibilidades são tomadas não como um limite à ação, mas como fatores motivadores. Outra parte dos jovens italianos, mesmo na ausência de projetos existenciais, elabora um ou mais objetivos de grande fôlego colocados no futuro no que se refere ao trabalho e à vida privada. Desse modo, parece que a capacidade de aceitar a fragmentação e a incerteza se transforma graças à constante reflexividade. No entanto, a maior parte dos jovens, em resposta às condições de insegurança e risco parece escolher uma “terceira via”, ou seja, optar por elaborar projetos curtos. O método de ação desses jovens fundado no “avaliar a cada vez” representa uma estratégia racional para transformar a imprevisibilidade em uma chance de vida.

Em suma, importa sublinhar que no bojo dessas transformações das condições estruturais, durante o processo de transição para a vida adulta, o indivíduo é capaz de monitorar suas ações, tendo em conta o que os outros significativos e o próprio *self* esperam de suas ações. Quando questionados, os indivíduos mobilizam a consciência discursiva no sentido de explicitarem, no limite do que conhecem e estão dispostos a revelar, as razões que subjazem às ações e escolhas por si produzidas. Na pesquisa conduzida para a elaboração desta tese procuraremos identificar por intermédio dos discursos – apelando, portanto, à consciência discursiva – o modo como os sujeitos em análise elaboram reflexivamente o seu projeto de vida no confronto inicial com o trabalho. Nosso estudo se debruça sobre esse segmento do projeto de vida, perspectivando-o a partir de dois eixos intrinsecamente associados: a centralidade da esfera do trabalho em relação às demais esferas sociais e os valores do trabalho, aqui definidos como os aspectos que os agentes procuram atingir no ou por meio do trabalho remunerado.

2.4 Centralidade do trabalho e valores do trabalho no projeto de vida

O trabalho consiste em uma temática relevante no quadro das Ciências Sociais desde suas origens. Mas, por que esse tema desperta tanto o olhar e a imaginação sociológica? Segundo Méda (1999, p. 36), o trabalho é tratado como uma categoria homogênea e colocado intuitivamente como significado do termo *as noções de esforço, de satisfação das necessidades, de produção-transformação, de artifício, de troca e de remuneração*. Na

legitimação das sociedades baseadas no trabalho, este último é concebido como uma atividade essencial do homem. É por meio dele que o homem transforma a natureza e estabelece contato com os outros (com os quais e para os quais realiza a tarefa), funcionando assim como o centro e a base do laço social. Desse modo, o trabalho *exprime a nossa condição de seres finitos, criadores de valores, mas também de seres sociais* (MÉDA, 1999, p. 22). Com efeito, tanto o processo de trabalho quanto as consequências objetivas do modo de produção para a vida individual e social são objetos de investigação continuada das Ciências Sociais.

Na modernidade, Marx colocava o trabalho como uma atividade que possibilitava a satisfação das necessidades dos homens – ou seja, valor de uso – contrapondo-o à alienação do trabalho direcionado pelas necessidades capitalistas – valor de troca. Trabalhar para produzir valor de troca, como institui o sistema capitalista, denuncia a alienação do trabalho, pois a satisfação das necessidades humanas passa a ser condicionada ou subalternizada face à necessidade de satisfação das demandas do sistema (BATISTA, 2002). É interessante a discussão elaborada por Batista (2002) sobre o mito do trabalho como utopia para Marx, uma vez que para superar e resgatar o homem desse processo de alienação, Marx utilizava como referência o modelo de trabalho concebido no passado pré-capitalista (BATISTA, 2002; SENNETT, 2006). Duas considerações presentes na obra de Marx, apontadas por Batista (2002), são importantes quando refletimos sobre o valor do trabalho: a primeira é o fato de que o homem só produz quando se liberta das misérias e das necessidades de sua natureza animal, a segunda é a separação estabelecida entre concepção e realização, dicotomia intrínseca à divisão social do trabalho. A partir desses dois argumentos, Marx dá origem ao debate da retomada do controle do processo de trabalho pelo trabalhador, utopia que sustenta as lutas e exerce o papel de mito, o que torna tolerável, na opinião de Batista (2002), o sofrimento histórico. É característico da sociedade moderna o fato de as discussões sobre trabalho fazerem um recorte bem específico, considerando como trabalho aquele emprego assalariado em tempo integral, particularmente o da grande indústria, que perdura toda a vida, regulado coletivamente por mediação do Estado, em parte porque herdamos de Marx os pressupostos de que a posição do trabalhador no processo produtivo é o princípio regulador da estrutura social (SORJ, 2000).

O trabalho na modernidade era a dimensão da vida social que determinava direito e deveres, padrões de identidade, sociabilidade, interesses e comportamento político, modelos de família e estilos de vida (SORJ, 2000). Os projetos de vida do indivíduo na modernidade podiam seguir diversas ambições, mas todas giravam em torno do trabalho alcançado, as fábricas produziam também uma espécie de “caráter social”, compartilhado por seus empregados e

que se forjava em contraponto com as categorias “incapacitados” ou “excluídos” do trabalho, em síntese, dos grupos “fora de controle” (BAUMAN, 2005, SENNETT, 2006). Essa noção de que o trabalho determinava a posição do trabalhador em uma estrutura e que moldava o comportamento segundo uma moralidade foi uma perspectiva desenvolvida por Durkheim (1978), na *Divisão do trabalho social*, ao discutir a origem da solidariedade social¹⁷. Em sua concepção, na sociedade industrializada, a divisão do trabalho social permitiu a distinção dos indivíduos por meio da inserção em uma determinada atividade no trabalho ao mesmo tempo em que propiciou uma solidariedade orgânica em função do grau de dependência estabelecido entre os indivíduos. Esse processo de divisão do trabalho pressupunha para Durkheim (1978) uma maior individualização de cada trabalhador centrado em sua atividade, mas também uma concomitante interdependência entre os trabalhadores. Além dos objetivos econômicos, a divisão do trabalho teria como verdadeira função gerar entre duas ou várias pessoas um sentimento de solidariedade, que na realidade expõe o lado moral que a divisão do trabalho produz. A solidariedade que, segundo Pizzano (2007, p. 92), Durkheim entrevia está justamente “*na consciência das condições de trabalho comum, ou das posições comuns na estrutura de papéis sociais, o que quer dizer, também, da consciência de um mesmo estado de exclusão com respeito a esses valores socialmente reconhecidos*”.

Nesse contexto, o trabalho ocupava um lugar central tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, uma vez que definia quem era o indivíduo, atribuía-lhe uma identidade associada ao trabalho por ele desempenhado (ou à falta de um vínculo com o trabalho), estabelecia os patamares das relações sociais, ou seja, quem eram seus pares e com quem ele se relacionava. Por outro lado, repercutia na avaliação individual daquilo que o indivíduo tinha conseguido ser e conquistar na vida, organizando ainda o tempo cotidiano e biológico. A carreira profissional marcava o itinerário da vida e oferecia o testemunho de êxito ou fracasso de uma pessoa (BAUMAN, 2005; SENNETT, 2001). O modelo de trabalho da sociedade industrial contemplava várias ideias, como: a de que o trabalho deve ser socialmente útil para a coletividade, de que a contribuição/retribuição é medida pelo esforço empreendido para realizá-lo, a noção de que a retribuição deve ser justa, de que essa retribuição deve ser sempre postergada, ou seja, primeiro deve vir o esforço e o sacrifício, e o fato da inserção no trabalho ser uma das formas de participação em instâncias coletivas (BAJOIT & FRANSSSEN, 1997).

¹⁷ É bom ressaltar que o trabalho não é o foco de sua obra.

No cenário em que ética protestante e produção capitalista se associavam com ganhos mútuos, o trabalho era compreendido como missão de vida ou vocação, ou seja, estava fundamentado na concepção de que o homem deve servir a Deus, na terra, em função da incerteza quanto a sua salvação. É por meio da vocação expressa no trabalho realizado para os outros e para a vontade divina que o trabalhador poderá encontrar algum sinal de sua predestinação como o escolhido para o estado de graça ou de danação eterna (WEBER, 1997). A perspectiva de uma recompensa oriunda do resultado do trabalho mediada pelo mercado foi teologicamente sancionada a partir da ética protestante, como demonstra Weber (1997), e ganhou ainda mais espaço em um contexto de "compulsão à acumulação", estimulada pelo próprio modo de produção capitalista. A ética protestante é um dos eixos do motor que contribui para a centralidade do trabalho na vida dos indivíduos em diversas sociedades ocidentais. Com relação à produção de bens, o trabalho era visto como uma questão de sobrevivência e prosperidade de uma sociedade e a lógica da sociedade industrial era a de transformar os recursos naturais em riquezas. Esses pressupostos definem uma racionalidade que perpassa todas as instituições assumindo formas diferentes, mas constituindo um aspecto central da modernidade. A lógica racional de uso do tempo gera a fragmentação do processo produtivo e a burocratização das instituições. A representação da extrema racionalização enquanto gaiola de ferro é o cenário de um escritório ou planta industrial com os trabalhadores e, concomitantemente, a rotina diária. As gaiolas de ferro aprisionavam o tempo cotidiano e ordenavam a convivência dentro e fora do ambiente de trabalho. Esse tempo racionalizado permitia que os indivíduos encarassem suas vidas como narrativas em que a ordem da sequência dos acontecimentos já estava preestabelecida (SENNETT, 2006).

Presentemente, observa-se o momento em que o desenvolvimento de um “novo capitalismo”, assente em novas formas ideológicas (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2002), e a crise do modelo de desenvolvimento fordista reverberam nos processos produtivos (HARVEY, 1998; ANTUNES, 2007), nas relações de trabalho (OFFE, 1989), na identidade e no comportamento do sujeito (DUBAR, 2006; SENNET, 2001; SENNET, 2006). A reestruturação do capitalismo desde os anos 70, especialmente nas sociedades avançadas, é concomitante com o processo de globalização que induz mudanças qualitativas nos processos produtivos (novas tecnologias e novos padrões de gestão das organizações), político-ideológico (predomínio do neoliberalismo), colocando em pauta o lugar ou o sentido atribuído de forma subjetiva pelo indivíduo ao trabalho, bem como a articulação entre a esfera do trabalho e as demais esferas da vida social (SENNETT, 1999 e DUBAR, 2006). O campo da Sociologia do Trabalho

mantém as elaborações teóricas e empíricas acerca dessas mudanças, especialmente do ponto de vista do processo produtivo (HARVEY, 1998), da gestão organizacional, da crise do Estado de bem-estar social, das relações de trabalho, da regulamentação ou desregulamentação dos processos de trabalho (OFFE, 1989).

A fim de compreender o sentido do trabalho, nas décadas de 1980 e 90, a Sociologia do Trabalho percorreu caminhos interpretativos distintos: um que continua a insistir nas potencialidades dos modelos explicativos marxistas (CASTELLS, 1999), outro que adota a tese do fim do trabalho, deslocando suas reflexões e análises para outras esferas da vida social (GORZ, 2007; OFFE, 1989) e uma terceira vertente que sugere uma revisão do papel do trabalho, apontando para a possibilidade do indivíduo e da sociedade reelaborarem o significado e o lugar da esfera do trabalho na vida (BECK, 1997 e MÉDA, 1999).

Offe (1989) questiona se podemos continuar atribuindo ao trabalho esta preocupação "materialista" dos clássicos da Sociologia. As sociedades continuam preocupadas com o trabalho, sendo movidas por sua racionalidade e abalada pelos conflitos trabalhistas, como apontavam as obras Marx, Weber e Durkheim (não obstante as diferentes abordagens metodológicas e conclusões teóricas desses autores)? Fundado no argumento de que o trabalho deixa de ser o princípio organizador das estruturas sociais, de que há um declínio da ética do trabalho e de que a relação salarial não consiste mais em um foco da identidade coletiva, o autor, concentra seus estudos apontando para o fim da sociedade do trabalho e da perda da centralidade do trabalho na formação das identidades e subjetividades dos trabalhadores. Dedicase, então, ao estudo da formação das identidades coletivas e das alterações da ética do trabalho. No que se refere à construção das identidades coletivas, o autor sugere que os sintomas de crescente heterogeneidade do trabalho como a segmentação do mercado de trabalho, a polarização das qualificações dos trabalhadores, e as alterações organizacionais e técnicas das condições de trabalho, desperta dúvidas sobre se o trabalho assalariado pode ter, ainda, uma significação precisa e partilhada para toda a população que trabalha, norteando os seus interesses e atitudes sociais e políticas. E, ao refletir sobre a ética do trabalho, o autor diz que, sociologicamente, podemos definir dois mecanismos principais que asseguram ao trabalho o papel central na organização da existência pessoal, o primeiro é que o trabalho, no nível da integração social, pode ser normativamente sancionado como um dever, ponto fundamental de uma vida correta e moralmente boa, ou no nível da integração sistêmica, pode ser colocado como uma necessidade, ou seja, é a simples condição da sobrevivência física (OFFE, 1989). Nesse sentido, avalia que a sociedade na alta modernidade

assiste ao enfraquecimento desses dois princípios. O trabalho como dever tem como contraponto uma sociedade hedonista – a contemporânea – na qual ocorre uma erosão das tradições culturais, religiosas ou leigas. Além disso, no ponto de vista das empresas, a necessidade de *taylorização* tende a eliminar o orgulho do produtor e seu reconhecimento social e, na perspectiva do indivíduo, a não continuidade ocupacional ao longo da vida também afrouxa os vínculos do trabalho como dever. Para sustentar o declínio do segundo princípio, Offe (1989) se apoia em estudos da Psicologia econômica que apontam o fato do efeito motivador do salário operar assimetricamente, ou seja, “o crescimento individual e (mais ainda) o coletivo da renda não aumentam (ou aumentam muito pouco) o sentido do bem-estar ou da satisfação coletiva”. Uma questão a ser considerada a respeito do segundo argumento é o atrelar da satisfação da necessidade apenas à questão salarial, como se a renda correspondesse ao único fator gerador de satisfação no trabalho.

Os estudos de Beck (1997) e Méda (1999), na década de 1990, apesar de contestarem a centralidade do trabalho se destacam por adotar uma visão mais otimista do papel do trabalho na sociedade. Méda (1999) se propõe a desvendar a seguinte questão: como foi que chegamos a considerar o trabalho e a produção o centro da nossa vida individual e social?¹⁸ A autora refaz um percurso desde as sociedades primitivas, os paradigmas gregos, o império romano, a idade média, a modernidade até a alta modernidade. Em sua obra, *O trabalho: um valor em vias de extinção*, (1999) retoma a análise crítica e reflexiva elaborada pela Filosofia para situar o trabalho na história das ideias, das representações e das civilizações com o objetivo de interrogar sobre o significado do trabalho nas sociedades contemporâneas. Ela sugere que nos últimos dois séculos o trabalho passou a ser reconhecido pelas sociedades como a relação social fundamental, aquela que estrutura as nossas relações com o mundo e também as nossas relações sociais, ganhando um encantamento que hoje aprisiona o indivíduo, por isso propõe que não se trata mais de buscar o trabalho idealizado por Marx, mas de tornar suportável o trabalho real. Assim, Méda (1999) faz uma analogia ao desencantamento do mundo proposto por Weber, para demonstrar que o trabalho nas sociedades contemporâneas continua encantado, ou seja, carregado de todas as energias utópicas que ao longo dos dois últimos séculos foram depositadas sobre ele. O objeto de questionamento da abordagem de Méda

¹⁸ A revisão do papel do trabalho e especialmente a forma como o indivíduo lida subjetivamente com o trabalho é o eixo de discussão que nos interessa nesta tese, pois associa as reflexões sobre a dimensão subjetiva do indivíduo na definição da centralidade da esfera do trabalho e dos aspectos valorizados pelos indivíduos no trabalho. Passaremos, portanto, desse momento em diante a dialogar com abordagens contemporâneas das teorias sociológicas (MÉDA, 1999; BECK, 2000; SENNETT, 2002, 2006; DUBAR, 2006) que de modo mais claro iluminam o nosso percurso.

(1999) é justamente esse lugar atribuído ao trabalho pela sociedade industrializada, pois sua análise parte do princípio de que o trabalho, como acontece na modernidade, é desvirtuado na medida em que ocupa o lugar de fundamento dos laços sociais e argumenta que a redução da jornada de trabalho propiciará ao indivíduo o desenvolvimento de outras formas de sociabilidade¹⁹. Em síntese, o trabalho é mais do que simplesmente a distribuição de riquezas, e núcleo dos laços sociais. Em suas palavras: “*a produção já não é mais só um meio de satisfazer as necessidades materiais, mas também um meio de valorizar e trazer à luz do dia todas as potencialidades humanas*” (MÉDA, 1999, p. 311). Nessa mesma direção, Beck (2000) sugere que vivenciamos uma fase de transição da sociedade do trabalho para a sociedade do conhecimento que envolve não apenas uma mudança no conteúdo do trabalho, mas uma alteração no desenho de uma estrutura social caracterizada pela diversidade, ilegitimidade (*unclarity*) e insegurança das pessoas no trabalho e na vida. Segundo Beck (2000):

A antítese da sociedade do trabalho não é a do tempo livre ou sociedade de lazer, que permanece negativamente presa ao valor imperialista do trabalho. Isto é uma nova autonomia, autoconhecimento, sociedade civil política – a cultura do faça você mesmo - que está se desenvolvendo, testando e implementando um novo conceito denso de política (BECK, 2000, 8, tradução nossa)²⁰.

Em que pese às diversas abordagens sobre o fim ou não do trabalho na sociedade contemporânea, Sorj (2000) aponta que o “consenso ortodoxo” que considera o trabalhador assalariado em tempo integral, particularmente o da grande indústria, como objeto de pesquisa central no campo da Sociologia do Trabalho, vem sendo desestabilizado pela ação de dois fenômenos: as contribuições dos estudos de gênero, pautados na feminização da força de trabalho, e as recentes mudanças nas relações de trabalho, denominadas como pós-fordismo ou acumulação flexível. Os estudos de gênero colocam em pauta a discussão sobre a autonomia da esfera econômica em relação às demais esferas da vida²¹.

As recentes mudanças na configuração do trabalho resultantes, sobretudo, da acumulação flexível que gera desregulamentação do trabalho e flexibilidade, abrem uma janela para a

¹⁹ Ver também Sorj, 2000; Toni, 2003, e Freyssenet, 1999.

²⁰ The antithesis to the work society is not free time or leisure society, which remain negatively imprisoned in the value imperialism of work. It is the new self-active, self-aware, political civil society – the ‘do it yourself culture’ – which is developing, testing and implementing a dense new concept of the political.

²¹ A autora aponta que a visão clássica predominante da Sociologia do Trabalho considera a economia como uma esfera central e socialmente diferenciada. Daí decorre a concepção de que as formas de utilização da força de trabalho seriam definidas por um tipo de racionalidade estratégica amoral, desvinculadas de quaisquer critérios ou valores do mundo doméstico ou das lealdades de cunho particular. A relação salarial seria o ponto de referência para os demais aspectos da sociedade – política, cultura, família, moral, religião.

reflexão sobre os limites do que é considerado trabalho e acerca dos modelos interpretativos continuamente utilizados, bastante influenciados por uma visão hegemônica do trabalho como aquele emprego assalariado, em tempo integral, particularmente o da grande indústria, regulado coletivamente por mediação do Estado²². Estamos diante de um cenário que exige abordagens capazes de contemplar a perspectiva de trabalho material e imaterial, o que coaduna com novas análises do próprio processo de trabalho, suas relações com o tempo e com o espaço, bem como as investigações acerca dos limites entre a esfera do trabalho e a da família ou as demais esferas da vida. Especialmente na medida em que compreendemos a centralidade do trabalho como um processo relacionado às demais esferas da vida do indivíduo exige-se um esforço de análise integrada desse processo e uma articulação entre conceitos que permitam arcabouço teórico capaz de conduzir as análises da pesquisa empírica.

As análises dos impactos dessas transformações estruturais na condição do sujeito têm sido um tema recorrente nas obras de Sennett (2001; 2006) e Dubar (2006), autores que nos permitem estabelecer um diálogo em função da abordagem do indivíduo considerando as subjetividades. Sennett (2001), por exemplo, ao abordar a cultura do novo capitalismo, estabelecendo comparações entre os períodos históricos, denominados como modernidade e modernidade tardia, elabora alguns conceitos que se destacam justamente por considerar a subjetividade do sujeito na esfera do trabalho. Ao mesmo tempo, Dubar (2006) reconhece que as transformações da modernidade tardia, com suas contradições estruturais e conflitos sociais, suscitam também crises pessoais, dentre elas a crise das identidades, que está associada às mutações das esferas Família, Trabalho e Estado.

Obviamente sem pretender dar conta da complexidade e das diversas imbricações entre esses novos processos, destacaremos alguns dos pontos tratados por Sennett (2001) e Dubar (2006), conquanto os trabalhos de ambos se aproximam tendo em vista que suas concepções sobre essas mutações põem em causa as relações entre o indivíduo e o social.

Para Sennett (2001), dentre algumas dinâmicas que o novo capitalismo fomenta na condição de vida do sujeito na esfera do trabalho podemos citar a experimentação da sensação de deriva, a vivência de experiências de fracasso e dificuldade de legibilidade da esfera do trabalho. Segundo o argumento de Sennett (2001), a instabilidade das organizações flexíveis impõe aos trabalhadores a necessidade de correr riscos em seu trabalho, bem como de correr o

²² Uma série de artigos sobre as implicações sociais que afetam o trabalho e o emprego em face da nova realidade que emerge com os fenômenos de globalização e reestruturação produtiva em países como Portugal e Brasil foi publicada na revista *Sociologias*, número 12, de 2004.

risco de perder o trabalho. Nesse aspecto, sua abordagem sobre a cultura contemporânea do risco é peculiar por destacar que dentro das organizações flexíveis o “não se mexer” é sinal de fracasso. Por temer o fracasso, o indivíduo é impelido a arriscar-se, mesmo que pareça contraditório. Em perspectiva semelhante, Beck (2000) aponta que a flexibilidade significa uma distribuição do risco do Estado e da economia para o indivíduo.

Para Sennett (1999), as diversas formas de flexibilidade camuflam o atual sistema de poder que consiste em três elementos: reinvenção descontínua das instituições – por meio de processos como a reengenharia, que envolve as reduções de empregos –, a especialização flexível da produção – gerada a partir de demandas variadas e da volatilidade do mercado e a concentração de poder sem centralização, em que o controle passa a ser estabelecido por meio de metas (SENNETT, 1999). Portanto, poder, controle, flexibilidade e tempo estão intrinsecamente articulados nas relações de trabalho estabelecidas na modernidade tardia. Nessa direção, utilizando e discutindo conceitos tributários da sociologia weberiana em torno do controle burocrático, Sennett (1999) considera que:

O tempo nas instituições e para os indivíduos não foi libertado da jaula de ferro do passado, mas sujeito a novos controles do alto para baixo. O tempo da flexibilidade é o tempo de um novo poder. Flexibilidade gera desordem, mas não livra das limitações. (SENNETT, 1999, p. 69).

Esses argumentos em torno das transformações nas relações de poder, de controle e de gestão do tempo nos conduzem a abordagem acerca da elaboração ou reelaboração da centralidade do trabalho, realizada pelo sujeito nesse novo contexto do capitalismo. Pois, em especial, uma vez que compreendemos a centralidade do trabalho como um processo que está relacionado às demais esferas da vida do indivíduo exige-se um esforço de análise integrada desse processo de flexibilidade, tempo e espaço. Nesse novo capitalismo, as experiências de flexibilidade, de risco e de fracasso estão imbricadas, pois é exigida do sujeito trabalhador disposição para correr risco, flexibilidade necessária e preparo para assumir novas funções e novas atividades, flexibilidade para lidar com circunstâncias que envolvem risco e a superação do fracasso.

Na concepção de Sennett, os indivíduos no mundo do trabalho ou na vida pessoal têm-se tornado mais adaptáveis às circunstâncias variáveis, exercitando essa flexibilidade que algumas vezes pode vir acompanhada de uma sensação de deriva, sensação que decorre da experiência do risco, da exigência de flexibilidade e da dificuldade de legibilidade da esfera do trabalho. Qualquer desses fatores gera vulnerabilidade, uma vez que âncoras outrora bastante presentes e resistentes – rotina, estabilidade profissional e perspectiva de carreira –

tendem a volatilizar-se. A própria compreensão do trabalho é superficial, pois não há a percepção do todo produzido e como o vínculo com a organização e com a atividade realizada é frouxo, sua identidade como trabalhador é mais fluida. Nesse novo capitalismo, o tempo de curto prazo, flexível, parece impedir que façamos uma narrativa constante de nossos labores e, portanto, de uma carreira. A efemeridade da inserção do indivíduo na organização e em determinados processos produtivos dificulta a estruturação de uma carreira, desse modo, os indivíduos não fazem uma associação linear entre sua identidade pessoal e a identidade de trabalhador.

Essa discussão sobre a identidade pessoal, ou melhor, sobre a crise das identidades pessoais é, em nosso ponto de vista, singularmente analisada por Dubar (2006) em distintas esferas como família, trabalho, religião e política. De acordo com sua abordagem, esta crise é consequência de *“mutações das relações de gênero e transformações profundas na instituição familiar, mutações tanto do trabalho e do emprego bem como do mundo da formação e da escolarização, mutações do Estado-Nação e das suas instituições”* (CORREIA, 2006). Interessa-nos suas considerações acerca dessa crise das identidades pessoais na esfera do trabalho, por ele conceituada como uma crise das *“maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego”* (DUBAR, 2006, p. 85). Assim, as identidades profissionais, para Dubar, são relacionais, pois se referem à identidade de atores em um sistema de ação ao mesmo tempo em que são também biográficas, uma vez que resultam de trajetórias elaboradas ao longo da vida. Segundo seu argumento, as identidades profissionais estão em crise uma vez que a antiga configuração pautada na supremacia das identificações culturais e estatutárias entrou em crise e, portanto, essas identificações não são mais suficientes para se definir a identidade profissional, nem mesmo para definir os outros, orientar-se, compreender o mundo e, sobretudo, projetar-se no futuro (DUBAR, 2006, p. 188)

Dubar (2006) ao analisar a crise das identidades na esfera do trabalho, nos últimos trinta anos, especialmente na França, diz que o problema-chave do trabalho está nas relações de poder no trabalho, nos conflitos de trabalho e nas relações de classe. Segundo Dubar há um declínio dos conflitos relacionado à relação de classes, dominação e exploração e um aumento dos conflitos como momento e aprovação da construção de um ator coletivo que luta por sua dignidade humana pela construção de identidades coletivas a partir de indivíduos confrontados com o desemprego, com a possibilidade de marginalização e de estigmatização.

Mais do que a crise das identidades, a análise do autor nos interessa por destacar três tendências nas transformações do trabalho nomeadas por “resolução de problemas”, “realização de competências” e “relação de serviço”. O trabalho como resolução de problemas é gestado em um ambiente de concorrência e competição empresarial acompanhado por redução de emprego e racionalização de recursos humanos. No ponto de vista de Dubar (2006), esse ambiente cria um campo de problemas – a gerir e para se tentar resolver – que pressiona o trabalhador a “elaborar modos operatórios que mobilizem os seus próprios recursos” a “readaptar objetivos prescritos e desenrascar-se com os meios que dispõe”, pois são os recursos para resolver os problemas que rentabilizarão os investimentos e elaborarão estratégias diante da concorrência e competição. A valorização da competência pessoal tem uma história recente que inicialmente parte da responsabilidade das organizações e de certos segmentos educativos no desenvolvimento das competências pessoais, mas que já nos anos 90 começa a pressupor a responsabilidade individual do trabalhador em desenvolver continuamente as suas próprias competências. A responsabilidade pessoal vem acompanhada da noção de empregabilidade que se refere justamente à possibilidade de manter-se em estado de competência, de competitividade no mercado. O trabalho como relação de serviço envolve a perspectiva de colocar o “cliente final” no centro das atividades, processo que na abordagem de Dubar gera uma revolução cultural na medida em que transforma a cultura burocrática de controle e de proteção hierárquica.

Essas três tendências tangenciam o processo de individualização da experiência do trabalhador nesse contexto de precarização e flexibilidade do trabalho. O indivíduo tende a não estabelecer vínculos fortes e resistentes com a atividade profissional, com os demais trabalhadores, com as organizações profissionais ou sindicais e nem mesmo com a empresa. A partir daí Dubar divaga sobre a crise da identidade profissional. Mas, como identidade profissional não é nosso ponto central, podemos, então, nos ater a um filtro que revela duas considerações de Dubar, importantes para a nossa discussão. A primeira, segundo o autor, mais delicada, reside no sentido que os indivíduos atribuem a essa ‘vida de trabalho’ e, por conseguinte, a segunda consideração questiona como é possível construir projetos profissionais a partir do momento em que, no capitalismo contemporâneo, o indivíduo se arrisca a estar exposto a vicissitudes permanentes. (DUBAR, 2006, p. 165). Essa duas considerações estão bem próximas de nossos interesses nessa investigação por fazerem referência ao que designamos por centralidade do trabalho e aspectos valorizados no trabalho,

dimensões que serão detalhadas mais adiante, e ao mesmo tempo por considerarem a elaboração dos projetos de vida na esfera do trabalho.

Consideramos que esse percurso revela a justificativa que norteia nossa escolha pela esfera do trabalho para a compreensão da elaboração dos projetos de vida. O papel do trabalho nas sociedades foi objeto de abordagem de uma série de autores, dentre os quais selecionamos para uma interlocução as considerações de Méda (1999) relativas ao sentido e ao papel do trabalho para diversas sociedades, de Beck (2006) acerca da sociedade do risco, de Sennett (2006) sobre a cultura do novo capitalismo e de Dubar (2006) relativas às crises pessoais e identitárias. Essas análises concentram suas conclusões apontando que a esfera do trabalho ocupa um lugar de destaque tanto na constituição das próprias sociedades quanto na vida do indivíduo. Méda (1999), por exemplo, assegura que o trabalho em si próprio é uma questão central para as nossas sociedades ocidentais, industriais ou pós-industriais, pelo fato de se constituir uma dimensão essencial para a sociedade e, portanto, um caminho para se conhecer a própria sociedade, suas dinâmicas e crises. Nessa mesma direção, Beck (2006) sugere que o trabalho produtivo e a profissionalização na sociedade industrial e moderna se converteram em um dos “eixos da existência” que junto com a família constitui um sistema de coordenadas que enquadram a existência do sujeito nesse período.

Faz-se necessário, portanto, compreender a centralidade no trabalho nas sociedades contemporâneas e as relações que os jovens estabelecem entre centralidade do trabalho, projeto de vida e *self*. A centralidade do trabalho e os valores do trabalho – dimensões que serão apresentadas adiante – são considerados nesse trabalho por meio de um percurso que se apropria tanto de discussões e conceitos da Sociologia quanto da Psicologia Social. A apropriação de categorias analíticas utilizadas com frequência no campo da Psicologia Social nos permitirá estabelecer um diálogo profícuo com a abordagem sociológica em curso. Em uma fase na qual se discute o fim do trabalho e em que as Ciências Sociais procuram explicações e críticas capazes de compreender as suas consequências, a Psicologia Social nos oferece uma metodologia de investigação e de aproximação com a realidade bastante pragmática e operacional, permitindo a produção e análise dos dados da pesquisa de forma sistemática e empiricamente sustentada.

Nossa ancoragem na Psicologia Social será realizada basicamente por meio da mobilização dos conceitos de “centralidade do trabalho” (MOW, 1987; SNIR e HARPAZ, 2005; ARVEY, HARPAZ e LIAO, 2004) e “valores do trabalho” (JONHSON, 2001; JONHSON, 2007,

MARINI, 1984). Nas últimas décadas, a importância subjetiva que indivíduos ou grupos atribuem ao trabalho remunerado tem sido uma questão abordada sistematicamente no âmbito da Psicologia Social, em que se realçam os trabalhos do Grupo MOW – Meaning of Work – e toda a trajetória de pesquisa empírica em constante desenvolvimento por Arvey, Harpaz, Liao e Snir²³. A dimensão centralidade do trabalho aqui explorada será afluente da definição do grupo MOW, que define a centralidade do trabalho como o grau de importância que os indivíduos conferem ao trabalho na sua vida, em determinado momento, ou seja, se o trabalho exerce papel importante ou central na vida dos indivíduos e qual o seu grau de relevância em face de outras esferas como religião, comunidade, tempo livre e família. (SNIR e HARPAZ, 2005; ARVEY, HARPAZ e LIAO, 2004)²⁴.

A centralidade do trabalho tem sido pesquisada em diferentes culturas, observando-se os seus antecedentes e consequências e, portanto, necessariamente, examinando os principais processos sociais, econômicos e culturais em cada país, ao longo das décadas de 1980 e 90 (ARVEY, HARPAZ e LIAO, 2004; SHARABI & HARPAZ, 2007). Em geral, as pesquisas do grupo MOW revelam que o trabalho é o eixo central da vida do indivíduo, seguido da família. (SNIR e HARPAZ, 2005; ARVEY, HARPAZ e LIAO, 2004). A grade avaliativa de referência usada pelo grupo, nas pesquisas empíricas para que os sujeitos atribuam pesos envolvendo as relações “indivíduo e trabalho” versus “indivíduo e as outras principais áreas da vida”, é um modelo complexo e estruturado. Sharabi e Harpaz (2007, p. 96, tradução nossa) destacam que segundo o grupo MOW: *a maioria das pessoas considera o trabalho e seus resultados como um aspecto central em suas vidas, bem como importante fonte para a formação da identidade e autoimagem, e uma necessidade para a satisfação das necessidades básicas*²⁵.

Arvey, Harpaz e Liao (2004) realizaram algumas pesquisas com indivíduos que ganharam na loteria e que, portanto, teriam suas necessidades financeiras asseguradas. Alguns destes continuavam, no entanto, trabalhando, uma vez que consideravam o trabalho importante ou central em suas vidas. O trabalho permitia-lhes elaborar uma identidade, conquistar autoestima e status, ou seja, obter gratificações que extravasavam os aspectos exclusivamente remuneratórios da atividade profissional. No Brasil, a metodologia do grupo MOW já foi

²³ A esse respeito ver Arvey, Harpaz e Liao (2004), Snir e Harpaz (2005), Sharabi e Harpaz (2007).

²⁴ É importante ressaltar que o conceito de centralidade do trabalho é distinto de outros conceitos relacionados como *work engagement* e o conceito inverso *work alienation*. (HIRSCHFELD & FIELD, 2000 apud ARVEY, HARPAZ e LIAO, 2004).

²⁵ Most people consider working and its outcomes a central aspects in their lives, as well as important source for the formation of identification and self-image, and a necessity for fulfilling basic needs.

incorporada em diversas pesquisas (BORGES, 1999; BORGES e ALVES FILHO, 2001; TOLFO e PICCININI, 2007). Os trabalhos de Morin (2001), realizados no Canadá e na França, cujo intuito principal foi o de compreender o sentido do trabalho, tiveram como universo de pesquisa os estudantes do curso de Administração e administradores.

Com relação aos valores do trabalho, as abordagens recorrentes apresentadas pela Psicologia Social consideram que as recentes alterações na esfera do trabalho terão como consequência mudanças nos aspectos que são valorizados pelos agentes no trabalho. As pesquisas que enfocam o recorte na fase de transição para a vida adulta concentram-se em torno dos aspectos que os jovens valorizam no trabalho e na forma como eles elencam suas prioridades. Algumas temáticas são recorrentes como, por exemplo, se a experiência no mercado gera uma revisão dessa escala de valores (KONRAD et. al, 2000; JONHSON, 2001), se os aspectos mais valorizados no trabalho variam segundo gênero (KONRAD et. al, 2000), ou se há alterações em relação aos quesitos valorizados no trabalho considerando a faixa etária no processo de transição.

As análises contemporâneas (MARINI, 1984; JOHNSON, 2008) salientam que a transição do estatuto de estudante para o de trabalhador é um período no curso da vida em que podemos esperar muitas mudanças naquilo que o jovem espera com relação ao trabalho. Como explica Johnson (2001), os jovens são um terreno fértil de investigação, pois tendem a avaliar uma série de recompensas do trabalho como tendo grande importância para eles. Segundo a autora, em um rol de dimensões relacionadas às aspirações educacionais, profissionais e pessoais, os jovens são bastante idealistas sobre aquilo que consideram ser capazes de obter. Os ajustes dessas expectativas ocorrem quando esses jovens começam a fazer concessões muitas vezes necessárias na transição para o mercado. Nessa circunstância, a transição para o trabalho em si poderá ser um momento importante na mudança da hierarquia de aspectos valorizados no trabalho, pois com a experiência eles ganham um melhor conhecimento do mercado e das recompensas aí disponíveis.

Faz todo o sentido recuperar aqui a discussão produzida por Bourdieu (2005) acerca da dialética entre as oportunidades objetivas e as esperanças subjetivas, entendendo, *grosso modo*, que as segundas tendem a se ajustar às primeiras, isto é, que as aspirações se ajustam às condições e possibilidades de se verem concretizadas. No quadro de nosso horizonte conceitual inspirado nas propostas de Giddens (2002, 2003), diríamos que, por meio dos esforços reflexivos, os agentes sociais reequacionam constantemente esses valores a partir de

sua habilidade de interpretação e leitura dos cenários com que se deparam. Essa reflexividade conduz a uma reorientação dos valores do trabalho que os indivíduos transportam, assim como da centralidade que atribuem ao trabalho, ao longo do seu percurso de transição para a vida adulta.

Procuraremos, portanto, por meio dos nossos sujeitos, responder às seguintes questões: quais são as expectativas subjetivas dos mesmos, do ponto de vista da centralidade do trabalho e dos valores do trabalho. Em outras palavras, quais são as expectativas que os jovens esperam realizar no e por meio do trabalho? Por outro lado importa investigar como é que os jovens percebem a defasagem entre oportunidades objetivamente oferecidas em um determinado momento e as suas aspirações no que concerne aos valores e à centralidade do trabalho. Cremos que as respostas a essas questões nos possibilitam identificar o lugar que a esfera do trabalho ocupa na elaboração do plano de vida e na transição para a vida adulta da população em estudo.

Um dos limites dessa pesquisa, fruto do cronograma acadêmico, é justamente o fato de não se dispor de tempo suficiente para acompanhar mais de perto e de forma longitudinal, o processo de inserção desses jovens no mercado de trabalho, após a conclusão da graduação. Optou-se por um corte e uma análise em determinado momento na transição para a vida adulta, a qual integra os processos de saída do ensino superior e o ingresso no mercado de trabalho. Mas, sugere-se que seja dada uma continuidade às investigações em torno do grupo abordado para que se possa traçar em médio e longo prazo uma interpretação que contemple a trajetória profissional dos agentes – a sua biografia. Essa abordagem, realizada, por exemplo, por meio de “histórias de vida”, permitirá analisar o processo de transformação dos valores ao longo da vida dos sujeitos (JOHNSON, 2001), em função da evolução e da sucessão das suas posições no mercado de trabalho e experiências profissionais concretas.

3. CAPÍTULO 2 – A transição para a vida adulta: as dimensões trabalho e educação no desenho das transições dos jovens brasileiros

A compreensão dos padrões de transição para a vida adulta, atualmente vigente na sociedade brasileira, ajudar-nos-á a delinear o pano de fundo estrutural sobre o qual assentam os processos biográficos de transição dos jovens pesquisados nesta tese. As dimensões escolhidas para a interpretação das transições para a vida adulta, neste capítulo, são trabalho e educação, em função quer da interconexão entre as mesmas que da sua centralidade na elaboração de projetos de vida.

Um aspecto comum hoje nas transições para a vida adulta é o fato de os jovens terem mais anos de estudo do que a geração anterior e, no entanto, enfrentarem maior dificuldade para a inserção no mercado de trabalho (GUERREIRO e ABRANTES, 2004; OIJ-CEPAL; 2004; BLASCO, 2008; CHIESI & MARTINELLI, 1997). Este não é um fenômeno especificamente latino-americano, são muitos os países e organismos internacionais que se dedicam a investigar essa problemática e as suas consequências, tanto que a geração de emprego juvenil produtivo e decente se tornou uma das metas do milênio²⁶.

No sentido de melhor documentar os aspectos estruturais que subjazem às transições, selecionamos um conjunto de informações já produzidas, tanto no Brasil como internacionalmente. Os dados mais expressivos serão recortados e por nós analisados à luz dos seus impactos nos processos de transição para a vida adulta. As principais fontes de dados secundários utilizadas para a descrição dessas transições foram IBGE/PNAD 2006 e UNESCO, 2006. Os dados do IBGE/PNAD 2006 foram extraídos da publicação *Juventude e políticas sociais no Brasil*, organizados por Castro e Aquino (2008). Os dados da UNESCO (2006) são frutos de uma pesquisa de campo, promovida pela instituição, em 2004, em todo o Brasil, considerando tanto população rural quanto urbana, com o objetivo de investigar perfil, atitude e opiniões dos jovens brasileiros. Esta pesquisa quantitativa tem um intervalo de confiança estimado de 95% e usou as seguintes variáveis de controle: sexo, faixa etária, grande região, condição do município, grau de instrução, classe socioeconômica e cor/raça autoatribuída. Os resultados foram publicados, em 2006, no documento *Juventude*,

²⁶ Trata-se de uma das metas do objetivo 8, a esse respeito ver <http://www.un.org/spanish/millenniumgoals/#> acesso em outubro 2007.

Juventudes, organizado por Abramovay e Castro (2006). Em síntese esse documento apresenta os resultados, destacando os eixos “educação e inclusão”; “trabalho e renda”; “participação e democracia”; “percepções, valores e sentidos”; “saúde e sexualidade”; “lazer e cultura”; “drogas lícitas e ilícitas” e “esportes”. Para a produção deste capítulo, os dados utilizados foram extraídos das seções “educação e inclusão” e “trabalho e renda”, e as análises foram realizadas a partir das variáveis de controle mais significativas em cada processo. Associamos essa fonte de dados secundários a outros estudos significativos que investigam aspectos das transições da juventude latino-americana (RAMÍREZ-GUERRERO, 2002; ROCHA, 2007; SANSONE, 2006; SEPÚLVEDA, 2006; SPOSITO, 2004; WELLER, 2007) e da juventude europeia (GUERREIRO e ABRANTES, 2004; PAIS, 1991; BLASCO, 2008), pois em certos momentos essa leitura cruzada ajuda a esclarecer melhor o significado estrutural dos dados disponíveis.

Em 2000, o Brasil contava com cerca de 48 milhões de habitantes com idades compreendidas entre 15 e 29 anos, faixa etária considerada pelo poder executivo e em discussão no legislativo – Congresso Nacional e Câmara dos Deputados Federais – como a juventude brasileira. É essa a parcela da população mais atingida pelos piores índices de desemprego, de evasão escolar, de falta de formação profissional, mortes por homicídio, envolvimento com drogas e com a criminalidade. A população de jovens brasileiros cresceu de forma expressiva nas últimas décadas. Em números absolutos, a população na faixa etária entre 25 e 29 anos quase dobrou de 1970 para 1990, o mesmo sucedendo com a população entre 20 e 24 anos, no mesmo período. Por sua vez, o segmento situado entre 15 e 19 anos aumentou cerca de 70% nas últimas três décadas. No entanto, Sposito (2003) ressalta que em função da queda na taxa de fecundidade no país – a qual diminuiu de quase 6 filhos por mulher na década de 1970 para cerca de 2,2 filhos no ano 2000 –, a tendência para a próxima década seja a da redução do número absoluto de jovens em cada ano.

A necessidade de destacar que as reflexões sobre juventude devem considerar as diversidades torna-se muito evidente no Brasil, uma vez que as desigualdades são significativas e multidimensionais, pois se manifestam tanto em termos sociais, como econômicos, culturais, ou regionais, sendo o confronto entre o rural e o urbano apenas uma das suas múltiplas expressões. É notório então que a juventude se subdivide quando observamos classes, gêneros, cor, idade e que se fragmenta ainda mais se levarmos em consideração valores, atitudes, preferências estéticas, isto é se ponderarmos também as dimensões subjetivas.

3.1 Marcos das dimensões trabalho e educação no desenho das transições para a vida adulta: o avanço da escolaridade e a retração do trabalho

Como mencionado no primeiro capítulo, os marcos da transição para a vida adulta – ou seja, término da escola, ingresso no mercado de trabalho, saída da casa dos pais e casamento ou constituição de uma nova família – estão sendo questionados, tanto em relação à validade desses processos em termos gerais, quanto ao seu papel de limite entre o status de jovem e o de adulto, dada a sua crescente fluidez. (MAGARAGGIA & CUZZOCREA, 2009; MURINKÓ & SPÉDER, 2009). De todo modo, para a discussão acerca das transições para a vida adulta dos jovens brasileiros, a análise das dimensões trabalho e educação é de grande relevância uma vez que essas esferas são componentes estruturais do projeto de vida dos indivíduos. Por um lado, os percursos escolares dos alunos, que não são alheios aos recursos que esses podem mobilizar, têm um impacto relevante nos seus futuros socioprofissionais. Por outro lado, o trabalho continua sendo uma esfera de referência na medida em que é o espaço no qual se desenvolvem processos de reprodução econômica e mecanismos de socialização dos jovens para os papéis da vida adulta. (CHIESI & MARTINELLI, 1997).

Nesta tese, apresentamos uma abordagem do confronto do jovem com o mercado de trabalho que ultrapassa a questão da inserção profissional, uma vez que o universo da esfera do trabalho confere ao jovem acesso a outras características socialmente atribuídas ao estatuto²⁷ de adulto. É o caso da independência financeira e da autonomia. Portanto, a interconexão das esferas educação e trabalho é um espaço de encontro entre projetos e aspirações individuais com as oportunidades e os recursos, tanto do sistema de ensino quanto do mercado de trabalho. (MATEUS, 2002). É dentro do quadro de recursos e oportunidades disponíveis, que a capacidade individual de definir estratégias e traçar projetos gera modalidades específicas de transitar para a vida adulta e planejar o futuro.

Nosso percurso neste capítulo 2 será realizado por meio dos seguintes veios: distribuição da população jovem no território nacional, instrução da população juvenil e acesso aos diferentes níveis de ensino, estrangimentos no acesso e na possibilidade de continuidade do processo

²⁷ Subscrevemo-nos aqui ao conceito de estatuto definido por Ledrut e Schnapper, e também adotado por Pais (1991, 973), ou seja, um conjunto mais ou menos sistematizado e relativamente fixo de comportamentos complementares que se podem esperar tanto de um indivíduo em uma dada situação social, como da sociedade relativamente a esse indivíduo – comportamentos esses que, reciprocamente, seriam reconhecidos como legítimos quer pelo indivíduo, quer pela sociedade.

de educação formal, alguns aspectos da relação escola-trabalho, configurações do mercado de trabalho e do desemprego juvenil.

Para iniciarmos nossas reflexões é necessário entender que a distribuição da população jovem brasileira por classe socioeconômica²⁸ no território nacional reflete a desigualdade de classes somada à desigualdade regional. A principal parcela da população jovem, cerca de 60%, concentra-se nas classes D e E. Além disso, essa concentração é ainda mais forte nas regiões norte e nordeste do Brasil em que cerca de 80% da população jovem está situada nas classes D e E. No sudeste já é possível perceber uma distribuição menos concentrada, temos cerca de 40% dos jovens na classe C e outros 40% nas classes D e E.

Com relação ao grau de instrução da população jovem brasileira, podemos perceber um avanço significativo do grau de escolaridade comparativamente aos das gerações anteriores. A UNESCO demonstra que os pais de 44,4% dos jovens brasileiros cursaram até a 4ª série do ensino fundamental, enquanto 22,2% cursaram da 5ª à 8ª série do ensino fundamental; 13,4% cursaram o ensino médio; 4,8% possuem o ensino superior e 15% nunca estudou. Quando comparamos o grau de instrução dos pais com o grau de instrução dos jovens em 2004, percebemos um significativo crescimento do acesso à educação formal. Em 2004 temos 22,9% dos jovens que cursaram até a 4ª série do ensino fundamental; 34% cursaram da 5ª à 8ª série de ensino fundamental; 35,8% atingiram o ensino médio e 7,2% lograram alcançar o ensino superior.

As classes A e B são as que atingem o grau de instrução mais elevado, observando-se uma nítida inversão se comparamos as classes A/B com D/E; as duas primeiras têm cerca de 80% dos seus jovens com o ensino médio e ou o superior completo, enquanto aproximadamente 75% das classes D/E não foram além da 8ª série do ensino fundamental.

A partir da década de 1990, em especial, observa-se um avanço nos níveis de educação frutos de um maior investimento dos governos na área, bem como das próprias transformações do mercado de trabalho que impulsionaram a demanda da população por uma melhor formação em todos os níveis. De acordo com Guerreiro e Abrantes (2004), também em Portugal, recentemente e de forma progressiva, a educação formal passou a ser entendida como uma

²⁸ A identificação da classe socioeconômica dos jovens baseou-se no Critério Econômico Brasil, que é construído a partir de uma cesta de bens de consumo que indicam o nível de conforto do lar, tais como televisão, geladeira, computador, automóvel, além da escolaridade do chefe da família, que é aquele que dá maior contribuição para as despesas e da existência ou não de empregado(s) doméstico(s) na residência (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006).

ocupação e uma necessidade para enfrentar a competitividade e seletividade do mercado de trabalho.

A característica mais notável no sistema educacional brasileiro é a sua rápida expansão em todos os níveis nas últimas décadas (SILVA, 2003). Ao longo dos últimos 20 anos, a escolaridade média dos jovens cresceu 2,3 anos de estudo. Tal avanço foi particularmente acentuado nos anos 90 quando a média se elevou 1,8 anos. Os jovens entre 18 e 21 anos foram os que mais expandiram a sua escolaridade média. Vale, no entanto, ressaltar um estudo realizado pelo IPEA (2005) o qual revela como essa realidade é bem desigual considerando dimensões como regiões, gênero e cor. Como exemplo, a escolaridade média do jovem brasileiro ainda é inferior a 8 anos de estudo, mas na região sul do país a média já é de 11 anos de estudo.

Registrou também um significativo avanço referente ao ingresso no ensino fundamental, pois, atualmente, um pouco mais da metade dos jovens com idade acima de 17 anos já completaram esse nível de ensino, embora a taxa de retenção no 2º ciclo continue bastante elevada. Por outro lado, a maioria dos alunos que acabam o ensino fundamental ingressa no ensino médio e cerca de 70% o completam (IPEA, 2005). Os dados da PNAD, com relação à conclusão do ensino superior, indicam que na faixa entre 18 e 21 anos, 14% dos jovens concluíram o ensino superior e que no segmento 22-24 anos, 18,7% concluíram esse nível de ensino (CORROCHANO et al, 2008).

No entanto, mesmo com essa notável expansão do acesso ao ensino, os dados da UNESCO revelam que cerca de 40% dos jovens brasileiros interromperam os estudos entre 16 e 18 anos e 30% pararam de estudar entre os 19 e 24 anos. Segundo a pesquisa da UNESCO (2004), quatro são as principais razões que motivam o jovem brasileiro a interromper os estudos: a oportunidade de emprego (27,2%), a dificuldade financeira (14,1%), a gravidez (11,2%) e a conclusão do ensino médio (10,5%).

Considerando a diferença entre os gêneros, a oportunidade de emprego como fato de evasão escolar está bastante concentrado no gênero masculino (aproximadamente 75% dos que usam essa justificativa são homens). Por seu lado, a gravidez é uma razão da evasão escolar exclusivamente feminina, o mesmo sucedendo, embora de forma menos nítida, com aqueles que assumem a conclusão do ensino médio como razão para o abandono, pois também aí as mulheres se encontram sobrerrepresentadas (56%). Finalmente, a evocação de “dificuldades

financeiras” é praticamente independente do gênero, encontrando um peso semelhante em ambos. Esses dados, analisados com foco em gênero, mostram o reflexo da cultura brasileira que associa a esfera pública e o papel de chefe de família ao masculino, cabendo ao gênero feminino a esfera privada, esfera essa que possibilita às mulheres mais anos de estudo, mas, ao mesmo tempo, em caso de gravidez a evasão é quase regra para as mulheres, enquanto a paternidade não afeta a inserção na escola.

É significativo destacar que essas quatro principais razões para a evasão atingem os jovens com maior ou menor intensidade consoante as fases em que estes se encontram no processo de transição para a vida adulta. A oportunidade de emprego, por exemplo, é um fator mais significativo para os jovens entre 27 e 29 anos, enquanto a dificuldade financeira é citada com mais frequência na faixa etária entre 21 e 23 anos, a gravidez é um fator mais relevante para as jovens entre 15 e 17 anos e a conclusão do ensino médio é mais citada por jovens entre 18 e 20 anos. A necessidade de interromper os estudos é, portanto, outro importante marco nas transições, porque as aspirações relacionadas ao mercado de trabalho exigem em geral uma perspectiva de longo prazo, mas a realidade vivenciada no caso brasileiro por cerca de 41,3% dos jovens lhes impele a definir por ações de curto prazo, com inserção imediata no mercado e interrupção do processo de educação formal. A pesquisa realizada por Guerreiro e Abrantes (2004), em Portugal, apontou de forma similar que a necessidade urgente de dinheiro, a doença prolongada ou gravidez (no caso das mulheres) são com frequência as causas imediatas do abandono, até porque, segundo esses autores as escolas não possuem recursos para lidar com essas situações. Na Inglaterra, segundo Roberts, Clarck e Wallace (1994) o fator mais comum que suscita a evasão escolar antecipada é a identificação de uma oportunidade de inserção no trabalho. As consequências dessa tensão são bem analisadas por Weller (2007) ao argumentar que:

(...) muitos jovens enfrentam urgências de curto prazo que os empurram ao abandono escolar precoce, impedindo-os de continuar a sua educação e obrigando-os a aceitar qualquer emprego disponível para gerar as receitas necessárias para a sua casa. Enquanto para os jovens de famílias pobres essa tensão é evidente em uma idade precoce, para outros, o confronto entre as aspirações de longo prazo e as urgências de curto prazo surgem com a responsabilidade de uma nova família (Weller, 2007, p. 74, tradução nossa).²⁹

²⁹ Sin embargo, muchos jóvenes enfrentan urgencias de corto plazo que los empujan a desertar tempranamente del sistema escolar, les impiden retomar sus estudios y los obligan a aceptar cualquier empleo disponible para generar ingresos laborales indispensables para su hogar. Mientras que para los jóvenes provenientes de hogares pobres esta tensión se hace patente a temprana edad, para otros el choque entre las aspiraciones de largo plazo y las urgencias de corto plazo surge con las responsabilidades que conlleva una familia propia.

A taxa de evasão escolar no Brasil é bastante elevada. Cerca de 60% dos jovens brasileiros entre 15 e 29 anos já estudou e não estuda mais, porcentagem que sobe conforme a idade avança: 17% de jovens entre os 15 e 17 anos que já estudaram e não estudam mais; entre 18 e 20 anos essa porcentagem sobe para 58%; entre os 21 e 23 anos atinge 73,7%; entre 24 e 26 cerca de 80% e; por fim, entre 27 e 29 anos temos 86% de jovens nessa situação. As taxas de frequência escolar declinam com a idade, o que provoca impacto na qualificação e consequentemente na inserção no mercado de trabalho. A evasão escolar é nitidamente mais elevada nos grupos mais vulneráveis – classes mais baixas, pais descapitalizados por motivo de instrução – fatores que no médio e longo prazo só contribuem para a manutenção da estrutura social e das desigualdades.

Em contraponto com as elevadas taxas de evasão, a pesquisa da UNESCO, quando verifica o grau de satisfação dos jovens com relação ao grau de escolaridade, demonstra que 57% estão insatisfeitos. A porcentagem de insatisfação é maior quanto menor o grau de escolaridade, no entanto, é interessante notar que 32,7% dos jovens que completaram o ensino superior ainda estão insatisfeitos com seu grau de instrução.

Esse resultado sugere que estamos diante de mais algumas marcantes características das transições vivenciadas pela juventude brasileira na interface escola e trabalho, pois apesar de 57% dos jovens brasileiros estarem insatisfeitos com o grau de escolaridade, 58% dos jovens entre os 18 e 20 anos já não estudam mais e a maior parte parou de estudar porque encontrou uma oportunidade de trabalho. Guerreiro e Abrantes (2004) sugerem que esse conflito entre a vontade ou necessidade de trabalhar e o aumento das aspirações escolares explica, em parte, a massificação do ensino que ocorreu em Portugal, no turno da noite. O estudo no turno da noite representa a possibilidade de conciliar trabalho e estudo, tanto no nível médio quanto no superior³⁰.

No caso sul-americano, a insatisfação com o grau de escolaridade é revelada por Sepúlveda (2006) em uma pesquisa empírica realizada em duas regiões de baixa renda situadas na Região Metropolitana de Santiago, no Chile. O autor aponta que é frequente a percepção de que o ensino médio não assegura a inserção no mercado de trabalho. Em suas palavras: “*a ideia de continuar os estudos é um desejo generalizado de um vasto leque de jovens de ambos*

³⁰ Corrochano e Nakano (2008) fazem uma compilação dos resultados de todas as dissertações e teses já publicadas no Brasil sobre jovens e cursos noturnos a partir de três eixos temáticos: 1- significados, representações e experiência sobre a escola e o trabalho, 2- Adequação do curso noturno aos estudantes trabalhadores e 3- Fracasso escolar: evasão e repetência de estudantes trabalhadores no curso noturno.

os sexos e em diferentes níveis de escolaridade” (SEPÚLVEDA, 2006, p.137, tradução nossa)³¹.

Mas, voltando ao Brasil, outra questão evidenciada pela pesquisa da UNESCO (2004), a ser realçada, é que o grau de insatisfação também aumenta nas faixas etárias juvenis mais elevadas. Cerca de 70% dos jovens situados entre os 27 e 29 anos estão insatisfeitos com o grau de escolaridade, enquanto essa insatisfação atinge 30% no grupo de jovens na faixa etária entre 15 e 17 anos. A satisfação ou insatisfação com o grau de escolaridade aparentemente tem pouca relação com a classe socioeconômica, o que não deixa de ser sintomático das diferentes aspirações escolares, uma vez que, para iguais níveis de escolaridade, as classes altas tenderão a se mostrar mais insatisfeitas com os patamares obtidos. As classes A/B têm um grau de satisfação mais elevado, mas mesmo assim, 46% dos seus membros estão insatisfeitos com o grau de escolaridade. A pesquisa não define o que os entrevistados consideram como causa de insatisfação. É importante notar que 32,7% dos jovens que atingem o nível superior não estão satisfeitos com o grau de escolaridade, o que parece apontar para uma crescente valorização da educação continuada ao longo da vida e para a tensão gerada, em comparação com décadas anteriores, com o nível de escolaridade atingido e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Tabela 1 - Distribuição dos jovens segundo satisfação com o atual grau de escolaridade, por grau de instrução, Brasil, 2004.

Satisfação com o grau de Escolaridade	Grau de Instrução				Total
	Até a 4ª Série do Fundamental	5ª a 8ª Série do Fundamental	Ensino Médio	Superior	
Satisfeito	3.771.514	6.489.740	7.711.931	2.321.919	20.295.104
	35,4%	39,9%	45,0%	67,1%	42,7%
Insatisfeito	6.824.621	9.756.993	9.350.394	1.132.334	27.064.342
	64,1%	59,9%	54,6%	32,7%	57,0%
Não sabe/Não opinou	47.791	33.470	57.323	4.779	143.363
	0,4%	0,2%	0,3%	0,1%	0,3%
Total	10.643.926	16.280.203	17.119.648	3.459.032	47.502.809
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa "Juventude, Juventudes: o que une e o que separa". UNESCO, 2004.
Solicitou-se ao jovem: "Independente de você estar estudando hoje, gostaria de saber se você está ou não está satisfeito com o seu atual grau de Escolaridade?" (p.05)

A crescente importância da chamada educação continuada pode implicar em uma tensão duradoura e com efeitos na organização do tempo livre, em particular, nas sociabilidades e na

³¹ (...) la idea de continuar estudios es un deseo extendido en un amplio rango de jóvenes de ambos sexos y con distintos niveles de escolaridad.

vida social e familiar, levando uma parte deles a postergar a formação de família e a chegada dos filhos. Como apontam Guerreiro e Abrantes (2004), as pesquisas em Portugal revelaram que a ênfase na formação ao longo da vida contribui para diluir as fronteiras que antes configuravam limites entre os períodos de formação, ingresso no mercado de trabalho e constituição de uma nova família. Agora, ao que parece, os projetos de vida têm que lidar com as interconexões constantes e fluidas entre essas diversas esferas – trabalho, educação e família. Retomamos aqui as reflexões de Bourdieu (2007) acerca desse tema, já apontadas no primeiro capítulo. Parte da explicação para a expansão do processo de educação continuada encontra-se justamente no desajuste entre as oportunidades objetivas e esperanças subjetivas, experienciado pelos agentes sociais, nomeadamente no que concerne à possibilidade de concretizarem certos valores do trabalho. A continuidade dos estudos é uma forma de o jovem manifestar para si e para os outros, que não está “acabado”, em final de carreira ou das contas, imobilizado em termos de trajetória social. (BOURDIEU, 2007, p. 150).

No entanto, é necessário destacar que a permanência dos jovens no sistema escolar muitas vezes implica em algumas consequências para a família, como aponta Kaztman (1999), ao referir-se à necessidade de respaldos materiais e não materiais exigidos pelos jovens nessa situação. Do ponto de vista material, a família arca por um período maior tanto com as despesas de educação e de consumo quanto com o fato de não ter nenhum aporte financeiro de muitos jovens nessa fase. Além disso, segundo o autor, é importante que a família consiga transmitir os valores e sustentar a motivação capaz de impelir o jovem a acreditar que os sacrifícios de agora resultarão em benefícios no futuro.

Ao mesmo tempo em que a década de 1990 é marcada pelo amplo acesso à educação, convive com a redução de oportunidades de trabalho que afeta sensivelmente a juventude. Os dados do Ministério do Trabalho revelam o decréscimo sensível de postos de trabalho formal entre os anos de 1989 e 1999: para os jovens entre 15 e 17 anos, caiu aproximadamente em 60%, e entre 18 e 24 anos decresceu cerca de 15% (SPOSITO, 2003). Os jovens constituem a faixa da população economicamente ativa mais atingida pelo desemprego. Enquanto, no Brasil, em 2001, os índices de desemprego totais chegaram a 12,1%, para os jovens entre 15 e 19 foram de 27,3%; situando-se em 18,9%, na faixa etária 20-24 anos. Esse problema é particularmente dramático para os jovens dos 15 aos 19 anos, moradores das regiões metropolitanas que chegam a atingir taxas de desemprego na casa dos 40%. Esses índices de desocupação ainda são maiores entre as mulheres e negros (SPOSITO, 2003).

Dentre os principais fatores apontados como explicações para a redução das oportunidades que se coadunam com a dificuldade de acesso do jovem ao trabalho estão as recentes modificações na estrutura produtiva que transformam as atividades, alteram o funcionamento do mercado e modificam os modos de vida (MARTINS, 1997). Os novos sistemas de emprego encerram dinâmicas crescentes de flexibilização e desregulamentação, que levam à precarização e à individualização das condições de trabalho. Instala-se, desse modo, uma característica importante na trajetória da juventude brasileira: uma população com melhor nível de escolaridade que se confronta com um mercado mais reduzido e mais seletivo, em razão da maior oferta de mão de obra cada vez mais qualificada.

Novaes (2006) comenta que, em várias pesquisas, ao se perguntar aos jovens sobre os dois maiores problemas do país, obtêm-se como respostas mais frequentes o desemprego e a violência. A autora explica que o medo do futuro é quase sempre um sinônimo do medo de “sobrar” e está muito relacionado à inserção no mundo do trabalho. Esse medo atravessa as diferentes classes sociais, ter estudos não é garantia de trabalho e ter trabalho não é garantia de continuar trabalhando. Apesar do “medo de sobrar” ser transversal às diversas classes, é fundamental ressaltar que a “estrutura do risco” é, na realidade, claramente assimétrica (GUERREIRO & ABRANTES, 2004), e afeta de forma mais acentuada as categorias sociais mais descapitalizadas.

Uma análise nessa direção pode ser realizada, por exemplo, com relação à situação atual de trabalho. A supracitada pesquisa da UNESCO (2004) revela que 56,1% dos jovens estavam trabalhando; 26,7% já trabalharam, embora não estivessem trabalhando no momento da pesquisa e 17,2% nunca trabalhou. Correlacionando os dados de educação e emprego revelados pela PNAD (2006), Rocha (2007) aponta que apesar do avanço quanto ao acesso à escola, as taxas de frequência escolar declinam com a idade e sua combinação com a defasagem escolar resulta em baixos níveis de escolaridade para um número significativo de jovens em todas as faixas etárias. Esse dado é significativo porque o mercado tende a excluir indivíduos com pouca escolaridade. De acordo com a mesma autora, os dados comprovam que os jovens pouco qualificados têm, geralmente, maiores dificuldades de inserção no mercado, o que reflete em menor taxa de atividade e em ocupações de pior qualidade³². No que se refere à taxa de desemprego, verifica-se, contudo, que entre os jovens pouco

³² Os dados da PNAD 2005 revelam que 27% dos jovens pobres são inativos e a maior proporção destes jovens se dedica a atividades de subsistência e de baixa ou nenhuma remuneração.

qualificados ela é menor do que a taxa de desemprego dos jovens em geral, porque eles têm menor condição de seletividade. (ROCHA, 2007)

A Tabela 2 abaixo, que abrange a população de jovens entre 15 e 29 anos, confirma essa situação apontada por Rocha e ainda revela que 80,7% dos jovens que estudaram até a 4ª série do ensino fundamental já não estudam mais.

Tabela 2 - Distribuição dos jovens segundo situação atual em relação ao estudo, por classe grau de instrução, Brasil, 2004.

Situação Atual em Relação ao Estudo	Grau De Instrução				Total
	Até a 4ª Série do Fundamental	5ª a 8ª Série do Fundamental	Ensino Médio	Superior	
Está estudando	1.797.137	6.632.735	7.324.728	2.441.317	18.195.917
	16,4%	40,7%	42,8%	70,6%	38,0%
Já estudou, mas não estuda	8.846.789	9.647.468	9.794.919	1.017.715	29.306.891
	80,7%	59,2%	57,2%	29,4%	61,3%
Nunca estudou	320.305	4.779	4.779	0	329.863
	2,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%
Total	10.964.231	16.284.982	17.124.426	3.459.032,00	47.832.671,00
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa "Juventude, Juventudes: o que une e o que separa". UNESCO, 2004. Solicitou-se ao jovem: "Atualmente, você:" (p.03)

A dinâmica típica da relação entre educação e trabalho em toda a América Latina é a mesma: os jovens com os níveis de educação mais baixos e mais altos têm menores níveis de desemprego, sendo aqueles que possuem níveis de ensino médio os que se confrontam com taxas de emprego mais elevadas. Os dados da Tabela 3 abaixo comprovam esse argumento – a taxa de desemprego dos jovens pouco qualificados é menor do que a daqueles que se encontram entre a 5ª e a 8ª série do ensino fundamental ou no ensino médio. Estes últimos enfrentam maior dificuldade de inserção no mercado.

Tabela 3 - Distribuição dos jovens segundo indicação da situação em relação ao trabalho, por grau de instrução, Brasil, 2004.

Indicação	Grau de Instrução				Total
	Até a 4ª Série do Ensino Fundamental	5ª à 8ª Série do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	
Está trabalhando	6.624.581	8.386.135	9.455.612	2.355.417	26.821.746
	60,4%	51,5%	55,2%	68,1%	56,1%
Não está trabalhando, mas já trabalhou	3.116.073	4.592.145	4.281.093	783.517	12.772.828
	28,4%	28,2%	25,0%	22,7%	26,7%
Não está e nunca trabalhou	1.223.576	3.306.701	3.387.721	320.098	8.238.096
	11,2%	20,3%	19,8%	9,3%	17,2%
Total	10.964.230	16.284.981	17.124.426	3.459.032	47.832.670
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa "Juventude, Juventudes: o que une e o que separa". UNESCO, 2004. Foi perguntado ao jovem: "Você, atualmente, está ou não está trabalhando?"

O desemprego juvenil não é um fenômeno especificamente brasileiro ou latino-americano. Segundo Kliskberg (2005), dados da Organização Ibero-Americana da Juventude (2005), mostram que o desemprego entre os jovens é cinco vezes maior do que o verificado entre os adultos acima de 45 anos. Segundo Rocha (2007), na Comunidade Econômica Europeia, por exemplo, a taxa de desemprego dos jovens de 15 a 25 anos é mais que o dobro da taxa geral, respectivamente 16,6% e 7,8%, em Setembro de 2006. O desemprego juvenil é um problema estrutural e global pelo fato de comprometer o desenvolvimento social e econômico de gerações futuras. O não ingresso no mercado de trabalho gera um profundo impacto, tanto no nível individual como social. Para Ramírez-Guerrero (2002) o desemprego juvenil é estrutural em dois sentidos:

(...) por um lado responde às mudanças fundamentais nos mercados de trabalho de todos os países envolvidos nos processos de globalização, por outro, às profundas lacunas na oferta de qualificação profissional de jovens socialmente desfavorecidos, que são herança e mecanismos de reprodução da exclusão social (RAMÍREZ-GUERRERO, 2002, p. 93, tradução nossa).³³

Segundo o autor, a precarização da inclusão no mundo do trabalho e a carência de garantias sociais têm impacto na tomada de decisões, no desenvolvimento da capacidade de planejamento e de administração, no desenvolvimento da autonomia e da integração social. Ramírez-Guerrero (2002) comenta que os dados da Organização Internacional do Trabalho apontam que atualmente cerca de 70 milhões de jovens no mundo buscam em vão um emprego. Essa situação gera um contingente de jovens que nem estudam nem trabalham em uma fase muito importante da sua trajetória. É razoável supor que a indefinição de seus papéis enquanto trabalhadores e cidadãos pode acarretar diversas frustrações a nível individual.

Os dados da PNAD mostram que 41,3% dos jovens trabalham e não estudam; 15,4 trabalham e estudam; 3,7% estão desempregados e estudam; 6,1% estão desempregados e não estudam, 20,8% apenas estudam e, talvez o mais alarmante, 12,7% não trabalham, não procuram trabalho e não estudam. Uma pesquisa de campo, realizada em espaços públicos em Belo Horizonte, revelou que dentre os garotos frequentadores de uma determinada praça, localizada na periferia da cidade, a maioria não trabalhava nem estudava. Foram entrevistados dez garotos, entre os quais, apenas dois estavam estudando e três estavam trabalhando naquele momento e mesmo assim no setor informal (JAYME, ALMEIDA, ANDRADE, 2005).

³³ (...) de una parte responde a cambios fundamentales en los mercados de trabajo de todos los países, asociados al proceso de la globalización, de la otra, a las carencias profundas de la dotación de competencias laborales de los jóvenes socialmente desaventajados, que son la vez herencia y mecanismo reproductor de la exclusión social.

Machado Pais (1991), ao refletir sobre emprego juvenil e mudança social, com base nos dados do *Inquérito à Juventude Portuguesa* realizado pelo Instituto de Ciências Sociais (1968-87), e a partir da observação etnográfica por ele efetuada em três meios sociais distintos na região metropolitana de Lisboa, enfatiza que os principais trabalhos e estudo sobre o desemprego foram realizados no quadro teórico da Economia e orientados para a análise das causas estruturais e conjunturais do desemprego, desconsiderando as consequências subjetivas da experiência do desemprego. Alguns estudos mais recentes, produzidos no campo da Sociologia, dentre os quais destacamos Bajoit e Franssen (1997) sobre jovens franceses, Blasco (2008) a respeito de jovens espanhóis, Guerreiro e Abrantes (2004) e o próprio Machado Pais (2001) acerca de jovens portugueses, Chiesi e Martinelli (1997) a propósito de jovens italianos, Sepúlveda (2007) abordando a juventude chilena, Martins (1997) e Sansone (2003) investigando a realidade brasileira têm em comum o propósito de revelar a forma como o desemprego é cotidianamente sentido, vivido ou percebido por jovens em diferentes condições sociais.

Para Machado Pais (1991), os jovens vivenciam desigualmente o desemprego, em função das suas trajetórias, e dos valores e expectativa do seu grupo de pertencimento, o que levará consequentemente a diferentes sentidos atribuídos tanto ao trabalho quanto ao desemprego. Citamos, como exemplo, a pesquisa realizada por Sansone (2003), em algumas comunidades em Salvador e Rio de Janeiro. Nesta, consta que, para os jovens, a noção de emprego se torna mais rígida à medida que aumenta o grau de escolaridade. Na realidade portuguesa, segundo Guerreiro e Abrantes (2004), nos discursos dos jovens há uma distinção entre os trabalhos acessíveis, que permitem alguma experiência profissional, mas que são precários e os desejáveis, compreendidos como os empregos que proporcionam condições de projeção de futuro mais satisfatórias, mas dificilmente alcançáveis.

A pesquisa da UNESCO (2004) mostra que 22,8% dos jovens estavam desocupados na época da entrevista. É significativo o salto dado na passagem da faixa etária de 15 a 17 anos para a 18 a 20 anos, tanto no que se refere à ocupação como à inatividade, é o que revela a Tabela 4.

Tabela 4 - Distribuição dos jovens segundo ocupação, desocupação e inatividade, por faixa etária, Brasil, 2004.

Indicação	Faixa Etária					Total
	15 a 17	18 a 20	21 a 23	24 a 26	27 a 29	
Ocupados	2.967.577	5.657.890	6.274.150	6.011.188	5.910.941	26.821.746
	28,4%	54,0%	63,7%	68,4%	71,8%	56,1%
Desocupados	3.230.155	2.981.549	2.073.630	1.409.535	1.199.238	10.894.107
	30,9%	28,4%	21,0%	16,0%	14,6%	22,8%
Inativos	4.257.996	1.844.638	1.505.332	1.366.770	1.122.983	10.097.719
	40,7%	17,6%	15,3%	15,6%	13,6%	21,1%
Total	10.455.728	10.484.077	9.853.112	8.787.493	8.233.162	47.813.572
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa "Juventude, Juventudes: o que une e o que separa". UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: "Você, atualmente, está ou não está trabalhando?" e "Independente de você estar trabalhando ou não, você, atualmente, está ou não está procurando algum trabalho?"

Sansone (2003) mostra que muitos jovens abaixo de 25 anos vivem uma situação de espera e de inatividade de fato, também porque preferem aguardar o trabalho idealizado e correspondente ao seu nível escolar. A dependência financeira parece ser menos importante, pelo menos até certo momento, do que a perda do status entre os amigos, gerada pela realização de um trabalho distante das expectativas criadas pela escola, mídia e turma. A pesquisa de Sansone revela que alguns jovens preferem trabalhos com baixa remuneração, por exemplo, como lojistas, do que desenvolver atividades que afetariam seu status na turma, como garis, faxineiros e empregadas domésticas, distinguindo-se assim da geração dos seus pais:

“(...) as poucas informantes jovens da pesquisa que trabalhavam como lavadeira, faxineira e empregada doméstica não definiam essas atividades como profissões (declaram não ter profissão) e às vezes se declaravam desempregadas. Contrariamente, havia mulheres, geralmente acima dos 40 anos, que era efetivamente desempregadas mas declaravam ter uma profissão, nomeadamente, faxineira, lavadeira, doceira. (SANSONE, 2003, 253).

Essa perda de *status* demonstrada por Sansone (2006) nos parece similar à “desclassificação” expressa na obra de Bourdieu (2007). Para esse último, o simples acesso a um nível de ensino leva os grupos (ou classes) a esperar as mesmas oportunidades que este acesso proporcionava a outras gerações, em períodos anteriores. No entanto, os dados comprovam justamente que na década de 1990, no Brasil, apesar dos jovens terem mais anos de estudo, do que a geração anterior, eles estão enfrentando maiores dificuldades de inserção no mercado. Não obstante as especificidades, as analogias com o cenário francês, traçado por Bourdieu na década de 1970, são evidentes.

A luta dessa “geração enganada” contra a “desclassificação” segundo Bourdieu (2007) vem acompanhada de algumas consequências como o questionamento da identidade social e da

imagem de si mesmo, a recusa de assumir certos veredictos e investimentos propostos pela ordem social, a denúncia de pressupostos tacitamente assumidos, a suspensão de determinados valores e a queda da adesão aos desafios propostos por essa ordem vigente.

No que se refere à suspensão de determinados valores, associados à “classificação” e à “desclassificação”, Sansone percebe que há um colapso do sistema de *status* baseado nas posições ocupacionais dos pais, em boa parte fruto da perda de poder aquisitivo somada ao estilo de vida da sociedade de consumo, na qual o acesso a bens visíveis é determinante para se atingir determinado status. Em suas palavras:

(...) a maioria dos pais sempre trabalhou, mas ficou simbolicamente afastada dos valores da classe média ao passo que a maioria dos filhos é muito mais próxima dos valores da classe média, mas, devido a uma combinação de exclusão e autoexclusão, fica hiperdesempregada. (SANSONE, 2003, p. 258)

Os pais veem seus filhos como o desejo do que queriam alcançar, no entanto, esse nível de escolaridade não acompanha a seletividade do mercado e a especialização crescente das novas profissões. Segundo Sansone (2003), o tipo ideal de emprego, aquele sonhado por toda a família, parece ser uma araba fênix, quando acham que dele podem se aproximar, logo ele se afasta. Para o autor, os pais satisfeitos e realizados com o grau de escolaridade alcançado pelos filhos e os filhos frustrados com seus próprios sonhos profissionais geram uma tensão que pode diminuir a motivação para se avançar nos estudos.

Na mesma direção estão as reflexões de Sepúlveda (2006), a partir da realidade chilena. Com efeito, o autor constata que os níveis de escolaridade alcançados pelos filhos são mais elevados que os de seus pais, mas que as formas de incorporação no mercado de trabalho são iguais ou piores. Esse fato gera, entre os jovens, percepções distintas, mas complementares, ou seja:

Por uma parte, a percepção de que há menos oportunidades de emprego (agora não há por onde pegar), mas também uma questão não menos importante, e que responde a uma diferença significativa entre adultos e as novas gerações mais escolarizadas, a disposição real ao desenvolvimento de algum tipo de trabalho por parte dos jovens (não querem trabalhar nisso). (SEPÚLVEDA, 2006, p. 141, tradução nossa)³⁴

Para Sepúlveda (2006) há um desajuste de expectativas na medida em que grande parte dos jovens reforça que a oferta de trabalho não corresponde ao seu nível de estudos ou ao esforço

³⁴ Por una parte, la percepción de que existen menos oportunidades laborales (ahora no hay pega), pero también una cuestión no menor, y que responde a una diferencia significativa entre los adultos y las nuevas generaciones más escolarizadas, la disposición real al desarrollo de algún tipo de trabajo por parte de los jóvenes (no se quiere trabajar en eso).

realizado para alcançar um maior desenvolvimento pessoal, gerando experiências de “desclassificação” e “desencantamento”. A defasagem entre o esperado e o atingido pode resultar na ampliação do tempo de espera para o ingresso no mercado, situação que, por sua vez, se encontra na base de outra clivagem: mesmo mais preparado, o jovem tem menor autonomia financeira e maior dependência. Tal cenário altera a configuração do circuito família-escola-trabalho, imprimindo maior relativização e fluidez a esses processos e trânsitos. No quesito “autonomia financeira”, no exemplo da pesquisa da UNESCO (2004), 42,7% dos jovens brasileiros vivem exclusivamente da renda de outras pessoas. Essa porcentagem é maior no grupo entre 15 e 17 anos, em que 73% dos jovens dependem exclusivamente da renda de outras pessoas, mas mesmo nos grupos entre 24 e 26 anos e entre 27 e 29 anos a porcentagem é elevada: 27,4% e 25,2%, respectivamente, dependem exclusivamente da renda de outros indivíduos.

Como seria de esperar, percebe-se que há uma evolução ascendente do grau de autonomia financeira em relação à faixa etária. No entanto, apenas 37,4% dos jovens entre 27 e 29 anos vivem exclusivamente da renda própria. Em geral, o ganho de autonomia financeira é maior na transição entre as faixas etárias de 15 a 17 para 18 a 20 anos. Uma consideração relevante é que o grau de autonomia financeira em relação à renda não tem tanta diferença em função da classe socioeconômica.

As pesquisas internacionais têm ressaltado o fato da ampliação do tempo em que os jovens permanecem na casa dos pais. No caso espanhol, Blasco (2008) aponta que 63% dos jovens entre 15 e 29 anos vivem com os pais. No grupo entre 25 e 29 anos, 39% dos homens e 29% das mulheres que estão empregados ainda vivem com os pais e a justificativa é a de que esperam que as circunstâncias estejam mais favoráveis antes de sua saída da casa da família de origem.

Mas quais são as principais razões para a falta de trabalho, segundo o ponto de vista dos jovens? Conforme a supracitada pesquisa da UNESCO (2004), quando os jovens são consultados sobre a principal razão para estarem sem trabalho ou nunca terem trabalhado, cinco são os fatores apontados com mais frequência: “falta de experiência” (14,3%), “apenas estuda” (13,8%), “pela situação atual do país” (11,8%), “idade” (10,5%) ou “não estudou o suficiente” (9,0 %). A “falta de experiência” enquanto motivo para estar sem trabalho é a principal justificativa sugerida pelos jovens dos 18 aos 29 anos. O fato de “apenas estudar” enquanto argumento para estar sem trabalho é um fator concentrado nos jovens com idade

entre 15 e 17 anos e 18 a 20 anos (27,1%). Para cerca de 50% dos jovens entre 15 e 17 anos os fatores “idade” e “apenas estuda” são as principais razões para o fato de não trabalhar.

A “falta de experiência” e a “idade” enquanto razões para estar sem trabalho não variam em função da classe socioeconômica. Já o fato de “apenas estudar” representa o motivo principal para se estar sem trabalho para 26,2% dos jovens de classe A e B, 16,4% para os jovens de classe C e apenas 9,8% para as classes D e E. A “situação atual do país” que, em geral, representa um fator citado por 11,8% dos jovens, varia de 12,9% nas classes D e E, para 11,5% na classe C e 7,7% nas classes A e B. O fator “não ter estudado o suficiente” é apontado por 4,0% dos jovens das classes A e B; por 7,4% dos jovens da classe C e, adquirindo por sua vez, um peso de 10,9% nas classes D e E. Ressalta-se, portanto, que os fatores associados ao fato de se estudar quer a importância atribuída à situação socioeconômica do país atingem os jovens de forma distinta em função da classe social.

A situação de 43% dos jovens na principal atividade que exercem ou já exerceram é a de empregado sem carteira assinada. Por sua vez, aproximadamente 25% são de empregados com carteira assinada e 27,9% são ou foram profissionais liberais. Apenas 0,5% relataram que são ou foram empregadores. Sepúlveda (2006) aponta esse fator como mais uma questão a ser investigada, pois entre o grupo de jovens chilenos, pesquisado por ele, também se destaca a baixa incidência de atividades econômicas empreendidas pelos jovens. Entre os argumentos para justificar a reticência em apostar na criação de empresas, o jovem relata a falta de capital econômico, o alto risco e a saturação dos mercados.

No Brasil, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, segundo a percepção dos jovens, está bastante associada aos limites dos processos de formação, ou seja, à falta de experiência e de estudos. Cerca de 9% consideram que a principal razão para estar sem trabalho reside no fato de não ter estudado o suficiente e 3,9% consideram que lhes falta especialização. (UNESCO, 2004).

Do ponto de vista dos canais de acesso às oportunidades profissionais, para cerca de 80% dos jovens entrevistados o principal meio utilizado para encontrar um trabalho é a indicação de amigos, conhecidos ou familiares. Esses meios variam pouco em função da faixa etária, da classe socioeconômica ou do gênero. Registra-se sim uma variação significativa com relação ao grau de instrução, pois para 40% dos jovens que atingem o nível superior, os amigos ou conhecidos representaram o meio utilizado para encontrar trabalho, ao passo que 18%

dependem da família como canal de acesso às oportunidades profissionais e 15% do grupo indicam a escola/faculdade. (UNESCO, 2004).

Dados semelhantes são apresentados em uma pesquisa realizada pela Fundação João Pinheiro na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Aí se revela que 86,2% conseguem emprego com a ajuda de parentes e 4,9% por meio de agências e sindicatos, 2,6% por meio de currículos encaminhados às empresas, 2,1% a partir de respostas a anúncios, 1% por concurso e, apenas, 0,1% pelo SINE (Sistema Nacional de Emprego). Esses resultados reforçam uma tensão apontada por Weller (2007):

(...) os jovens vivem a tensão entre um discurso "meritocrático" – ao qual eles respondem com a vontade de fazer grandes esforços e sacrifícios pessoais para continuar a sua educação e inserção laboral - e uma realidade do mercado de trabalho em que os contactos pessoais e recomendações muitas vezes desempenham um papel importante no acesso aos empregos atraentes (WELLER, 2007, p.74, tradução nossa).³⁵

Além disso, a dificuldade de inserção no mercado revela o descompasso entre o sistema de emprego e as demandas do mercado. Segundo o estudo da UNESCO (2004), 61% dos jovens afirmam que não há relação entre os estudos e a atividade profissional efetivamente desempenhada. Essa afirmação tem pouca variação considerando a faixa etária, mas quando se analisa o grau de instrução, considerando os jovens que trabalhavam e estudavam no período da pesquisa, percebe-se que a relação entre a atividade e os estudos realizados aumenta quando o grau de instrução se eleva. Para os jovens que possuem ensino médio a relação é apontada por cerca de 29%, enquanto 65% dos jovens que possuem curso superior notam a relação entre trabalho e estudo. É necessário que se reflita de forma crescentemente aprofundada sobre o tão propalado desajustamento. Ao que tudo indica, para a maioria daqueles que concluem o curso superior existe um ajustamento, pelo menos parcial, entre a sua formação e as demandas do mercado.

Como demonstram os dados apresentados até aqui, os processos de transição para a vida adulta vivenciados pela juventude brasileira são elaborados em uma realidade marcada por fortes tensões e antagonismos. Vale a pena então sublinhar que as transições são compostas por aspectos que se distinguem quando analisamos determinados grupos compostos por classes, gênero, cor e idades distintas.

³⁵ (...) los jóvenes viven la tensión entre un discurso "meritocrático" – al que responden con la disposición de hacer grandes esfuerzos y sacrificios personales para avanzar en su educación e inserción laboral – y una realidad del mercado de trabajo en que los contactos personales y las recomendaciones desempeñan con frecuencia un importante papel en el acceso a empleos atractivos.

3.2 O acesso ao ensino superior e o processo de transição para a vida adulta do jovem brasileiro

É nesse cenário de avanço de escolaridade e retração de mercado de trabalho que os jovens conseguem ultrapassar uma série de barreiras e limites até alcançar o ensino superior. Considerando os desafios que os jovens brasileiros enfrentam no processo de inserção no mercado de trabalho, Schwartzman e Cossío (1997) afirmam que a educação condiciona não somente a maior probabilidade de obter um emprego, mas também a possibilidade de ter acesso a postos de trabalho melhor remunerados.

Nesse sentido, o acesso ao ensino superior, no Brasil, já representou, especialmente nos anos 70 e 80, um marco muito importante na transição para a vida adulta, momento em que esse acesso “era o ‘passaporte’ quase imprescindível para ocupar as oportunidades melhores remuneradas e mais valorizadas que se abriam na burocracia estatal e nas grandes empresas que se instalavam no país” (CARVALHO, 2004, 80). O acesso ao ensino superior como um marco na transição para a vida adulta se configurou, segundo Carvalho (2004), em um cenário com taxa média anual de expansão da produção de quase 7%, momento em que as famílias de classe média e alta se tornaram as principais beneficiárias da ampliação das oportunidades ocupacionais, e da expansão da sociedade de consumo. Em suma, as possibilidades de mobilidade social ascendente vinculavam-se muito aos investimentos na formação universitária.

Até a década de 1960, a centena de instituições existente no Brasil servia para a reprodução das elites abrigando um pouco mais de 100 mil alunos, com predominância do gênero masculino. A partir de então, verificou-se um crescimento substancial de instituições de ensino, a qual ocorre marcadamente em dois períodos distintos: o primeiro dos anos 60 a meados dos anos 80 (em que o crescimento se deu especialmente por meio de instituições privadas, com um significativo aumento do número de alunos matriculados); e o segundo entre final da década de 90 e 2005. Entre 1960 e 1980, o número de matrículas na graduação passa de cerca de 200 mil para 1,4 milhões de estudantes.

A segunda fase de crescimento expressivo faz disparar o número de estudantes de 3,4 milhões, em 2001, para 4,8 milhões, em 2005 (Schwartzman, 2006, 2). Esse período é marcado, segundo Schwartzman (2006), que recorre aos dados da PNAD, por um incremento do acesso tanto do segmento de mais baixa renda, quanto da população não branca. “A

população de renda relativamente mais baixa, dos três quintos de renda inferiores, que era de 12.1% em 2001, passou para 14.1% em 2005; a população não branca, que era 23,2% em 2001, passou para 30.8% em 2005.” (SCHWARTZMAN, 2006, p. 2-3).

Com relação ao perfil do aluno que ingressa hoje no ensino superior no Brasil, Andrade e Dachs (2007), também ancorados nos dados da PNAD de 2003, revelam que 13% dos jovens têm acesso a esse patamar de formação e que o crescimento do acesso ao ensino superior se vê acompanhado de uma diversificação do perfil social dos alunos. Nesse mesmo sentido, segundo Martins:

“no bojo desse processo de mudanças, houve a incorporação de um público mais diversificado socialmente, o que aumentou bastante o contingente de estudantes do gênero feminino e depois daqueles já integrados no mercado de trabalho, bem como acentuado movimento de interiorização e regionalização da oferta do ensino superior”. (MARTINS, 2002, p. 197)

Essa diversificação, em outros países como, por exemplo, em Portugal, é revelada por Mauritti (2002) ao analisar o crescimento muito acentuado do ensino superior, registrado ao longo da década de 1990, apontando a presença de *“uma proporção cada vez mais expressiva da população juvenil, projectando na instituição universitária um importante papel na qualificação destes jovens, e, por esta via, também, na recomposição socioprofissional e na modernização das estruturas sociais, bem como dos contextos económicos abrangentes”*. (MAURITTI, 2002, p. 85).

No entanto, quando desmembramos os dados nacionais percebemos que o acesso ao ensino superior no Brasil ainda é bastante desigual considerando renda, raça/cor. Para Andrade e Dachs, *“há um importante efeito cumulativo devido ao atraso e à evasão escolar nas camadas de menor renda, que leva a enorme diferença nos percentuais de acesso aos níveis mais altos de ensino”* (ANDRADE E DACHS, 2007, p. 414). Nos grupos entre 18 e 24 anos, com renda per capita entre 0 e ½ salário mínimo, 60% não concluiu o ensino fundamental e apenas 1% tem acesso ao ensino superior, já no grupo com maior renda (mais do que 5 salários mínimos *per capita*), 3% não concluem o ensino fundamental e 71% tem acesso ao ensino superior.

Considerando a diferença entre os públicos das instituições públicas e privadas, Helena Sampaio (2000), recorrendo a dados quantitativos, desconstrói o mito recorrente de que as universidades públicas atendem a classe média alta e que os alunos de baixa renda só conseguem acesso às instituições privadas. A autora revela que os dois setores – público e

privado – recebem alunos de origens sociais distintas. A diferença entre as classes é mais evidente quando se tem em conta o curso escolhido, e independe do fato de ser instituição pública ou privada.

Se nos situarmos agora, exclusivamente, na área de Administração, que mais nos importa assinalar neste estudo, observamos que a situação é semelhante ao cenário global traçado. De um modo geral, o Brasil passou, durante a década de 1990, por um aumento considerável de cursos e de instituições de ensino superior. Segundo dados do MEC/Inep, em 1991, o país contava com 351 Cursos de Administração, dentre esses 6 em Belo Horizonte. Já, em 2005, o Brasil atingiu a cota de 1992 Cursos de Administração, sendo que 28 se localizavam em Belo Horizonte (CFA, 2005). Isso significou um incremento no número de matrículas que passou de 179.042, em 1991, e (5.923 em Belo Horizonte), para 671.660, em 2005 (16.886 só em Belo Horizonte). Apesar de consideravelmente mais baixos, o total de concluintes transitou, entre 1991 e 2005, de 23.473, no nível nacional (993 em Belo Horizonte), para 100.443 no Brasil (2.635, em Belo Horizonte) ³⁶. A partir de 2000, explicita-se uma tendência de criação de cursos mais setoriais e específicos como: Administração em Análise de Sistemas / Informática, Administração em Comércio Exterior, Administração em Marketing, Administração Hoteleira, Administração Industrial, Administração Rural, só nesse ano foram criados 79 cursos nessas áreas nas diversas unidades federativas.

Notadamente o acesso ao ensino superior é um tema recorrente de pesquisas realizadas no Brasil, dispondo de ricos materiais, quer do ponto de vista da informação recolhida quer da qualidade da análise (DURHAM e SAMPAIO, 2000; SCHWARTZMAN, 2006), incluindo abordagens com recortes importantes como a desigualdade de acesso por renda, cor, gênero (QUEIROZ, 2001; ALMEIDA, 2007; ANDRADE e DACHS, 2007). Essas análises encontram repercussão nos discursos das políticas públicas e nos debates contemporâneos sobre cotas sociais e raciais e apontam o fato de o crescimento econômico nas últimas décadas não ter acompanhado a ampliação do acesso ao ensino superior.

A partir da década de 1980, o cenário econômico brasileiro passou por transformações com a difusão da chamada “nova divisão internacional do trabalho”, da qual resultou a expansão da taxa de desemprego aberto e o aumento das formas de “desassalariamento” – decorrentes da destruição de empregos assalariados, em particular daqueles empregos com carteira de

³⁶ Uma abordagem interessante, com dados comparativos, sobre o crescimento do ensino superior na América Latina foi realizada por Durham e Sampaio, 2000.

trabalho, mas também da aniquilação de empregos sem registro formal. A geração de postos de trabalho em sua substituição foi insuficiente. Pesquisas, como a de Pochmann (2001), apontam que essas alterações no mercado de trabalho são desiguais afetando de modo particularmente intenso os jovens. Parafraseando o autor “*se para um jovem de origem familiar popular a efetivação ocupacional no mercado de trabalho já não era fácil, agora, então, tornou-se ainda mais difícil*” (POCHMANN, 2001, p. 221).

Embora essa conjectura tenha que ser examinada com cuidado e procurando fazer jus à diversidade de tendências, tudo aponta para que, em vastos segmentos da sociedade brasileira, os jovens tendam a encontrar crescentes barreiras para produzir e reproduzir o padrão de vida de seus pais, mesmo alcançando níveis de escolaridade mais elevados, o que será tanto mais verdade quanto mais esses títulos dispuserem de baixo valor mercantil. Por outro lado, diversos estudos sobre a formação escolar em diferentes países têm demonstrado que a desigualdade de oportunidades educativas entre os estratos sociais tem-se mantido bastante estável ao longo do tempo, ou mesmo que – a despeito do alargamento da escolarização e do discurso meritocrático – os efeitos da origem social sobre os padrões de transição tendem a aumentar a importância (SCHOON et al, 2001).

Esses efeitos cíclicos de falta de experiência, retração de mercado de trabalho, alta seletividade do mercado geram uma “bola de neve” que impele cada vez mais a reavaliação do grau de satisfação com o nível de escolaridade atingido e do valor do diploma universitário, reforçando o que Novaes (2006) aponta como o “medo de sobrar” ou o que Sansone (2003) designa de “colapso do sistema de status”. O “medo de sobrar”, relacionado à inserção no mundo do trabalho, é transversal às diferentes classes sociais – ter estudo não é garantia de trabalho e ter trabalho não é garantia de que se continuará trabalhando. No entanto, as formas de encontrar saídas são na realidade diferentes em função das origens sociais dos jovens.

Atualmente, a juventude brasileira representa uma parcela relevante da população brasileira tanto do ponto de vista numérico, quanto da pressão que gera no sistema social; do potencial de ação e participação na vida coletiva. Mas, a juventude não é uma categoria homogênea e deve ser pensada em suas singularidades, naquilo que a une e a separa. Em síntese, a despeito de o jovem ter mais anos de estudo e considerar que essa é forma mais vantajosa de ingressar no mercado de trabalho cada vez mais competitivo, quando procura efetivamente inserir-se, ele se depara, muitas vezes, com uma distância entre o esperado e o atingido. Assim, enfrenta

maior dificuldade para conquistar autonomia e segurança financeira e profissional, o que se reflete no percurso família-escola-trabalho. O jovem tende a permanecer mais tempo na família de origem e ter menor autonomia financeira, pois mesmo inserido no mercado de trabalho não tem segurança suficiente para assegurar a permanência na atividade o que pode influenciar as suas decisões, e o seu planejamento de vida.

Os projetos de vida são da ordem da ação do indivíduo em uma estrutura social que estabelece marcos nas transições. O modo como a transição se processa é, em grande medida, tributário tanto dos percursos e oportunidades de educação/formação, quanto das condições de acesso ao mercado de trabalho. É na análise destas duas esferas e de suas inter-relações que pretendemos olhar para o grupo de jovens investigado, examinando a forma como esses jovens elaboram seus projetos de vida no confronto com o trabalho remunerado.

4. CAPÍTULO 3 – Os jovens administradores: conhecendo o grupo pesquisado e o percurso metodológico

A natureza do tema de pesquisa, como já referido no capítulo inicial, coloca para esta tese desafios tanto teóricos quanto metodológicos, pois a dinâmica contemporânea, que engendra diversas formas de transição para a vida adulta, tende a escapar das análises simplesmente quantitativas, suscitando o desenvolvimento de abordagens cruzadas – qualitativas e quantitativas. Nesse sentido, foi esse o caminho escolhido para investigar a transição para a vida adulta e compreender a forma como os jovens se confrontam subjetivamente com o trabalho remunerado e projetam o seu futuro e seus *selves*.

Ao tratar o conceito de curso da vida, Marini (2001) pondera que as pesquisas na área devem sempre focar o tempo de duração e a sequência de eventos que fazem parte da transição para a vida adulta, do mesmo modo, em que é também necessário considerar as consequências a partir das variações ao longo do tempo (e de ciclos geracionais) e entre as sociedades. É bom, portanto, explicitar que empiricamente esta pesquisa tem um recorte específico temporal que é a fase de saída da escola e ingresso na esfera do trabalho. Considera-se que esse processo não é preciso e pontual, com uma demarcação clara de término da escola, e de um imediato e subsequente ingresso no trabalho. No entanto, mesmo diante da fluidez e inconstância avalia-se esse período como um momento especial, pois o término da graduação constitui um marco no calendário das trajetórias pessoais. Com relação às comparações com outras sociedades, será possível notar que houve um esforço nessa direção em diversos momentos do texto. No que tange as variações ao longo do tempo, as considerações a esse respeito foram, em geral, pautadas pelo debate teórico, especialmente relacionado às transformações do processo de transição para a vida adulta.

Esta pesquisa teve como objetivo principal identificar, o lugar que a esfera do trabalho ocupa na elaboração dos projetos de vida e dos *selves*, para um conjunto de jovens, futuros administradores e alunos da PUC Minas, que se encontram na fase de transição para a vida adulta. Procuramos documentar e analisar o confronto que esse grupo de indivíduos estabelece com o trabalho remunerado, tendo por base as seguintes dimensões, definidas como fundamentais: a centralidade que os jovens conferem ao trabalho e os aspectos valorizados no trabalho (denominados de valores do trabalho). Essas dimensões foram

captadas e analisadas mediante o estudo do modo como os indivíduos projetam o seu futuro e, em particular, do lugar e do estatuto que o trabalho remunerado ocupa no interior dessas projeções. Compreende-se que os jovens, nesta fase de transição para a vida adulta, elaboram seus projetos de vida e seus *selves* de forma reflexiva, confrontando-se porém com possibilidades distintas de concretização de suas expectativas subjetivas, concernentes aos valores do trabalho e à centralidade do trabalho. Observou-se, portanto, não apenas aquilo a que os jovens aspiram, mas também as crenças relativas à maior ou menor possibilidade de concretização dessas expectativas.

4.1 Entre articulações teóricas e empíricas, análises quantitativas qualitativas

A análise produzida nesta tese em torno do confronto com o trabalho remunerado e dos projetos de futuro dos jovens visa além de um melhor conhecimento do objeto empírico concreto, refletir sobre alguns dos conceitos da Sociologia contemporânea. Com efeito, pretendemos trilhar as orientações de Sautu et al. (2005) quando estes afirmam que:

(...) fazer pesquisa científica é contribuir para a construção de teoria, formulando objetivos sustentados na teoria e analisando seus resultados de maneira que estes possam contribuir para um aprofundamento da compreensão teórica dos problemas estudados. (SAUTU et. al, 2005, p. 21, tradução nossa).³⁷

Segundo Demo (1996) o questionamento sistemático é a marca diferencial da ciência. Tal questionamento deve ser pautado em um processo de elaboração argumentada, nos planos teóricos e práticos, com o rigor da atitude metódica. Cohen, citado por May (2004), afirma que a teoria visa à produção de pensamentos que estejam em acordo com a realidade. A prática visa, por sua vez, à produção de realidades que estejam em acordo com o pensamento. Estabelece-se, pois entre teoria e prática um relacionamento lógico-dialético, de mútua interdependência relativa. Ou seja, teoria e prática possuem estruturas e movimentos interdependentes. Além disso, todo conhecimento científico é sempre discutível e provisório, requerendo que a teoria e as metodologias mobilizadas na sua produção sejam explícitas, para que possam ser discutidas, avaliadas e aprimoradas.

³⁷ (...) hacer investigación científica es contribuir a la construcción de teoría, formulando los objetivos sustentados en la teoría y analizando sus resultados de manera tal que contribuyan a profundizar la comprensión teórica de los problemas estudiados.

Este trabalho adota as recomendações do grupo Egris³⁸, em função de sua larga trajetória em pesquisa com ênfase na transição para a vida adulta, por propor que os processos de transição para a vida adulta sejam analisados por meio do entrecruzamento de metodologias quantitativas e qualitativas. Embora as primeiras se configurem como um ponto de partida necessário elas carecem da participação das segundas na abordagem e aprofundamento do objeto de estudo. Como sugere o grupo

Pesquisas quantitativas são certamente um ponto de partida necessário para delinear o potencial de integração das passagens entre os diferentes estratos sociais ainda que seja limitada em suas caracterizações. Elas mascaram os efeitos de diversos mecanismos institucionais (por exemplo, a composição das taxas de desemprego em países diferentes) e não permitem interpretações do que significa para os jovens adultos estar desempregados em diferentes contextos e revelar as estratégias de enfrentamento que surgem a partir desses significados. Por seu lado, abordagens qualitativas não apenas marcam a perspectiva do ator, mas também muito frequentemente iluminam as discrepâncias entre as intenções das políticas e os seus efeitos sociais (EGRIS, 2001, p.113, tradução nossa).³⁹

O grupo escolhido para a investigação é composto por jovens alunos do Curso de Administração da PUC Minas, das turmas de 7º e 8º períodos, matriculados no primeiro semestre de 2008, estudando nas unidades de Belo Horizonte onde esse curso é ministrado: Coração Eucarístico, Barreiro e São Gabriel. O *campus* Coração Eucarístico, inaugurado em 1958, é sua sede. Trata-se da unidade mais antiga, localizada na região noroeste da cidade. Os *campi* Barreiro e São Gabriel são recentes, tendo sido inaugurados em 2002 e 2000, período de expansão da PUC Minas e do ensino superior no Brasil, como relatado no capítulo precedente. Essas duas unidades estão localizadas em extremidades opostas da cidade: Barreiro encontra-se no sudoeste e São Gabriel na região nordeste. Essa localização facilita o acesso de um público oriundo das cidades do entorno que fazem parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

No total, havia na PUC Minas, nesse período – primeiro semestre de 2008 –, 404 alunos matriculados nas disciplinas em que os questionários foram aplicados. É importante lembrar que em algumas aulas em que os questionários destinados aos alunos de 7º e 8º períodos foram aplicados, contavam também com alunos de 4º e 5º períodos, tendo esses últimos sido

³⁸ EGRIS é uma rede de investigação constituída por parceiros na Dinamarca, Alemanha, Grã-Bretanha, Irlanda, Itália, Holanda, Portugal e Espanha. As principais atividades são analisar as transformações das estruturas e dos processos transição para a vida adulta, bem como as consequências especialmente para a educação e trabalho.

³⁹ Quantitative surveys are certainly a necessary starting point for outlining the integration potential of social status passages, yet they are limited in their expressiveness. They mask the effects of various institutional mechanisms (e.g. the composition of unemployment rates in different countries) and they do not allow interpretations of what it means for young adults to be unemployed in different contexts and what coping strategies arise from these meanings. Besides, qualitative approaches not only stress the actor's perspective, but also very often highlight the discrepancies between the intentions of policies and their social effects.

descartados por não fazerem parte da amostra ⁴⁰. Nas unidades Coração Eucarístico e São Gabriel, o Curso de Administração é ministrado nos turnos manhã e noite, já no Barreiro o único turno é o noturno.

Participaram da amostra 259 alunos, o que significa um intervalo de confiança em torno de 95% e uma margem de erro de 5%. A amostra ficou assim subdividida: 152 alunos cursavam o 7º período e 107 cursavam o 8º período; 123 estavam matriculados no turno da manhã e 136 estavam matriculados no noturno; 103 alunos estudavam na unidade Coração Eucarístico, 87 alunos no Barreiro, 69 alunos no São Gabriel. Considera-se, portanto, que tivemos uma distribuição bem equilibrada considerando as unidades, os períodos e os turnos. O número maior de alunos no turno da noite se justifica porque em uma das unidades, no Barreiro, não há turmas no período diurno ⁴¹.

A escolha pela PUC Minas como instituição se explica uma vez que representa a maior instituição de ensino privada do estado de Minas Gerais. O recorte adotado – alunos do curso de Administração – se justifica em função do volume de egressos desses cursos que hoje em dia é muito significativo no Brasil. Segundo Nunes e Carvalho (2007), o Curso de Administração é responsável pela formação de 14,9% dos alunos de curso superior no Brasil, se seguindo o de Direito com 12,8% e a Pedagogia com 9,4%. Por sua vez, a opção por alunos do último ano deve-se naturalmente a sua maior proximidade do mercado de trabalho e, portanto, do momento em que o valor “real” do seu diploma será testado na esfera laboral. É perante a esse mercado que os bacharéis sofrerão ou não os processos de ‘desencantamento’ e de ‘desclassificação’. Com efeito, os jovens gestores sem um trabalho que lhes dê este posto ou status, a classificação e o título ficam em suspenso, à espera de uma oportunidade em que o seu valor seja efetivamente confirmado. Esse processo é o que Bourdieu (2007) denomina como ‘desclassificação’, ou seja, é o resultado do confronto com o mercado e a dificuldade de manter o status adquirido na Universidade. Para Bourdieu (2007), a desqualificação estrutural que afeta toda uma geração – por obter, por meio de seu diploma, resultados inferiores aos conseguidos pela geração precedente – provocaria um estado de desilusão coletiva, ou de ‘desencantamento’, capaz de inspirar denúncias dos pressupostos tacitamente assumidos pela ordem social vigente bem como a suspensão prática da adesão aos valores e aos desafios.

⁴⁰ Os alunos da PUC Minas não são obrigados a manter uma grade fechada de disciplina por período, com isso, algumas vezes é comum encontrar alunos que estão, por exemplo, no 2º ano de curso, mas estão matriculados em disciplinas do 4º ano.

⁴¹ A turma de 8º período do São Gabriel, noturno, não participou da amostra, pois no dia agendado para a aplicação dos questionários, os alunos não compareceram à aula.

Considerando a perspectiva do sujeito, os valores do trabalho, segundo Johnson (2001), são alterados quando o agente percebe a distância entre o que era esperado e o que é possível de ser atingido no confronto com a realidade do trabalho. Desse modo, a fase de transição e de inserção na esfera do trabalho é um ponto singular, pois quando os jovens ganham experiência de trabalho, eles adquirem também um maior entendimento da esfera do trabalho e das recompensas disponíveis.

A pesquisa. Como já mencionado, adotou-se na primeira fase da pesquisa de campo uma abordagem quantitativa com coleta de dados por meio de questionários (ver apêndice). Um pré-teste desse instrumento foi realizado com alguns alunos do Curso de Administração de uma instituição de ensino privada de Brasília. Na fase inicial da pesquisa foram aplicados questionários nas três unidades da PUC Minas Belo Horizonte: Coração Eucarístico, Barreiro, São Gabriel, às turmas de último ano de curso, alunos dos 7º e 8º períodos. Para a aplicação, contamos com a disponibilidade dos professores para nos receber em sua aula e conceder-nos em torno de 45 minutos a 1 hora para o preenchimento dos questionários. O período escolhido para a aplicação foi a primeira quinzena do mês de junho de 2008, que coincidia com as três últimas semanas do semestre letivo, garantindo, portanto, um maior número de alunos presentes em sala de aula.

Tabela 5 – Distribuição de alunos por unidade da PUC Minas

Unidade	Número	(%)
Coração Eucarístico	103	39,8
Barreiro	87	33,6
São Gabriel	69	26,6
Total	259	100%

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Com este primeiro momento de coleta de dados quantitativos pretendeu-se identificar o lugar que a esfera do trabalho ocupa na elaboração dos projetos de vida, tanto considerando a maior ou menor centralidade que essa esfera adquire em comparação as demais esferas da vida social, quanto os valores que esses jovens atribuem ao trabalho. Estabelecendo como pressuposto que a elaboração dos projetos de vida se dá a partir da inserção do indivíduo em campos de possibilidades, os questionários procuraram colher informações sobre alguns entendimentos sociais e culturais compartilhados por esses jovens no que se refere à esfera do trabalho, os motivos explicitados para a escolha do curso, o panorama de inserção profissional, presente e futuro, incluindo as perspectivas de trajetórias como empreendedores,

como colaboradores em empresas privadas ou servidores públicos, os limites encontrados e os previstos em relação às oportunidades no mercado de trabalho e o perfil socioeconômico dos jovens e de suas famílias. A definição pelo uso de questionários como forma de coleta de dados teve a intenção de não influenciar nas respostas, de dar tempo para o participante pensar e avaliar a resposta e também de facilitar a comparação dos resultados e permitir a coleta de um volume significativo de informação.

Na fase seguinte foram realizados grupos focais, com todas as 5 turmas que passaram do 7º para o 8º período. Os grupos foram realizados no mês de Agosto de 2008, nas próprias unidades, nos horários de aula. O convite foi realizado no início de cada aula, e os interessados formaram grupos de 8 alunos, que se deslocavam para outra sala reservada à atividade. Apenas um dos grupos foi realizado em outra data, agendada pelos alunos, tendo comparecido 6 estudantes. Uma questão observada durante o convite para a formação dos grupos focais foi a menor predisposição inicial das mulheres para se apresentar como participantes dos grupos. No grupo focal São Gabriel, manhã, com a percepção de que nenhuma mulher havia se manifestado, a própria turma motivou as colegas a aderirem, e naturalmente duas estudantes se juntaram ao grupo. Já no Barreiro, mesmo apesar de igual pressão ter ocorrido e até chegar a um ponto limite de constrangimento, nenhuma das jovens se dispôs a participar. Informei que o grupo seria iniciado em determinada sala e que se alguma delas ainda mudasse de ideia, poderia se integrar nos próximos 5 minutos. Sem conseguir a adesão das jovens desta turma, o grupo focal do Barreiro foi hegemonicamente masculino. Nos demais grupos, apesar de numericamente inferior, a participação das jovens mulheres foi equivalente à dos homens. Outra peculiaridade desses grupos é que não houve participação de estudantes que não estivessem trabalhando ou que nunca tenham trabalhado. Todos os jovens que se integraram aos grupos estavam trabalhando à época com tipos distintos de vínculo empregatício, alguns eram estagiários, outros trabalhadores com carteira assinada e outros atuavam nas empresas das famílias, com ou sem vínculo empregatício formal, mas com renda auferida do trabalho. Além disso, contamos com a presença tanto de funcionários públicos quanto com o de trabalhadores do setor privado, estes últimos em maioria.

A escolha pela realização de grupos focais se justifica, pois essa técnica permite explorar as normas e as dinâmicas grupais uma vez que os participantes são estimulados a conversar a respeito das questões e dos tópicos centrais investigados. Assim, pretendemos alcançar a compreensão do processo de confronto com o trabalho e do seu impacto na elaboração dos

projetos de vida e dos *selves*, por meio da descrição detalhada do modo como esse processo foi vivenciado pelos agentes em análise. As discussões em grupo, segundo Guerreiro e Abrantes (2004), permitem a elaboração de um discurso coletivo público, constituindo uma simulação do próprio processo de construção intersubjetiva da realidade. Os grupos têm a propriedade de revelar discursos e protagonistas dominantes do mesmo modo que a construção social da realidade. Alguns falam mais, são mais eloquentes e usufruem uma condição de superioridade simbólica sobre os demais. Além disso, conforme ressaltam Guerreiro e Abrantes (2004), “*os grupos possibilitam, tal como as práticas cotidianas, as representações de si e dos outros, através de mecanismos de identificação e diferenciação/distinção*”. A escolha por esse recurso, portanto, se justifica em consonância com a ênfase da pesquisa na identificação de expectativas e projeções de vida e de *selves*. Buscou-se compreender por meio da consciência discursiva sobre as ações, os princípios que norteiam a reflexividade e também as bases infradiscursivas em que se assenta a consciência prática. Basicamente as perguntas procuravam aprofundar e detalhar os motivos explicitados para a escolha do curso e as expectativas iniciais, o confronto com o mercado de trabalho e as atuais expectativas em relação aos aspectos valorizados no trabalho, a relação entre a esfera do trabalho e as demais esferas da vida social quanto à elaboração de projeto de vida.

A própria formação dos grupos já revelou uma diferença entre os gêneros no que tange à disposição para falar a respeito da esfera do trabalho. Apesar das evidentes transformações no mercado de trabalho nos últimos anos com a incorporação cada vez maior das mulheres e da suposta conseqüente alteração das relações de gênero também na esfera do trabalho, esta baixa participação espontânea das jovens sugere a lógica de um espaço ainda dominado pelo gênero masculino quer no discurso, quer no espaço efetivo dos postos de trabalho, quer na distinção da renda. Como expressam Guerreiro e Abrantes (2004, p.29) “*embora assumindo formas diversas a segregação sexual mantém-se em quase todas as áreas profissionais, incluindo obstáculos efectivos à chegada a lugares de topo nas hierarquias organizacionais e sociais*”.

Para a condução do grupo focal, foi utilizado um roteiro semiestruturado (ver apêndice) elaborado em consonância com os objetivos e que estabelecia um referencial e uma progressão plausível e lógica dos temas abordados (BAUER e GASKELL, 2004). Durante a realização dos grupos, que duraram cerca de uma hora e meia, se procurou manter o foco do grupo nas questões centrais concedendo ampla liberdade às próprias contingências do desenrolar das conversas. Também se optou por sustentar a direção das discussões,

alternando, a cada nova questão proposta, a pessoa indicada para iniciar seu relato. No início dos grupos, solicitou-se aos participantes que se, em determinado momento, um aluno quisesse comentar a fala do colega, deveria levantar a mão e a palavra lhe seria concedida em seguida. Estimulou-se assim a conversa livre entre os participantes, mas respeitando o orador, evitando interrupções bruscas e conversas paralelas. Os resultados foram gravados e, logo em seguida, transcritos. A quantidade de grupos foi estabelecida como referência e como de certo modo esses grupos atingiram a saturação dos pontos centrais, não foram necessárias novas incursões às turmas.

Os dados foram analisados por meio da comparabilidade dos principais conteúdos revelados pelos jovens ao longo dos grupos focais. Essa análise dos conteúdos teve como eixo analítico os objetivos da pesquisa. A interpretação dos discursos dos jovens como sugere Pais:

(...) não se resume a uma apropriação do dito mas, antes, a um mergulhar nos seus sentidos mais recônditos, naquilo que dá que dizer ao dito e que, tantas vezes, fica interdito às interpretações simplistas ou superficiais, longínquas do que fica por dizer quando nos confrontamos com o dito. Por isso, interpretar é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer; o analisado à proximidade do que fica por analisar; o respondido à proximidade do que fica por questionar. (PAIS, 2006, p. 25).

Cabe ressaltar que, ao entrar em contato com os grupos pesquisados, a intenção primeira foi de obter um conhecimento objetivo. No entanto, como assinala Velho (2002), isto não significa uma anulação ou neutralização dos sentimentos, emoções ou crenças do próprio entrevistador. Ao eleger a própria sociedade como objeto de investigação, a subjetividade do pesquisador é fatalmente incorporada ao processo de conhecimento desencadeado. Na transcrição literal dos relatos, os nomes dos participantes dos grupos focais foram preservados, manteve-se apenas a indicação se o relato era de participante feminino (PF) ou de participante masculino (PM).

Para a compreensão da elaboração dos projetos de vida, a partir dos depoimentos nos grupos focais, utilizou-se a técnica de revisão cronológica do relato de cada participante. Seguindo as orientações de May (2004), foram elaborados quadros, relativos a cada participante, contendo a narrativa das experiências e das expectativas. Como explica May, revisar cronologicamente o relato que a pessoa faz de um evento e de como o vivencia possibilita a construção de um quadro comparativo. Essa técnica permitiu estabelecer analogias entre as estratégias adotadas pelos jovens para ajustar as expectativas em relação ao trabalho e também possibilitou a

identificação das distintas formas de elaboração de projetos de vida e modos de planejar o futuro.

Os segredos e truques de Becker (2007) foram intensamente utilizados. Um primeiro truque, associado à análise dos dados, na realidade não foi aprendido com Becker, mas no decurso de uma pesquisa anterior (ALMEIDA, 2001), com a ajuda de um amigo sociólogo. Nessa época, no momento de confronto com os resultados, a meu ver insuficientes na medida em que aparentemente não respondiam às questões inicialmente formuladas, o amigo me sugeriu abandonar as minhas perguntas e voltar aos meus dados, lendo apenas as respostas. Como em um passe de mágica percebi as respostas que procurava. Esse truque é explicado em detalhes e com exemplos por Becker (2007, p.160).

Outra sugestão de Becker (2007, p.166) bastante incorporada nesta tese, que segundo ele foi legado de seu colega Bernie Beck, está relacionada à generalização, ou ao exercício constante de identificar *“palavras mais gerais do que as particularidades do meu caso, mas não tão gerais que eu perdesse a especificidade do que descobrira”*. Ou seja, com o exercício proposto por Becker (2007) eu aprendi como operacionalizar a sugestão de Geertz (GEERTZ, apud BLASS, 2004, p.220) anunciada na apresentação desta tese de realizar o bordejar dialético contínuo entre o menor detalhe nos locais menores e a mais global das estruturas globais, de tal forma que ambos pudessem ser observados simultaneamente.

A certeza que temos é que tanto os métodos quanto a própria ciência são construções das sociedades e estão em permanente processo de transformação e reelaboração. Este é um dos principais desafios dos pesquisadores: investigar, produzir ciência e conhecimento sobre os objetos e sobre os métodos de interpretação de seus objetos, sejam eles parte das ciências sociais, naturais ou físicas.

4.2 Caracterização dos jovens futuros gestores

Aproximamo-nos agora dos jovens sobre os quais esta pesquisa incide. Trata-se de um segmento particular de um universo mais vasto, constituído pelos 13% dos jovens que hoje em dia têm acesso ao ensino superior. Se procurarmos traçar um perfil sintético dos jovens analisados, baseando-se nas suas características majoritárias, diríamos que essa população possui menos de 25 anos, estão solteiros e vivem com os pais, em famílias que têm no máximo 3 ou 4 pessoas. A maior parte dos pais não chegou ao ensino superior e a maior parte da renda familiar mensal está abaixo de 10 salários mínimos. A situação profissional dos pais

desses jovens é relativamente estável em empregos com carteira assinada ou na condição de empresário. As mães, em sua maioria, cerca de 60%, desenvolvem atividades remuneradas. Para esses jovens, regra geral, oriundos de escolas públicas do ensino médio, o curso de Administração foi escolhido, tendo os familiares ficado aparentemente satisfeitos com a escolha realizada. A maioria dos jovens trabalha, e encontra-se, inclusive, empregada a menos de dois anos, recebendo até 3 salários mínimos. Finalmente, a atividade profissional que esses indivíduos exercem corresponde às suas expectativas, tanto que eles parecem analisá-la positivamente.

Com relação à faixa etária, 31% dos alunos que participaram desta pesquisa estão entre 20 e 22 anos, 39% entre 23 e 25 anos e 15% situam-se no intervalo 25-29 anos. Apenas os outros 15% têm mais do que 29 anos. Ao comparar com os dados publicados pelo Inep (2006), no relatório síntese, fruto do questionário socioeconômico aplicado aos alunos dos Cursos de Graduação em Administração que participaram do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – Enade 2006⁴² – os estudantes da PUC Minas são mais novos do que a média nacional. Os jovens da pesquisa desta tese podem ser comparados à categoria concluintes⁴³ do Inep. Os resultados no Inep (2006) mostram que no Brasil, em 2006, 35,5% tinham até 24 anos, 34,3% entre 25 e 29 anos, 13,3 entre 30 e 34 anos, e 15,8% acima de 35 anos.

Quanto aos relacionamentos conjugais, 87% estão solteiros, 12% estão casados ou mantêm união estável, 1% está separado. Dentre os jovens que mantêm união estável ou estão casados (25 no total), a grande maioria já tem filhos, sendo que 12 têm um filho e 11 possuem dois descendentes. Os dados do Inep revelam que no Brasil 69,9% dos concluintes dos cursos de Administração estão solteiros, 24,5% estão casados e 3,3% separados. Com relação ao número de filhos, a proporção de jovens concluintes da PUC que são progenitores é inferior à média nacional, em que 20% têm um ou mais filhos. (INEP, 2006)

Apenas 4,6% dos jovens moram sozinhos, 26,3% moram com outras 3 pessoas, 20,1% moram com outras 4 pessoas, 19,7% moram com duas outras pessoas, 11,6% moram com outra pessoa. Com relação à renda familiar mensal, 4,6% têm renda até 3 salários mínimos, 22,4% angariam entre 3 e 5 salários mínimos, 32,8% recebem entre 5 e 10 salários mínimos, 22,7%

⁴² O Enade constitui um dos instrumentos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), sendo realizado anualmente em todo o país.

⁴³ O Enade incluiu grupos de estudantes dos referidos cursos, selecionados por amostragem, os quais se encontravam em momentos distintos de sua graduação: um grupo, considerado ingressante, cursava o final do primeiro ano; e outro grupo, considerado concluinte, se encontrava no final do último ano do curso.

têm renda familiar entre 10 e 20 salários mínimos e 10,8% conseguem uma renda familiar acima de 20 salários mínimos. Então, em comparação com os dados nacionais, como pode ser visualizado no Quadro abaixo, temos um grupo menor de jovens com renda média mensal familiar entre 1 e 3 salários mínimos, grupos em proporção semelhante com renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos e entre 5 e 10 salários mínimos, e um grupo maior de jovens com faixas de renda entre 10 e 20 salários mínimos e acima de 20 salários mínimos (INEP, 2006). Tudo indica, portanto, que nos deparamos com um segmento e concluintes em termos médios mais capitalizados do que a população de indivíduos que em nível nacional se encontra na mesma situação no sistema de ensino.

Tabela 6 – Comparação entre renda mensal familiar dos concluintes PUC Minas e dos concluintes Enade.

Renda mensal familiar	Alunos concluintes PUC Minas (%)	Alunos concluintes Enade (%)
De 1 a 3 salários mínimos	4,6	15,7
De 3 a 5 salários mínimos	22,4	22,1
De 5 a 10 salários mínimos	32,8	31,4
De 10 a 20 salários mínimos	27,4	21,8
Mais de 20 salários mínimos	10,8	8,5

Fontes: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa e INEP (2006).

No que se refere à trajetória escolar, questão que será abordada novamente em maior profundidade no capítulo 4, 56% dos jovens investigados nesta tese realizaram o ensino médio em escola pública, os outros 38% realizaram em escola privada, 2% estudaram em escola técnica federal e 3% em escola técnica privada. No que diz respeito ao grau de instrução dos progenitores, 40,2% dos pais e 35,5% das mães cursaram até o ensino fundamental, 33,2% dos pais e 37,5% das mães cursaram até o ensino médio. No total 74% dos pais não atingiram o ensino superior. Dos 17% de pais e 19% de mães cursaram o ensino superior, cerca de 6% tanto de pais quanto de mães cursaram uma pós-graduação *lato sensu* e 2% dos pais e 1% das mães realizaram uma pós-graduação *stricto sensu*. Esses dados são praticamente equivalentes aos dados nacionais, como pode ser observado nos resultados publicados pelo INEP (2006), em que 19,3% dos pais e 18,9% das mães dos alunos concluintes dos cursos de Administração no Brasil têm ensino superior e, mais uma vez, se torna aqui legível um aspecto comum nas transições contemporâneas que é o fato de os jovens terem mais anos de estudo do que a geração anterior e, no entanto, enfrentarem maiores dificuldades para a inserção no mercado de trabalho (GUERREIRO e ABRANTES, 2004; OIJ-CEPAL; 2004; BLASCO, 2008).

Com relação à situação profissional dos pais, a maior parte deles, 42,1% estão empregados com carteira assinada, 26,3% são empresários ou empregadores, 14,3% são profissionais liberais e 4,6% funcionários públicos. No caso das mães, 26,3% estão empregadas com carteira assinada, 13,1% são empresárias, 12,4% são funcionárias públicas, 10,4% são profissionais liberais. Além disso, deparamos ainda com 13,9% de trabalhadoras familiares não remuneradas.

Os dados nacionais indicam que 10,2% dos concluintes dos Cursos de Administração no Brasil não trabalham – dentre os quais 4,7% nunca trabalharam ou exerceram qualquer atividade remunerada. Uma maioria expressiva de 89,5% já trabalha. Em comparação, analisando a situação profissional dos jovens alunos da PUC, concluintes do Curso de Administração, dentre os 259 jovens que responderam ao questionário, os valores são muito próximos dos obtidos para o país: 85,7% estavam trabalhando, 12,4% não estavam trabalhando, sobrando uma fatia residual de 1,5% dos que nunca tinham trabalhado. Dentre o total, 39% estavam procurando emprego à época, enquanto 58% não desenvolviam qualquer esforço nesse sentido. No segmento dos que se encontravam à procura de emprego, 30% percebiam as oportunidades de trabalho como correspondente as suas expectativas, enquanto 70% já não consideravam as oportunidades dentro de suas expectativas. Quanto ao tipo de vínculo empregatício no trabalho atual ou último trabalho, podemos verificar na Tabela abaixo que é expressiva a representação dos empregados com carteira assinada.

Tabela 7 – Situação profissional atual ou no último trabalho

Situação profissional atual ou no último trabalho	Número	(%)
Empregado, carteira assinada	116	44,8
Estagiário – tempo integral	54	20,8
Trabalhador familiar não remunerado	22	8,5
Empresário/Empregador	20	7,7
Estagiário – tempo parcial	10	3,9
Trabalhador por conta própria/profissional liberal	7	2,7
Trabalhador familiar remunerado	6	2,3
Funcionário público	5	1,9
Empregado, sem carteira assinada	4	1,5
Outra situação	4	1,5
Não Respondeu	7	2,7

Nulo	4	1,5
Total	259	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Um número bastante significativo desses jovens, cerca de 62%, já pensou em ter uma empresa ou atividade comercial. A iniciativa empreendedora dentro do grupo é notável, pois 46 jovens (cerca de 18% da amostra) já tiveram efetivamente uma empresa ou atividade comercial e inclusive 36 deles afirmaram que geraram empregos. Desse conjunto de empresários, 20 jovens ainda mantêm o empreendimento ativo e os outros 26 já encerraram a atividade empresarial, sendo que 10 deles fecharam entre 2006 e 2008. Com relação à participação em concurso público 75% dos jovens já tiveram vontade de participar de um concurso público e 60% já participou.

Passemos agora a explorar um pouco mais as peculiaridades que distinguem os jovens das três unidades pesquisadas. Na unidade Barreiro, 96% dos alunos trabalham, enquanto na média de todas as unidades 86% trabalham. É também no grupo de jovens da unidade Barreiro em que encontramos uma elevada representação dos jovens empregados com carteira assinada, que correspondem a 70% dos alunos da unidade e estagiários em tempo integral, que correspondem a 10,3% dos jovens deste grupo. No geral, temos em média 44,8% dos jovens com carteira assinada e 3,9% estagiários em tempo integral. Na Tabela abaixo apresentamos a distribuição dos jovens de todas as unidades na situação atual de trabalho.

Tabela 8 – Distribuição dos jovens segundo condição de trabalho, por unidade da PUC Minas

Trabalha atualmente	Coração Eucarístico (%)	São Gabriel (%)	Barreiro (%)	Total (%)
Sim	80,6	81,2	95,4	85,7
Não	15,5	17,4	4,6	12,4
Nunca Trabalhou	2,9	1,4	0,0	1,5
Não respondeu	1,0	0,0	0,0	0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Quando comparamos a formação no ensino médio, há uma nítida distinção entre os alunos do Coração Eucarístico face aos demais, pois 60% desses alunos estudaram em escolas privadas, enquanto 34% vieram de escolas públicas. Já na unidade Barreiro, 73% estudaram em escola pública e apenas 22% em escola privada. A unidade São Gabriel situa-se em uma posição

intermediária, embora mais próxima do Barreiro: 65% estudaram em escola pública e 29% são originários de escola privada.

É singular também a diferença na formação dos progenitores, pois 29% dos pais dos alunos do Coração Eucarístico têm ensino superior e a porcentagem sobre para 34% no caso das mães. Nessa mesma unidade, apenas 20,4% dos pais e 18,4% das mães têm ensino fundamental. Esses dados são superiores quer dos dados da amostra quer dos resultados nacionais. Já, com relação aos pais dos alunos do Barreiro, a situação é bastante distinta, pois 4,6% dos pais e 5,7% das mães têm ensino superior, ao passo que, 62% dos pais e 58,6% das mães não ultrapassam o ensino fundamental. A unidade São Gabriel conquista novamente uma posição intermediária, pois 13% dos pais e das mães possuem o ensino superior. Para retratar estas diferenças, as duas tabelas abaixo mostram a distribuição dos pais e das mães, segundo o nível de ensino atingido.

Tabela 9 – Distribuição dos pais dos jovens pesquisados, segundo nível de instrução mais elevado concluído, por unidade da PUC Minas.

Nível de instrução mais elevado que o pai concluiu	Coração Eucarístico	São Gabriel	Barreiro	%
Ensino fundamental	20,4	42,0	62,1	40,2
Ensino médio	35,0	36,2	28,7	33,2
Ensino superior	29,1	13,0	4,6	16,6
Pós-graduação (especialização)	9,7	5,8	1,1	5,8
Pós-graduação (mestrado/doutorado)	3,9	1,4	1,1	2,3
Não respondeu	1,9	1,4	2,3	1,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

As duas tabelas expõem com evidência a concentração de mães e pais que atingiram o ensino superior na Unidade Coração Eucarístico, sendo também expressiva a representação dos pais e das mães da Unidade Barreiro que não ultrapassam o ensino fundamental.

Tabela 10 - Distribuição das mães dos jovens pesquisados, segundo nível de instrução mais elevado concluído, por unidade da PUC Minas.

Nível de instrução mais elevado que a mãe concluiu	Coração Eucarístico	São Gabriel	Barreiro	%
Ensino fundamental	18,4	31,9	58,6	35,5
Ensino médio	35,0	50,7	29,9	37,5
Ensino superior	34,0	13,0	5,7	18,9
Pós-graduação (especialização)	10,7	1,4	2,3	5,4
Pós-graduação (mestrado/doutorado)	1,0	1,4	1,1	1,2
Não respondeu	1,0	1,4	2,3	1,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Há ainda que destacar a maior prevalência de pais e mães empresários no grupo de jovens alunos da unidade Coração Eucarístico, pois 35,9% dos pais e 22,3% das mães são empresários. Enquanto na unidade São Gabriel, 29% dos pais e 8,7% das mães são empresários e no Barreiro apenas 12,6% dos pais e 5,7% das mães possuem esse estatuto.

Com relação à renda familiar não surpreende, portanto, que embora 50 e 60% das amostras de todas as unidades se situem entre 3 e 10 salários mínimos. Na unidade Coração Eucarístico encontramos a maior representação (17,5%) de famílias com renda superior a 20 salários mínimos. No decorrer dos próximos capítulos, ao abordar as distintas questões que orientaram as discussões desta tese será possível perceber o exercício de identificação de possíveis correlações entre essas diferenças nos processos estudados. No presente momento importa sublinhar o caráter nitidamente mais capitalizado dos estudantes da unidade Coração Eucarístico face aos demais.

Esta tese adota, portanto, a escolha de um determinado grupo de jovens, que corresponde a uma faixa importante de egressos do ensino superior no Brasil e que teve a oportunidade de estudar na maior instituição privada do Estado de Minas Gerais procurando, no entanto, estabelecer por meio desse universo uma análise que ultrapasse os limites do próprio perfil de grupo e do ciclo geracional. Alguns processos documentados e analisados estão hoje presentes em diversos segmentos sociais e em distintas fases do ciclo de vida, embora algumas vezes

adquiram maior relevância na juventude pelas peculiaridades já apontadas a propósito das dinâmicas contemporâneas de transição para a vida adulta.

Os dois próximos capítulos apresentam os resultados da pesquisa de campo, iniciando com preâmbulos teóricos que conduziram o olhar para a articulação dos dados coletados por meio dos questionários e dos depoimentos nos grupos focais. No capítulo 4 faremos inicialmente uma aproximação com as expectativas desses alunos quando ingressaram na graduação em Administração, bem como dos motivos que explicitaram para a escolha desse curso. Procuraremos ainda conhecer a avaliação que fazem hoje das perspectivas que estão encontrando no mercado de trabalho e, conseqüentemente, o modo como elaboram seus projetos de vida na esfera do trabalho. A trilha aqui proposta é a compreensão e análise dos projetos de vida e das idealizações de *selves* enquanto caminho metodológico para a interpretação das diferentes formas de transição para a vida adulta forjadas na sociedade contemporânea. Nesse percurso, o jovem revela algumas nuances do processo de individualização em curso nas sociedades contemporâneas e o modo como se posiciona diante de alguns pressupostos sociais e culturais estabelecidos. No capítulo 5, a ênfase é colocada nos aspectos que são valorizados pelos jovens no confronto com o trabalho e na centralidade que essa esfera ocupa em relação às demais esferas da vida social. Esses aspectos serão observados a partir da análise do modo como os estudantes projetam o seu futuro.

5. CAPÍTULO 4 – Os jovens administradores: Trabalho, projeto de vida e *selves*

O momento em que os jovens transitam do sistema escolar para o trabalho é uma fase particularmente relevante ao longo do processo de transição para a vida adulta e torna-se um marco na trajetória biográfica dos sujeitos, com possibilidade de afetar sobremaneira a os seus projetos de vida e a sua identidade pessoal. Especialmente entre os jovens com ensino superior, a posse do diploma é um importante recurso mobilizado nessa transição, no entanto, um aspecto comum nas transições contemporâneas é a tensão que reflete o avanço do acesso aos diversos níveis de ensino e a retração do mercado de trabalho. A vivência dessa tensão gera, muitas vezes, defasagens entre as aspirações iniciais e as oportunidades objetivas relativamente aos aspectos valorizados no trabalho e à centralidade do trabalho e, por conseguinte, também na avaliação do grau de satisfação com o nível de escolaridade atingido, com o valor do diploma universitário e com a importância conferida à educação continuada.

Assim, partimos nesse capítulo da hipótese avançada por Bourdieu (2007) de que o portador de um diploma, ao ter assegurada formalmente uma competência e um título, sofre um ganho simbólico, passando a estar legitimado, pela competência atribuída formalmente pelo diploma, a ocupar determinadas posições ou cargos. Além disso, cria-se uma expectativa a partir do próprio grupo de pares e da família que o mesmo assuma as posições que o diploma a princípio lhe confere. Durante séculos, a posse desse título acadêmico garantia à grande maioria dos seus detentores o acesso às posições mais elevadas na estrutura do emprego e do poder (ALVES, 2009). No entanto, atualmente, a expansão do ensino superior provocou um aumento do número de egressos em um período em que o mercado não teve o mesmo ritmo de absorção ou demanda, em virtude da redução dos postos de trabalho e dos novos formatos flexíveis de inserção no mercado. Tais transformações, de acordo com Alves (2009, p. 19), puseram em causa a relação linear entre diploma do ensino superior, posição social e rendimento.

Grande parte dos jovens, e neste caso especialmente os bacharéis, portadores de diploma de ensino superior, vivenciam um desajuste de expectativas na medida em que a oferta de trabalho não corresponde ao seu nível de estudo ou ao esforço realizado para alcançar um maior desenvolvimento pessoal. Este desajuste de expectativas ao ser detalhadamente observado por Bourdieu (2007) suscita dentre as principais consequências os processos

denominados de ‘desclassificação’ e ‘desencantamento’. Com efeito, se o jovem está graduado em Administração, por exemplo, possuindo os atributos necessários para ser um Administrador, contudo sem um trabalho que lhe confira este posto ou status, sua classificação e seu título ficam em suspenso, à espera de uma oportunidade que concretize na prática as expectativas. Esse processo é o que Bourdieu (2007) denomina como ‘desclassificação’, ou seja, é o resultado do confronto com o mercado e a dificuldade de manter a classificação e a posição social adquiridas na Universidade. A princípio, para Bourdieu (2007), a desqualificação estrutural que afeta toda uma geração – por obter por meio de seu diploma resultados inferiores aos conseguidos pela geração precedente – provocaria uma desilusão coletiva, ou ‘desencantamento’, capaz de inspirar denúncias dos pressupostos tacitamente assumidos pela ordem social e a suspensão prática da adesão aos valores e aos desafios desta ordem vigente.

A partir destes indícios, fomos recolher em uma primeira fase de campo as percepções dos jovens acerca da vivência desses processos de “desclassificação” e de “desencantamento” e do suprarreferido desajustamento. A estratégia analítica utilizada explorou três dimensões: motivos explicitados para a escolha do curso, expectativas e estratégias utilizadas perante o mercado de trabalho e idealização dos *selves*. Essas três dimensões revelam a interface entre componentes individuais e socioculturais; explicitam a dinâmica de elaboração dos projetos de vida dentro dos campos de possibilidades e articulam a relação indivíduo e sociedade. Esses são os vetores que nos permitem compreender a elaboração dos projetos de vida dos jovens, nesta fase do seu percurso.

Essas considerações iniciais têm como objetivo demarcar que as análises aqui realizadas quanto às escolhas dos jovens alunos da PUC Minas tomam como referência as perspectivas subjetivas que os agentes sociais produzem a partir de seu estoque de conhecimentos acerca de seus campos de possibilidades. Essa não é uma operação simples na medida em que os agentes sociais constroem a realidade e o princípio dessa constituição é estrutural, ou seja, a ação e o pensamento são e estão sujeitos às condições de estrangimento e possibilidade de ação, latentes nas propriedades das estruturas. Assim, é importante ter em vista a capacidade reflexiva do agente enquanto mediador da relação estrutura-agente, o que, por conseguinte, implica que, nos depoimentos obtidos, os limites e as possibilidades “reais” sejam elaborados a partir da interpretação subjetiva do agente realizam.

Os motivos explicitados como razão para a escolha do curso, as expectativas em relação ao mercado de trabalho bem como as estratégias frente a esse mercado nos remetem diretamente aos valores do trabalho ou aos aspectos que são valorizados pelos jovens no confronto com o trabalho. Entretanto, tendo em vista a organização do texto e a apresentação dos resultados da pesquisa empírica, optou-se por uma sequência em que as reflexões acerca de valores do trabalho e centralidade do trabalho serão apresentadas no próximo capítulo.

5.1 A escolha do curso: motivos explicitados.

Este grupo de jovens pesquisado – alunos da PUC Minas, futuros administradores – é composto hegemonicamente (98,2%) por jovens que estão realizando o primeiro curso superior, portanto, esta é sua primeira escolha profissional. Como hoje a maior parte da amostra está com menos de 25 anos, essa escolha foi feita pela maioria com menos de 20 anos. Quando os jovens escolheram esse curso, 83% das famílias reagiram com satisfação. Dentre essas famílias, 21% já haviam demonstrado que gostariam que o jovem cursasse Administração, enquanto 62% não tinham demonstrado qualquer preferência particular pelo curso. As reações familiares expõem que o curso eleito goza de relativo prestígio social o que é também evidenciado pelo fato de corresponder a um dos cursos com maior volume de egressos do ensino superior no Brasil.

Os motivos para escolha do curso, em geral, são apresentados de forma entrelaçada, o que sugere que vários fatores interferiram na escolha embora adquirindo pesos distintos. Naturalmente, esses quesitos estão associados ao estoque de conhecimento e ao campo de possibilidades. Tais motivos podem ter alguma estabilidade, mas passam em diversos casos por modificações ao longo do percurso. Por intermédio da consciência discursiva, acionada verbalmente, os jovens vão relevando correntemente os motivos de suas escolhas. O depoimento abaixo é um exemplo de como os principais motivos, que levam os jovens proceder à escolha do Curso de Administração, surgem frequentemente articulados:

PM _ Eu escolhi Administração porque eu já tenho uma bagagem de formado em técnico em Administração. Eu já tenho na família uma empresa que eu vou dar sequência e além do fato de gostar muito da área de Administração. Esses foram os principais fatores que me levaram a essa escolha.

Grupo Focal Barreiro

Mas, além de evidenciar a articulação entre as razões, esse depoimento é bastante significativo porque sintetiza os principais motivos explicitados para a escolha dentro desse

universo estudado (Tabela 11). Na maior parte dos casos (39%), os jovens escolheram o curso porque acham que é uma boa aposta profissional, uma vez que acreditam que essa escolha lhes confere “um leque mais amplo de oportunidades profissionais” (27%), porque já tinham “facilidade de acesso à profissão” (6,2%) ou porque “já tinham trabalhado em áreas afins” (5,8%). Por sua vez, o segundo principal motivo para a escolha, como também menciona o jovem no trecho acima é o gosto.

Tabela 11 – Distribuição dos jovens segundo principal motivo da escolha do Curso de Administração.

Primeiro motivo de escolha do Curso de Administração	Número	(%)
Porque passava a ter um leque de oportunidades profissionais mais amplo	70	27,0
Por gosto	51	19,7
Por vocação	25	9,7
Porque tinha facilidade de acesso à profissão	16	6,2
Porque já tinha trabalhado em áreas afins	15	5,8
Porque é uma profissão útil	9	3,5
Porque naquela época foi difícil ou impossível ingressar na carreira que pretendia	6	2,3
Minha família queria	5	1,9
Pelas vantagens econômicas em médio prazo	5	1,9
Porque proporciona segurança de emprego	4	1,5
Por tradição familiar	4	1,5
Porque se tornou difícil encontrar um trabalho compatível com a minha formação	2	0,8
Para ter maior autonomia na gestão do meu tempo	2	0,8
Porque confere prestígio e reconhecimento social	1	0,4
Pela responsabilidade ética	1	0,4
Porque proporciona tempo livre	0	0,0
Pela exigência intelectual	0	0,0
Porque parte dos meus amigos também a escolheram	0	0,0
Não Respondeu	2	0,8
Nulo	41	15,8
Total	259	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

A Tabela 11 permite também observar que os motivos explicitados estão bastante associados à definição do campo de possibilidades, tanto do ponto de vista das oportunidades já vivenciadas e que influenciaram a escolha, quanto das expectativas futuras de oportunidades consequentes dessa escolha. Alguns aspectos, notadamente, parecem não ter peso significativo como razão para a escolha do curso, a exemplo da “responsabilidade ética”, do “tempo livre”, da “exigência intelectual”, e da consonância com a escolha dos amigos.

O grupo pesquisado, alunos da PUC Minas, reforça a noção de que o curso eleito possibilita uma diversidade de formas de inserção no mercado, sobretudo se comparado a outros cursos como, por exemplo, Comércio Exterior, Economia e Contabilidade. Os jovens ressaltam de forma positiva o fato do Curso de Administração ter uma importante participação no número de egressos do ensino superior no Brasil. E, de maneira especial, aqueles alunos que já tiveram uma incursão, mesmo que pequena, em outros cursos, quer seja no nível técnico quer seja no superior, valorizam a escolha por Administração, em geral, estabelecendo relações com outros cursos da área. Portanto, um dos aspectos que gera a valorização do curso é justamente o fato do jovem acreditar que esse curso proporciona uma inserção mais fácil no mercado de trabalho. Essa inserção está associada a dois fatores: um mercado mais amplo e uma formação mais eclética. Essa justificativa para a escolha significa a interpretação prospectiva acerca do campo de possibilidades em que o jovem percebe que há uma maior chance de garantir uma posição esperada no mercado de trabalho. Essa ilação torna-se patente nos seguintes depoimentos:

P M _É... Eu acho que Administração, (...) apesar de tantos cursos (...) e de tantas pessoas formadas a cada seis meses (...) é ainda o maior mercado, sabe? Porque tem vários campos de atuação, não é? (...) Tem muitas variantes que você pode seguir dentro da Administração. Então é um curso bem amplo. Assim, é uma área bem ampla de graduação, apesar do pessoal achar que está saturada, ainda é, na minha opinião, o melhor mercado de atuação sim.

Grupo Focal São Gabriel – Noturno

PM _ No meu caso, eu vi no curso de Administração um curso mais amplo para você conseguir emprego. Na área de Administração, qualquer lugar que você for, você consegue um emprego, um estágio. Então, o que me levou mais fazer esse curso foi isso. A facilidade de conseguir um estágio, um emprego.

Grupo Focal Barreiro

Essa manifestação sobre as amplas possibilidades de inserção no mercado, por meio de um estágio ou de um trabalho é corroborada pelos resultados dos questionários acerca da situação

profissional atual ou no último trabalho, já apresentada no capítulo anterior, o que demonstra uma absorção relativamente elevada do grupo. De fato, 85,7% dos jovens trabalham, sendo que 44,8% são empregados com carteira assinada e 20,8% estagiários em tempo integral. Além das largas possibilidades de inserção, o acréscimo de oportunidades de promoção para aqueles que já trabalham foi outro motivo explicitado para a escolha. Mesmo não estando presente no questionário, ele foi, porém, descoberto nos grupos focais, especialmente nos grupos de alunos do noturno, e está relacionado à importância de cursar uma graduação para se solidificar a posição conquistada no mercado e dinamizar a ascensão na carreira. Ou seja, mais uma vez a escolha manifesta um sistema de estratégias afins aos interesses instrumentais de seus atores:

P M _A minha opinião segue nessa linha também. Na conciliação de fatores: mercado, afinidade e necessidade também. Porque o meu caso... E que talvez o caso de quem cursa à noite é um pouco isso. Muitas vezes você já está inserido no mercado, mas falta uma qualificação. Porque a exigência mínima hoje é qualificação. Muitas vezes a gente vê até oportunidades nos jornais e tal e que não são preenchidas, dada a essa questão de qualificação. Principalmente na área técnica. Na área de graduação não foge tanto a regra. E ainda que a gente esteja inserido no mercado, existe a necessidade da graduação. Não só para manter, mas também para vislumbrar um futuro. Porque você também às vezes está no mercado, mas está inserido numa situação e a gente muitas vezes precisa também ver o horizonte.

Grupo Focal São Gabriel – Noturno

Mesmo usufruindo um leque mais amplo de oportunidades comparativamente a outros cursos, os grupos de entrevistados não deixam de salientar que não é só a conquista do diploma que lhes garantirá a inserção ou a ascensão profissional. Alguns chegam a apontar de forma implícita ou explícita que o término do curso superior, hoje em dia, equivale à conclusão do ensino médio há algum tempo.

PM _ Olha, a gente sabe que hoje... O objetivo principal não era fazer uma graduação para crescer dentro da empresa, era para me manter onde eu estava e continuo com essa mesma ideia. Pensando que tem que fazer para manter, porque tem outras pessoas que estão chegando, capacitadas que estão com certeza de olho na vaga da gente. O objetivo principal é esse, adquirir conhecimentos, lidar melhor com as pessoas, entender melhor o ser humano e principalmente o empregado, facilita o dia a dia, a convivência da gente.

PF _ (...) eu acho assim, a graduação é só mais um passo da nossa vida, porque é simplesmente como estar formando no 2º grau. Porque hoje em dia qualquer pessoa faz um curso de extensão, é graduação em dois anos. (...)

Grupo Focal São Gabriel – Manhã

Os jovens dos depoimentos acima percebem que o número de anos da escolaridade obrigatória aumentou nas últimas décadas, mas que nem sempre o mercado absorveu ou

recebeu os egressos do ensino superior em condições semelhantes às décadas anteriores. Aproxima-se, portanto, das constatações internacionais de diversos cientistas sociais. Chiesi e Martinelli (1997), por exemplo, comprovam essa situação na Itália, sustentando que há um crescimento da expectativa dos jovens, em relação ao trabalho, determinada pelo aumento do nível de instrução que, no entanto, na realidade se contrapõe à defasagem progressiva entre oferta e demanda no mercado de trabalho, levando, por um lado, a um crescente desemprego intelectual e, por outro, a uma recusa dos trabalhos de pouco prestígio social, que são deixados aos imigrantes. Segundo Bourdieu (2007, p.125), *a comparação entre cargos exercidos, em duas épocas diferentes, por titulares do mesmo diploma dá uma ideia aproximada das variações do valor dos diplomas no mercado de trabalho*. Isso acontece porque o crescimento do número de portadores de diploma é maior do que o número de posições, cujo acesso, no início do período comparado, era garantido por esses títulos acadêmicos. No entanto, é também significativo registrar que a desvalorização do diploma é acompanhada da expansão progressiva do monopólio que os diplomados exercem sobre as posições até então abertas a não-diplomados.

Os relatos sugerem, em suma, que os jovens, estabelecendo como referências as gerações anteriores, reconhecem uma desvalorização simbólica relativa do diploma universitário e, por acréscimo, do próprio ensino superior. Mas entendem também que essa desvalorização está longe de ser absoluta, porque como o último depoimento atesta (Jovem do grupo focal São Gabriel), o término da graduação passa a ser compreendido como mais um “passo”, ou etapa, que deve ser complementado por “novos passos”, leia-se, por novos investimentos na formação. Adiante vamos mostrar como essa aparente desvalorização irá operar na elaboração de estratégias de projetos de vida associadas à ênfase na formação continuada.

Mas, além da boa aposta profissional, o jovem escolhe porque “gosta”. As escolhas na modernidade tardia tornam-se uma operação complexa justamente pelo fato de serem entendidas como uma possibilidade e não tanto como um imperativo, o que gera, como consequência, o fato de os indivíduos elaborarem estilos de vida que servem de guia para suas práticas e escolhas. Assim, um estilo de vida pode ser definido como um conjunto de práticas mais ou menos integrado *que o indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da autoidentidade (...)* “um estilo de vida envolve um conjunto de hábitos e orientações e, assim, tem uma certa unidade – importante para a sensação da continuidade da segurança ontológica – que liga as opções em um padrão mais ou menos ordenado” (GIDDENS, 2002,

p.79-80). O item relativo ao gosto pela área de Administração, resposta escolhida por praticamente 1/5 da amostra, nos permite constatar a relação entre escolha, estilo de vida e campo de possibilidade (procurando conciliá-los), uma vez que esse “gostar” significa a inserção em um determinado estilo de vida, que corresponde à projeção de seus *selves*. Por outras palavras, o gosto deve ser compreendido como uma prática que dá forma às idealizações que os jovens elaboram dos seus *selves*. Mas é verdade que esse “gosto” também pode revelar ou ocultar uma escolha socialmente aceitável conforme as aspirações familiares não conscientes ou não explicitadas.

As escolhas em função do “leque mais amplo de oportunidades profissionais”, gerado pela formação em administração, e pelo “gosto” confirmam que estes resultados estão em consonância com outros estudos na área. São disso exemplo as conclusões de Mauritti (2002) obtidas em suas investigações acerca das aspirações e expectativas de inserção profissional dos jovens estudantes universitários portugueses. Com efeito, em todas as áreas científicas então pesquisadas, as razões de escolha mais salientadas foram um acréscimo de oportunidades profissionais e o prazer ou o gosto pelo que se faz.

Com relação às diferenças dentro do grupo, no que se refere às razões para a escolha, há que se destacar que no grupo de alunos da unidade Coração Eucarístico, cujos pais têm mais alto grau de escolaridade e maior capital econômico, e em que se encontra maior número de empresários, a escolha em função do gosto é a prioritária para 26% da amostra, enquanto no Barreiro, que tem características sociais opostas ao do Coração Eucarístico, este é o motivo principal apenas para 9% da amostra.

Por sua vez, a escolha em função do leque mais amplo de oportunidades profissionais gerado pela formação em Administração foi o fator prioritário para 35% dos jovens alunos das unidades São Gabriel e 31% e também para os alunos do Barreiro, enquanto essa foi a razão para apenas 18% dos estudantes do Coração Eucarístico. O Barreiro é uma unidade que se distingue pelo fato de 95% dos estudantes estarem trabalhando à época da realização da pesquisa, o que, associado aos motivos da escolha pelo curso, mostra o predomínio das razões relacionadas à experiência dentro do campo e possibilidades, pois 31% dos alunos escolhem em função da crença no leque de oportunidades e outros 10% pelo fato de já terem trabalhado em áreas afins.

Outras peculiaridades observadas em virtude de algumas diferenças dentro do grupo são: quanto mais jovem, maior é a tendência para se evocar o “gosto” como motivo de escolha, e quanto menor o rendimento médio mensal, maior a probabilidade de escolha em função do leque mais amplo de oportunidades profissionais. Os empregados com carteira assinada (que formam o grupo mais numeroso, correspondendo a quase 50% dos jovens pesquisados) tendem a escolher o curso prioritária e majoritariamente, tendo em vista o leque de oportunidades (39%). Dentro do segundo maior grupo (20,8%), composto por estagiários em tempo integral, 40,9% escolhem o curso por gosto. Por seu lado, os empresários escolhem primeiro por gosto (26,3%) alegando depois razões que se prendem com a tradição e expectativas da família (21%), com o fácil acesso à profissão (15,8%) e com a vocação (15,8%). Finalmente, os trabalhadores por conta própria distinguem-se por escolher em função do leque de oportunidades profissionais (28,6%), pelas vantagens econômicas em médio prazo (28,6%), pela maior autonomia na gestão do tempo (14,29) ou para atender às expectativas familiares (14,29)⁴⁴.

É importante notar que a escolha de um curso superior com fim em si mesmo, pelo fato de garantir o acesso ao conhecimento, completar a formação e o desenvolvimento de potencialidades pessoais, não foi um quesito mencionado pelos jovens durante os grupos focais. Tal fato possibilita a inferência de que, para esse grupo, o acesso ao ensino superior está bastante vinculado à necessidade de uma inserção profissional, uma noção recorrente no senso comum de que é esta a finalidade primeira de uma formação superior. Resgataremos este aspecto mais adiante, mas ainda neste capítulo, para refletir acerca da contradição entre este objetivo – inserção profissional – e a ambiguidade que hoje acompanha o estatuto de bacharel.

5.2 Expectativas e estratégias perante o mercado

Com relação às principais expectativas desses jovens ao iniciarem o curso podemos elencar as seguintes assertivas: ingressar em um trabalho nas mais distintas áreas da administração em empresas de médio e grande porte; garantir o trabalho atual ou a possibilidade de ascender profissionalmente. Dentre aqueles alunos que já tinham uma tradição familiar na área, ou mesmo experiência em algum empreendimento familiar tornou-se também notório que alguns pretendiam dar continuidade aos negócios da família ou expandi-lo. Outros, mesmo sem a bagagem familiar, tinham o interesse em abrir o próprio negócio. Nota-se que nesse grupo é

⁴⁴ Ver Tabelas 1, 2 e 3 - Apêndice

elevado o número de alunos com interesse em ter o próprio negócio (62,5%) e também daqueles que têm ou já tiveram alguma empresa ou atividade comercial (17,8%), o que parece contrastar com a reduzida disposição que encontramos junto à população brasileira para se tornar empresário.

Ao entrarem na fase final do Curso de Administração, os jovens pesquisados percebem, porém, que não estão conseguindo ainda realizar as expectativas iniciais. Nos grupos focais, frequentemente manifestam que há uma distância entre as aspirações iniciais e as possibilidades reais para a sua concretização ao final do curso. Quando perguntamos se com o curso realizado eles atingiram as expectativas, recebemos respostas como:

PF _ Bem, eu não acho não. Porque antes eu dizia: Vou me graduar, vou estudar! Não era bem isso não. Não é só a graduação e não é só isso não. Então, pra inserção no mercado... As expectativas que eu tinha não foram alcançadas não. Além do que falta muita ainda a alcançar.

Grupo Focal São Gabriel – Noturno

O depoimento dessa jovem revela a mudança da expectativa inicial, tornando-se claro para ela que o diploma não funciona, por si só, como um “passaporte” para a inserção profissional. Essa aluna expressa aquilo que Bourdieu (2007) considera como o efeito mais bem dissimulado da instituição escolar, ou seja, a capacidade de atribuição estatutária, positiva ou negativa, que todo o grupo produz ao fixar os indivíduos em classes hierarquizadas. Ao mesmo tempo, esse efeito exerce-se em outras fases do próprio curso por meio da manipulação das aspirações e exigências operada pelo sistema escolar ao orientar os alunos para posições prestigiosas ou desvalorizadas. As diferenças oficiais atribuídas pelas classificações escolares tendem a gerar diferenças reais ao produzirem, nos indivíduos classificados, a crença – reconhecida e defendida coletivamente – nessas diferenças. Essa disposição dos indivíduos em função das diferenças entre as classificações escolares gera o efeito de alocação, *o que faz com que a instituição escolar consiga impor práticas culturais que ela não inculca, nem sequer exige expressamente, mas que estão incluídos nos atributos estatutariamente associados às posições que ela concede, aos diplomas que confere e às posições sociais, cujo acesso é obtido por esses diplomas* (BOURDIEU, 2007, p.29). Os jovens desse universo pesquisado, mesmo sendo egressos de uma das principais instituições de ensino superior do Estado vivenciam, ao se confrontarem com o mercado, uma distância entre as aspirações iniciais e as oportunidades oferecidas. Atualmente, os jovens, quase que de forma independente de todas as diferenças de expectativas e de classe social, reconhecem que

possuir um título superior não é garantia de se obter trabalho e de se preservar a posição profissional.

Os resultados obtidos nos grupos focais levam-nos também a crer que mesmo exercendo um trabalho, os jovens buscam por oportunidades melhores, quer dentro da própria empresa quer no mercado de trabalho. Em muitos casos, as oportunidades até agora encontradas não satisfazem as aspirações, embora seja comum aos alunos acreditarem que não possuem os requisitos necessários para alcançar as posições desejadas:

PM _ Bom, no meu caso, eu não tive grandes oportunidades até agora e na área de Administração é muito por indicação também. Você tendo uma boa indicação, você consegue bons empregos em boas empresas. A oportunidade melhor que eu tive foi no estágio da FIAT, mas como o [colega] falou, eu também não posso trocar o certo pelo duvidoso, justamente por mais de noventa por cento das pessoas falarem: O estágio é só por um ano e depois você sai. Então, eu não podia me dar ao luxo de trocar.

PF _ Mais ou menos igual o [colega] falou, ainda não surgiram ainda boas oportunidades, talvez por causa do meu perfil. Eu não tinha a experiência necessária e o diferencial que é inglês, então isso foram algumas barreiras para essas oportunidades perdidas. E lá no meu trabalho a gente sempre ficar de olho buscando uma melhor colocação.

PM _ Das minhas oportunidades (...) algumas é (...), por eu ter conseguido o emprego onde eu estou hoje pela Catho, ainda tive acesso por um tempo até que eu parei de assinar. Depois eu voltei assinar de novo. Só que as oportunidades que estavam aparecendo lá não eram boas, porque eu ia receber menos de um terço do que eu recebo hoje. Então, da mesma forma que o [colega] disse (...) de trocar o certo pelo duvidoso, também, além de não ser uma grande empresa. E as oportunidades melhores, que eu terei, serão por indicação também, e fora de Belo Horizonte. Então, eu tenho que esperar me formar mesmo para poder partir para [...]

Grupo Focal São Gabriel - Noturno

Como já foi referido, no grupo investigado, é elevado o número de indivíduos que já estão trabalhando: relevante a inserção profissional, pois 85,7% estavam trabalhando, e destes, 38,6% já estavam nesse último trabalho há mais de dois anos. Dentro do universo investigado, 101 jovens (40%) declaravam que estavam procurando trabalho à época, sendo que 76 deles estavam trabalhando, 22 não estavam trabalhando e 3 nunca tinham trabalhado. Neste grupo que se declarava à procura de emprego, 30% percebiam as oportunidades de trabalho como correspondente as suas expectativas, enquanto 70% já não consideravam as oportunidades dentro de suas expectativas. Essa luta dos jovens para não haver perda de status – que não queriam aceitar um trabalho distinto das expectativas, a qual correspondia a 70% dos jovens à procura de emprego – também nos parece similar à luta contra a ‘desclassificação’ expressa na obra de Bourdieu (2007). Com efeito, para esse autor o simples acesso a um nível de ensino leva os grupos (ou classes) a esperar as mesmas oportunidades que esse acesso antes

proporcionava a outras gerações. No entanto, os dados comprovam justamente que na década de 1990, no Brasil, apesar dos jovens terem mais anos de estudo, do que a geração anterior, eles estão enfrentando maior dificuldade para a inserção no mercado. Ao vivenciar essa defasagem, Bourdieu (2007) anuncia que os jovens iniciam uma luta contra a desclassificação por meio da adoção de estratégias que constituem um dos fatores mais importantes da transformação das estruturas sociais. As estratégias individuais de recuperação conjugam-se com as estratégias coletivas de reivindicação que visam valorizar os diplomas.

Uma das formas de luta contra a desclassificação é o crescimento da divisão do trabalho (novas profissões), que gera como efeito uma redefinição criadora e atinge especialmente as ocupações com grande dispersão e pouco profissionalizadas, em que os cargos e carreiras não adquiriram a rigidez das velhas profissões burocráticas. Esse processo é bastante visível na Administração, pois os próprios cursos de bacharelado começaram, a partir do ano 2000, a revelar uma tendência de criar subdivisões dentro da área, com a configuração de ênfases pré-definidas na própria graduação. Como citamos no capítulo 2, nesse período é que foram criados cursos como Administração em Análise de Sistemas e Informática, Administração em Comércio Exterior, Administração em Marketing, Administração Hoteleira, Administração Industrial, Administração Rural.

Mas, como foi citado, os próprios jovens também recorrem a estratégias individuais, tanto de recuperação de sua classificação quanto de formas de enfrentar o mercado de trabalho, por meio da revisão dos seus projetos de vida na esfera do trabalho. Ou seja, o confronto com a realidade exige deles um esforço *para lidar com a situação, desenvolvendo não só estratégias racionais, mas, sobretudo, uma capacidade de adaptar-se às circunstâncias* (VELHO, 1994, p.45). Como se presume, essa situação extravasa a realidade brasileira. Em um estudo comparativo entre 5 países europeus, realizado por Smithson, Lewis e Guerreiro (1998), com o objetivo de analisar as percepções de um conjunto de jovens acerca do trabalho e da família, num contexto caracterizado pela insegurança nas situações de emprego, demonstra que os jovens desenvolvem estratégias adaptadas ao estado de crescente incerteza: “evitar pensar no longo prazo”, “procurar objetivos alternativos”, “tentar gerir a própria carreira” (adotando estratégias para aumentar a empregabilidade), “enfrentar os desafios”, “adiar compromissos” (tais como casamento, compra de casa, saída da casa dos pais), e mesmo, “redefinir a percepção de segurança” – já considerando contratos de curto prazo como empregos seguros. É também digno de nota o desinvestimento em estratégias coletivas, pelo menos das que se

consubstanciam na participação sindical, o que exprime a desvalorização dessa instituição como esfera de representação.

De forma bastante análoga aos resultados da pesquisa europeia, os futuros gestores brasileiros, que participaram desta pesquisa, sugerem que os caminhos, em geral, para o ajuste das expectativas que tinham no início do curso, diante dos resultados até então atingidos no mercado de trabalho, passam pela adoção do mesmo gênero de estratégias de gestão da incerteza. Para evitar pensar em longo prazo e ao mesmo tempo adotar objetivos alternativos, foi comum encontrar depoimentos em que os jovens manifestaram acreditar que as conquistas serão passo a passo. Para gerir a própria carreira e reconfigurar a noção de segurança, os jovens adotaram discursos em prol da necessidade (confirmada pelo mercado) de recorrerem à formação continuada, sobrevalorizando assim o diploma. O domínio de línguas estrangeiras, a participação em congressos e em cursos de capacitação em áreas específicas e a obtenção de especializações são algumas das formas mais comuns de esforços diante do desajuste. Algumas tendências são bastante evidentes dentro dos grupos, como por exemplo, a transição de uma expectativa que passa da possibilidade de conseguir uma vaga em uma grande empresa para a intenção de ampliar os negócios da família ou de entrar em uma pequena empresa; ou então de transitar de um interesse inicial pela abertura de uma empresa para o desejo de se entrar em uma empresa pequena ou de se recorrer à formação continuada.

Como mencionado no terceiro capítulo, vale destacar a importância da origem e do *background* desses jovens com relação à trajetória familiar vinculada à atividade empresarial e à iniciativa empreendedora. Nesse grupo de estudantes da PUC Minas, 26,3% dos pais e 13,1% das mães são empresários. Esse resultado associa-se ao fato de que cerca de 62% já pensou em ter uma empresa ou atividade comercial, sendo que 18% da amostra já teve uma empresa ou atividade comercial.

PF _ O meu [objetivo] tornou-se isso agora, não é? Antes eu pensava em conseguir... Achava que ia ser bem mais fácil conseguir um emprego numa empresa de médio e grande porte, mas hoje eu já vejo que é muito difícil. Porque se você não tiver ninguém pra te indicar assim é muito difícil você conseguir entrar numa empresa de médio e grande porte, não é?

E _ Então sua expectativa original era trabalhar numa empresa de grande porte?

PF _ De médio e grande porte. Inicialmente, mas hoje eu já não penso assim mais. Hoje eu já quero ampliar o negócio do meu pai e quem sabe montar outras filiais em outras cidades e tal. Hoje é... O meu pensamento é para isso agora. Tanto que até o meu trabalho [Trabalho de Conclusão de Curso] eu já estou fazendo em cima disso já, para ampliar o negócio depois da conclusão do curso.

Grupo Focal São Gabriel – Manhã

PM _ Olha, eu realmente pensava que seria bem mais fácil encontrar trabalho, hoje eu vejo que não é bem assim não! Trabalhei num PAB vários anos [...] Passei em alguns outros não, mas é bem complicado e minha expectativa agora quando acabar é dar continuidade, porque eu acabei, assim, entrando na empresa que eu tinha com o meu pai. Então, agora é minha... Eu vejo que vou ter que seguir ali mesmo.

Grupo Focal Coração Eucarístico – Manhã

Para aqueles que têm essa possibilidade, a opção pela continuidade dos negócios da família é um caminho mais imediato, mais seguro e, nitidamente, é a rota alternativa encontrada por esses jovens diante dos limites do mercado. Outro caminho comum indicado pelo grupo foi da alteração entre a perspectiva inicial de abrir uma pequena empresa e ter o seu próprio negócio para a intenção de conseguir uma vaga em uma pequena empresa. Weller (2007) explica que os jovens na América Latina que aspiram à independência profissional e à criação de suas próprias empresas enfrentam mais obstáculos do que os adultos, o que não causa então surpresa o fato de alguns dos nossos jovens preferirem primeiro acumular experiência profissional em um trabalho assalariado. Recorrendo a dados referentes ao Chile, Equador e Peru, o autor demonstra que em um período de 18 meses, no qual se comparou o comportamento de jovens e adultos, o número de jovens que desistiram de suas próprias empresas e buscaram um trabalho assalariado é bem maior do que entre os adultos. Já em Portugal, por exemplo, apesar da grande maioria dos jovens demonstrar interesse em manter uma atividade empresarial, consideravam um projeto difícil e arriscado, para o qual não dispunham de conhecimento ou capital (GUERREIRO e ABRANTES, 2004). De maneira semelhante, nosso grupo focal demonstra como uma das formas de ajuste de expectativa a perspectiva de ingressar em uma pequena empresa substituindo a intenção inicial de abrir uma empresa própria. O trecho abaixo expõe dois caminhos recorrentes apontados pelos jovens como alternativas para as expectativas iniciais que são: a busca pela inserção em uma pequena empresa e a realização de concursos públicos. É importante destacar que nem mesmo esses caminhos são considerados facilmente acessíveis e ao mesmo tempo aparecem condicionados pela formação e pela educação continuada.

PF _ A minha expectativa já era diferente. Era de abrir uma empresa, eu não sabia de quê, mas era de abrir uma empresa. Mas só que agora eu vejo que abrir uma empresa não é fácil, entendeu? É muito difícil {argumentos sobre a dificuldade}

E _ E agora, quais são as suas expectativas?

PF _ E agora eu pretendo entrar numa grande (...) não numa grande empresa, porque eu acho assim, a graduação é só mais um passo da nossa vida, porque é simplesmente como estar formando o 2º grau. Porque hoje em dia qualquer pessoa

faz um curso de extensão, é graduação em dois anos. Então, hoje em dia pra você ser o melhor, eu acho que você não vai alcançar o melhor sempre, você vai tentando, você vai subindo o degrau. De degrau em degrau. Então, você não vai entrar de cara numa grande multinacional, você vai entrar empresa pequena, entendeu? Pelo menos é meu ponto de vista. Entrar numa empresa pequena por enquanto e tentar aprofundar mais pra poder chegar pelo menos (...) Como disse o professor de Gestão de Informação: a vinte mil reais (...) [risos].

Grupo Focal São Gabriel – Manhã

Como se pode verificar, a jovem sugere que “por enquanto”, ou seja, como objetivo alternativo o caminho é a vaga em uma pequena empresa, mesmo que, no final da linha, se encontre uma almejada multinacional. Os objetivos são elaborados passo a passo, “degrau por degrau”, incluindo estratégias voltadas ao aumento da empregabilidade, sobre as quais ela própria discorrerá mais adiante nas conversas do grupo. Nesse mesmo grupo focal, o interlocutor seguinte comentou que:

PM _ Ah, eu pensava que entrar no mercado de trabalho fosse mais fácil e na hora que me formasse, eu fosse conseguir aquele big emprego que ganhasse uns quatro, cinco mil reais por aí, entendeu? Estar dentro de uma empresa que você tem todas as vantagens, mas hoje eu não tenho essa expectativa mais não. Hoje eu penso que assim (...) que ao formar, você tem que começar a pós [graduação] logo de cara e fazer um concurso público. Porque abrir empresa também não é fácil e eu não acho que seja ideal para mim. Acho que vale pena esperar mais um pouco.

Grupo Focal São Gabriel – Manhã

Esse depoimento acima já anuncia que associado aos ajustes de expectativa está sempre o imperativo da ênfase na formação continuada. Esses dados ficam evidentes quando os jovens são consultados a respeito da expectativa em relação à continuidade da formação, pois 42% declararam pretender cursar uma pós-graduação *lato sensu*, 26% afirmaram que gostariam de fazer um mestrado, 20% declararam ter intenção de fazer um doutorado e 3,5% sugeriram que realizariam outros cursos. É surpreendente verificar que apenas 8,5% respondem que encerrarão os estudos ao concluir o ensino superior. Retomamos aqui as reflexões de Bourdieu (2007) acerca desse tema, em que o argumento explicativo para a expansão do processo de educação continuada está justamente no confronto com a defasagem entre as oportunidades objetivas e as esperanças subjetivas de estas serem concretizadas na esfera do trabalho. Em um ambiente de descontinuidades brutais entre o tudo e o nada, entre os estudos e a profissão, os estudante no final dessa fase importante da trajetória acadêmica – a conclusão do curso – tendem a adiar pelo período mais longo possível o momento limite da avaliação de si mesmos. A continuidade dos estudos é uma forma do jovem adiar o balanço final (Bourdieu, 2007). Nos grupos focais, essa posição dos jovens diante da eminência do

fim do curso e das expectativas com relação ao futuro, a preocupação com a continuidade da formação é recorrente, como podemos observar no comentário abaixo:

PM _ Minha principal preocupação é ter que ficar estudando praticamente pra sempre, não é? Porque quem está mais ou menos na mesma idade que eu, quem saiu do segundo grau e veio direto pra faculdade, está estudando e imaginar que ele não vai poder parar nunca. Nunca é muito, mas, assim, é complicado. Não falo assim só seguir pós-graduação, começar doutorado. Não é bem assim, eu falo de está atualizando mesmo, indo à palestra, num sei o quê, num sei o quê. Só que isso aí é um fator que... alarmante, não é? Porque se você parar pra pensar, já passaram em cima de você.

Grupo Focal São Gabriel – Manhã

Esse trecho remete-nos novamente às reflexões de Bourdieu (2007), mas também de Dubar (2006), já elencadas no primeiro capítulo desta tese, sobre a necessidade constante de educação continuada e prolongada que revela o desejo de evitar ou apenas de adiar “uma crise pessoal”. Segundo Bourdieu (2007, p. 150) o futuro indeterminado para grande parte daqueles que estão no final dos estudos “*permite transformar o presente em uma espécie de sursis incessantemente renovado (...) tudo se passa como se na nova lógica do sistema escolar e do sistema econômico incentivasse a adiar, pelo período mais longo possível, (...) o balanço final*” e nesse sentido, a importância atribuída nos discursos à qualificação, aos cursos de pós-graduação, aos cursos de língua estrangeira que foram temáticas recorrentes e intensamente exploradas pelos jovens durante os grupos focais.

Tudo se passa, de fato, como se a conclusão não existisse, como se fosse necessário expandir os limites da fase e postergar a avaliação social e pessoal, da trajetória percorrida até aquele momento. Como disse Bourdieu (2007, p. 150) “*as descontinuidades brutais, do tudo ou nada, entre os estudos e a profissão, cedem lugar a passagens por evoluções infinitesimais, ou seja, o balanço final às vezes assume a forma de uma ‘crise pessoal’*”. Por isso, embora não se esgote nesses aspectos, consiste, sem dúvida em uma forma de lutar contra a desclassificação em relação às expectativas outrora elaboradas.

PM _ A minha expectativa é atuar. Ter uma profissão estabilizada, numa empresa de grande porte. Só que para isso, eu ainda, depois que terminar aqui, tenho que fazer o inglês, tenho que tentar fazer uma pós [graduação]. Porque senão, só com a graduação, eu acho meio difícil [conseguir] pelo que eu estou vendo.

PF _ Minha expectativa, não é? Estando com o canudo na mão é procurar estudar mais, me especializar, fazer o inglês que acho que na nossa área é essencial. Muitas empresas aí falam: - Ah, você tem inglês? Básico. Ah! Não. Tem que ser intermediário ou então avançado. (...) A expectativa é continuar estudando, continuar nessa linha de estudar. Procurando me especializar para enfrentar esse mercado aí, que cada dia está procurando profissionais mais qualificados.

Grupo Focal São Gabriel – Noturno

A formação continuada que é uma exigência do mercado passa a ser considerada como responsabilidade pessoal. Nota-se que dentre as atividades que os jovens pretendem dedicar mais tempo no futuro do que atualmente, importa a formação orientada para o trabalho. Esse é um dos itens com maior representação dentro desse grupo, 42% dos jovens pretendem, no futuro, dedicar mais tempo do que o atual à formação orientada para o trabalho. Mas, voltemos a um novo depoimento em que ao lado do gosto pelo desafio e pela instabilidade se torna notória a crença de que ao indivíduo cabe a responsabilidade de se autoformar, mantendo-se empregável.

PM- Eu gosto de desafios e a instabilidade pra mim é um desafio, aguentar esse clima de: “Ah, eu posso estar desempregado amanhã!”, mas me preparar pra o desemprego amanhã, fazendo um curso, uma pós-graduação. Eu sei que se eu sair da minha empresa hoje, outras vão me chamar. Ter esse diferencial. Então você fala assim: “Administração. O curso de Administração te completou?” Não. O curso de Administração me deu uma base e dentro das empresas eu fui completando o que me faltava. Mas sem essa base eu muito pouco ia aproveitar dentro das empresas, muito pouco eu iria conseguir observar pra trazer conhecimento pra mim.

Grupo Focal Coração Eucarístico – Noturno

Ressalta-se, portanto, a evidência de que “já não é a escola, nem a empresa (mesmo coordenadas) que produzem as competências que os indivíduos necessitam para aceder ao mercado de trabalho, obter rendimento e serem reconhecidos: são os próprios indivíduos” (DUBAR, 2006, 98). Querendo ou não o indivíduo passa a assumir o controle e a responsabilidade pela aquisição e manutenção de suas competências, o que lhe dá ou retira a permissão de empregabilidade. Como aponta Chaves (2007, p.158), em suas pesquisas com os jovens advogados portugueses, nesta nova configuração do “*mundo do trabalho*”, a exaltação da competência e da constante renovação institui “*um trabalhador comprometido com a manutenção do seu valor no mercado ao longo do tempo*” e esse valor seria o espelho das suas capacidades e méritos intrínsecos. Tal como os discursos dos jovens alunos de administração da PUC, as análises de Chaves (2007) acerca dos jovens advogados portugueses sugerem que:

(...) esta última crença e forma de explicação para o “sucesso” e o “insucesso” se encontram interiorizadas, as noções de “instabilidade” ou “precariedade” entendidas como negativas junto da maior parte dos assalariados podem adquirir uma conotação positiva, uma “precariedade identificante”, para utilizar a expressão de Dubar (2000:126), ou até, como nós próprios gostaríamos de acrescentar, uma “precariedade edificante”. (Chaves, 2007, 159).

A percepção de uma insegurança crescente com relação às possibilidades objetivas da esfera do trabalho gera, contudo, uma preocupação com o desemprego. Essa insegurança remete-nos quase que automaticamente para a necessidade contínua de formação, qualificação e

capacitação. Como verificamos na Tabela 12, ao questionarmos os jovens sobre quais são as dificuldades que podem encontrar ao buscar o trabalho desejado, a falta de experiência (27,4%), o excesso de concorrentes (13,5%) e a falta de especialização (12%) são os principais aspectos mencionados.

Tabela 12 – Distribuição dos jovens segundo dificuldades que acreditam encontrar ao buscar o trabalho desejado.

Dificuldades que acredita encontrar ao buscar o trabalho que deseja	Número	(%)
Falta de experiência	71	27,4
Excesso de concorrentes	35	13,5
Falta de especialização	31	12,0
Falta de indicação	23	8,9
Falta de vagas	14	5,4
Pela atual situação do país	4	1,5
Por problemas pessoais	3	1,2
Outra	5	1,9
Não Respondeu	57	22,0
Nulo	16	6,2
Total	259	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Como os jovens dificilmente podem controlar as duas primeiras condicionantes eles recorrem à ênfase no terceiro aspecto, até como estratégia para suprir a deficiência por falta de experiência e como modo de ultrapassar os limites do excesso de concorrentes. No depoimento abaixo, observa-se a centralidade da responsabilidade individual pela formação e pela consequente manutenção de seu valor enquanto profissional:

PF _ Para mim a principal preocupação é a qualificação mesmo, eu tenho medo de ficar ultrapassada, não é? Ficar para trás, não conseguir acompanhar o ritmo das alterações do mercado.

Grupo Focal São Gabriel – Manhã

Essas estratégias para manutenção do valor profissional ou aumento de empregabilidade, em geral, ocorrem a partir do acesso a novos atributos valorizados pelo mercado como a especialização profissional e a obtenção de outras competências técnicas, como o domínio de língua estrangeira:

PM _ (...) como os meninos também disseram (...) Falando desses últimos semestres, eu tenho visto, que o emprego na área de Administrador não está ali só relacionado à... “Eu já tenho graduação, eu tenho emprego garantido quando eu sair daqui”. Eles pedem muita coisa além disso [da graduação]. Não só a graduação, mas especialização em alguma área (...) Inglês, não estão pedindo somente o básico e sim, por exemplo, a [...] Eles pedem um inglês fluente (...) e isso é (...) Eu acho que isso é uma forma de selecionar os melhores profissionais do mercado e devido a essas exigências todas, a gente não pode parar por aqui, se a gente quer alcançar um cargo almejado.

Grupo Focal São Gabriel – Noturno

A crescente importância da chamada educação continuada pode implicar em uma tensão duradoura e com efeitos no tempo livre, na vida social e familiar, influenciando na tendência de uma parte dos jovens de postergar a formação de uma família e a chegada dos filhos. Blasco (2008), por exemplo, aponta que, na Espanha, 63% dos jovens entre 15 e 29 anos vivem com os pais. No grupo entre 25 e 29 anos, 39% dos homens e 29% das mulheres que estão empregados ainda vivem com os pais e a justificativa é que esperam circunstâncias mais favoráveis antes de sua saída da casa dos pais. As pesquisas em Portugal mostram que a ênfase na formação ao longo da vida contribui para diluir as fronteiras que antes configuravam limites entre os períodos de formação, ingresso no mercado de trabalho e constituição de uma nova família. Agora, é frequente que os projetos de vida tenham que lidar com as interconexões constantes e fluidas entre essas esferas como trabalho, educação e família (GUERREIRO & ABRANTES, 2004). Além disso, a permanência no sistema escolar, como anunciado, pode provocar algumas consequências para a família, tanto em termos de sustento financeiro do jovem quanto de apoio e motivação (KAZTMAN, 1999).

Outro meio de obtenção de emprego utilizado para encontrar o último trabalho, por parte daqueles que estão trabalhando, foi por meio de amigos ou conhecidos (29,3%), de familiares (15,8%), por meio de envio de currículo (15,1%), da escola ou faculdade (11,6%), por outros meios (8,9), de agência de emprego (8,1%), de concurso público (5,0%) e por classificados de jornal (1,2%). Esse resultado explicita a importância da rede de relacionamento na interface com o mercado e com a possibilidade de inserção. O acesso ao ensino superior, conforme demonstram algumas pesquisas (GUERREIRO & ABRANTES, 2004; KAZTMAN, 2001) notadamente concede a possibilidade de transformação das redes de sociabilidade e até dos estilos de vida. Não só os empregos alcançados dependem das qualificações e competências adquiridas na universidade, como, frequentemente, os convites para esses empregos surgem nos corredores das faculdades e por meio da rede de contatos informais e dos amigos. O acesso ao ensino superior não deixa, portanto, de continuar a funcionar na atualidade

enquanto uma estratégia de reprodução – conjunto de práticas pelas quais os indivíduos ou as famílias tendem inconscientemente ou conscientemente a conservar ou aumentar seu patrimônio e por consequência a manter ou melhorar sua posição na estrutura das relações de classe (BOURDIEU, 2007, p.122)⁴⁵.

Talvez essas razões levem os jovens a desenvolver uma visão de futuro positiva, a despeito da avaliação recursiva de que há uma distância entre as aspirações iniciais e as possibilidades reais da sua concretização ao final do curso. Essa visão otimista é constatada, por exemplo, quando se observa que a grande maioria dos futuros administradores (84,9%) acredita que depois de formada realizará as expectativas em relação ao trabalho. A maioria, 54,1%, acredita que depois de formado vai continuar no trabalho atual, 11,2% acham que com certeza estarão empregados imediatamente, 16,6% acreditam que estarão empregados em menos de 6 meses. Apenas 7,7% acreditam que, provavelmente, não estarão empregados nos primeiros 6 meses ou 1 ano. Além disso, quando solicitamos uma comparação entre as expectativas de oportunidades em relação ao trabalho, estabelecendo um paralelo entre a visão atual e a de quando se iniciou o curso, o resultado corrobora essa perspectiva de otimismo: para 75,3% dos jovens as expectativas de hoje são bem mais otimistas do que quando ingressaram no Curso, e em 8,5% dos casos não houve alteração. É apenas de 15,1% o número daqueles que, hoje, têm expectativas mais pessimistas do que no início do Curso. As respostas denotam uma crença otimista bastante elevada, pois se não é possível negar que essas respostas podem ter sido incentivadas pelas opções presentes no questionário, é também inegável que os respondentes poderiam ter se resguardado, optando pela alternativa de resposta: “as expectativas não se alteraram desde o início do curso”.

Essa visão otimista de futuro dos jovens com relação às oportunidades de trabalho já foi realçada por pesquisas em outros contextos. Na Itália, por exemplo, Chiesi e Martinelli (1997) revelam que embora as perspectivas de mercado tenham piorado rapidamente, a percepção dos jovens acerca do próprio futuro ocupacional era mais positiva do que antes, ou seja, do que no contexto socioeconômico precedente à crise do início da década de 1990. A juventude chilena que participou da pesquisa de Sepúlveda (2006), de maneira transversal, ou seja, em todos os grupos, com diferentes perfis socioeconômicos investigados, e mesmo reconhecendo que as condições estruturais eram adversas para a obtenção de suas metas e sonhos, a maioria

⁴⁵ De fato, por mais ambíguo que tenha se tornado o estatuto de diplomado, uma vez que as profissões mais prestigiadas tornaram-se mais seletivas enquanto outras viram as qualificações a que se atribuíam valor desvalorizarem-se no mercado de trabalho, não há como negar que a experiência universitária garante uma série de atributos e vantagens para se competir no mercado de trabalho contemporâneo.

dos entrevistados manifestou uma disposição positiva em relação ao futuro, assentada na confiança em suas capacidades individuais de seguir em frente. De maneira sintética, o autor sugere que *os jovens são principalmente otimistas e, em geral, são capazes de desenhar e sustentar um projeto de vida, considerando-se no controle do mesmo em direção ao futuro*⁴⁶ (SEPÚLVEDA, 2006, p. 167, tradução nossa).

5.3 A elaboração dos projetos de vida na esfera do trabalho

Os jovens dessa pesquisa manifestam algumas direções comuns para projetos de vida na esfera do trabalho. Essas direções são basicamente: conquistar uma vaga, elaborando uma trajetória profissional a partir da inserção em uma pequena ou média empresa, incluir-se nos negócios da família, expandir os negócios da família e ter o próprio negócio. A conversa abaixo, estabelecida naturalmente entre os jovens durante um dos grupos focais, explicita como os processos de elaboração de projetos de vida e idealização dos *selves* se articulam:

PM (A)_ Eu gosto muito da empresa que eu trabalho. É, assim, um ritmo muito dinâmico, a empresa é muito dinâmica, bem agitada. Eu tenho trabalhado muito, eu torço muito para que a empresa cresça. E me preocupo principalmente em ter a confiança das pessoas, mostrar pra elas que eu estou ali com o mesmo objetivo que elas: que é crescer e fazer que a empresa cresça e também passar confiança para elas.

E _ Você também quer crescer?

PM (A) _ Isso.

PM (B) _ O meu caso é igual o caso do [colega]. Eu sou estagiário, então a minha preocupação é realizar bem as tarefas. Ainda mais no momento agora que a empresa está crescendo bastante está investindo muito. Porque estagiário emprega tudo e não colhe nada agora... ()

PM (C)_ Porque estagiário é o assistente do quinto carimbador.

PM (B)_ Então, eu quero ser efetivado o mais rápido possível, em curto prazo, eu vou colher os frutos, porque hoje eu estou ajudando a empresa a aprontar. Se eu continuar sendo estagiário muito tempo, eu não vou conseguir colher os frutos mais na frente. Então quero participar dos lucros. Todo mundo vai pegar e eu fico lá só chupando os dedos. Todo mundo pega dois mil, três mil reais. E eu fico lá só olhando, sabendo que eu ajudei também, numa pequena parte, mas eu ajudei também naquele lucro (...)

PM (B) _ Agora saiu lá a lei do estagiário. Mas não foi aprovada ainda não. É pra três anos.

PM (C) _ Olha o desespero que o cara tá.

PM (B)_ Tem neguinho que meio que aproveita. Vai ter que gastar mais com estagiário, vão ter que cortar ele. Lá vai ele pro pau de novo!

PM (C) _ Isso é verdade.

E _ E daqui a cinco anos? Aonde você quer estar? Qual trabalho você quer ter?

⁴⁶ los jóvenes son mayormente optimistas, y por lo general son capaces de diseñar y sostener un plan de vida, considerándose el control del mismo hacia el futuro (SEPÚLVEDA, 2006, p. 167).

PM (B)_ Essa pergunta que você fez agora, o meu chefe, no dia de me contratar, fez a mesma pergunta! Eu falei com ele (...)

PM (C)_ Mas aí ele vai estar no colégio com o filhinho dele, fazendo matrícula. Na reunião dos pais... []

PM (B)_ Óoo gente, vamos aprofundar isso aí. Eu falei com ele: Eu vou querer no mínimo um cargo de gerência lá no banco e casado. Estar com uma estabilidade boa na minha vida. Eu sempre falei que daqui...

PM (C)_ Vai atrás da [XXX]!

PM (B)_ Eu tenho que voltar com a namorada, porque a minha terminou comigo! Mas eu sempre comentei que com trinta anos eu queria estar com uma maturidade boa no serviço e estar com minha vida bem encaminhada já.

Grupo Focal Barreiro

O depoimento revela um tipo muito frequente de ligação entre o presente e a perspectiva do futuro que se desenrola por meio de fases e passos. O primeiro passo, no ponto de vista do jovem, é demonstrar o compromisso com o trabalho e com a organização da qual faz parte, em seguida conseguir se efetivar no trabalho e alçar-se a um cargo, depois, e dentro de um prazo de 5 anos, conseguir alcançar a gerência. Essas etapas do projeto de vida na esfera do trabalho vão se interpenetrando às etapas da esfera familiar, como casar e estabelecer uma nova família, bem como se associam ao desenvolvimento de competências ou recursos, nitidamente de uma fase adulta, sendo elas próprias sinal de maturidade. Percebe-se como o depoimento menciona “*que o projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade*” (VELHO, 1999, p.27). O jovem explicita a forma de elaboração do seu projeto, como a organização de sua conduta para atingir finalidades específicas, a articulação entre o estoque de conhecimento e a projeção que faz do seu futuro. Demonstra, no fundo, que o processo de elaboração dos projetos é realizado em etapas, passo a passo, com uma sucessão de ações encadeadas.

Na perspectiva de Giddens (2002), os indivíduos nas sociedades contemporâneas estruturam suas vidas como sistemas abertos em que cada fase das transições da vida tende e se tornar uma crise de identidade. Nesse sentido, a vida, ou o projeto de vida, é construído *em termos de necessidade antecipada de enfrentar e resolver tais fases de crise, pelo menos onde a consciência do indivíduo for altamente desenvolvida*. (GIDDENS, 2002, p.139). Isso se torna perceptível em observações do gênero: “*quero ser efetivado*”, antes de entrar em vigor a nova lei que regulamente o estágio; “*quero participar dos lucros*”, ao invés de ficar só olhando; “*tenho que voltar com a namorada*”, porque, com 30 anos “*queria estar com a minha vida bem encaminhada já*”.

Parte-se, portanto, de uma representação atual de si como estagiário – aquele que desempenha uma atividade administrativa rotineira e burocrática, com baixo reconhecimento pelo trabalho e sem participação nos benefícios financeiros da empresa – para a projeção de um *self* idealizado como um gerente – que representa crescimento e um determinado nível de estabilidade. Este é o reflexo do contínuo refazer dos mapas cognitivos, da autopercepção e das representações individuais.

No entanto, é bom frisar que a maior parte dos discursos acerca dos projetos de vida, em função do foco da pesquisa, estava mais diretamente relacionada à esfera do trabalho apontando como perspectiva de futuro a importância do crescimento profissional. Essa noção de crescimento profissional foi muito enfatizada pelo grupo e está associada à elaboração de uma ideia de trajetória, que assume a forma de “carreira”. A carreira é uma temática importante, abordada por uma rica literatura interdisciplinar, e será aqui incorporada, pois “*como um conceito, a carreira é um modo interessante de estabelecer ligações entre questões como estrutura e organização e self e agente*” (LASKAWY, 2004, p.1, tradução nossa)⁴⁷. Nota-se que essa noção de carreira, tantas vezes referida pelos os autores que investigam as transições para a vida adulta está de fato muito presente nas aspirações e expectativas dos jovens, estruturando suas práticas e disposições nos contextos laborais. Contudo, ao invés do que sucedia há algumas décadas, a peculiaridade está no fato de que a construção da carreira é atualmente um processo intensamente individual e autogerido, associado ao acúmulo de experiência e conseqüente promoção sucessiva. Os depoimentos iniciais deste capítulo indicam nitidamente esse caminho individual e de autogestão. A atitude dos jovens em relação à escolha do trabalho não parece caber na execução de um projeto final e um planejamento rigoroso de carreira, mas, ao contrário, exprime atitudes de incerteza no momento de escolha do primeiro trabalho e de atitudes pragmáticas e negociadoras, além de um compromisso realista entre opções e oportunidades (CHIESI & MARTINELLI, 1997). Nosso enfoque, agora, será compreender como esta perspectiva de carreira está representada nos discursos sobre os projetos de vida.

Os resultados desta pesquisa confirmam que as perspectivas de carreira não estão tão atreladas a determinadas empresas ou cargos como em gerações passadas (SENNETT, 1999; SENNETT, 2005). Nos discursos, os jovens não fazem menção à possibilidade de emprego vitalício ou de uma carreira dedicada a uma única instituição. Há uma noção recorrente de que a carreira será

⁴⁷ (...) as a concept, the career links in very interesting ways issues of structure and organization with issues of self and agency.”

construída por etapas, passo a passo, mas que isso pode significar um percurso de mobilidade de organização para organização. O que notadamente se destaca são as considerações elaboradas pelos jovens acerca da trajetória profissional no cenário contemporâneo. É evidente a importância atribuída ao contínuo crescimento profissional, como uma mola sempre propulsora para o desenvolvimento pessoal. A elaboração deste ciclo virtuoso é uma das metas que norteiam a elaboração dos projetos de vida e a carreira aparece basicamente como sinônimo de uma trajetória constante de crescimento profissional. Tal evolução surge nos discursos associada ao crescimento da empresa, própria ou local de trabalho, e é atrelada ao aumento da confiança na capacidade de se alçar a novos patamares. Mesmo tendo uma variação entre os prazos estabelecidos pelos próprios jovens para atingir o nível esperado, estes dois fatores aparecem entrelaçados, elaborados de forma contínua e cíclica, pois quanto maior o crescimento profissional, maior o desenvolvimento pessoal – essas duas formas de progresso retroalimentam-se mutuamente.

PM _ Cinco anos é um prazo muito curto. Ainda num deu para alcançar a independência nem nada. Mas acho que daqui a cinco anos eu já vou estar sozinho na empresa [sem o apoio dos pais], pelos sinais que eu já estou percebendo. E eu pretendo estar sempre crescendo em relação ao meu trabalho, crescendo profissionalmente, crescendo na empresa que eu trabalho, então é isso.

PF _ Eu também. Eu vou crescer. Primeiro eu vou conseguir emprego. Se não tiver bom eu vou sair, porque eu sou muito dinâmica, e conseguir outro. Eu pretendo crescer e daqui a cinco anos estar bem.

PM _ Eu também, eu pretendo estar empregado num lugar onde eu possa crescer mesmo, tenha possibilidade de crescimento. Eu vou estar independente financeiramente. Não depender de ninguém, é isso.

Grupo Focal Coração Eucarístico – Manhã

Os dois fatores somados chegam a ser a síntese do projeto de vida na esfera do trabalho quer na condição de empresário, quer na condição de funcionário de grande empresa.

PM (C) _ A minha principal preocupação é correr atrás duma promoção. Um crescimento. Trabalhando na “Mannesmãe⁴⁸”, não é? É uma mãe...

PM(B) _ Então lá você está pelo menos garantido!

PM (C)_ É daquele jeito, não é? Empresa privada. Eu não posso falar: “nunca vou sair de lá”, não é? Mas, o que preocupa mais é isso [promoção].

PM (D)_ Eu posso resumir a minha preocupação, em crescimento e desenvolvimento da empresa.

Grupo Focal Barreiro – Noturno

Esse relato sintético é o retrato daquilo que Dubar (2005) explica como um ciclo virtuoso que se estabelece por meio de uma relação de colaboração recíproca entre os trabalhadores e a

⁴⁸ O entrevistado faz referência, de forma metafórica, à Mannesmann, uma empresa do grupo Vallourec.

instituição com a qual se identificam. Este ciclo combina grande contribuição com grande retribuição. Esses trabalhadores consolidam a esperança reestruturando sua trajetória passada e presente como uma antecipação de sua progressão futura. Há neste processo uma interiorização da lógica da reciprocidade que emerge, por exemplo, na seguinte afirmação “*utilizo a política da empresa para evoluir e ao mesmo tempo dou alguma contribuição para ela*” (DUBAR, 2005, p. 293).

É nesta mesma direção que Alves (2009) apresenta ‘*o mundo das carreiras*’ como uma das quatro formas identitárias que correspondem a expressões de uma lógica singular de inserção profissional dos jovens egressos, de 1994-1998 e 1999-2003, da Universidade de Lisboa. O que há de comum entre o discurso dos jovens portugueses já inseridos no mercado e os jovens brasileiros, futuros administradores, e que exige um olhar mais acurado, é a partilha do desejo de crescer e evoluir profissionalmente. Como exprime Alves (2009, p. 173) “*anseiam por uma evolução que é indissociável da evolução do conteúdo das actividades que realizam*”. Não poder evoluir conduziria a uma perda do estímulo profissional. Nossa pesquisa revela que este processo de crescimento profissional é visto pelos jovens de forma independente da natureza do trabalho e do vínculo ou do regime de trabalho. Está tanto presente nos relatos daqueles que são considerados trabalhadores quanto dos que são empresários. É importante frisar que o crescimento profissional não está simplesmente vinculado à necessidade de segurança ou de independência financeira, pois mesmo aqueles que já alcançaram esses atributos continuam procurando o crescimento profissional.

Os discursos sobre os projetos de vida naturalmente descortinam a elaboração que os jovens fazem da idealização dos seus *selves*, pois essa idealização está relacionada com o modo dos indivíduos se autorepresentarem (GIDDENS, 2003; GOFFMAN, 1967). O *self*, na definição de Goffman (1967), pode ser tanto uma imagem “*montada a partir das implicações expressivas no fluxo total de eventos em uma tarefa*” quanto um papel “*como uma espécie de jogador num ritual de jogo, que lida com honra ou desonra, diplomaticamente ou sem diplomacia, com julgamento das possibilidades da situação*” (GOFFMAN, 1967, p. 31, tradução nossa)⁴⁹. No entanto, o fato de o autor associar o *self* aos processos de interação da vida cotidiana (*self* situacional) configura uma concepção que nos interessa, pois as interações sociais e as práticas que nela ocorrem, dependem dos hábitos e dos modos de vida adotados

⁴⁹ (...) as an image pieced together from the expressive implications of the full flow of events in an undertaking” and “as a kind of player in a ritual game who copes honourably or dishonourably, diplomatically or undiplomatically, with the judgmental contingencies of the situation.

pelos indivíduos, configurando as ações e as estruturas⁵⁰. A idealização do *self* projetada nos grupos focais, face a face, é em si um importante indício do universo de referência dos jovens e das características da imagem e do papel a que se pretendem ver associados. A conversa abaixo é praticamente uma síntese dos *selves* projetados e de suas performances nos diversos grupos focais. Eles se caracterizam no futuro como empresários ou como gestores, que conquistarão o reconhecimento e que serão percebidos como profissionais em contínua formação.

PF _ Profissionalmente daqui a cinco anos? Eu quero estar em uma empresa reconhecida, não precisa ser um cargo de chefia não. Mas com um cargo reconhecido... Tipo assim, com um nível de reconhecimento bacana e quero já estar com meu mestrado, se não concluído já em fase de conclusão.

PM _ Eu penso que daqui a cinco anos eu quero estar à frente da empresa do meu pai, com a minha independência apesar da empresa ser dele, não é? Com a minha pós [graduação] feita e continuar estudando. É isso.

PF _ Morar fora do Brasil com o mestrado concluído. Independente, já estou perto. Então é morar fora de novo.

Grupo Focal Coração Eucarístico – Manhã

Estes exemplos de *selves* configuram uma concepção e denotam uma consciência e uma auto-observação. As respostas asseguram as propriedades de elaboração dos *selves* sugeridas por Mead (MEAD, apud PÉMAN, 1993), como o “voltar-se para si mesmo”, graças à reflexão e consciência de nós mesmos e de nossas ações, o que nos permite ser objeto de (auto)conhecimento. A idealização dos *selves*, nesse sentido, é um processo que pressupõe a organização de motivos e de valores interiorizados. Esse modo de conceber a si mesmo tende a reforçar-se na alta modernidade. Para Giddens (1999), a trajetória do Eu, nesse momento, segue uma linha de desenvolvimento internamente referida, na qual a realização do Eu vem da integração da experiência da vida com a narrativa do autodesenvolvimento. “*Em qualquer caso, não devemos esquecer que nos avaliamos a nós mesmos, mas de um ponto de vista coletivo, de forma que o que pensamos que somos é o resultado da reflexão sobre o que nós acreditamos que os outros pensam sobre nós (ainda que isso às vezes não seja o que as pessoas realmente pensam).*” (PÉMAN, 1993, p. 140, tradução nossa)⁵¹.

⁵⁰ A respeito da discussão acerca da abrangência da obra de Goffman, ver Giddens (2003), pois muitas vezes a construção da noção de *self* na obra de Goffman foi interpretada como uma abordagem que lhe associa estritamente à microsociologia.

⁵¹ “En cualquier caso no hay que olvidar que nos evaluamos a nosotros mismos, pero desde un punto de vista colectivo, de forma que lo que creemos que somos es fruto de la reflexión sobre lo que creemos que los demás piensan sobre nosotros (aunque esto a veces no sea lo que los demás efectivamente piensan).”

5.4 A individualização e os projetos de vida na esfera do trabalho

Atualmente, acompanhando as discussões sobre a pluralidade de formas de transição para a vida adulta, uma questão que ganha terreno no campo da Sociologia da Juventude é justamente o processo de individualização (POLLOCK, 1997; NILSEN, 1989; BOIS-REYMOND & CHISHOLM, 1993). Esses novos padrões de transição têm revelado que a individualização, em um primeiro sentido, sublinha a crescente complexidade e diversidade das transições e, em um segundo sentido, revelam maior liberdade dos indivíduos em relação aos papéis historicamente prescritos por diversas instituições sociais. É o que Shanahan (2000), por exemplo, nomeia como *freed from traditional constraints*, ou liberdade em relação aos constrangimentos tradicionais que, quando comparada a décadas passadas, parece estar mais acentuada atualmente, em distintas esferas da vida social.

No que concerne à esfera familiar, os jovens expõem que seus projetos individuais têm um elevado nível de autonomia em relação às normas institucionais ou padrões familiares. Como sugere Giddens (2002), a vida na sociedade contemporânea está cada vez menos comprimida pelas normas associadas ao parentesco que ajudavam a determinar e em muitos casos definiam as decisões-chave que afetavam o curso dos acontecimentos durante toda a vida do indivíduo, então, *sem as referências externas fornecidas pelos outros, a vida mais uma vez surge como uma trajetória relacionada acima de tudo aos projetos e planos do indivíduo* (GIDDENS, 2002, 138).

A própria escolha do curso já nos permitiu mostrar que os jovens não percebem uma forte determinação explícita da família ou a imposição de constrangimentos à decisão, pelo menos de forma explícita. De acordo com as respostas aos questionários, apenas 2,7% das famílias reagem com insatisfação, pois 1,9% tinham outro curso e vida profissional em mente para o jovem e 0,8% preferiam que o jovem começasse a trabalhar e arranjasse um emprego. Grande parte das famílias (82,6%) reage com satisfação diante da escolha do curso, sendo que 20,8% dessas famílias já haviam manifestado antes um apreço maior pelo curso de Administração. Esse cenário manifesta um grau de individualização dessa escolha em relação à instituição familiar, pois para 82% da amostra, esse processo de escolha do curso, segundo a interpretação dos jovens, vem desacompanhado de constrangimentos, normas ou sanções da família.

Em suma, ao contrário de se verificar imposições ou determinações, nota-se que os jovens, em sua maioria, sentem-se com elevada liberdade de escolha e, ao mesmo tempo, apoiados pelas famílias com relação à decisão da opção profissional. Os constrangimentos, se existirem, não são declarados, embora seja certo parecer haver, nesse grupo, uma consonância entre as autoexpectativas e as da família. Essa consonância apareceu nos questionários, quando mais da metade do grupo não responde à pergunta: “*O que sua família espera que você consiga através do trabalho e que você não tem o menor interesse em conseguir?*” Nos grupos focais isso fica ainda mais evidente, pois a resposta mais frequente é a de que não há divergências ou constrangimentos institucionais familiares.

Resultados semelhantes também foram identificados por Pappámikail (2004) em uma pesquisa exploratória realizada com 30 jovens portugueses e 12 pais ou mães e as entrevistas, mostrando alguma convergência internacional, pelo menos em determinados segmentos sociais. Com efeito, as entrevistas realizadas no âmbito desse estudo apontam que “*os jovens não entendem o apoio familiar, e o conjunto de ações e disposições que o constituem, como impositivo ou interceptivo na orientação das suas trajetórias, ou seja, as suas escolhas são entendidas como livres da interferência da família*” (PAPPÁMIKAIL, 2004, p.103). Ao contrário, segundo a pesquisadora, a autonomia nas escolhas escolares, profissionais e pessoais foi bastante valorizada pelos jovens de forma positiva e até mesmo entusiasta, segundo a pesquisadora. Há de se destacar que essa avaliação dos jovens portugueses acerca da autonomia e do apoio familiar fez-se presente mesmo considerando as diferenças quanto a recursos financeiros familiares.

Em nossa pesquisa, os assuntos acerca dos quais há discordância com os pais é a segurança e a estabilidade. De fato, embora esses aspectos sejam importantes para os jovens, perdem relevância quando contrapostos aos desafios e ao crescimento profissional, como sugerem os comentários abaixo:

PF_ A minha família também me apoia. A única coisa que eles esperam de um trabalho pra mim que eu não concordo muito é a estabilidade. Eles acham que eu deveria buscar a estabilidade e eu sou meio dinâmica, se não está me agradando eu saio. Esse é um valor que a gente discorda bastante.

E_ Então a estabilidade não é importante para você?

PF_ Pra mim não é! Tem que ser interessante! Se tiver desafio está bom. Agora, ficar igual o concurso público (...). Um dos objetivos deles é que eu faça concurso público. Não vou fazer concurso público, não é meu objetivo.

Grupo Focal Coração Eucarístico – Manhã

Os jovens explicitam a divergência com relação aos pais no que tange a segurança e a estabilidade, quando a expectativa dos pais é a de que o filho faça um concurso público ou consiga um trabalho em uma grande empresa. Evidencia-se aqui, desse modo, a principal diferença entre as expectativas das gerações quanto aos valores do trabalho. Os jovens elaboram esta questão de forma bem clara em seus exemplos, como no depoimento abaixo:

PM _ É, por exemplo, eu às vezes vejo... Eu muito mais tendendo a ter um negócio próprio, para tocar um negócio da família. E o meu pai já me vê querendo me colocar numa multinacional: 'Você tem que fazer isso' (...) 'Você tem que' (...) Então, tem uma visão diferenciada, é mais o meu pai, não é? A minha mãe até que não opina muito, não é? Agora o meu pai está sempre dizendo: 'Você tem que fazer isso, você é inteligente, você tem que estudar para concurso'. Então às vezes ele fica querendo que eu tenha um emprego mais na área executiva. De trabalhar em gerência de uma empresa maior, até pela questão de que o negócio que a gente tem é muito (...) varia bastante eu acho, de acordo com a situação econômica do país, não é? Então às vezes as coisas tão boas, não está tão bom. Então eu acho que ele fica querendo mais que eu vá para uma área mais segura, não é?

Grupo Focal Coração Eucarístico – Noturno

Mas, nota-se que mesmo nos casos em que há uma dissonância entre as expectativas essas questões são sempre negociadas, portanto, esse contexto nos remete ao conceito de *relacionamento puro* de Giddens (2002). cremos que há implicações na compreensão das relações que se estabelecem entre os vários membros da família, nomeadamente entre pais e filhos. O relacionamento puro consiste em um novo modelo base ou princípio relacional comum nas famílias contemporâneas, que se fundamenta na comunicação emocional, depende de confiança ativa, de democracia implícita, é um processo isento de poder arbitrário, coerção e violência. *O relacionamento puro é baseado na comunidade, de tal modo que compreender o ponto de vista da outra pessoa é essencial. A conversa, ou o diálogo, é o que basicamente faz o relacionamento funcionar* (GIDDENS, 2002, p. 71). Este diálogo não implica, necessariamente, em falta de disciplina ou ausência de respeito, mas pressupõe uma disposição para a negociação.

E a perspectiva de individualização na esfera familiar remete à liberdade e ausência de controle exterior, do grupo social, compreendendo as relações não só como produto de escolha individual, *mas sobretudo como visando a realização de cada indivíduo (cônjuges e filhos), como consideração pelas diferenças que singularizam cada pessoa* (ABOIM, 2006, p.44). Em outras palavras, o relacionamento puro está inextricavelmente associado ao aprofundamento do processo de individualização na esfera familiar.

De tudo o que foi citado, acrescenta-se que, na totalidade dos grupos focais, encontramos apenas um depoimento em que transparecia um momento de conflito entre as expectativas de realização profissional da jovem e as pretensões da família, isto é, um fenômeno claro de contraposição.

PF_ O meu pai quer que eu vá trabalhar com ele, sem chance, não existe essa possibilidade. Para minha mãe, ela quer que eu faça concurso público, sem chance, não existe essa possibilidade. O meu objetivo é, ou crescer aonde eu estou ou ir pra outra grande companhia ou então abrir meu próprio negócio. Atualmente eu não tenho apoio de nenhum dos dois, principalmente para abrir o meu próprio negócio. Tanto que eu tive uma conversa com meu pai sábado e foi de longe uma coisa agradável. Porque eu falei com ele (...) Foi meio que uma proposta que eu apresentei e ele só faltou me chamar de louca. Então não existe apoio.

Grupo Focal Coração Eucarístico – Manhã

É patente que os espaços sociais em que estes jovens se movimentam não possibilitam hoje uma leitura linear e precisa de uma trajetória pré-anunciada. Para navegar nesses espaços e alcançar uma reconversão ou um deslocamento em termos posicionais, os jovens destacam claramente que a vida social tem um elemento de indeterminação que vai afrouxar as estruturas que, em outros períodos, (em razão de um menor aprofundamento dos processos de individualização e um sistema econômico menos flexível) determinavam de forma mais estreita os padrões de transição.

PF _ Mas pode ser uma coisa muito longe da realidade. Então, assim, quando eu entrei no curso eu tinha outros ideais, muito diferentes, hoje, pela economia do país, vai abrindo portas ou vai fechando. Então, eu acho que nem depende tanto do nosso próprio esforço, depende da gestão da empresa, depende muito de como o nosso país está sendo gerido, porque a gente sofre diretamente em relação a isso. Acho que por mais que a gente faça planos, cinco anos ainda é um longuíssimo prazo, pela mudança tão rápida que está acontecendo aí nas nossas empresas, isso é que é horrível.

PM _ Eu acho que depende muito mais da pessoa que do ambiente em si. Igual ela falou, pode mudar muito em cinco anos, mas igual o [colega] falou, você tem que ir se adaptando às mudanças para continuar crescendo e tentar alcançar os seus objetivos.

E _ E vocês acham que vocês têm essa capacidade de adaptação?

PF _ Tem hora que eu acho que depende da gente, tem hora que não. Por exemplo, o setor que eu entrei há quatro meses, hoje, exatamente, vai ter uma reunião para saber se ele vai continuar existindo. Ou seja, eu demorei um tempão para poder ir para essa área que eu estava esperando, porque eu era estagiária então ficava com o olhinho brilhando ali. Aí fiquei quatro meses e agora pode ser que amanhã esteja [...] Então, assim, eu sei muito bem que eu estou correspondendo às expectativas do banco, está tudo certinho, assim, estou cumprindo muito mais do que eles esperam. Assim como eu, tem outras pessoas nessa mesma situação. Tem sim pessoas que não tão levando muito a sério, que não estão tão comprometidas, desmotivadas. Agora, não depende só da nossa capacidade e da nossa boa vontade.... então, é isso.

Grupo Focal Coração Eucarístico - Manhã

Como explica a jovem, apesar do seu empenho pessoal com vistas a um possível deslocamento ascendente, o caminho para se chegar aos patamares desejados não é claro e linear e nem mesmo a posição atual está assegurada, uma vez que o setor em que trabalha hoje pode ser dissolvido a qualquer momento, o que, muitas vezes, exige a reprogramação dos projetos e uma avaliação sistemática dos passos ou ações.

5.5 Algumas considerações finais teóricas

A fase de transição para a vida adulta ocorre, presentemente, no quadro de um conjunto de transformações estruturais conhecidas. Por um lado, destacamos as de caráter eminentemente econômico: desemprego estrutural⁵², aumento dos trabalhadores em condições precarizadas, crescente redução do proletariado fabril estável. Por outro lado, intensifica-se um conjunto de mudanças de índole cultural. Referimo-nos ao processo de “destraditionalização” (GIDDENS, 1997) e de concomitante individualização que colocam em evidência a perspectiva de escolha dos agentes em função da inserção em determinado estilo de vida. Todo esse quadro de transformações reflete-se no modo como decorre o processo de transição para a vida adulta. Desde modo, a ordem dos eventos que o caracterizam sofre alteração se tivermos em mente a sequência outrora desejada e esperada. Verificam-se períodos escolares mais prolongados, inserções profissionais mais tardias e instáveis, e uma dilatação do tempo de conquista da independência financeira. Numa palavra, o processo de transição torna-se cada vez mais dinâmico, descontínuo e composto por movimentos oscilatórios.

É inegável que a incerteza presente na esfera do trabalho, somada ao processo de individualização, que permite escolhas mais livres em comparação às décadas anteriores – mesmo que ainda condicionadas aos limites e constrangimentos estruturais – exige competências para lidar com a deriva, com o fracasso, com o elevado grau de concorrência e competitividade e com a ilegibilidade do trabalho (SCHOON *et al*, 2001). As escolhas na esfera do trabalho constituem um elemento básico nas orientações de estilo de vida em contextos contemporâneos. Esse argumento resgata o pressuposto weberiano de que o trabalho condiciona fortemente as oportunidades de vida, ou seja, a escolha de trabalho e do ambiente de trabalho constitui um elemento básico das orientações de estilo de vida na modernidade tardia. No entanto, *falar de uma multiplicidade de escolhas não é o mesmo que*

⁵² Segundo Ramírez-Guerrero (2002) o desemprego juvenil é estrutural em dois sentidos: primeiro por corresponder às mudanças dos mercados de trabalho, associados ao processo de globalização, segundo, pela carência de competências laborais dos jovens em situação de desvantagem social que são heranças e ao mesmo tempo mecanismos reprodutores da exclusão social.

supor que todas as escolhas estão abertas para todos (GIDDENS, 2002, p.80). Os jovens têm hoje um contexto de maior indeterminação da esfera do trabalho o que implica em uma maior tensão também na escolha do curso superior e consequente definição profissional, ao mesmo tempo em que essa escolha reflete a inserção em determinado estilo de vida. A escolha do curso revela, em parte, “quem se quer ser” e expõe algumas diretrizes que orientam as elaborações dos projetos de vida.

Este novo cenário pede ao indivíduo a habilidade de se posicionar, de estar disposto às mudanças, de alterar as ações e projetos de vida, alinhando-os, quer em consequência de constrangimentos quer do seu *self* idealizado, a ponto de ser possível perceber, diversas vezes, entre os jovens a vontade e a capacidade de interromper abruptamente uma determinada rota e escolher outra completamente nova (VINKEN, 2007; LECCARDI, 2005). Além dessa perspectiva de ruptura, os jovens começam a adotar alguns caminhos para se posicionarem em função da visão que elaboram do futuro. Esses padrões são identificados por diversos pesquisadores como recorrentes. Brannen e Nilsen (2002), por exemplo, realizaram, em 1997 e 1998, um estudo com jovens da Noruega e do Reino Unido, identificando alguns tipos ideais a partir das perspectivas elaboradas por jovens acerca do futuro. Dentre esses tipos ideais destacamos o “modelo de adiamento”, o “modelo de adaptabilidade” e o “modelo da previsibilidade”. Quando o jovem adota o “modelo de adiamento”, ele tende a viver o presente e manter o futuro à baía. Esse modelo foi bastante enfatizado por indivíduos jovens que estavam em cursos de formação profissional e no ensino superior. Já no “modelo de adaptabilidade”, as estratégias utilizadas são racionais e contingenciais, *eles também se viam como tendo a possibilidade de forjar o futuro, moldando-o em passos curtos e fazendo as adaptações necessárias ao avançarem* (BRANNEN e NILSEN, 2002, p.24, tradução nossa)⁵³. Um modelo menos frequente e mais associado ao gênero masculino é o da previsibilidade, que visa o longo prazo e a segurança, *ao contrário, alguns jovens tinham uma visão clara de sua vida adulta no futuro, o qual eles enxergavam como relativamente certo e seguro, desde que eles trabalhassem duro para alcançar seus objetivos de longo prazo* (BRANNEN e NILSEN, 2002, p.27, tradução nossa)⁵⁴.

Essas visões de futuro reforçam a constatação de que o projeto de vida no mundo contemporâneo não é desenvolvido de forma homogênea. Além disso, em grande parte dos

⁵³ (...) they also saw themselves as having the possibility to forge the future, shaping it in short steps and making the necessary adaptations as they went along

⁵⁴ (...) by contrast, some young people had a clear view of their future adulthood which they saw as relatively certain and secure, so long as they worked hard to attain their long-term goals.

casos, ele não segue mais uma grande narrativa coerente e preestabelecida, mas adquire a forma de um conjunto de pequenas histórias inesperadas, aparentemente independentes e não planejadas.

As questões que estamos discutindo nos colocam, naturalmente, perante o debate recursivo, mas sempre atual no campo da Sociologia que, inclusive, distingue correntes teórico-metodológicas – a relação entre indivíduo e sociedade, entre determinismo social e autonomia de ação. A posição que sustentamos acerca dessa matéria tem sido enfatizada desde o primeiro capítulo. Embora não descurando as estruturas em que estão inseridos, cremos que os agentes possuem a capacidade de elaborar seus projetos de vida e seus *selves* de forma reflexiva, como estratégia para manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas, em contextos de múltiplas escolhas ou necessidades. O argumento aqui defendido é o de que a compreensão e análise dos projetos de vida e das idealizações dos *selves* podem ser um caminho metodológico para a interpretação das diferentes formas de transição para a vida adulta forjadas na sociedade contemporânea. Como diria Velho (1999, p. 101), *são as visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão de sua trajetória.*

A elaboração reflexiva dos projetos de vida e a idealização dos *selves* expõem escolhas individuais dentro de um campo de possibilidades e “*esse fazer e refazer de mapas cognitivos é permanente, com implicações na autopercepção e representações individuais*” (VELHO, 1994, p.45). Essa dinâmica – elaboração dos projetos e dos *selves* – dá-se de modo contínuo e reflexivo como um fluxo dentro do processo de transição para a vida adulta e a capacidade reflexiva é o que possibilita o ajuste constante do projeto de vida e dos *selves*. É esse potencial de reflexividade do sujeito o que lhe permite, por vezes, prever os obstáculos que certos projetos enfrentarão e, por conseguinte, desistir de sua continuidade. Da mesma forma, o agente é capaz de antecipar a facilidade com que outros projetos podem avançar, bem como perceber os benefícios que deles advirão, e assim se impulsionar a adotá-los. Neste sentido, os fatores de constrangimento e de possibilitação são propriedades estruturais e, portanto, “*o efeito desses poderes causais estruturais e culturais está à mercê de dois sistemas abertos, o mundo e as suas contingências e da perspicácia reflexiva do agente, criatividade e capacidade de compromisso*” (ARCHER, 2003, p.7, tradução nossa).⁵⁵

⁵⁵ (...) the effect of theses structural and cultural causal power is at the mercy of two open systems, the world and its contingencies and human agency’s reflexive acuity, creativity and capacity for commitment.

6 CAPÍTULO 5 – Os jovens administradores e a experiência do mundo do trabalho: os valores do trabalho e a centralidade do trabalho

O trabalho é uma dimensão central das sociedades ocidentais, industriais ou pós-industriais, pelo fato de se constituir como uma esfera essencial da vida social. Ele também é uma via analítica para se conhecer as próprias sociedades, as suas dinâmicas e as suas crises. O trabalho produtivo, com a profissionalização na sociedade industrial e moderna, forma juntamente com a família um sistema de coordenadas capazes de enquadrar a existência dos indivíduos ao longo de um vasto período histórico (BECK, 2006). Como um dos “eixos de existência”, o trabalho torna-se um dos objetos privilegiados das Ciências Sociais, o que corrobora a importância dos estudos acerca do grau de centralidade que o trabalho adquire na vida dos indivíduos bem como dos aspectos que os indivíduos valorizam subjetivamente no confronto com o trabalho.

Em relação à centralidade do trabalho, alguns processos decorrentes das transformações no modo de produção capitalista do século XX colocaram em causa a expansão do tempo do trabalho, afetando também, concomitantemente, o tempo dedicado às demais esferas sociais. Boltanski e Chiapello (2002) enumeram alguns desses aspectos que impactam no tempo dedicado ao trabalho. É o caso da ênfase na individualização de competências que tem como efeito a atribuição da responsabilidade pelo sucesso ou fracasso profissionais ao próprio indivíduo; das novas formas de remuneração, cada vez mais vinculadas aos resultados individuais; e da intensificação dos ritmos de trabalho de forma a manter o mesmo nível de renda e até mesmo a própria posição profissional. Tendo em vista que a realidade social não se constrói a partir de rupturas, mas de uma dialética entre continuidades e mudanças, se a esfera do trabalho passa por processos de transformação, seus reflexos, em função da importância dessa esfera na organização da vida social, serão sentidos de forma objetiva e subjetiva em outras dimensões da vida dos indivíduos, cabendo assim uma análise mais acurada desses processos.

Dentre as diversas abordagens acerca do sentido do trabalho na sociedade contemporânea, esta pesquisa comunga com a perspectiva de que mais importante do que responder se estamos ou não diante do fim do trabalho, é fulcral compreender, com maior profundidade, e com base em pesquisas empíricas, as metamorfoses que ocorrem na esfera do trabalho, tanto do ponto de vista objetivo quanto subjetivo. A centralidade do trabalho e os valores do

trabalho – dimensões escolhidas para a interpretação acerca do modo como os jovens atualmente se confrontam subjetivamente com o trabalho remunerado – são considerados, nesta tese, a partir de um percurso que se fundamenta tanto em discussões e conceitos da Sociologia quanto da Psicologia Social. Acrescentamos que a apropriação de categorias analíticas que são utilizadas com frequência no campo da Psicologia Social nos permitirá estabelecer um diálogo profícuo com a abordagem sociológica, como já vem sendo realizado por pesquisadores como Chaves (2007), Jonhson (2001, 2008) e Vinken (2007).

Como apontamos no capítulo 2, o grupo mais afetado pelas consequências das alterações nas relações de trabalho, no processo de trabalho e nas condições de trabalho é a juventude. Atualmente, na fase de transição escola-trabalho, os jovens têm vivido um momento de interregno em que se alternam períodos de desocupação, inserções precárias e subocupação, o que suspende um rol de expectativas geradas durante os anos na universidade, tanto em relação aos projetos de vida quanto a valores do trabalho e ainda do ponto de vista da centralidade do trabalho na elaboração desses projetos de vida. Como Bourdieu (2007) indica, os processos de “desclassificação” e “desencantamento” colocam os jovens no limite de uma tensão denominada, por Beck (2006), como “estação fantasma”. Ou seja, segundo Beck (2006), as instituições de ensino estão se convertendo em “salas de espera”, uma vez que os jovens permanecem mais tempo nas escolas e escolhem uma formação complementar para evitar a desocupação. Assim, essa transição escola-trabalho é um momento importante para se avaliar a oscilação entre expectativas e desilusões, como acenamos no capítulo 4, e o modo como os jovens estabelecem as suas prioridades no que diz respeito aos aspectos valorizados no trabalho.

Apesar desses problemas gerais, consta, porém, que as reações e atitudes dos jovens em relação ao trabalho, emprego e desemprego são cada vez mais diferenciadas. Em nosso entender, essa diversidade não tem sido, até hoje, sujeita a uma análise sociológica suficientemente aprofundada, mesmo internacionalmente. Este capítulo se desenvolve a partir da interpretação subjetiva que os jovens futuros administradores estabelecem no confronto com a esfera do trabalho, justamente como objetivo de identificar a centralidade que essa esfera ocupa em seus projetos de vida bem como os aspectos que eles mais valorizam e pretendem atingir no trabalho. Cremos contribuir assim, em uma modesta parcela, para um melhor conhecimento da centralidade do trabalho e dos valores do trabalho nas sociedades contemporâneas.

Com relação aos valores do trabalho, selecionamos, das definições existentes, a proposta por Chaves (2007, p. 253), que compreende a noção de valores do trabalho como fatores valorizados no trabalho, em outras palavras, como valorações e não tanto como valores, na acepção mais clássica do termo. Os valores do trabalho constituem assim um “conjunto de aspectos a que os indivíduos conferem, ou não, importância ou, mais exactamente, uma maior ou menor importância relativa no momento em que os confrontam entre si.” Desse modo, seguiremos a orientação de Chaves (2007), e os valores do trabalho serão abordados como fatores valorizados especificamente na esfera do trabalho a partir de uma escala que define prioridades ou hierarquia entre esses aspectos valorizados.

As pesquisas iniciais no campo da Psicologia Social pretendiam estudar a satisfação no trabalho partindo do princípio de que esta dependia da concretização desses valores que foram tratados de forma agrupada, dando origem a duas categorias distintas de valores do trabalho: os valores intrínsecos e os valores extrínsecos (RUSSELL, 1975). Os dois conjuntos de fatores que compõem essas categorias – valores intrínsecos e valores extrínsecos – foram abordados de modo essencialmente independente ou mutuamente excludente, apoiados na hipótese de que os fatores que geram atitude positiva dos trabalhadores são distintos dos fatores que geram atitudes negativas. Embora não partamos desse último pressuposto assumimos, contudo, a classificação dos valores do trabalho em extrínsecos e intrínsecos. “Os valores extrínsecos são independentes do trabalho que se realiza, mas estão relacionados com as consequências que advêm do facto de se trabalhar. O trabalho é encarado como um instrumento para a obtenção de determinados fins, como a satisfação de necessidades internas” (CAETANO, apud Chaves, 2007). Este conjunto, valores extrínsecos, abrange: reconhecimento, realização, possibilidade de crescimento, aumento de responsabilidade e do trabalho em si (desafios). Os valores intrínsecos estão relacionados aos aspectos característicos da própria atividade, com a natureza do trabalho considerado enquanto tal, como um fim em si, motivadores por si mesmos e nessa perspectiva entendidos como estando sob o controle do sujeito, possibilitando que as recompensas dele advindas dispensem a mediação de outras pessoas. Podemos citar como exemplo de aspectos que compõem os valores extrínsecos: salário, relações interpessoais (supervisores, pares, subordinados), supervisão (técnica), a política da empresa e da administração, condições de trabalho, posição (status), e segurança no trabalho.

Mesmo assumindo esse patrimônio, destacamos que, em consonância com as ponderações de Chaves (2007, p.267), a ideia de que as pessoas podem extrair compensações intrínsecas do

trabalho, sem qualquer tipo de “mediação de outras pessoas”, corre o risco de conduzir a graves equívocos se não for devidamente esclarecida. A ressalva que se propõe considera que esta ausência de relação (mediação de outras pessoas) apenas poderá ser entendida se a concebermos enquanto mediação direta, pois os factores intrínsecos do trabalho e as gratificações que dele se podem extrair, nomeadamente do ponto de vista emocional, não são entendíveis se não considerarmos que estes são, em larga medida, derivados de formas de mediação simbólica – aspecto que é válido tanto para os factores intrínsecos quanto para os extrínsecos (CHAVES, 2007, p.267).

As recentes apropriações dessas categorias como, por exemplo, por Chaves (2007) sobre a inserção profissional dos jovens advogados portugueses e as pesquisas de Jonhson (2001), revelam a necessidade de alargar o quadro de fatores incorporados à matriz dos valores intrínsecos e extrínsecos. Os trabalhos de Jonhson (2001), que abordam as mudanças nos valores do trabalho na transição para a vida adulta, ampliam as categorias analíticas, incorporando os *valores sociais* e *valores altruísticos*. Os *valores altruísticos* estão associados às recompensas que derivam do fato de fazer algo para os outros (“ajudando os outros” ou “contribuindo para a sociedade, de um modo geral”), e os *valores sociais* são interpessoais, dependendo das relações positivas com colegas de trabalho e da possibilidade de constituir uma boa rede de relacionamentos. Chaves (2007), por outro lado, defende a necessidade de inclusão de um conjunto de *valores socio-orientados* bem como de outro tipo de valor, designado por *valor da conciliação do trabalho com outras esferas de atividade*. Os *valores socio-orientados* são valores do trabalho pautados em benefício de terceiros, que na concepção de Chaves (2007) estão bem próximos à concepção de valores altruísticos de Jonhson (2001). Já os *valores da conciliação do trabalho com outras esferas de atividade* dizem respeito à possibilidade de o trabalho realizado permitir ou não o desenvolvimento de outras atividades sociais e a participação em outras esferas da vida social.

Embora entendamos que a dicotomia entre valores extrínsecos e intrínsecos seja uma forma de sistematizar a informação, o aporte que subtraímos dessas categorias está na sua composição, ou seja, nos aspectos ou fatores mais específicos valorizados pelo indivíduo no confronto com o trabalho⁵⁶. Esses aspectos, quando abordados pelos jovens durante a

⁵⁶ A própria Jonhson et. al.(2007), em publicação recente, sugere que esta estrutura básica de decisões sobre o trabalho, com dimensões intrínsecas e extrínsecas, tem sido aceita e utilizada sem muitos questionamentos, mas comenta que Halaby (2003), por exemplo, há pouco tempo ofereceu uma conceituação alternativa que destaca as dimensões empresariais e burocráticas do trabalho.

realização da pesquisa de campo, são mencionados com ênfases distintas, algumas vezes hierarquizados e em outros momentos justapostos, revelando dinâmicas que ultrapassam o cerceamento original em duas categorias díspares. Ao proceder à análise dos dados coletados tanto por meio do questionário quanto nos grupos focais, os resultados revelam que o conjunto de aspectos valorizados pelos jovens muitas vezes se entrecruzam, e é comum haver uma mescla de aspectos valorizados que compõem os valores intrínsecos e extrínsecos. Então, assim como as conclusões de Russell (1975, p. 23, tradução nossa), os resultados desta pesquisa sugerem que “(...) *conclui-se que a teoria de Herzberg acerca dos dois fatores de satisfação no trabalho é uma simplificação da relação entre variáveis*”⁵⁷. Outros autores também preferem trabalhar com os quesitos de forma independente, pois argumentam que (...) “*é melhor analisar as preferências entre os atributos específicos relativos ao trabalho separadamente, porque os resultados são afetados pelos itens que foram selecionados para construir os índices compósitos*”⁵⁸ (KONRAD et. al, 2000, p.110, tradução nossa).

No mesmo intuito de Chaves (2007), para operacionalizar os referidos valores do trabalho, optou-se pela apropriação de alguns dos indicadores já utilizados no questionário do *International Social Survey Programme* (RAMOS & VALA, 2004; VILLAVERDE CABRAL, VALA, FREIRE *apud* CHAVES, 2007) com o objetivo de aventar algumas comparações, seguindo um caminho já testado em pesquisas anteriores.

Os discursos dos jovens nos conduzem primeiro a uma análise dos aspectos valorizados no trabalho de modo independente. Em seguida, procuramos reorganizar e hierarquizar esses quesitos valorizados no trabalho, reconstituindo o peso relativo que eles assumem para os jovens em questão. Como se verá, enfatizaremos nesse capítulo quatro grandes grupos de aspectos valorizados no trabalho que foram elencados pelos jovens de forma bastante evidente.⁵⁹ Ao realizar essa análise e definir estes grupos de aspectos valorizados, o objetivo primeiro foi o de compilar a interrelação entre os quesitos valorizados que submergiu nos depoimentos dos grupos focais. Esta opção se justifica porque os fatores valorizados quando são apresentados pelos agentes não aparecem de forma isolada, como se um quesito fosse suficiente e independente de qualquer outro. Os relatos nos grupos focais, em especial, confirmam a afirmação de Chaves (2007, p. 255) de que a “*selecção que esses agentes fazem*

⁵⁷ (...) on this basis, it is concluded that the Herzberg two-factor theory of job satisfaction is an oversimplification of the relationship between variables

⁵⁸ We argue that it is better to examine specific job attribute preferences separately because results are affected by the items chosen to construct the composite indices.

⁵⁹ Na transcrição dos relatos, os nomes dos participantes dos grupos focais foram preservados, manteve-se apenas a indicação se o relato era de participante feminino (PF) ou de participante masculino (PM).

de determinados valores, elegendo-os como mais importantes é sempre relativa, ou seja, é realizada no confronto com outros valores, que mesmo secundarizados, nunca deixam de estar presentes.”

6.1 A centralidade do trabalho: o lugar da esfera do trabalho na elaboração dos planos de vida

A mola principal para a análise da centralidade da esfera do trabalho é a própria hierarquia de preferências produzida pelos agentes sociais acerca das diferentes esferas da vida social. Para analisar a centralidade do trabalho, a partir do ponto de vista do sujeito, nos concentraremos na relação espaço e tempo da esfera do trabalho. O trabalho contemporâneo tornou-se flexível e passou a exigir do sujeito um grau elevado de flexibilidade. Essa flexibilidade significa: capacidade de assumir atividades diversas e distintas, maleabilidade em relação ao tempo (horário de trabalho), flexibilidade de espaço ou local em que o trabalho é realizado. Nesse novo contexto capitalista, a exigência de flexibilidade – tanto de tempo, quanto de espaço, como de exercício da própria atividade de trabalho – é praticamente um imperativo que acompanha as experiências de risco e de fracasso. Com relação ao exercício da própria atividade de trabalho, Beck menciona que “(...) *flexibilidade significa: "Anime-se, suas habilidades e conhecimentos são obsoletos, e ninguém pode dizer o que você deve aprender e o que será necessário no futuro”* (BECK, 2006, p.3 tradução nossa)⁶⁰. Contexto esse, que como constatado, induz ao dilema da escolaridade, à ênfase na formação continuada, à assunção da responsabilidade individual pela formação, bem como a uma série de estratégias de ajustes de expectativas perante o trabalho.

Especialmente na medida em que compreendemos a centralidade do trabalho como um processo que está relacionado às demais esferas da vida do indivíduo exige-se um esforço de análise integrada desse processo de flexibilidade de tempo e espaço. Para analisar a centralidade do trabalho, a partir do ponto de vista do sujeito, é necessário perceber a flexibilidade que a esfera do trabalho requer desse indivíduo, com relação ao tempo dedicado ao trabalho, pois “*as novas formas mais flexíveis e plurais de subemprego representam às vezes mais trabalho que antes e, em geral, também menos trabalho*”.⁶¹(BECK, 2006, p. 232,

⁶⁰ “(...) flexibility means: ‘Cheer up, your skills and knowledge are obsolete, and no one can say what you must learn in order to be needed in the future.

⁶¹ (...) las nuevas formas más flexibles y plurales de subempleo representan a la vez más trabajo que antes y, en general, también menos trabajo.

tradução nossa). Ou seja, se temos menos postos de trabalho ou mais concorrência no mercado de trabalho, aqueles que estão trabalhando tendem a assumir uma sobrecarga de atividades e de tempo em função do risco de perder o trabalho. Consideramos que esta ampliação do tempo dedicado ao trabalho não está associada apenas aos subempregos, mas espalha-se por todas as formas de trabalho e de emprego contemporâneas.

Desse modo, a relação entre flexibilidade e tempo suscita a possibilidade de ampliar o espaço da esfera do trabalho nas ações cotidianas do indivíduo, alargando a centralidade do trabalho e infiltrando-o nas demais esferas da vida. Segundo Beck (2006, p. 232, tradução nossa), “*essa separação entre trabalho familiar e trabalho remunerado volta a diminuir no sistema da sociedade do risco, devido à desregulamentação dos empregos e das redes de eletrônicas, etc*”.⁶² Este processo acende então essa segunda consequência que é o fato do trabalho contemporâneo muitas vezes ser flexível com relação ao espaço físico ou ao lugar em que se realiza; o que potencializa a invasão do trabalho em outras esferas como família e lazer.

Essa flexibilidade de tempo e de espaço passa a ser alargada uma vez que os indivíduos estão inseridos em contextos de insegurança e instabilidade. Os jovens que participaram dessa pesquisa refletiram sobre esse contexto manifestando três principais preocupações: o desemprego, a possibilidade de não crescer no trabalho e o fracasso. A insegurança com relação ao trabalho fica muito evidente nos grupos focais quando é feita a pergunta sobre qual é a principal preocupação atual no trabalho, pois, em geral, a primeira resposta é o desemprego, seguida sempre do receio de enfrentar dificuldade para encontrar caminhos de crescimento profissional, como expõem os relatos abaixo:

E _ Bom. E quais são as principais preocupações de vocês hoje com relação ao trabalho?

PF _ Desemprego.

E _ Desemprego?

PF _ É o desemprego. Chegar no início do ano que vem eu não ter nada pra fazer.

PM _ A mesma coisa. Formar e não conseguir nada, aí o tempo vai passando e você vai ficando fora, não é?

PF _ A preocupação é mesmo essa, não é? É o desemprego.

PM _ Não crescer.

PF _ Não crescer profissionalmente.

Grupo Focal São Gabriel – Manhã

⁶² (...) esa separación entre el trabajo familiar y el trabajo remunerado vuelve a disminuir en el sistema de la sociedad del riesgo, debido a la desregulación de los empleos, a las redes electrónicas, etc.

É possível extrair a mesma constatação dos dados quantitativos. Uma situação de desemprego prolongado preocuparia 87,3% dos jovens entrevistados, e em face dessa circunstância, os três aspectos considerados mais problemáticos são: primeiro, *a falta de dinheiro* (47,9%), em seguida, o *sentir-se inútil* (13,9%) e, em terceiro lugar, *ter que reduzir drasticamente o tipo de consumos que está habituado a fazer* (8,1%). Assim também comentam Bajoit e Franssen (1997) que a preocupação financeira não é geralmente citada nas motivações principais do emprego, mas torna-se a primeira quando a questão é o desemprego.

Mesmo para aqueles em que a situação no trabalho revela certa estabilidade, as dinâmicas vivenciadas nas organizações que envolvem fusões, reuniões de quadro, redução de unidades, intensificam nos colaboradores o sentimento de risco de perder o trabalho ou então a sensação sobrecarga de tarefas. Como ressalta Sennett (1999), a maioria das pessoas não se sente à vontade com as mudanças de modo indiferente ou negligente. O depoimento a seguir expressa justamente a relação entre flexibilidade, risco e precarização, pois diante de uma mudança é exigida do indivíduo uma maior flexibilidade, o que em geral resultará em assumir uma sobrecarga de trabalho e poderá conduzir, por sua vez, a uma precarização das suas condições laborais. Com efeito, a precarização, para além da regulamentação e dos direitos, está associada também às reais condições de trabalho e à sobrecarga imposta.

PM(A) _ Bom, o futuro lá da agencia é incerto. A gente está passando por uma mudança agora, porque vai ter uma unificação da minha agência com outra agência. Então, assim, cabeças vão rolar. Bom eu acho que a minha está garantida (...)

PM(B) _ Tu é peixe! (...)

PM(C) _ O padrinho dele é o presidente! []

PM(B) _ Se mandar você embora. Manda para o padrinho um presente! []

PM(A) _ Porém, essa é a minha preocupação, não é? Lá na empresa é assim. Será que essa mudança realmente vai dar certo? Essa que é a minha preocupação. Se as tarefas vão estar bem divididas, se ninguém vai ficar sobrecarregado, porque vai aumentar o número do pessoal, porém vai aumentar o serviço. Então, a minha preocupação é isso. Se as tarefas vão estar bem divididas e se eu não vou ser cortado.

Grupo Focal Barreiro – Noturno

O depoimento evoca-nos, sem dúvida, a abordagem de Sennett (2001) acerca das dinâmicas que o novo capitalismo elabora na condição de vida do sujeito na esfera do trabalho. Podemos citar as experiências da sensação de deriva e da perspectiva de risco, pois “*cabeças vão rolar*” e “*eu acho que a minha [vaga] está garantida*”, mas “*será que essa mudança realmente vai dar certo?*”. Este ambiente de difícil legibilidade exige flexibilidade, em função da redistribuição das tarefas, “*se as tarefas vão estar bem divididas, se ninguém vai ficar*

sobrecarregado”. Segundo o argumento de Sennett (2001), a instabilidade das organizações flexíveis impõe aos trabalhadores a necessidade de correr riscos em seu trabalho, bem como de correr o risco de perder o emprego. Nesse aspecto, a abordagem realizada por esse autor sobre a cultura contemporânea do risco é peculiar por destacar que dentro das organizações flexíveis o não se mexer é sinal de fracasso. Por temer o fracasso, o indivíduo é impelido a arriscar-se por mais contraditório que isso possa parecer. Em perspectiva semelhante, Beck (2000) ainda aponta que a flexibilidade é uma forma de distribuir, entre os indivíduos, os riscos que são do Estado e da economia.

Nota-se, portanto, que por trás de um contexto lido como inseguro está subjacente uma série de aspectos que são considerados pelos jovens no confronto com o mercado de trabalho. Assim como Smithson, Lewis e Guerreiro (1998), no estudo realizado em cinco países europeus, nossa pesquisa encontrou uma percepção de insegurança especialmente decorrente do confronto com a possibilidade de desemprego e diante da precarização que, na leitura dos jovens, pode gerar elevadas jornadas de trabalho e sobrecargas de trabalho. Vale destacar que esta insegurança não é vivida apenas pelos jovens que trabalham em regimes de trabalho precário e flexível como revelarão alguns depoimentos dos jovens investigados.

Desse modo, é bom sublinhar que dentro dos grupos focais, durante a realização dessa pesquisa, aparecem discursos dissonantes em que a flexibilidade e o risco são lidos como motores de crescimento e desenvolvimento, fundado em estímulos por constantes desafios. Como exemplo, o jovem abaixo comenta a sua percepção sobre a relação entre instabilidade e desafio:

PM_ (...) Eu não consigo, como o [colega] fala, que quer trabalhar na vida pública, o meu é privado. Eu gosto de desafios e a instabilidade para mim é um desafio, aguentar esse clima de: “Ah, eu posso estar desempregado amanhã!”, mas me preparar pra o desemprego amanhã, fazendo um curso, uma pós-graduação. Eu sei que se eu sair da minha empresa hoje, outras vão me chamar. Ter esse diferencial. Então você fala assim: “Administração. O curso de Administração te completou?” Não. O curso de Administração me deu uma base e dentro das empresas eu fui completando o que me faltava. Mas sem essa base eu muito pouco ia aproveitar dentro das empresas, muito pouco eu iria conseguir observar para trazer conhecimento para mim.

Grupo Focal

Alguns jovens pesquisados afirmaram não temer a insegurança fruto da flexibilidade das relações de trabalho, chegando a encará-la favoravelmente. Isso acontece porque associam a insegurança à dimensão criativa do trabalho, à busca de oportunidades de realização pessoal,

de aprendizagem e de crescimento profissional⁶³. Eles consideram que no atual cenário “a pessoa tem que se adaptar a tudo”, possuir vários recursos e conseguir reconfigurar disposições e projetos de acordo com as contingências de mercado⁶⁴. Tanto nossa pesquisa quanto as reportadas por Sepulveda (2006), Furlong e Cartmel (1997), Saintout (2009) indicam que há uma nova forma de os jovens se posicionarem diante da insegurança, uma vez que essa insegurança é de certo modo compreendida como um processo inevitável, praticamente naturalizado e próprio da condição da vida contemporânea. O que sugere Saintout (2009) em suas análises sobre as percepções dos jovens argentinos acerca da realidade de crise do projeto moderno frente à queda da previsibilidade nas transições para o mundo adulto vem bem a calhar com os resultados dessa pesquisa, pois “*a instabilidade da vida laboral é algo que não os surpreende, ainda que possa assustá-los com seus efeitos de precariedade. Mas, ao mesmo tempo, não caíram em desalento e ainda se sentem em condições de lutar por uma saída*” (SAINTOUT, 2009, p.92, tradução nossa).⁶⁵

Essas saídas nos parecem muito associadas à centralidade atribuída ao trabalho, à flexibilidade de tempo e de espaço dessa esfera. Para nos debruçarmos sobre os limites de tensão que estão submetidos às linhas divisórias entre as esferas, voltamo-nos analogamente aos graus de sacrifícios que os jovens estão dispostos a enfrentar na esfera do trabalho. As respostas sugerem que o limite de sacrifícios das relações pessoais e familiares está estreitamente vinculado ao peso relativo do trabalho remunerado em relação à realização pessoal.

Quadro 1 – O trabalho e o sacrifício das relações pessoais e familiares

Afirmação com a qual mais concorda	N	%
Uma pessoa deve fazer o seu melhor no trabalho mesmo que isso implique fazer muitas vezes sacrifícios nas suas relações pessoais e familiares	131	50,6
O trabalho não justifica que se façam muitos sacrifícios nas relações pessoais e familiares	124	47,9
Nulo	4	1,5
Total	259	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

⁶³ A esse respeito, ver também Chiesi e Martinelli (1997).

⁶⁴ A esse respeito, ver também Guerreiro e Abrantes (2004), Brannen e Nilsen (2002).

⁶⁵ La inestabilidad de la vida laboral es algo que no los sorprende, aunque puedan asustarlos sus efectos de precariedad. Pero, al mismo tiempo, no ha caído en el desaliento y todavía se sienten en condiciones de pelear una salida.

No questionário, confrontamos os indivíduos com duas opções dicotômicas: a primeira em que o jovem se dispõe a sacrificar as relações pessoais e familiares em função do trabalho e a segunda em que o trabalho não justifica sacrifícios nas relações pessoais e familiares. Como o resultado sugere um grupo dividido, fomos a campo explorar nos grupos focais os limites em relação aos sacrifícios a serem encarados na esfera do trabalho. Alguns jovens declaram que o grau do sacrifício é atrelado ao grau de recompensa, expresso especialmente quanto a oportunidade de promoção, crescimento, reconhecimento pelo esforço e empenho. Segundo eles, se o sacrifício virar rotina passa a ser exploração, o que pesa na avaliação acerca da qualidade de vida e passa então a não mais valer a pena. Claro que não há consenso, pois alguns apontam que sacrificariam todas as esferas diante de certas garantias para atingir o cargo esperado. Há uma disposição maior para os sacrifícios de curto prazo atrelada às recompensas e resultados visíveis. Na interposição entre as esferas, quando há o predomínio da importância da esfera do trabalho, associa-se a noção de que esta fase de transição para a vida adulta requer essa perspectiva, ou seja, que ela é necessária no momento de inserção no mercado:

PF_ Sacrificio muito lazer, escola, faculdade, principalmente por que eu não quero ficar nessa minha posição que eu estou mais de um ano. Então eu já tenho um objetivo que é alcançar outras coisas, só que pra isso eu tenho ir fazendo coisas paralelas ao que eu faço hoje, não só pra poder conseguir alcançar uma visibilidade talvez pelo meu supervisor direto, mas por outras pessoas que vem me dar oportunidades... possíveis outras áreas que consigam me identificar. Então não adianta só eu ser bem naquilo que eu faço lá dentro, tem que ser bem em outras partes. Então aí nessa hora a faculdade “dança”, relacionamento familiar muito comprometido, extremamente comprometido por que... Só fica assim: Agora não, agora não! Que eu estou apertado. Então é muito sacrifício.

PF_ Muitas vezes a gente já vem sacrificando principalmente a faculdade em detrimento do trabalho. A gente muitas vezes deixa a faculdade de lado por causa do trabalho, eu só não me sacrificaria em relação aos meus valores, tipo se eu acho que aquilo não é certo eu não vou fazer, eu prefiro sair da empresa do que ir contra um valor pessoal mesmo, porque aquilo pra mim não é certo isso eu não faria. Agora sacrificar lazer, trabalho, família. Isso a gente tem feito sim. Está tudo ficando em segundo plano.

Coração Eucarístico – Manhã

No entanto, a percepção de que a centralidade da esfera do trabalho varia em função da fase da vida e que os próprios valores do trabalho se alteraram ao longo do tempo é clara para os jovens entrevistados. Eles relatam que fizeram todo um conjunto de investimentos para chegar onde estão e que, se for necessário, continuarão a conferir a centralidade ao trabalho até obter algumas das recompensas esperadas. Algumas vezes os jovens determinam o prazo máximo

de tempo de espera para as conquistas almeçadas e comentam que este é o momento e a fase do ciclo da vida em que a esfera do trabalho deve prevalecer sobre as demais.

PM_ Depende do momento, não é? Agora no momento eu acho que é de... Que todo mundo que é estudante e está formando vai sacrificar pra conseguir o seu resultado. Que você estudou quatro anos pra obter. Eu sacrificaria sim, sacrifício e sacrificaria mais, no momento passar agora... A partir do momento que você sacrifica muito e esquece outras coisas sempre seguindo o seu valor, mas agora como que eu posso falar? Sacrificaria seu lazer? Sacrificaria hoje em dia, mas no futuro não.

Coração Eucarístico – Manhã

Em algumas passagens os jovens expressam que a flexibilidade exigida pelo mercado significa um tempo flexível no próprio cotidiano de trabalho em que a esfera do trabalho invade as demais esferas da vida. Especialmente quando eles comentam sobre os cargos que consideram mais difíceis de serem alcançados, por estarem mais elevados na hierarquia das organizações, a lista das consequências de desempenhar este papel mas também a vontade de os alcançar, aponta a maior valorização e dedicação do sujeito à esfera do trabalho. São frequentes as observações que relacionam estes cargos com as horas-extras sem remuneração, a impossibilidade de se “desligar” do trabalho, viagens constantes que coadunam com o distanciamento da família e a supressão dos limites, por meio das invasões corriqueiras do trabalho nas demais esferas da vida social.

A afirmação de que “*se uma coisa hoje tiver bem encaminhada com certeza uma coisa leva à outra*” explicita uma tendência de alguns jovens de considerarem que, se o trabalho está bem, a família está bem, e uma alteração qualquer em uma dessas esferas irá potencialmente afetar a outra esfera. A esfera da família é a que mais pesa na balança, em contraposição à do trabalho, e os depoimentos revelam que “*o sacrifício [no trabalho] é até o limite em que eu veja que ele não está afetando a minha relação com a minha família*”.

PM (D)_ Essa questão que o [colega] falou de trabalhar razoavelmente. Eu falo no sentido de quê? Você trabalhar, você ocupar o máximo do seu tempo, sem você deixar a sua vida virar só trabalho. Você conseguir uma realização dentro do trabalho, mas ter o que as pessoas falam de vida social. Você aproveitar também sua vida para poder viajar, passear e tudo. Mas sem deixar o trabalho, entendeu? Ir se realizando pessoalmente e profissionalmente. Conseguindo o que você quer na vida, entendeu? Eu não sei até que ponto compensa você trabalhar a vida inteira, para chegar no final da sua vida, você vê aquele mundo de dinheiro, aí você vai morrer e deixar aí pros outros brigar por conta de herança. Não sei até que ponto que vale isso.

Grupo Focal Barreiro – Noturno

Com relação à flexibilidade de tempo, apresentamos aos jovens uma pergunta em que eles deveriam se posicionar com relação à expectativa de tempo a ser dedicado ao trabalho no

futuro, comparada com o tempo dedicado naquele presente momento: muito maior, maior, igual, menor, muito menor. A amostra ficou dividida entre as quatro primeiras possibilidades, ou seja, 20,8% esperam gastar muito mais tempo com o trabalho no futuro, 22,4% esperam gastar um pouco mais de tempo, 23,6% o mesmo que agora, 19,7% um pouco menos. Apenas 7,3% desejam gastar muito menos tempo com o trabalho.

Quadro 2 – Expectativas relativas ao tempo dedicado às esferas sociais

	TEMPO						Total
	Muito mais	Um pouco mais	O mesmo que agora	Um pouco menos	Muito menos	Não Repondeu	
Com relação ao trabalho remunerado, no futuro, desejaria dedicar (em relação ao presente)	20,8	22,4	23,6	19,7	7,3	6,2	100,0
Com relação às ocupações domésticas e caseiras, no futuro, desejaria dedicar (em relação ao presente)	7,7	21,6	21,6	16,6	28,6	3,9	100,0
Com relação à família, no futuro, desejaria dedicar (em relação ao presente)	39	36,3	17	1,9	1,5	4,2	100,0
Com relação aos amigos, no futuro, desejaria dedicar (em relação ao presente)	30,5	44,0	16,2	4,6	0,8	3,9	100,0
Com relação ao descanso, no futuro, desejaria dedicar (em relação ao presente)	35,5	29,7	21,2	5,8	2,7	5,0	100,0
Com relação ao ato de ler, no futuro, desejaria dedicar (em relação ao presente)	30,9	40,9	16,2	4,6	1,5	5,8	100,0
Com relação ao ato de frequentar espetáculos, no futuro, desejaria dedicar (em relação ao presente)	32,0	38,2	19,3	3,1	2,3	5,0	100,0
Com relação às viagens e passeios, no futuro, desejaria dedicar (em relação ao presente)	32,0	38,2	19,3	3,1	2,3	5,0	100,0
Com relação à formação orientada para o trabalho, no futuro, desejaria dedicar (em relação ao presente)	22,4	41,3	18,7	8,9	2,3	5,4	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Em seguida, questionamos sobre o tempo que, no futuro, pretendiam dedicar a outras esferas de atividades, utilizando a mesma escala. O tempo dedicado às tarefas domésticas é claramente o menos enfatizado, apenas 7,7% do grupo pretendem dedicar muito mais tempo às ocupações domésticas, enquanto 28,6% esperam gastar muito menos tempo. Com relação à família, 75,3% do grupo preferem dedicar “mais” ou “muito mais” do seu tempo atual ao grupo familiar, desejo de investimento que supera todos os outros. Os amigos, do mesmo

modo, receberam 74,5% das expectativas de no futuro poderem dedicar muito mais ou mais do que o seu tempo atual.

São expressivos os interesses em ampliar o tempo no futuro destinado ao descanso (35,5%), aos amigos (44%), para se dedicar à formação continuada (41,3%) e para ler (40,9%). Nota-se, assim, como explica o depoimento abaixo, que os jovens experimentam formas de conciliação entre as esferas:

PM (D)_ Essa questão de trabalhar razoavelmente. Eu falo em que sentido? Você trabalhar, você ocupar o máximo do seu tempo, sem você deixar a sua vida virar só trabalho. Você conseguir uma realização dentro do trabalho, mas sem perder o que as pessoas falam de vida social. Você aproveitar também sua vida para poder viajar, passear e tudo. Mas sem deixar o trabalho, entendeu? Ir se realizando pessoalmente e profissionalmente. Conseguindo o que você quer na vida, entendeu? Eu não sei até que ponto compensa você trabalhar a vida inteira, para chegar ao final da sua vida e ver aquele mundo de dinheiro. Aí você vai morrer e deixar para os outros brigarem por conta de herança. Não sei até que ponto que vale isso.

Grupo Focal Barreiro – Noturno

Os discursos revelam que os jovens têm uma noção de que nesta etapa sacrificariam outras esferas da vida social para que possam atingir e conquistar os quesitos valorizados no trabalho. Explicitam que há, muitas vezes, uma invasão da esfera do trabalho nas demais esferas da vida, pois em geral o trabalho é levado também para casa. Expressões como “*eu sou daqueles que saem do trabalho, mas o trabalho não sai de mim*” e de que a realização pessoal está bastante condicionada à realização profissional foram recorrentes.

É possível, portanto, perceber que há por parte de alguns jovens uma disposição para tentar administrar e conciliar as diversas esferas da vida social. Esse processo de definição da centralidade está também explicitamente associado aos aspectos que são valorizados e aos seus projetos de vida na esfera do trabalho. Como mencionamos, na modernidade tardia, nas diversas esferas da vida social, como no trabalho, algumas âncoras são rompidas ou afrouxadas. Estas âncoras davam segurança e estabilidade ao longo de todo o processo de transição para a vida adulta. Nesse novo capitalismo, o tempo de curto prazo, flexível, parece impedir que se faça uma narrativa linear da inserção na esfera do trabalho. Não há uma trajetória certa e nem uma segurança quanto a conquistas decorrentes de ações, e do espaço que será atribuído à esfera do trabalho. O que não impede os indivíduos de posicionarem a esfera do trabalho em relação às demais esferas da vida social. No fundo, estão dispostos a sobreinvestir no trabalho, nos primeiros anos de exercício, almejando um momento

subsequente de equilíbrio, mas convivendo com a ideia de que o nível de investimento a que serão obrigados é, em certa medida, imprevisível.

Com foco na interpretação acerca da centralidade do trabalho na realização pessoal, elaboramos novamente duas questões excludentes para que o jovem pudesse se posicionar quanto à importância da esfera do trabalho em relação à realização pessoal. Nessas duas questões o grupo também se revelou extremamente dividido. Nota-se que, enquanto uma parte valoriza o trabalho remunerado como elemento primordial para a realização pessoal, outra parte não considera o trabalho como a referência primeira para a realização pessoal.

Quadro 3 – O trabalho e a realização pessoal

Afirmação com a qual mais concorda	N	%
Considero o trabalho remunerado o elemento mais importante para a obtenção de realização pessoal	121	46,7
Não considero o trabalho remunerado o elemento mais importante para a obtenção de realização pessoal	134	51,7
Nulo	4	1,5
Total	259	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

A pergunta seguinte, então, propõe uma avaliação da importância atribuída ao aspecto remuneratório do trabalho. Perguntamos aos jovens, hipoteticamente, se eles não precisassem de dinheiro, se gostariam ou não de ter um trabalho remunerado.

Quadro 4 – O trabalho e o significado da remuneração

Afirmação com a qual mais concorda	N	%
Se não precisasse do dinheiro e tivesse outros rendimentos muito provavelmente não teria um trabalho remunerado	77	29,7
Gostaria de ter um trabalho remunerado mesmo que não precisasse do dinheiro	174	67,2
Nulo	8	3,1
Total	259	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Diante dessa possibilidade, 67,2% da amostra revelou que gostaria de ter um trabalho remunerado, mesmo que não precisasse do dinheiro, ou seja, a importância do trabalho ultrapassa a condição de remuneração. O que se destaca aqui é o fato da importância de um trabalho remunerado não se esgotar na remuneração, ou seja, existem outros quesitos que são

valorizados pelos indivíduos na relação com o trabalho e que se entrecruzam com a remuneração e com a centralidade atribuída ao trabalho. E é esse o caminho que vamos seguir: a trilha dos aspectos mais valorizados pelos jovens no confronto com o trabalho. Se a remuneração é um dos aspectos, quais serão então os outros quesitos que exprimem a importância e o valor que os jovens atribuem ao trabalho? Ao contrário do que muitas vezes se presume, os indivíduos parecem atribuir ao trabalho uma relevância que extravasa claramente a da remuneração.

Essas noções estavam presentes nos grupos focais quando faziam menção tão constante à ideia de “trabalho interessante”, equivalente à própria satisfação no trabalho. Em alguns momentos, a noção de “trabalho interessante” contrapunha-se ao aspecto remuneratório do trabalho. O trecho abaixo é singular por demonstrar a ambiguidade da relação trabalho interessante, remuneração e o significado das opções por empregos públicos.

E _ Bom e se vocês pudessem hoje estar no trabalho ideal. O que é o trabalho ideal?

PM (A) _ Ganhar muito dinheiro.

E _ Ganhar muito dinheiro?

PM (B) _ Trabalho público.

Risos, risos

E _ Está bom para você um emprego público com muito dinheiro?

PM (A) _ Ah, num sei não!

PM (B) _ Acaba não tendo a realização profissional, chega um ponto que para.

PM (A) _ O negócio é o seguinte: você quer ganhar muito e fazer pouco. Mas, se você estiver ganhando muito e fazendo pouco, você tem que imaginar o seguinte: será que você vai estar satisfeito fazendo pouco? Aí eu não sei.

E _ Então você vai estar satisfeito, como?

PM (A) _ Eu acho que eu vou estar satisfeito trabalhando muito e ganhando muito.

PM (B) _ Trabalhando mais ou menos e ganhando muito.

Risos, risos

PM (A) _ Não. Trabalhando normal e ganhando bem, uai.

PM (C) _ Hoje eu não foco a questão de estar ganhando bem. Eu estou fazendo o que eu gosto. Não tendo ninguém me mandando.

E _ Você quer fazer o que você gosta e ter autonomia.

PM (A) _ Então (...) então (...) vai ficar na rua.

PM (C) _ É. A questão financeira não é tão importante.

Grupo Focal Barreiro – Noturno

Os comentários dos jovens revelam tensões a partir da contraposição entre o “trabalho interessante” (muito próximo do sentido de fazer o que se gosta e, portanto, de obter

satisfação), o fato de ter autonomia e o nível de rendimento. No entanto, uma análise acurada dos grupos focais mostra que se, sem dúvida, a remuneração é um quesito a ser considerado na avaliação sobre o trabalho, posto que diversos jovens enfatizam que ela não é um valor final ou principal, a exemplo da citação “*a questão financeira não é tão importante*”. Embora a multiplicidade de dimensões em jogo torne a análise particularmente difícil, outros aspectos parecem ser tão ou mais importantes do que a remuneração. É o caso do crescimento profissional e o aprendizado, a autonomia e, sobretudo, o fazer o que gosta. Em seus relatos identificamos expressões como “*you have to be happy doing what you like*” e as conclusões de que trabalhar por dinheiro ou passar a vida acumulando dinheiro e depois deixar para “*os outros brigarem por conta de herança*” não vale a pena. O rendimento é, sem dúvida, um aspecto valorizado pelo jovem, no entanto, o que se coloca em causa atualmente é a diferença entre uma abordagem tradicional, em que a remuneração assume sua validade instrumental e uma concepção realizadora. As pesquisas realizadas por Chiesi e Martinelli (1997), na Itália, mostram que “*as opiniões dos jovens se dividem entre uma concepção tradicional do trabalho, em que assume sua valência instrumental, e considera portanto o rendimento como aspecto mais importante, e uma concepção realizadora, colocada mais alto na escala de evolução das necessidades*”⁶⁶.

É singular a explicação de dois jovens participantes dos grupos a respeito do valor da remuneração, pois se este valor vier isolado, sem a conquista de outros aspectos também considerados como importantes, ele se potencializa a ponto de nunca ser satisfatório, pois estará sempre se desejando mais. Concomitante ao fato de o valor central ser outro, diferente do valor da remuneração, tornar-se-á mais facilmente satisfatória a conquista de determinada remuneração.

PM _ O salário até que não importa, entendeu? A partir do momento que você está se sentindo bem, se você ganhar mil reais, você consegue viver com os mil reais. Não importa! O salário não importa tanto. É lógico que se você ganhar dez mil reais vai ser bom. Mas você vai conseguir e já estará querendo mais também, não importa. Se você ganhar mil reais, você vai querer mais, se você ganhar dez mil, você vai querer mais. Então, isso não importa. O salário eu acho que não importa. Importa mesmo é a felicidade de você ter o emprego que você gosta e o que você está fazendo de verdade.

PF _ É. Porque quando você faz as coisas que você gosta, o seu salário rende. Você não fica: Ah, que miséria. Que miséria de dinheiro, entendeu? Você não fica com aquele pensamento, porque não está fazendo uma coisa que você gosta. Então você

⁶⁶ Os autores destacam que há uma alteração ao longo dos anos 90, com a inversão das classificações que conduzem ao predomínio da concepção realizadora sobre a instrumental. Eles sugerem que esta alteração é resultado do crescimento dos níveis de instrução e da evolução das condições de trabalho juvenil, que melhoraram nesta década na Itália. (CHIESI e MARTINELLI, 1997).

está empregando o seu salário em coisas boas. Quando você terminar ali, que você ver que no fim do mês que você comprou alguma coisa, que você tem aquele carro, que você tem aquele apartamento que você deseja...

PM _ O problema todo é que quando chegar no final do mês... se você gostar do serviço está esperando sempre o próximo dia. Se você não gostar, você vai esperar sempre o fim do mês só para pegar o dinheiro e gastar, entendeu?

São Gabriel – Manhã

A narrativa expõe a linha pendular em que o aspecto remuneração percorre do ponto mais instrumental, trabalhar para viver com o salário ao mais elevado, enquanto concepção realizadora, ter o trabalho que gosta e se satisfazer com a atividade desempenhada nesse trabalho. A conversa também indica que esse grupo está inserido em um campo de possibilidades que delimita algumas expectativas tanto em termos de patamares salariais, a exemplo dos valores citados como baixo – mil reais – e alto – dez mil reais – e também uma perspectiva de acesso a determinados bens materiais que são mencionados de forma recorrente.

6.2 Os valores do trabalho segundo os jovens futuros administradores

No que se refere aos valores do trabalho, o cenário de insegurança, risco e precarização, somado às peculiaridades do próprio grupo em fase de transição para a vida adulta, permite-nos configurar um valor que desponta como primeiro, uma vez que é um desejo compartilhado por grande parte do grupo. Ele corresponde a uma espécie de primeiro nível na hierarquia das pretensões, pelo fato de sua conquista possibilitar então pleitear outros aspectos valorizados. Esse valor primeiro é a *estabilidade financeira*, um desejo comum a 61,78% dos jovens considerando os três principais quesitos por eles valorizados. A Tabela 13, abaixo, que nos permite constatar o que acabamos de dizer, a estabilidade financeira como ponto de partida exprime o que os jovens desse grupo esperam conseguir através do trabalho a partir da escolha e hierarquização de três quesitos prioritários. Nota-se que o sucesso também é um quesito significativo como preferência para 54%, surgindo depois o reconhecimento, considerado por 45% da amostra como um dos três fatores de maior importância relativa.

Tabela 13 - Três valores que os jovens esperam conseguir por meio do trabalho

O que espera conseguir por meio do trabalho	1a prioridade (%)	2a prioridade (%)	3a prioridade (%)	Somatório das 3 prioridades (%)
Sucesso	20,1	17,4	17,4	54,83
Reconhecimento	11,2	20,1	14,3	45,56
Realização material (bens materiais)	5,4	8,9	18,1	32,43
Independência financeira para abrir seu próprio negócio	15,8	8,5	8,9	33,20
Estabilidade financeira	24,7	25,1	12,0	61,78
Contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país	3,9	3,9	12,0	19,69
Outra	2,3	0,4	0,8	2,00
Nulo	15,4	15,1	15,8	15,00
Não respondeu	1,2	0,8	0,8	1,00

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

A *estabilidade financeira* para esses jovens está relacionada ao fato de se ter recursos suficientes para gerir as suas necessidades imediatas e também é indício de que não se está tão ameaçado pelo risco de desemprego eminente, embora seja necessário frisar a diferença entre a noção de estabilidade financeira e de emprego, pois, para alguns, a estabilidade financeira pode ser atingida mesmo com uma mobilidade de trabalho em trabalho. Em outras palavras, pode estar acompanhada à noção de “empregabilidade”.

As necessidades imediatas que balizam a *estabilidade financeira* variam para os jovens em função da sua realidade, de suas condições objetivas e de sua vida familiar. Para alguns, a necessidade é representada como a independência financeira e a autonomia em relação aos pais. Para os que já têm uma segunda família – cônjuge e filhos –, a necessidade é colocada em um plano mais elevado, passando a significar alguns bens materiais, que segundo um depoimento “já foram luxo e hoje não são”, como a aquisição de casa e carro. Nota-se que a estabilidade financeira é muitas vezes concebida como o resultado do equilíbrio entre as expectativas de estilo de vida, representada por formas de consumo ou de qualidade de vida e a remuneração do trabalho. Desta forma, a garantia com relação aos rendimentos mensais é um desejo comum, e independe do tipo de relação de trabalho, de idade e de nível de rendimento. Trata-se, por assim dizer, da base a partir da qual o jovem começa então a vislumbrar o alcance de outros aspectos valorizados no trabalho.

Isso não impede o fato de encontrarmos algumas pequenas variações em função da idade. O quesito *estabilidade* foi o mais valorizado pelos jovens entre 20 e 22 anos, e entre 23 e 25 anos, pois 35,5% e 31% dos jovens nessas faixas etárias, respectivamente, escolheram a

estabilidade como o fator prioritário a ser considerado dentre as expectativas daquilo que se pretende obter por meio do trabalho. Os resultados indicam que à medida que aumenta a faixa etária diminui a valorização da *estabilidade*. Como detalhado na Tabela abaixo, no grupo de jovens entre 26 e 29 anos, 34,2% preferem primeiro o sucesso, e dentre os jovens acima de 29 anos, 29% valorizam o *reconhecimento*. Esse fato denota que quanto mais recente for a inserção no mercado de trabalho, mais a *estabilidade* parece sobrepor-se aos demais elementos valorizados.

Tabela 14 – O que o jovem espera conseguir por meio do trabalho (primeira prioridade), segundo idade

Idade	O que o entrevistado espera conseguir por meio do trabalho (primeira prioridade)							Total (%)
	Sucesso	Reconhecimento	Realização material (bens materiais)	Independência financeira para abrir seu próprio negócio	Estabilidade financeira	Contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país	Outra	
20 a 22	25,81	6,45	3,23	20,97	35,48	3,23	4,84	100
23 a 25	18,39	16,09	10,34	18,39	31,03	5,75	0,00	100
26 a 29	34,29	5,71	2,86	17,14	28,57	5,71	5,71	100
Acima de 29	22,58	29,03	6,45	19,35	16,13	3,23	3,23	100
Total	23,72	13,49	6,51	19,07	29,77	4,65	2,79	100

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Diante de um rol de aspectos valorizados no trabalho, sugerimos que o jovem adotasse uma ordem de prioridade entre os três principais quesitos. Nessa pergunta, os fatores valorizados apresentados para a escolha foram *aprendizagem, oportunidade de exprimir as próprias capacidades, autonomia, possibilidade de ajudar outras pessoas, ser útil à sociedade, segurança, estabilidade, oportunidade de promoção, horário flexível, boas relações com os colegas de trabalho, a possibilidade ou não de viajar, mobilidade* (possibilidade de mudar de cidade).

Tabela 15 – O que o jovem considera mais importante em um trabalho (primeira prioridade), segundo idade

Idade	O que o entrevistado considera mais importante em um trabalho (primeira prioridade)												Total
	Um emprego seguro e estável	O salário, a remuneração	Boas oportunidades de promoção	Aprendizagem e expressão das capacidades	Autonomia	Ajudar outras pessoas	Um trabalho útil à sociedade	Flexibilidade de horários e dias de trabalho	Boas relações com os demais colegas e superiores	A possibilidade de viajar muito	Não precisar mudar de cidade	Outra	
20 a 22	23,08	24,62	12,31	26,15	4,62	0,00	1,54	1,54	4,62	1,54	0,00	0,00	100,00
23 a 25	30,77	21,98	14,29	20,88	2,20	1,10	1,10	1,10	5,49	0,00	1,10	0,00	100,00
26 a 29	25,71	20,00	5,71	28,57	2,86	0,00	0,00	0,00	14,29	0,00	0,00	2,86	100,00
Acima de 29	25,81	3,23	19,35	38,71	6,45	0,00	0,00	0,00	6,45	0,00	0,00	0,00	100,00
Total	27,03	19,82	13,06	26,13	3,60	0,45	0,90	0,90	6,76	0,45	0,45	0,45	100,00

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Em consonância com o que já foi mencionado, os quesitos mais valorizados por esse grupo foram um *emprego seguro e estável* (27,03%), a *possibilidade de aprender coisas novas e exprimir as próprias capacidades* (26,13%) e a *remuneração* (19,46%). Observa-se que a faixa etária mais elevada, acima de 29 anos, tem destacada preferência pela *possibilidade de aprender coisas novas e de expressar as capacidades* (38,71%). Por sua vez, na faixa etária entre 23 e 25 anos, a maior parte (30,77%) tende a escolher um *emprego seguro e estável* e as faixas entre 20 e 22 anos e entre 26 e 29 se revelam mais divididas entre as opções *possibilidade de aprender e exprimir as capacidades*, *o emprego seguro e estável* e *o salário e a remuneração*, nessa ordem. Essas duas tabelas anteriores, em que as diferenças etárias são consideradas, mostram que entre 20 e 22 anos, a *estabilidade e possibilidade de aprendizagem* são os aspectos mais valorizados, entre 23 e 25 anos, os valores principais são *estabilidade e emprego seguro*. Já entre 26 e 29 anos, o *sucesso, a estabilidade e a possibilidade a aprendizagem* são os quesitos mais proeminentes enquanto acima de 29 anos o *reconhecimento e a aprendizagem e expressão das capacidades* tornam-se centrais (vide Tabelas 14 e 15).

Assegurada a conquista do primeiro passo – *estabilidade financeira* – que é a condição que dá respaldo para se avançar na trajetória de acesso aos aspectos valorizados no trabalho, percebe-se que há um entroncamento a partir do qual o grupo define quatro orientações prioritárias: “*segurança*”, “*reconhecimento e sucesso*”, “*aprendizagem e autonomia*” e “*boas relações interpessoais e um bom ambiente de trabalho*”. Os jovens administradores distribuem-se

diferenciadamente por cada uma delas. Isto quer dizer que, em razão de um conjunto de fatores que pretendemos explorar de forma mais densa no futuro, se distribuem ora mais por uma, ora mais por outra. O que não quer dizer, e é fundamental destacar, que os fatores que subjazem a cada uma dessas orientações não sejam valorizados por todos eles

6.2.1 Segurança

A *segurança* para o jovem não significa a imobilidade ou a condição garantida de determinada posição (emprego). Significa, sobretudo, a capacidade demonstrada para se manter trabalhando no campo da administração por meio de um rol de ações bem calculadas. A título de exemplo, abaixo, extraímos um depoimento de um jovem que integrou um grupo focal realizado na unidade São Gabriel em que ele revela sua necessidade de segurança advinda da sensação de estabilidade profissional.

PM _ Olha, eu sou [...]. O emprego ideal eu acho que vai de cada um, não é? A minha preocupação é com a estabilidade, eu sou um pouco [...] Eu tenho essa preocupação. Porque a gente sabe que o mercado de maneira geral, se está bom pro patrão, a pessoa está muito bem e ele está produzindo. Mas, o dia que a coisa não está legal, a primeira coisa que ele tem que fazer é cortar a folha de pagamento. Quer dizer: demissão. Então, hoje eu sou muito preocupado com a estabilidade, mas também não vou ficar em cima dessa estabilidade e ficar quietinho não! Eu vou tentar me corresponder com quem [...] É duas vias, não é? É de um lado a empresa que precisa sobreviver e eu também vou ter que produzir. Porque tem que ter essa estabilidade, e eu preciso ter [estabilidade].

Grupo Focal São Gabriel - Manhã

A possibilidade de *segurança* no trabalho é um quesito bastante associado ao emprego público, sendo o privilégio deste último um marcador essencial deste gênero de orientações para o trabalho. Dentre os jovens que responderam ao questionário, 59,5% já participaram de algum concurso público e 75,3% revelam vontade de participar de concurso desse tipo. Nos discursos dos grupos focais o emprego público está relacionado à forma de adquirir segurança, mesmo que signifique abrir mão de outros valores. Para aquele grupo em que não há interesse em emprego público, ou seja, para 23,5% da amostra, em geral, os depoimentos refletem que esse tipo de opção, para este grupo, está associada à rotina, à falta de possibilidade de crescimento profissional e à ausência de desafio. Ou seja, segundo essa visão, o emprego público traz estabilidade e “mais nada”, porque esse trabalho está acompanhado de outras características que são interpretadas de forma negativa: a execução de processos semelhantes por longos anos, a perspectiva de um trabalho que não atende às expectativas do cliente e que deixa sempre a desejar. Para caracterizar, os depoimentos

chegam a usar o termo “trabalho mal feito”. Pode-se perceber que o emprego público para aqueles que não têm interesse nessa perspectiva de trabalho está associado a uma expectativa dos pais, nem sempre encontrando eco nas aspirações dos jovens.

No Brasil, a condição de funcionário público está hoje bastante associada à segurança e à garantia de benefícios como assistência médica, aposentadoria e também a uma remuneração relativamente confortável em relação ao mercado. No entanto, mesmo em países europeus em que a remuneração não é o grande fator de atração para o serviço público, perante as dificuldades de inserção não precárias e à crescente competitividade do setor privado, muitos jovens revelam que gostariam de fazer parte destes quadros em função do trabalho seguro e dos horários fixos (GUERREIRO e ABRANTES, 2004).

Coadunamos com os resultados da pesquisa realizada por Alves (2009), em Portugal, em que os jovens expressam o quesito *segurança* de maneira distinta. A valorização atribuída a estes aspectos é diferente em função das concepções de mundos socioprofissionais e de formas análogas de falar do trabalho que se faz, do percurso que se viveu e da projeção do futuro. Para os jovens que compartilham o “mundo de projetos” ter um emprego não é garantia de segurança e, neste sentido, “(...) *a segurança não é um valor em si que possa ser definido independente dos contextos laborais. Ela é contextualizada e, por isso, relativa*” (ALVES, 2009, p.127). No “mundo das carreiras”, a estabilidade não é um valor supremo nem absoluto, todos lhe fazem referência, mas não é ela que orienta os percursos dos jovens. Os jovens que percorrem o “mundo dos empregados de si” contrapõem-se aos atributos do que caracterizam como emprego, compreendido como positivo se conferir segurança e estabilidade econômica, direito a subsídios, horário fixo, sem atividades que exijam hora-extra ou levar trabalho para casa, e negativo se vier acompanhado de sobrecarga ou subcarga e relações hierarquizadas. Já, os jovens do “mundo dos empregos” são os que mais prezam a segurança e também por isso se asseguram em um universo de pluriatividades. O desejo recorrente é por uma “*estabilidade que lhes permita antever o futuro com serenidade*” (ALVES, 2009, p. 211), de poder ver um resultado continuado do trabalho, estabilidade por meio de horários estáveis, ritmo de trabalho menos intenso e assegurado por direitos trabalhistas. A segurança é aqui ainda percebida como sinônimo de remuneração fixa.

Em nossa pesquisa, observa-se também que para os jovens futuros administradores o *trabalho seguro e estável* aparece de forma bastante contraposta à *possibilidade de aprender coisas novas e exprimir as próprias capacidades*, como de fossem atributos antinômicos. A

dicotomia entre *trabalho seguro e estável* e a *possibilidade de aprender coisas novas e exprimir as próprias capacidades* surgiu de forma espontânea em quase todos os grupos focais e é sempre um tema de polêmica no debate. Embora isso nem sempre aconteça, é notório que, para esses jovens, esses valores são interpretados como contraditórios, sendo conseqüentemente tratados de uma forma quase excludente, como se a presença de um quesito automaticamente eliminasse a possibilidade de conquista do outro valor. Nesse sentido, na visão do jovem administrador a obtenção de *estabilidade profissional* significa, muitas vezes, que se está abrindo mão do desafio, do risco e do crescimento profissional.

6.2.2 Reconhecimento e Sucesso

O *reconhecimento* é um atributo do trabalho que, do ponto de vista do grupo pesquisado, representa a valorização da performance profissional. O jovem orienta-se, neste caso, segundo a vontade de se sentir importante e competente pelos pares, colegas de trabalho e superiores, merecendo assim a sua confiança. Conseqüentemente, acredita-se que o reconhecimento levará à ascensão e ao crescimento profissional. Cria-se, então, na perspectiva dos jovens, um processo cíclico e virtuoso que conduz a uma trajetória de sucesso profissional almejado. Nesse sentido, o *reconhecimento* é um atributo valorizado no trabalho como a primeira coisa que se espera conseguir para 20% da amostra e, no geral, 45% do grupo têm o *reconhecimento* como um dos três principais quesitos que espera conseguir por meio do trabalho.

PF – O trabalho ideal pra mim é aquele que a empresa me reconheça, entendeu? Por aquilo que eu estou fazendo e por aquilo que eu sou. Ter um plano de carreira também. Também não adianta eu esperar a empresa me reconhecer [...] Eu tenho que reconhecer a empresa também, não é? Porque, às vezes, você tem que estar trabalhando, interagindo, para um estar ajudando o outro. É [...] Com um plano de carreira também, porque eu acho que a partir do momento que a empresa começa a te conhecer, o teu chefe começa a te conhecer, você já está ganhando a carta para poder estar subindo, não é? Então, é isso, é um plano de carreira e a empresa te conhecer. Eu acho que é o primeiro passo. Num vou nem falar em salário não.

São Gabriel – manhã

O reconhecimento pode ser um passo para o crescimento profissional e para a construção de uma carreira. Ou seja, obter o reconhecimento pelo trabalho que se desenvolve na empresa consiste na via para a obtenção de crescimento e ascensão. Do ponto de vista das condições que permitem essa conquista, os jovens destacam que é necessário trabalhar muito, envolver-se com muitas atividades e “*não ficar parado*”. É interessante perceber que esse “*não ficar parado*” reflete três significados: primeiro, ter muitas atividades cotidianas, segundo, não

ficar em uma só posição na organização e, terceiro, não ficar estagnado no tempo em relação à formação e à aprendizagem. Esse caminho exige do jovem o gosto pelos desafios e a capacidade de ser dinâmico. No capítulo precedente, enfocamos o modo como o quesito reconhecimento configura-se enquanto componente dos projetos de vida na esfera do trabalho que são sustentados pela importância do crescimento profissional. Além disso, demonstramos como, na perspectiva dos jovens, esses aspectos valorizados – confiança, reconhecimento, crescimento profissional e desenvolvimento pessoal (aprendizado) – se articulam de forma cíclica e virtuosa.

Nos grupos focais os jovens tangenciam o valor *sucesso* sempre atrelado ao *reconhecimento*, como se fosse uma consequência de outros aspectos valorizados no trabalho. É significativo perceber que nos grupos focais, os jovens não partiram do sucesso como primeiro valor ou como a principal recompensa pelo trabalho e que não citaram este valor como um fator que isoladamente teria a capacidade de representar o que é esperado do trabalho. Em geral, o sucesso apareceu vinculado à imagem de pessoas públicas que ocupam posições elevadas na hierarquia das organizações, como presidentes e diretores de grandes empresas. Para explicar o sucesso usaram como referência “*uma pessoa que ilustra competência, seriedade, credibilidade, honestidade e tem um pouco de visibilidade*”.

As noções de *reconhecimento* e *sucesso* traduzem uma orientação para a obtenção de capital simbólico, mas também são declaradamente meios para se conquistar outros atributos valorizados. Ou seja, o reconhecimento é também interpretado pelos jovens como um “caminho” para o crescimento e ascensão profissional, e, por via da confiança gerada nos pares e superiores, como um meio de ampliar a autonomia na esfera do trabalho. Em seguida abordaremos um tipo de orientação associada a esse processo.

6.2.3 Aprendizado e Autonomia

A *possibilidade de aprender coisas novas e exprimir as próprias capacidades* foi um quesito muito valorizado pelo jovem nas respostas ao questionário. Nos grupos focais, apareceu associada ao quesito *autonomia*. Foi aí que o quesito *autonomia* ganhou uma relevância que não transparecia nos questionários, em que apenas 3,6% do universo declarou considerar esse aspecto como valor do trabalho mais importante. Como já demonstramos anteriormente diante de uma lista de aspectos valorizados no trabalho em que o jovem deveria atribuir importância e hierarquizar preferências, a *possibilidade de aprender coisas novas e exprimir as próprias*

capacidades é o segundo quesito mais citado, situando-se no mesmo nível de relevância do fator *estabilidade e segurança*. Abriremos um parêntese para comparar esses resultados com a pesquisa realizada por Chaves (2007, p.287) no conjunto de jovens advogados portugueses, na qual o valor *trabalho interessante* se destacou nitidamente em relação a qualquer outro, sendo indicado por 47,6% do grupo como o valor a que conferem maior importância, seguido do *emprego seguro e estável* escolhido por 22,9%⁶⁷. O valor do *trabalho interessante* equivale, em grande medida, àquilo que em nosso estudo designamos de *possibilidade de aprender coisas novas e exprimir as próprias capacidades*. De fato, ao procurar precisar com mais detalhes o significado de “trabalho interessante” junto a sua população, Chaves (2007) refere que os indivíduos apontam a possibilidade que o trabalho confere de “aprender coisas novas” e de “usarem as competências pessoais”.

Quando abordamos os projetos de vida, como mencionamos no capítulo anterior, concluímos que o aprendizado tornou-se um componente essencial na elaboração dos projetos de vida na medida em que esses projetos são calcados na prerrogativa da formação continuada e no crescimento profissional. Contudo, o valor aprendizado associado à esfera do trabalho não está somente relacionado à formação continuada, mas revela que o jovem atribui importância significativa ao fato do próprio processo de trabalho propiciar aprendizagem e estimular a busca pelo conhecimento ou por competências. Ou seja, o trabalho tem aqui um papel formador, enquanto espaço em que se aprende constantemente. Do ponto de vista do jovem entrevistado que possui esse tipo de orientação valorativa em face do trabalho, o aprendizado deve permitir a expressão de suas capacidades, chegando ao ponto de exigir para além de suas competências o que coaduna com o processo, também explicitado no capítulo anterior, que é a mola do crescimento profissional e do desenvolvimento pessoal. Para esse jovem, é importante ser confrontado com novos desafios que instiguem a evolução e que escapem à rotina⁶⁸.

A *possibilidade de exprimir as próprias capacidades* está associada à perspectiva da *autonomia*, pois essa autonomia significa certo grau de liberdade de ação em relação ao trabalho prescrito, ou seja, denota a chance de o jovem definir por si próprio a trajetória que percorrerá em direção ao objetivo proposto pela organização, aplicando os conhecimentos e as experiências prévias durante a realização da atividade. Quanto maior a autonomia, maior o

⁶⁷ Com alguma surpresa, o quesito autonomia foi selecionado apenas por 5,1% dos jovens do grupo profissional, quando o contrário seria o mais esperado, tendo em vista que a advocacia consiste em uma “profissão liberal”.

⁶⁸ A esse respeito, ver BAJOIT & FRANSSEN, 1997.

poder decisório e a liberdade de ação. A *autonomia* é um valor presente tanto para os jovens que darão segmento aos negócios familiares, quanto para aqueles que pretendem investir em trajetórias dentro de empresas privadas. Em alguns casos, porventura raros, a *autonomia* é um atributo de grande relevância que se sobrepõe ao nível de rendimento.

PM _ Olha, no meu caso o trabalho ideal é que eu tenha liberdade, não é? Para aplicar conhecimento, aquela coisa toda, que eu não fique restrito. Limitado à ordem de alguém, sabe? Sendo sempre limitado? Isso [liberdade] pra mim é importante. Se eu tiver num lugar que eu tenha liberdade para decidir mesmo. Para colocar uma coisa que eu sei em prática, não é? Isso eu já fico mais feliz do que tendo um salário bom e sendo manipulado, não é? Como a gente fala: -Para mim é isso o mais importante é...

PM _ No meu caso é também é mais ou menos parecido com o do [colega]. É ter liberdade para poder ter autonomia realmente pra realizar a seu julgo. Tomar tal decisão: É assim vai ser melhor pra empresa. Às vezes, tipo assim, eu conversando com meu pai:- Olha pai, eu acho que realmente se a gente fizer tal alteração, eu acho que se a gente fizer isso, isso e isso, aí nós vamos ganhar, vamos aumentar os resultados enfim, nós vamos ter condição de melhorar a situação da empresa. Realmente isso para mim conta muito e outro fator é que eu acho muito importante, é fazer aquilo que você gosta porque logicamente que o pessoal já bateu nessa tecla. Não adianta nada hoje se você tem um emprego, um emprego assim que você recebe um salário ótimo, mas todo dia você recebe aquela... Você é muito pressionado, você não suporta aquele ambiente de trabalho, aí realmente acaba sendo... Eu acho que o trabalho tem que ser algo sadio. Que você tem que encarar no seu dia a dia, e a partir do momento que ele passa a ser algo realmente que começa atrapalhar a sua convivência e tudo, aí vai refletir sua vida dentro do emprego, mas também dentro de casa. Você acaba carregando esse (...) realmente todo esse sentimento ruim que você tem no trabalho para casa e acho que acaba incomodando e isso é algo muito ruim. Também é questão de... igual eu falei a questão de felicidade e...

São Gabriel – Manhã

Chiesi e Martinelli (1997) também identificaram que os jovens italianos prezam a liberdade e a autonomia, especialmente quando exercem um trabalho no qual é possível exprimir as suas próprias capacidades. A autonomia é revelada também pelos jovens italianos como a liberdade de exprimir as capacidades e o desejo de assunção de responsabilidades que garantam a liberdade de ação. Os autores sugerem que a exigência de autonomia, uma atitude de experimentação e uma abordagem realista quanto à escolha do trabalho – capaz de mediar expectativas e oportunidades – são os traços mais marcantes dos jovens entrevistados.

Além disso, a autonomia no trabalho também se associa à autonomia em relação à esfera familiar, especialmente no que se refere à independência financeira. A progressiva extensão das trajetórias escolares, decorrente da ampliação do acesso aos diversos níveis de ensino, atrelada às transformações na esfera da família como, por exemplo, a dilatação da faixa etária em que há a formação de uma segunda família e as novas formas de conjugalidade, resultou em um cenário no qual o jovem fica mais tempo na escola, adia a formação de sua família

(cônjuge e filhos), protela a saída da casa dos pais e automaticamente posterga a ampliação de sua autonomia financeira, ou seja, a consecução de um dos rituais importantes na delimitação de seu estatuto de adulto⁶⁹. Na pesquisa desta tese, os jovens futuros gestores brasileiros sugerem que o acesso ao trabalho é interpretado como uma possibilidade de conquista da autonomia na esfera familiar que acompanha o desejo por uma independência financeira em relação à família.

PM_ Eu me imagino formado, não é? () Penso um pouco no lado pessoal. Fora de casa, bem longe. E que residência... Num sei. E que se eu persistir no banco estar num posto gerencial sim. Dentro da área que pelo menos hoje está se abrindo, muita gente bacana. Eu acho interessantíssimo e se conseguir daqui a cinco anos com certeza eu quero estar lá com um cargo de gerência. Não casado. ()

PM_ Daqui a cinco anos também eu pretendo estar com uma casa. Não sei se morando, mas já tendo casa, carro, solteiro. [] Também essa questão de já com um grau bem assim acentuado que é o lado de decisão. Mas, já assumindo responsabilidade da empresa, para fazer crescer do jeito que eu vejo mais conveniente. Sempre de quando em quando eu procuro estar onde quer eu esteja de uma forma mais aprofundada. Me aprofundar numa coisa muito maior. Esse é o meu objetivo.

Grupo Focal Barreiro

A necessidade e a concomitante existência de um porto seguro ou de uma âncora na esfera familiar é uma característica forte desse grupo, pois eles sabem que podem contar com o apoio financeiro de seus pais por mais alguns anos, mesmo já tendo concluído o curso e estando inseridos no mercado, prorrogando ainda mais a moratória. Esse grupo ressalta uma expectativa de limite etário para a conquista da independência financeira que estaria associada também à autonomia e à passagem para a vida adulta, o que incluiria em alguns casos o destaque para a conquista de alguns bens materiais. Parece que o limite sugerido chega aos 40 anos, “*olha, o meu limite é até os quarenta, depois dos quarenta começarei a ficar nervoso*”.

PF _ Acho que cinco anos é pouco tempo?

PM _ Hã?

PF _ Cinco anos é pouco tempo?

PM _ É a minha expectativa!

PM _ Meu objetivo é aos quarenta pelo menos já estar mais tranquilo.

PF _ Ah, quarenta está muito! []

E _ Você acha que cinco anos é pouco tempo pra ter a independência financeira?

PF _ Total eu acho que sim.

E _ Você acha que você ainda vai depender dos seus pais, nos próximos cinco anos?

⁶⁹⁶⁹ A esse respeito ver Pappámikail (2004) e sua abordagem sobre relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal.

PF _ Em algumas coisas a gente acaba precisando sim. Vai estar bem melhor a situação. A minha situação financeira vai estar bem melhor, eu vou ter bem mais liberdade, mas independência total eu acredito que não.

PM _ Eu acredito que sim. Independência financeira em cinco anos. Acho que dá, uai. Eu vou correr atrás pra conseguir, até em menos, mas os pais... eles... Pelo menos os meus vão ser sempre um porto seguro, se eu precisar, eu vou contar com eles, posso contar com eles pra tudo.

PM _ Eu também... Daqui a cinco anos posso ter o que eu quero ter. Isso que eu estou falando não é questão da independência financeira. Porque, para mim, independência financeira é quando você chega num ponto que: - Agora eu estou tranquilo. Eu vou trabalhar, mas eu vou aproveitar bastante também. Isso pra mim é independência. Dependendo de pai, essas coisas já é... É lógico que despesas maiores, por exemplo, acaba se transferindo. Mas hoje tudo na vida é pago. Então é isso.

E _ Mas esse ponto em que você está querendo, você acha que ele vai chegar daqui a quantos anos?

PM _ Olha, o meu limite é até os quarenta, depois dos quarenta começarei a ficar nervoso.

Grupo Focal Coração Eucarístico - Manhã

Esse limite estendido da idade para a conquista da independência financeira, concomitantemente para autonomia e até mesmo para a saída da casa dos pais mais uma vez remete para as novas formas de relações familiares e para o conceito de relacionamento puro de Giddens (2002). Aqui, nosso foco é a independência financeira e a autonomia que os jovens pretendem alcançar por meio do trabalho e o significado desses aspectos na esfera do trabalho. Mas, nesse quesito, as esferas do trabalho e da família se imbricam de uma forma ora sutil, ora dominante. Segundo Pappamikáil (2005), é interessante perceber o modo como, ao prolongar a estadia com os pais, tanto a autonomia quanto as identidades passam a poder constituir-se sem que haja propriamente uma emancipação total do corpo, dependente do sustento, do apoio, da vigilância. A autora sugere que esse processo revela uma dissociação entre autonomia e independência que se torna possível em função do processo de individualização, em curso nas sociedades contemporâneas.

6.2.4 Ambiente de trabalho e relações interpessoais

As boas relações com os demais colegas de trabalho e superiores (chefes) no ambiente de trabalho é o terceiro quesito em ordem de prioridade elencado pelo jovem ao ser colocado diante de um quadro com aspectos importantes em um trabalho. Quando consideramos todas as unidades, este aspecto é escolhido por 18,9% da amostra, nas unidades Coração Eucarístico e São Gabriel sobe para 21% e na unidade Barreiro cai para 14%, mas continua sendo o mais significativo dentre os quesitos escolhidos como terceira prioridade. Como relata o jovem do

depoimento acerca da autonomia, o ambiente de trabalho é valorizado, mas não é o ponto central na avaliação que eles fazem do trabalho, pois a liberdade, a autonomia, o desafio são prioritários, no entanto, o ambiente de trabalho incômodo, pouco sadio, em que está submetido a muita pressão (...) *começa atrapalhar a sua convivência e tudo, aí vai refletir na sua vida dentro do emprego, mas também dentro de casa. Você acaba carregando esse (...) realmente todo esse sentimento ruim que você tem no trabalho para casa e acho que acaba incomodando e isso é algo muito ruim. (...)*⁷⁰. Em outro grupo focal, outro jovem também comenta sobre liberdade, ausência de rotina e bom ambiente como fatores associados positivamente em sua análise, *pois [a falta de rotina] é muito bom, eu acho. Eu trabalho com cliente, diretamente. Então eu trabalho num bom ambiente, que tem diversos tipos de pessoas, eu gosto muito disso. Então eu acho que o trabalho ideal seria aquele que não me prendesse [...]*⁷¹. O mais singular dentre os comentários afeto às relações de trabalho foi o de um jovem que ao comparar sua primeira experiência, como operador de fotocopiadora, e o atual trabalho em um Banco, destaca que:

PM (A)_ Assim, o banco ele é minha segunda experiência profissional. A primeira foi como copista, comum, xeroqueiro

PM (B)_ Operador de fotocopiadora.

PM (A)_ Então assim, eu trabalhava no xerox e eu adorava o ambiente. O pessoal era super gente boa, os chefes também eram (...) Eles até já tinham alguns planos para eu poder até subir uns cargos. Eram dois cargos (...)

PM (B)_ Era o que botava o papel (...) Colorido e o preto e branco...(...)

PM (C)_ Um que mandava e um que obedecia...

PM (A)_ É que tem o copista e tem a pessoa responsável pelo caixa, pelo gerenciamento de estoque e tudo mais. Então, eles [os chefes], na abertura de uma nova unidade (...) Eu estava muito motivado nesse serviço, só que a minha família não. A minha família tinha outra expectativa. E quando surgiu a oportunidade do Banco a cobrança deles foi muito grande, para eu deixar esse outro serviço e partir para o Banco. Aí, influenciado por eles, eu entrei no Banco e hoje eu estou muito satisfeito no Banco. Meu crescimento lá inclusive foi muito rápido. Então, assim, está atendendo às expectativas que eu tinha e a dos meus pais também.

Grupo Focal Barreiro – noturno

O desejo de crescer e de ascensão profissional é evidente, quer seja em um trabalho manual, em um espaço restrito, um pequeno serviço que conta com a presença de 3 funcionários, quer seja em uma instituição financeira, com uma diversidade de cargos, salários, tipos de atividade. Do mesmo modo, parece-nos que essa avaliação acerca do ambiente ultrapassa as relações interpessoais e entra na composição desse quesito uma inerente possibilidade de

⁷⁰ PM, São Gabriel – Manhã.

⁷¹ PM, Coreu – Manhã.

crescimento, de valorização e de reconhecimento, pois os próprios chefes, na abertura de uma nova unidade “já tinham planos para eu pode subir”.

6.3 Algumas considerações acerca do ajuste em relação aos valores do trabalho

Em síntese, os jovens revelaram escolhas por determinados valores que perpassam tanto aqueles que são enquadrados na categoria de valores extrínsecos, quanto os intrínsecos. Nas escalas numéricas, os valores extrínsecos se sobressaem, assim como revelam as pesquisas de Johnson (2001), considerando os jovens que atingiram níveis mais elevados de educação e Chaves (2007), com a investigação acerca do universo dos jovens advogados portugueses. No entanto, no discurso, muitas vezes os valores extrínsecos aparecem relativizados. Além disso, o fato desta pesquisa ter trabalhado a partir da desagregação dos fatores que compõem as categorias valores intrínsecos e extrínsecos é uma questão a ser observada, pois poderá até mesmo servir de estímulo para uma discussão acerca da elaboração conceitual destas categorias: valores intrínsecos e extrínsecos.

Os valores do trabalho, segundo Johnson (2001), são alterados quando é possível perceber a distância entre o que era esperado e o que é possível ser atingido no confronto com a realidade do trabalho. Desse modo, a fase de transição e inserção na esfera do trabalho é um ponto singular, pois quando os jovens ganham experiência de trabalho, eles ganham um maior entendimento da esfera do trabalho e das recompensas disponíveis. A hipótese testada pela autora é a de que a “(...) jovens ajustam-se à falta de recompensas valorizadas durante os primeiros anos de trabalho” (JOHNSON, 2001, p. 318-319, tradução nossa).⁷²

Nos Estados Unidos, os jovens têm em geral aspirações mais otimistas do que aquilo que conseguem concretizar e, por isso, na fase de transição para a vida adulta e inserção no mercado ajustam ou minimizam a importância dessas aspirações. A importância de todos os tipos de valores examinados por Johnson (1991) na referida pesquisa diminuiu no período entre o final do ensino médio e os 30 anos. O ajuste de aspirações e de valores do trabalho é comum na medida em que os jovens percebem que algumas de suas metas não são realizáveis na esfera do trabalho. E, portanto, o processo de ajuste acontece ao longo da aproximação desses jovens com a realidade do trabalho.

⁷² “(...) young people adjust to the lack of valued rewards during the early work years, relative to their values going in”.

Segundo a autora, Johnson (2001), o papel do confronto efetivo com o trabalho na formação dos valores ou aspectos valorizados no trabalho ainda não foi objeto de intensa investigação à luz da instabilidade que pode ocorrer nesta escala ou hierarquia dos valores do trabalho durante a transição para a vida adulta. Conforme o seu argumento, as aspirações iniciais perdem em importância ao longo do tempo e no confronto com a realidade laboral. Nestas circunstâncias, a transição para o trabalho em si deve ser um fator importante para mudar a hierarquia de preferências entre os aspectos valorizados no trabalho. Com a experiência do trabalho, os jovens compreendem melhor o mercado de trabalho e o tipo de recompensas disponíveis a que poderão aspirar. Muitos jovens supervalorizam algumas recompensas de trabalho, que na prática muito provavelmente não serão cumpridas na totalidade desejada. Por isso, o confronto com o trabalho poderá levar o jovem a produzir uma desvalorização da importância atribuída a alguma recompensa a ser obtida por meio do trabalho. Os resultados das pesquisas de Johnson (2001) comprovam que o fato de o jovem depositar um grande valor em algo que não consegue obter, pode ser percebido como uma forma de ameaça a sua autoestima. Assim, para evitar se enxergar como incompetente ou como quem não consegue atingir um objetivo, ele tende a eleger ou valorizar aspectos sobre os quais tem, ou acredita ter, um maior domínio.

Os próprios jovens que participaram de nossa pesquisa percebem que a sua escala de valores é susceptível a alterações, pois muitas vezes comentam que “*you can define it now and simply tomorrow be in that job and, really, you don't have the same expectation that you created*”⁷³. Neste grupo, o ajuste de escala de valores ficou mais visível quando observamos as diferenças de renda mensal e de atividades profissionais. Com relação às diferenças de rendimento e de aspirações relativas aos quesitos valorizados no trabalho, o nível de rendimento mais baixo tende a valorizar a *independência financeira para abrir o próprio negócio*, os que recebem entre 3 e 5 e entre 5 e 10 salários mínimos procuram a *estabilidade financeira*, aqueles que estão entre 10 e 20 salários mínimos valorizam mais a *independência financeira para abrir o próprio negócio* e o *sucesso*, enquanto aqueles que recebem mais do que 20 salários mínimos mensais prezam mais a *estabilidade* e o *sucesso*.

⁷³ PM, Barreiro.

Tabela 16 - O que o jovem espera conseguir por meio do trabalho (primeira prioridade), segundo renda

Renda	O que o entrevistado espera conseguir através do trabalho (em primeira prioridade)							Total (%)
	Sucesso (%)	Reconhecimento (%)	Realização material (bens materiais) (%)	Independência financeira para abrir seu próprio negócio (%)	Estabilidade financeira (%)	Contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país (%)	Outra (%)	
de 1 a 3 salários mínimos	25,00	0,00	0,00	50,00	12,50	12,50	0,00	100
de 3 a 5 salários mínimos	14,89	14,89	6,38	12,77	46,81	4,26	0,00	100
de 5 a 10 salários mínimos	24,66	13,70	10,96	15,07	27,40	4,11	4,11	100
de 10 a 20 salários mínimos	26,23	11,48	3,28	29,51	21,31	3,28	4,92	100
mais de 20 salários mínimos	32,00	20,00	0,00	8,00	32,00	8,00	0,00	100
Total	23,83	13,55	6,07	19,16	29,91	4,67	2,80	100

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Quando relacionamos a situação profissional atual e as aspirações dos jovens em relação ao trabalho identificamos que os empresários, aqueles que estão empregados e os estagiários em tempo integral valorizam a *estabilidade financeira*, os estagiários em tempo parcial e funcionários públicos e profissionais liberais elegem o *sucesso* como um valor importante do trabalho, o *reconhecimento* e o *sucesso* são muito valorizados pelo trabalhador familiar remunerado, o profissional liberal escolhe a *independência financeira* e o *sucesso*, enquanto o trabalhador familiar não remunerado procura *estabilidade e independência financeira*. Chama a atenção o fato da estabilidade não ser almejada pelo profissional liberal, pelo trabalhador familiar remunerado e nem pelo funcionário público.

Tabela 17 - O que o jovem espera conseguir por meio do trabalho (primeira prioridade), segundo situação profissional

Situação Profissional	O que o entrevistado espera conseguir através do trabalho (em primeira prioridade)							Total (%)
	Sucesso (%)	Reconhecimento (%)	Realização material (bens materiais) (%)	Independência financeira para abrir seu próprio negócio (%)	Estabilidade financeira (%)	Contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país (%)	Outra (%)	
Empresário	25,00	20,00	5,00	5,00	30,00	10,00	5,00	100
Profissional Liberal	28,57	0,00	14,29	57,14	0,00	0,00	0,00	100
Empregado, carteira assinada	20,21	15,96	7,45	20,21	30,85	4,26	1,06	100
Empregado, sem carteira assinada	33,33	0,00	0,00	33,33	33,33	0,00	0,00	100
Trabalhador familiar remunerado	33,33	50,00	0,00	16,67	0,00	0,00	0,00	100
Trabalhador familiar não remunerado	21,05	10,53	0,00	26,32	26,32	10,53	5,26	100
Estágio tempo integral	25,00	4,55	6,82	13,64	38,64	4,55	6,82	100
Estágio tempo parcial	62,50	12,50	0,00	12,50	12,50	0,00	0,00	100
Funcionário Público	50,00	0,00	25,00	25,00	0,00	0,00	0,00	100
Total	24,88	13,17	6,34	19,02	28,78	4,88	2,93	100

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Esses dados permitem sugerir que: (1) os aspectos valorizados já conquistados passam por uma desvalorização relativa, pois a tendência dos indivíduos é a de concentrar as aspirações naqueles quesitos que se deseja alcançar e que ainda não se obteve, a exemplo do funcionário público que não elege como valor a estabilidade e os jovens com maior rendimento mensal que não elencam o item realização material; (2) os valores que são interpretados como ainda distantes da possibilidade de conquista também são desvalorizados relativamente, como o fato do jovem com rendimento mensal entre 1 e 3 salários mínimos desconsiderar a realização material; (3) que os aspectos valorizados estão em consonância com o que é possível de ser realizado em determinada posição ou atividade profissional, como a importância atribuída pelo profissional liberal à independência financeira para abrir o próprio negócio.

Essas trilhas “segurança”, “reconhecimento e sucesso”, “aprendizado e autonomia”, “boas relações interpessoais e um bom ambiente de trabalho” apontam para os novos modos de vida que se revelam contrapostos a uma velha tese recorrente como “a alergia dos jovens ao

trabalho”, questão que tanto incomodou Pais (1991) justamente pelo grau de abuso da generalização e uma noção disseminada muitas vezes no senso comum de que há um desinteresse por parte dos jovens no futuro. Os resultados desta pesquisa não indicam alergia dos jovens ao trabalho, ao contrário, expressam novas expectativas e posturas dos jovens e modos contemporâneos de enfrentar uma esfera do trabalho em um cenário complexo, heterogêneo e instável.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tensão gerada pela ampliação do acesso a todos os níveis de ensino – o consequente aumento dos percursos escolares – e a retração dos mercados de trabalho que atinge de forma ainda mais evidente grupos mais sensíveis, como os jovens, é o reflexo de algumas das transformações sociais contemporâneas com interface relevante nos processos de transição para a vida adulta. Como repercussões dessa tensão surgem alguns desdobramentos significativos na esfera do trabalho, especialmente no que tange os aspectos que são valorizados no trabalho, a centralidade atribuída à esfera do trabalho em relação às demais esferas da vida e também no modo como os jovens percebem a defasagem entre as oportunidades objetivas e as esperanças subjetivas em relação à centralidade do trabalho e aos aspectos valorizados no trabalho.

Como universo privilegiado para a análise, tanto dessa tensão quanto de suas consequências, os jovens bacharéis – alunos no último ano do Curso de graduação em Administração, de uma das principais instituições de ensino privada do país – foram escolhidos como referência para um olhar dirigido a essas questões, procurando não perder de vista as singularidades desse grupo bem como o seu potencial explicativo enquanto *locus* de observação de processos mais amplos ou mesmo globais. Ao estabelecer comparações entre os jovens concluintes dos cursos de Administração no Brasil, em 2006, e os jovens que participaram dessa pesquisa, alunos em fase de conclusão do curso de Administração, da PUC Minas, observa-se que os jovens que participaram dessa pesquisa são, em geral, mais novos do que a média nacional, têm uma renda familiar mensal um pouco mais elevada do que a nacional e seus pais têm grau de escolaridade semelhante à média nacional. Os principais motivos explicitados para a escolha do curso estão alinhados com o campo de possibilidades, pois os jovens enfocam que essa escolha está relacionada com o leque de oportunidades de trabalho aberto pelo curso e ao gosto pela profissão. Tanto o gosto quanto a crença no acesso facilitado pelo leque de oportunidades corroboram a elaboração de um determinado estilo de vida que os conduz às ações e práticas orientadas nesse campo de possibilidade.

A luta contra a desclassificação e a mobilidade. O grupo de jovens investigado explicita de modo recorrente que as oportunidades objetivas encontradas no confronto com o mercado de trabalho estão distantes das expectativas. Em comparação com gerações anteriores que

atingiam a mesma formação, os jovens encontram-se mais afastados em relação aos níveis de rendimento, estabilidade financeira, segurança, linearidade na trajetória profissional e conquista da independência financeira em relação à família. Os jovens que, a princípio, estariam legitimados por um diploma de ensino superior a alcançar determinados aspectos valorizados no trabalho, como determinadas posições, cargos e aspirações subjetivas em relação ao trabalho, diante da impossibilidade objetiva de atingir o pretendido, vivenciam alguns ajustes de expectativas. Em consequência, eles expressam uma desvalorização relativa do ensino superior e automaticamente do diploma, acompanham a onda da divisão do trabalho na configuração de novas especializações profissionais e, na luta contra a desclassificação, tanto tentam adiar o “balanço final”, quanto ampliar a valorização da educação continuada, assumindo ainda para si a responsabilidade por essa formação.

Nessa pesquisa foi possível identificar o esforço coletivo do grupo para: adiar o “balanço final” – ou seja, postergar a avaliação que fazem da sua condição, no momento da passagem da escola para o trabalho –; a produção de discursos com tendência à relativização do significado do título conquistado; bem como a minimização das expectativas em relação ao confronto com o mercado. Os jovens reforçam a sua condição de estudantes e explicam o processo da conquista do diploma como uma etapa, dentro do tempo cada vez mais dilatado que estabelecem para atingir as expectativas almejadas. Além disso, começam a assumir e a valorizar um discurso bastante comum entre a população de jovens qualificados: o de que ainda é preciso dominar a língua inglesa e também realizar uma especialização. No fundo, os jovens mantêm, em seus discursos, o foco no que ainda é preciso ser feito, elaborando objetivos que estão ao seu alcance e dentro do seu campo de possibilidades, pois por certo é mais fácil neste momento escolher uma pós-graduação do que percorrer os caminhos nebulosos em busca de uma vaga no mercado.

Neste sentido, uma marca desse grupo foi o imperativo da formação continuada, pois os jovens têm o impulso de continuar os estudos com índices elevados de adesão à pós-graduação *lato sensu*, mestrado e doutorado. Esse aspecto soma-se à assunção da responsabilidade individual pela formação e pelo desenvolvimento de competências, ou daquelas competências esperadas por um mercado flexível e precário. A opção pela inserção em uma pós-graduação que enfaticamente significa para esse grupo de jovens uma especialização dentro da área ratifica a divisão do trabalho na configuração de novas profissões, o que sugere uma estratégia na luta contra a desclassificação. Os jovens estão impelidos por esse mercado e pela luta contra a desclassificação a manter-se comprometidos

com a sua formação enquanto condição para a sua inserção no mercado e até mesmo como modo de assegurar continuamente seu valor no mercado. É como se coubesse estritamente ao agente o desenvolvimento de meios para a automanutenção em um “estado de empregabilidade”.

Os efeitos da massificação do ensino superior que turvam o estatuto do diplomado não desmontam o fato de a experiência universitária ser uma estratégia que possibilita ao jovem e à família conservar ou ampliar o seu capital, uma vez que é a manutenção nesse campo universitário que possibilita para além do título, o acesso às redes de sociabilidade e a inclusão em determinados grupos de pares, ações que potencializam as oportunidades de acesso ao mercado de trabalho. Em parte, essa leitura das estratégias utilizadas no sentido de assegurar a mobilidade social tem consequências do ponto de vista da mobilidade efetiva. Ela tende, no entanto, a desconsiderar que, tal como referia Bourdieu (2007), o espaço social é um campo de lutas, marcado pela dialética da desclassificação e da reclassificação, que impõe aos grupos um processo em que todos avançam no mesmo sentido, na direção dos mesmos objetivos. Em consequência, por exemplo, as posições ou os atributos que são valorizados no trabalho e que são mais difíceis de serem alcançados e, por isso, em geral, estão mais acessíveis aos grupos privilegiados mantêm sua raridade distintiva, mas vão se modificando e deixarão de ser o que são quando se tornarem acessíveis aos demais grupos.

O ajuste das expectativas. Considerando a perspectiva do indivíduo, os valores do trabalho são alterados quando o agente percebe a distância entre o que era esperado e o que é possível de ser atingido no confronto com a realidade do trabalho. O ajuste de aspirações e de valores do trabalho é comum na medida em que os jovens percebem que algumas de suas metas não são realizáveis nessa esfera. Esses ajustes prefiguram em larga medida como estratégias para fugir ao desencantamento e, por vezes, à própria desclassificação. Assim, o processo de ajuste de expectativas acontece ao longo da aproximação desses jovens com a realidade do trabalho. Desse modo, a fase de transição e inserção na esfera do trabalho é um ponto singular, pois quando os jovens iniciam as experiências de trabalho, eles adquirem um maior entendimento da esfera do trabalho e das recompensas efetivamente disponíveis. O desencantamento, segundo Bourdieu (2007), pode propiciar um processo de denúncia dos pressupostos tacitamente assumidos pelo grupo ou pela sociedade e a suspensão à adesão a esses pressupostos e aspectos valorizados no trabalho. Entretanto, até o presente momento, os jovens futuros gestores investigados nessa tese, mesmo apontando a distância entre as

aspirações iniciais e as possibilidades reais de concretização ao final do curso, continuavam com uma perspectiva muito otimista de inserção no mercado em pouco tempo. Ao realizar uma avaliação comparativa dos contextos atuais e do período em que iniciaram o curso, os jovens se mostram ainda mais otimistas e mais da metade do grupo acredita que continuará no trabalho atual depois de formado. Esse otimismo revela-se tanto entre aqueles que já trabalham como dos que ainda não ingressaram no mercado profissional.

Esses jovens, ao contrário do indicado por Bourdieu (2007), como modo de explicitar o desencantamento não rompem ou denunciam os pressupostos assumidos pela ordem social. Ou seja, há uma alteração nos aspectos valorizados e a sua conquista é relativizada, mas não há uma ruptura e nem uma reviravolta na tabela de valores como sugere Bourdieu (2007). Os jovens manifestam que as novas formas de individualização na família suavizam o rompimento com os aspectos valorizados no trabalho e com as expectativas explicitadas pelas famílias. Nota-se, primeiro, que desde a definição pelo curso, os jovens relatam um processo de escolha que, na perspectiva deles, é livre de constrangimentos ou sanções familiares. As ações e as expectativas familiares são consideradas por esses jovens muito mais como fontes de apoio do que de tensão. Em seguida, no confronto com o trabalho, os únicos pressupostos que para a família de origem são centrais enquanto aspectos valorizados no trabalho e que se anunciam como questionados e mesmo assim apenas por uma parte do grupo de jovens são a estabilidade e a segurança. Para cerca de $\frac{1}{4}$ dos jovens a estabilidade e a segurança podem sugerir a perda de outros aspectos mais significativos como desafio, crescimento e desenvolvimento profissional. O que chama a atenção é o fato de o processo de rompimento com esses pressupostos familiares não ser conflituoso, mas estar assentado nas bases do relacionamento puro definido por Giddens (2002) como fundamentado na comunicação emocional, na disposição para a negociação, dependente de confiança ativa e isento de arbitrariedade ou coerção.

Os discursos dos jovens revelam que o desenrolar desse desencantamento é atualmente atenuado em função dos processos de individualização e de transformações na esfera da família. No caso desse grupo, relativamente privilegiado quanto às condições socioeconômicas no contexto brasileiro, a família é um porto seguro que propicia as condições para que, por exemplo, um importante aspecto valorizado no trabalho, como a conquista da autonomia em relação à família, ganhe nesse contexto uma configuração específica. Em décadas anteriores, a autonomia perante a família estava associada ao fato de o trabalho ser um caminho para a conquista da construção de uma individualização e da

independência financeira, em relação à esfera familiar. Atualmente, os jovens expõem que a individualização e a independência financeira se despontam como questões independentes, embora ambas componentes da autonomia. Para os jovens dessa pesquisa, a individualização começa a ser conquistada mesmo mantendo-se a dependência financeira e a co-habitação. Com isso, o prazo considerado limite para a conquista da independência financeira, por exemplo, é dilatado ao extremo, chegando a apontar a casa dos 40 anos. Essa distinção entre individualização e independência financeira é propiciada pela reconfiguração da esfera familiar, que confere ao jovem uma maior liberdade em relação aos constrangimentos tradicionais, pois tende a estar baseada em relacionamento mais isento de poder arbitrário, coerção e violência.

Quanto à esfera do trabalho, o próprio contexto de insegurança e precariedade, que atinge tanto os que estão em uma condição mais estável quanto os que ainda tateiam o mercado, faz com que os jovens tendam a relativizar a “segurança profissional”, enquanto segurança do posto de trabalho, e a “autonomia em relação à família”. Esse cenário de insegurança propicia a definição de um aspecto valorizado no trabalho que se destaca dos demais e se configura como primeiro passo que é a *estabilidade financeira*. A importância atribuída à *estabilidade financeira* é independente do vínculo de trabalho, pois tanto os jovens estagiários, quanto os empresários, como os empregados com carteira assinada são uníssonos em apresentar esse valor como relevante dentro das três principais prioridades. Esse quesito foi intensamente abordado, naturalmente, sem precisar de nenhuma pergunta dirigida, nos diversos grupos focais. A *estabilidade financeira* para esses jovens está relacionada ao fato de ter recursos suficientes para gerir as suas necessidades imediatas e também se associa a certa garantia em relação ao risco de desemprego iminente. É a partir da conquista desse primeiro aspecto que os jovens então se orientam para outros valores privilegiados como “segurança”, “reconhecimento e sucesso”, “aprendizagem e autonomia” e “ambiente de trabalho e relações interpessoais”, subdividindo-se ao se aproximarem mais de certos valores do que de outros. No entanto, importa frisar que mesmo que os jovens privilegiem determinados valores face aos demais, os preteridos não deixarão de estar presentes, uma vez com pesos menores, outras com pesos quase equivalentes, na sua escala de valores, gerando-se assim formas de tensão entre aspirações concorrentes.

Valores do trabalho articulados na elaboração dos projetos de vida. Com relação aos projetos de vida na esfera do trabalho, os jovens manifestam desejos, aspirações e principais

fatores geradores de insegurança com exemplos cotidianos, frutos inclusive de experiências e vivências. Além disso, eles relatam diretrizes que pretendem seguir ao buscar seus caminhos de inserção no mercado, na elaboração de seus projetos de vida na esfera do trabalho, mas essas diretrizes são linhas norteadoras, que podem ser redesenhadas, tanto que, nos depoimentos sobre os aspectos valorizados no trabalho, eles manifestam uma disposição de negociação na hierarquização desses quesitos em função das oportunidades.

Se procurarmos identificar aspectos comumente valorizados, que funcionam, por assim dizer, como marcas centrais dos projetos profissionais destacamos a “*remuneração*”. Esse é um quesito interessante de ser observado, pois a abordagem dos jovens se dá por meio da associação entre a “*remuneração*” e outros aspectos também valorizados. Apresentada como atada a outros aspectos valorizados, a “*remuneração*” desenha uma trajetória pendular em que no primeiro extremo, ponto em que o aspecto é avaliado como o objetivo mais instrumental de conseguir em função do trabalho uma remuneração capaz de permitir a sobrevivência, até o outro extremo como uma perspectiva de realizar-se por meio do trabalho e, conseqüentemente, obter uma remuneração que é parte dessa realização. Além disso, esse é sem dúvida um dos aspectos valorizados no trabalho especialmente ao se considerar a hipótese de desemprego, pois é a falta de dinheiro o que mais atinge e preocupa os jovens. E vale ressaltar que essa preocupação do desemprego associada à falta de dinheiro não está vinculada ao consumo de bens materiais, mas sim à sobrevivência, pois apenas 8,1% dos jovens indicam que em uma situação de desemprego prolongado se preocupariam com a redução drástica dos tipos de consumo que estão habituados a fazer.

Outros aspectos igualmente centrais na orientação dos projetos de vida na esfera do trabalho são o “*reconhecimento e sucesso*” e “*aprendizado e a autonomia*”. Eles se articulam nos discursos dos jovens ao projetarem a sua vida, pois quer o aprendizado, quer o reconhecimento são diretrizes para a elaboração dos projetos pautados especialmente na busca contínua pelo crescimento profissional. Os projetos são desenhados a partir da premissa de que haverá uma sucessão de etapas em que o caminho é basicamente individual e autogerido, independente das ações das empresas ou do Estado. Na visão dos jovens, o roteiro que definiria o crescimento e o desenvolvimento profissional está baseado em compromisso, aprendizado, reconhecimento, crescimento e desenvolvimento. Esses aspectos estabelecem uma articulação, como um ciclo virtuoso almejado. Os jovens reproduziam com propriedade e exemplos práticos um campo de possibilidades em que a lógica da reciprocidade se expressa, na perspectiva do agente, ao utilizar a política da empresa e a aprendizagem adquirida no

exercício das suas funções para obter reconhecimento, sucessiva evolução e concomitante retribuição à empresa. Esse ciclo virtuoso – crescimento e desenvolvimento profissional – retroalimenta os aspectos valorizados no trabalho como aprendizado e reconhecimento. Essa diretriz para a elaboração dos projetos de vida também é exposta quando eles assumem que o seu maior medo, ao lado do desemprego, está relacionado à possibilidade de não crescer profissionalmente. A perspectiva de não crescimento profissional associa-se à noção de fracasso. Nesta corda bamba entre não se mexer e garantir uma posição ou se mexer para alcançar outros patamares com riscos diversos, dentre eles de perda do próprio emprego, os jovens preferem se lançar aos novos patamares. Ficar parado é para grande parte desse grupo sinônimo de obedecer a uma rotina diária no processo de trabalho, manter-se em uma só posição dentro da organização e estagnar em relação ao processo de formação e aprendizagem continuada. O caminho preferido geralmente é o de arriscar-se, de procurar alternativas e meios para adaptar seus projetos.

Essa é a razão que faz com que outro aspecto valorizado “*segurança*” seja percebido como não estando atrelado à imobilidade, à garantia de determinada posição, ao emprego vitalício. A “*segurança*” é interpretada como uma condição de mobilidade em um campo mediante um rol de ações bem calculadas. A partir desse ponto comum, para alguns a segurança é percebida como um quesito fundamental, que caracteriza a conquista de uma zona de conforto e até mesmo de segurança emocional, em função da relação entre a remuneração e as expectativas em termos de estilo de vida. Para outros a “*segurança*” é um quesito desvalorizado, pois se associa à rotina de um trabalho burocrático e à ausência de desafios e novos aprendizados. Para essa parte do grupo, é justamente a insegurança que orienta a disposição para enfrentar os limites de um contexto flexível e ilegível, na medida em que ela se torna o impulso invisível e completamente sensível que direciona a procura por alternativas. Nessa perspectiva, a ausência desse quesito, ou seja, a insegurança conduz alguns jovens do grupo a compreender esse processo como molas propulsoras de ganhos de outros aspectos valorizados com maior proeminência para o grupo, como o crescimento e o desenvolvimento profissional.

Projeto de vida e a centralidade do trabalho. Finalmente, com relação à centralidade da esfera do trabalho encontramos um grupo de jovens que, a princípio, distribui seus interesses por diversas esferas da vida social e pretende dedicar mais tempo no futuro à família, aos amigos, à formação continuada e ao lazer do que ao trabalho. A única esfera em que

notadamente há um desinvestimento é das ocupações domésticas e caseiras. Os jovens revelam uma maior disposição para os esforços na esfera do trabalho podendo sacrificar as demais esferas, mas ressaltam que os sacrifícios são por períodos curtos, vinculados às recompensas e resultados visíveis e, preferencialmente, nessa fase inicial de inserção no mercado de trabalho. A esfera da família é a que mais pesa na balança em contraposição à do trabalho, e os depoimentos apontam que o sacrifício no trabalho tem como limite a interferência nas relações familiares.

A flexibilidade e a precariedade do mercado têm um impacto na centralidade uma vez que podem provocar sobrecargas, mudanças abruptas de cargos ou funções, invasões do trabalho na esfera da família, tanto em relação ao tempo quanto em relação ao próprio espaço físico. Nesse contexto, os jovens se posicionam de forma flexível, encarando as mudanças e as exigências exteriores por adaptações como situações naturais que provocam o constante reposicionamento dos limites entre as esferas e, portanto, da própria centralidade do trabalho.

Percebe-se que os jovens futuros gestores, tal como sucede com os valores do trabalho, assumem uma disponibilidade para negociar constantemente e a centralidade que a esfera do trabalho ocupa em sua vida e no seu projeto de vida. Algumas formas de negociação da centralidade do trabalho presentes nos discursos mostraram a dilatação do tempo de constituição de uma segunda família e o crescente investimento na formação continuada, que por consequência corroboram a centralidade da esfera do trabalho,

Para finalizar, é bom recordar que nossos jovens ainda estão dentro da Universidade, finalizando o último ano de curso, e que tanto o confronto com o trabalho quanto a elaboração dos projetos de vida são processuais, o que nos permite apenas aventar uma aproximação com essas experiências e sugerir que o ideal é acompanhar esse grupo de jovens de forma longitudinal. Como já disse Becker (2007), “*estudar a sociedade é um processo de constante ir e vir: precisamos examinar o mundo, pensar sobre o que vimos e retornar ao mundo para dar mais uma olhada*”. Então, estou de volta ao mundo!

REFERÊNCIAS

- ABOIM, Sofia. **Conjugalidades em Mudança: percursos e dinâmicas da vida a dois**. Lisboa: ICS, 2006.
- ABRAMO, Helena W. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta ed., 1994.
- ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, mai./dez., 1997.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary. **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília, UNESCO, 2006.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; Eugenio, Fernanda (orgs). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR editor, 2006.
- ALMEIDA, Rachel de Castro. **Espaço público e paisagem urbana: um estudo sobre duas praças de Belo Horizonte**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: gestão de cidades). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- ALMEIDA, Wilson Mesquita. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da Universidade. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 20, n. 49, p. 35-46, Jan./Abr. 2007.
- ALVES, Natália. **Inserção profissional e formas identitárias: o caso dos licenciados da Universidade de Lisboa**. Lisboa: Educa, Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2009.
- ANDRADE, Cibele; DACHS, J. Norberto. Acesso à educação por faixa etária segundo renda e raça/cor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 131, p. 399-422, maio/ago. 2007.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- ARCHER, M. **Structure, Agency and Internal Conversation**. New York, Cambridge University Press, 2003.
- ARVEY, R. D., HARPAZ, I. e LIAO, H. (2004), “Work centrality and post-award work behaviour of lottery winners”, **The Journal of Psychology**, vol.138, n.º5, pp. 404-420.
- AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a Sociologia da Juventude. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, nov. 2005.
- BAJOIT, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. **Revista Brasileira de Educação**, mai/ju/jul/ago, 1997. n5, set/out/nov/dez, 1997, n6.
- BLASCO, Andreu López. Jóvenes en España a las puertas de la participación social y económica. Estrategias individuales y respuestas políticas. **Revista Pensamiento Iberoamericano**, no 3, 2008.
- BATISTA, Analia Soria. O trabalho como mito e como utopia. **Estudos de Sociologia**, v.8, n.12, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Trabajo, consumismo y nuevos pobres**. Barcelona: Editora Gedisa, 2005.

- BECK, Ulrich. A reinvenco da política: rumo a uma teoria da modernizao reflexiva. In: Beck, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernizao reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- BECK, Ulrich. Capitalismo sem trabalho. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 18, n.1, p.41-55, 1997.
- BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad**. Barcelona: Paidós, 2006.
- BECK, Ulrich. **The brave new world of work**. New York: polity press, 2000.
- BECKER, Howard. GEER, Blanche A sorte do idealismo na escola médica. RILEY, Matilda White e NELSON, E.E., **A observao sociológica, uma estratégia para o conhecimento social**, Rio de Janeiro: Zahar ed., 1976.
- BECKER, Howard. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientao do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BLASCO, Andreu López. Jóvenes en Espaa a las puertas de la participación social y econmica. Estrategias individuales y respuestas políticas. **Revista Pensamiento Iberoamericano**, no 3, 2008.
- BLASS, Neila Maria da Silva. Desfiles de carnaval e tribos urbanas: a diversidade do efmero. In: PAIS; José Machado; BLASS, Neila Maria da Silva (org.) **Tribos urbanas: produo artísticas e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. 234p.
- BOIS-REYMOND, Manuela Du & CHISHOLM, Lynne. Youth transitions, gender and social change. **Sociology**, 1993, 27(2): 259-279.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, ve. **El nuevo espíritu del capitalismo**. Madrid: ediciones Akal, 2002.
- BORGES, Livia. A estrutura fatorial dos atributos valorativos e descritivos do trabalho: um estudo empírico de aperfeiçoamento e validao de um questionário. **Estudos de Psicologia** 1999, 4(1), 107-139.
- BORGES, Livia; ALVES FILHO, Antnio. A mensurao da motivao e do significado do trabalho. **Estudos de Psicologia**, 2001, 6(2), 177-194.
- BOURDEIU, PIERRE. **Razões práticas: sobre a teoria da ao**. Campinas: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **A distino: crítica social do julgamento**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A distino: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A precariedade está hoje por toda a parte. In: Bourdieu, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- BRANNEN, Julia; NILSEN, Ann. Young people's time perspective: from youth to adulthood. **Sociology**, 2002, n. 36, p. 513- 537
- BUCHMANN, Marlis. **The script of life in Modern Society**. Entry into adulthood in a changing world, Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

CARVALHO, Cynthia. Projetos familiares e formação universitária: diplomas e trajetórias sociais em tempos de crise e globalização. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 17, n. 41, p. 79-90, Mai./Ago. 2004.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CFA, Dados estatísticos do curso de Bacharelado em Administração – Censo de 1991 a 2005, Disponível em:
<http://www.cfa.org.br/arquivos/selecionaitem.php?p=selecionaitem.php&coditem=51>. Acesso em: 22.09.08

CHAVES, Miguel. A inserção profissional dos diplomados em Portugal. **Le Monde Diplomatique**. Edição Portuguesa, Lisboa, 5 de Jun de 2007, Dossiê Educação, Emprego e desigualdades sociais. Disponível em: <<http://pt.monediplo.com/spip.php?article82>>. Acesso em: 23 de maio de 2008.

CHAVES, Miguel. **Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico**. Marginalidade económica e dominação simbólica em Lisboa. Coleção Estudos e Investigações 13. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1999.

CHAVES, Miguel. **Jovens Advogados de Lisboa: Uma Inserção Profissional Díspar**. 2007. 429f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

CHESI, Antonio; MARTINELLI, Alberto. O trabalho como escolha e oportunidade. **Revista Brasileira de Educação**, mai/ju/jul/ago, 1997. n5, set/out/nov/dez, 1997, n6.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.) **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1990.

CORROCHANO, Maria Carla; NAKANO, Marilena. Jovens, mundo do trabalho e escola. In: SPOSITO, Marília Pontes (coord.) **Juventude e Escolarização** (1980 – 1998). Série Estado do Conhecimento No 7. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

CUNHA, Maria Couto. Novos Parâmetros de Análise da Relação Educação e Preparação para o Trabalho: desafios atuais para o sistema de Ensino Superior. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 34, p. 221-256, jan./jun. 2001.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. São Paulo: Atlas, 1987.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção do Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DOMINGUES, José Maurício. **Ensaio de Sociologia: teoria e pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 262p.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

DURHAM, Eunice; SAMPAIO, Helena. O setor privado de ensino superior na América Latina. **Cadernos de Pesquisa**, nº 110, p. 7-37, julho/ 2000.

DURKHEIM, Émile. **Divisão do trabalho social**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

EGRIS. Misleading trajectories: transition dilemmas of young adults in Europe. **Journal of Youth Studies**, vol. 4, n.º1, pp. 101-118, 2001.

FIGUEIREDO, Vilma. A ciência da sociedade. **25º Encontro Anual da ANPOCS**. Nota de aula curso Teoria Sociológica. Disponível em <<http://www.anpocs.org.br/cursosoc.doc.>> Acesso em: 25.10.2006.

FLITNER, Andréas. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. In: BRITTO, Sulamita (org.). **Sociologia da Juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

FORACCHI, Marialice Mercarini. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

FURLONG, Andy; CARMTEL, Fred. Risk and uncertainty in the youth transition. **Young**, 1997, (5), 3-20.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-industrial. In: Beck, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GIDDENS, Anthony; PIERSON, Chistopher. **As conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: essays on face-to-face behaviour**. New York: Pantheon Books, 1967.

GOLDERBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GORZ, André. **Metamorfoses do Trabalho: crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2007.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1994.

GUERREIRO, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **RBCS**, v. 20, n. 58, 2005.

GUERREIRO, Maria das Dores; ABRANTES, Pedro. **Transições incertas: os jovens perante o trabalho e a família**. Comissão para a igualdade no trabalho e no emprego. Lisboa: DGEEP. CID, 2004.

HOGAN, D. P; ASTON, N. M. The transition to adulthood. **Annual Review of Sociology**, 1986, v 12, p.109-130.

INEP. **Relatório Síntese Administração – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes 2006**. Brasília: INEP, 2006.

IPEA. **Brasil e o estado de uma nação: uma análise ampla e objetiva dos principais problemas e desafios do país – edição resumida**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005.

JAYME, Juliana Gonzaga; ALMEIDA, Rachel de Castro; ANDRADE, Luciana Teixeira de. Juventude. Culturas Urbanas e Territorialidade. In: **XXV CONGRESSO ALAS**, 2005, Porto Alegre. XXV Congresso ALAS. 2005.

JOHNSON, Monica Kirkpatrick. Change in Job Values During the Transition to Adulthood. **Work and Occupations**, 2001; 28; 315.

JOHNSON, Monica Kirkpatrick; MORTIMER, Jeylan T.; LEE, Jennifer C.; STERN, t Michael J. Judgments About Work: Dimensionality Revisited. **Work and Occupations**, 2007; 34; 290

KATZMAN, Rubén (coord.) (1999), **Activos y estructuras de oportunidades**. Estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en el Uruguay (LC/MVD/R.180), Montevideo, Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD) y Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), mayo.

KONRAD, Alison M. Konrad; CORRIGALL, Elizabeth Corrigall; LIEB, Pamela; RICHIE Jr., J. Edgar Ritchie. Sex Differences in Job Attribute Preferences among Managers and Business Students. **Group Organization Management**, 2000; 25; 108

LAPASSEDE. Georges. Os rebeldes sem causa. In: BRITTO, Sulamita (org.). **Sociologia da Juventude III: a vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: Beck, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

LASKAWY, Michael. The Danger of Permanence: Theories of Career Among 28-34 Year Old College Educated Americans. In: Annual Meeting American Sociological Association, 2004, San Francisco **Anais...** San Francisco, Hilton San Francisco & Renaissance Parc 55 Hotel, 2004. Disponível em http://www.allacademic.com/meta/p109431_index.html . Acesso em: 26.05.2009

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e o tempo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, nov. 2005.

MAGARAGGIA, Sveva; CUZZOCREA, Valentina. Challenging the inevitability of the threshold approach: experiences of work and parenthood among young adults in Italy. In: Conference of the European Sociological Association, 9th, 2009, Lisbon. **Anais....**Lisbon, ISCTE – IUL, 2009. CD.

MANNHEIM. Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, Sulamita (org.). **Sociologia da Juventude I: da europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.

MARINI, M. M. Age and sequencing norms in the transition to adulthood, **Social Forces**, 1984 vol.63, nº1, 229-44.

MARINI, M. M. The order of events in the transition to adulthood. **Sociology of Education**, 1984, vol. 57, nº2, 63-84.

MARTINS, Carlos Benedito. A formação de um sistema de ensino superior de massa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 48, fev. 2002.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza e AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Juventude(s) e transições. **Tempo Social**, v.17, n. 2, nov. 2005.

MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. O jovem no mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Educação**, mai/ju/jul/ago, 1997. n5, set/out/nov/dez, 1997, n6.

- MATEUS, Sandra. Futuros prováveis: um olhar sociológico sobre os projectos de futuro no 9º ano. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 39, 2002, p.117-149.
- MAURITTI, Rosário. Padrões de vida dos estudantes universitários nos processos de transição para a vida adulta. **Sociologia, problemas e práticas**, n.º 39, 2002, pp. 85-116
- MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3ª edição. Porto Alegre: Artemed, 2004.
- MÉDA, Dominique. **O trabalho: um valor em vias de extinção**. Lisboa: Fim de Século Edições, 1999.
- MUCHOW, Heinrich. Os fãs do “jazz” como movimento juvenil de hoje. In: In: BRITTO, Sulamita (org.). **Sociologia da Juventude III: a vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.
- MURINKÓ, Lívía; SPÉDER, Zsolt. The importance of demographic markers in the transition to adulthood in Europe. In: Conference of the European Sociological Association, 9th, 2009, Lisbon. **Anais....Lisbon**, ISCTE – IUL, 2009. CD.
- NILSEN, Ann. Jovens para sempre? Uma perspectiva de individualização centrada nos projectos de vida. **Sociologia Problemas e Práticas**, n. 27, 1998.
- NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; Eugenio, Fernanda (orgs). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR editor, 2006.
- NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- OFFE, Claus. Trabalho: categoria-chave da Sociologia? **RBCS**, v.4, n,10, jun. 1989.
- OIJ-CEPAL, La juventud iberoamericana, tendencias e urgencias, Santiago do Chile, OIJ-CEPAL, outubro de 2004. Disponível em:
<www.eclac.cl/publicaciones/xml/6/20266/CEPAL_OIJ.pdf> Acesso em: 26 de janeiro de 2006.
- PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; Eugenio, Fernanda (orgs). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR editor, 2006.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1993.
- PAIS, José Machado. Emprego juvenil e mudança social: velhas teses e novos modos de vida. **Análise Social**, vol XXVI, 1991 (5º), 945-987.
- PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas**. Lisboa: Ambar, 2006.
- PAIS, José Machado. The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life. **Journal of Youth Studies**, Vol. 6, No. 2, 2003.
- PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, nov. 2005.
- PAIS; José Machado; BLASS, Neila Maria da Silva (org.) **Tribos urbanas: produções artísticas e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. 234p.
- PAPPÁMIKAIL, Lia. Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.º 46, 2004, pp. 91-116.

PAPPÁMIKAIL, Lia. Sentidos de la edad adulta: juventud y cambio social en el Portugal contemporâneo. **Revista de Estudos de Juventud**, diciembre 2005, nº 71, pp. 43-55.

PIZZORNO, Alessandro. Uma leitura atual de Durkheim. In: COHN, Gabriel. **Sociologia: para ler os clássicos**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

POCHMANN, Márcio. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 90. In: HORTA, Carlos Roberto; CARVALHO, Ricardo Augusto Alves de. **Globalização, trabalho e desemprego: processos de inserção, desinserção e reinserção**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

POLLOCK, Gary. Individualization en the transition from youth to adulthood. **Young**, 1997, v. 5, p. 55-67.

QUEIROZ, Delcele M. O Acesso ao Ensino Superior: gênero e raça. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 34, p. 175-197, jan./jun. 2001

RAMÍREZ-GUERRERO, Jaime. El desempleo juvenil, un problema estructural y global: el papel de las organizaciones de la sociedad civil. **Estudios y Reflexiones**, no 2, 2002.

RAMOS, Alice; VALA, Jorge. O significado das diferenças: uma análise comparativa dos valores do trabalho em cinco países europeus. Acta dos ateliers do V Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia. Sociedades Contemporâneas – Reflexividade e Acção. Universidade do Minho, Braga, 12 - 15 de maio, 2004

ROBERTS, K., CLARK, S. C.; WALLACE, C. Employment in England and Germany. Flexibility and Individualization: A Comparison of Transitions into Employment in England and Germany. **Sociology**, 1994, v. 28, p. 31-54.

ROCHA, Sônia. **O Mercado de trabalho e a inserção produtiva dos jovens**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2005 – Análise, Rio de Janeiro, 2007.

RUSSELL, Kevin J. Variations in Orientation to Work and Job Satisfaction. **Work and Occupations**, 1975; 2; 299.

SAINTOUT, Florencia. **Jóvenes: el futuro llegó hace rato. Percepciones de un tiempo de cambios familia, escuela, trabajo y política**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

SAMPAIO, Helena. **O ensino superior no Brasil: o setor privado**. São Paulo: FAPESP/Hucitec, 2000.

SANSONE, Livio. Jovens e oportunidades: as mudanças na década de 1990: variações por cor e classe. In: HASENBALG, Carlos; Silva, Nelson do Valle. **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Porto: Afrontamento, 1994.

SCHUTZ, Alfred. **On Phenomenology And Social Relation**. Chicago, London: The University Of Chicago Press, 1970.

SCHWARTZMAN, Simon. A questão da inclusão social na Universidade Brasileira. Mesa redonda “Inclusão Social na Universidade: uma questão pertinente?” In: Simpósio Universidade e Inclusão Social – Experiência e Imaginação, 2006, **Anais...** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SCHWARTZMAN, Simon; COSSÍO, Maurício Blanco. **Juventude, educação e emprego no Brasil**. Cadernos Adenauer – Geração Futuro, vol VII, n. 2, 1997, pp 51-65.

- SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SENNETT, Richard. **A cultura do Novo Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SEPÚLVEDA, Leandro. Expectativas y estrategias laborales de jóvenes y adultos jóvenes en Chile. In: CHARLIN, Marcelo y WELLER, Jürgen. **Juventud y mercado laboral: brechas y barreras**. Santiago do Chile, CEPAL y FLACSO-Chile, 2006. Disponível em: <<http://www.eclac.cl/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/9/26779/P26779.xml&xsl=/tpl/p9f.xsl>> Acesso em: 30 de maio de 2007.
- SERRANO, Sánchez Rolando. La observación participante como escenario y configuración de la diversidad de significados. In: TARRES, María Luisa (coord.). **Observar, escuchar y comprender. Sobre la tradición cualitativa en la investigación social**. México: FLACSO/El Colegio de México, 2004 (re-impresión).
- SETTON, Maria das Graças Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, nov. 2005.
- SHANAHAN, Michael. J. Pathways to adulthood in changing societies: variability and mechanisms in life course perspective. **Annu. Rev. Sociol.**, 2000, n.26, p. 667-692.
- SHARABI, Moshe; HARPAZ, Itzhak. Changes in Work Centrality and Other Life Areas in Israel: A Longitudinal Study. **Journal of Human Values**, 2007; 13; 95
- SMITHSON, Janet; LEWIS, Suzan; Guerreiro, Maria das dores. Percepção dos jovens sobre a insegurança no emprego e suas implicações no trabalho e na vida familiar. **Sociologia - Problemas e Práticas**, nº 27, pp: 97-113.
- SNIR, R. and HARPAZ, I. Test-retest reliability of the relative work centrality measure. **Psychological Reports**, 2005, 559-562.
- SORJ, Bila. Sociologia e Trabalho: mutações, encontros e desencontros. **RBCS**, v. 15, n.43, jul. 2000.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.
- TARRES, María Luisa (coord.). Lo cualitativo como tradición. In: TARRES, María Luisa (coord.). **Observar, escuchar y comprender. Sobre la tradición cualitativa en la investigación social**. México: FLACSO/El Colegio de México, 2004 (re-impresión).
- TOLFO, Suzana da Rosa; Piccinini, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, 19, Edição Especial 1: 38-46, 2007
- TONI, Miriam de. Visões sobre o trabalho em transformação. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, n. 9, jan/jul 2003, p. 246-286.
- TURNER, Jonathan. H. **A Theory of social interaction**. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- VALITUTTI. S. Uma revolução juvenil. In: In: BRITTO, Sulamita (org.). **Sociologia da Juventude III: a vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1968.
- VELHO, Gilberto. Estigma e comportamento desviante em Copacabana. In: VELHO, Gilberto. **Desvio e Divergência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; Eugenio, Fernanda (orgs). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR editor, 2006.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999. 137p.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.

VINKEN, Henk. New life course dynamics? Career orientations, work values and future perceptions of Dutch youth. **Young**, 2007; v. 15; p. 9-30.

WACQUANT, Loïc. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de Sociologia Política**, p.-95-110, nov 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1997.

WELLER, Jürgen. La inserción laboral de los jóvenes: características, tensiones e desafíos. **Revista de la CEPAL**, n. 29, agosto 2007.

APÊNDICE A – TABELAS

Tabela 18 - Distribuição dos jovens segundo a principal razão para a escolha do Curso de Administração, por idade.

Idade	Razão, de primeira importância, pela qual o entrevistado escolheu o curso de Administração												Total
	Minha família queria	Naquele época foi difícil ou impossível ingressar na carreira que pretendia	Leque de oportunidades profissionais mais amplo	Facilidade de acesso a profissão	Vocação	Gosto	Proporciona segurança de emprego	Tradição familiar	Pelas vantagens econômicas em médio prazo	É uma profissão útil	Já tinha trabalhado em áreas afins	Outros	
20 a 22	0,00	1,61	30,65	4,84	14,52	30,65	3,23	4,84	1,61	3,23	4,84	0,00	100,00
23 a 25	4,44	1,11	35,56	8,89	7,78	22,22	1,11	0,00	2,22	5,56	7,78	3,33	100,00
26 a 29	0,00	11,76	29,41	5,88	14,71	20,59	0,00	2,94	0,00	5,88	5,88	2,95	100,00
Acima de 29	0,00	0,00	31,03	10,34	13,79	17,24	3,45	0,00	6,90	0,00	10,34	6,91	100,00
Total	1,86	2,79	32,56	7,44	11,63	23,72	1,86	1,86	2,33	4,19	6,98	2,78	100,00

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Tabela 19 - Distribuição dos jovens segundo a principal razão para a escolha do Curso de Administração, por renda

Renda	Razão, de primeira importância, pela qual o entrevistado escolheu o curso de Administração											Total	
	Minha família queria	Naquela época foi difícil ou impossível ingressar na carreira que pretendia	Leque de oportunidades profissionais mais amplo	Facilidade de acesso a profissão	Vocação	Gosto	Proporciona segurança de emprego	Tradição familiar	Pelas vantagens econômicas em médio prazo	É uma profissão útil	Já tinha trabalhado em áreas afins	Outros	
de 1 a 3 salários mínimos	0,00	0,00	55,56	0,00	33,33	0,00	0,00	0,00	0,00	11,11	0,00	0,00	100,00
de 3 a 5 salários mínimos	0,00	6,38	34,04	2,13	4,26	23,40	2,13	2,13	0,00	6,38	10,64	8,51	100,00
de 5 a 10 salários mínimos	2,78	2,78	38,89	6,94	6,94	27,78	1,39	0,00	2,78	2,78	5,56	1,38	100,00
de 10 a 20 salários mínimos	0,00	1,64	26,23	8,20	16,39	22,95	3,28	3,28	4,92	1,64	9,84	1,63	100,00
mais de 20 salários mínimos	8,00	0,00	20,00	20,00	20,00	24,00	0,00	0,00	0,00	8,00	0,00	0,00	100,00
Total	1,87	2,80	32,71	7,48	11,68	23,83	1,87	1,40	2,34	4,21	7,01	2,8	100,00

familiar.

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

Tabela 20 - Distribuição dos jovens segundo a principal razão para a escolha do Curso de Administração, por atividade profissional.

Atividade Profissional	Razão, de primeira importância, pela qual o entrevistado escolheu o curso de Administração												Total
	Minha família queria	Naquele época foi difícil ingressar na carreira que pretendia	Leque de oport. profissionais	Facilidade de acesso a profissão	Vocação	Custo	Proporciona segurança de emprego	Tradição familiar	Vantagens econômicas em médio prazo	É uma profissão útil	Já tinha trabalhado em áreas afins	Outros	
Empresário Empregador	10,53	0,00	10,53	15,79	15,79	26,32	5,26	10,53	0,00	0,00	5,26	0,00	100
Profissional Liberal	14,29	0,00	28,57	14,29	0,00	0,00	0,00	0,00	28,57	0,00	0,00	14,28	100
Empregado, carteira assinada	2,11	4,21	38,95	7,37	10,53	15,79	2,11	0,00	2,11	3,16	11,58	2,08	100
Empregado, sem carteira assinada	0,00	0,00	33,33	0,00	66,67	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100
Trabalhador familiar	0,00	0,00	16,67	50,00	0,00	33,33	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100
Trabalhador familiar não	0,00	5,56	44,44	0,00	11,11	22,22	0,00	0,00	0,00	5,56	5,56	5,55	100
Estágio tempo integral	0,00	0,00	22,73	2,27	13,64	40,91	2,27	4,55	2,27	6,82	4,55	0	100
Estágio tempo parcial	0,00	0,00	25,00	0,00	12,50	50,00	0,00	0,00	0,00	12,50	0,00	0	100
Funcionário Público	0,00	0,00	40,00	0,00	20,00	20,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	20	100
Total	2,44	2,44	31,71	7,32	12,20	23,90	1,95	1,95	2,44	3,90	7,32	2,43	100

Fonte: Questionário aplicado aos alunos da PUC Minas no âmbito da pesquisa.

APÊNDICE B – Questionário

Data: _____ Hora: _____

1) Unidade PUC Minas

- Coração Eucarístico
 Barreiro
 São Gabriel

2) Período:

- 7º período
 8º período

3) Por que você escolheu Administração? (numere de 1 a 3 em ordem de prioridade)

<input type="checkbox"/>	Minha família queria
<input type="checkbox"/>	Porque se tornou difícil encontrar um trabalho compatível com a minha formação
<input type="checkbox"/>	Porque naquela época foi difícil ou impossível ingressar na carreira que pretendia
<input type="checkbox"/>	Porque passava a ter um leque de oportunidades profissionais mais amplo
<input type="checkbox"/>	Porque tinha facilidade de acesso à profissão
<input type="checkbox"/>	Por vocação
<input type="checkbox"/>	Por gosto
<input type="checkbox"/>	Porque confere prestígio e reconhecimento social
<input type="checkbox"/>	Porque proporciona segurança de emprego
<input type="checkbox"/>	Porque proporciona tempo livre
<input type="checkbox"/>	Pela responsabilidade ética
<input type="checkbox"/>	Pela exigência intelectual
<input type="checkbox"/>	Por tradição familiar
<input type="checkbox"/>	Pelas vantagens econômicas em médio prazo
<input type="checkbox"/>	Para ter maior autonomia na gestão do meu tempo
<input type="checkbox"/>	Porque é uma profissão útil
<input type="checkbox"/>	Porque já tinha trabalhado em áreas afins
<input type="checkbox"/>	Porque parte dos meus amigos também a escolheram

4) Você tem outro curso superior?

- Sim Qual? _____
 Não

5) Você pretende estudar até quando?

- Completar o ensino superior
 Completar uma pós-graduação (especialização)
 Completar uma pós-graduação (mestrado)
 Completar uma pós-graduação (doutorado)
 Outro: _____

6) Como seus pais reagiram a sua escolha pelo curso de Administração?

- Com satisfação. Já tinham mostrado que gostariam que eu cursasse Administração
 Com satisfação, embora nunca antes tivessem indicado qualquer preferência particular por Administração
 Com relativa indiferença por ter escolhido este curso
 Com insatisfação. Tinham outro curso e vida profissional em mente para mim
 Com insatisfação. Naquela época preferiam que eu começasse a trabalhar e arranjasse um emprego
 Nenhuma das respostas acima
 Outro _____

7) O que você espera conseguir através do trabalho?

(numere de 1 a 3 em ordem de prioridade)

<input type="checkbox"/>	Sucesso
<input type="checkbox"/>	Reconhecimento
<input type="checkbox"/>	Realização material (bens materiais)
<input type="checkbox"/>	Independência financeira para abrir seu próprio negócio
<input type="checkbox"/>	Estabilidade financeira
<input type="checkbox"/>	Contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país
<input type="checkbox"/>	Outra: _____

- 8) O que sua família espera que você consiga através do trabalho? (**numere de 1 a 3 em ordem de prioridade**)

	Sucesso
	Reconhecimento
	Realização material (bens materiais)
	Independência financeira para abrir seu próprio negócio
	Estabilidade financeira
	Contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país
	Outra:

- 9) O que sua família espera que você consiga através do trabalho e que você não tem o menor interesse em conseguir? (**numere de 1 a 3 em ordem de prioridade**)

	Sucesso
	Reconhecimento
	Realização material (bens materiais)
	Independência financeira para abrir seu próprio negócio
	Estabilidade financeira
	Contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país
	Outra:

- 10) Em uma situação de desemprego prolongado, você ficaria preocupado?

- Sim
 Não (vá para a questão 12)

- 11) Quais os aspectos que lhe preocupariam mais? (**numere de 1 e 2 em ordem de prioridade**)

	Falta de dinheiro
	Não ter nada para fazer
	Pressões e os comentários da família
	Pressões e os comentários dos amigos e colegas
	Ter que reduzir drasticamente o tipo de consumos que estou habituado a fazer
	Sentir-me inútil

- 12) Pensando no trabalho em geral, escolha aquela afirmações com a qual você mais concorda.

Se não precisasse do dinheiro e tivesse outros rendimentos muito provavelmente não teria um trabalho remunerado	
Gostaria de ter um trabalho remunerado mesmo que não precisasse do dinheiro	

- 13) Pensando no trabalho em geral, escolha aquela afirmações com a qual você mais concorda.

Considero o trabalho remunerado o elemento mais importante para a obtenção de realização pessoal	
Não considero o trabalho remunerado o elemento mais importante para a obtenção de realização pessoal	

- 14) Pensando no trabalho em geral, escolha aquela afirmações com a qual você mais concorda.

Uma pessoa deve fazer o seu melhor no trabalho mesmo que isso implique fazer muitas vezes sacrifícios nas suas relações pessoais e familiares	
O trabalho não justifica que se façam muitos sacrifícios nas relações pessoais e familiares	

15) O que é mais importante para você em um trabalho? (numere de 1 a 3 em ordem de prioridade)

	Um emprego seguro e estável
	O salário, a remuneração
	Boas oportunidades de promoção
	A possibilidade de aprender coisas novas e exprimir as próprias capacidades
	Um trabalho em que a pessoa tenha autonomia
	Um trabalho que permita ajudar outras pessoas
	Um trabalho útil à sociedade
	Um trabalho em que a pessoa decida os horários e dias de trabalho
	Boas relações com os demais colegas e superiores (chefes) no ambiente de trabalho
	A possibilidade de viajar muito
	Não precisar viajar
	Não precisar mudar de cidade
	Outra _____

16) O que é mais importante para sua família em um trabalho? (numere de 1 a 3 em ordem de prioridade)

	Um emprego seguro e estável
	O salário, a remuneração
	Boas oportunidades de promoção
	A possibilidade de aprender coisas novas e exprimir as próprias capacidades
	Um trabalho em que a pessoa tenha autonomia
	Um trabalho que permita ajudar outras pessoas
	Um trabalho útil à sociedade
	Um trabalho em que a pessoa decida os horários e dias de trabalho
	Boas relações com os demais colegas e superiores (chefes) no ambiente de trabalho
	A possibilidade de viajar muito
	Não precisar viajar
	Não precisar mudar de cidade
	Outra _____

17) Está trabalhando atualmente?

- Sim Em qual atividade? _____
- Não (vá para a **questão 19**)
- Nunca trabalhou (vá para a **questão 29**)

18) Há quanto tempo está nesse trabalho?

- Há menos de 1 ano
- Há mais de 1 e menos de 2 anos
- Há mais de 2 e menos de 5 anos
- Há mais de 5 anos

19) Qual a principal razão para ter saído do seu último trabalho?

- Despedi-me voluntariamente porque me obrigavam a trabalhar em excesso/esperavam disponibilidade total da minha parte
- Despedi-me voluntariamente porque não gostava do ambiente de trabalho
- Despedi-me porque surgiu algo melhor que acabou por não se concretizar
- Despedi-me porque estava insatisfeito com o conteúdo do trabalho
- Despedi-me porque o salário oferecido não correspondia às expectativas
- Despedi-me porque não tinha condições de ascensão profissional
- Despedi-me porque a localização geográfica do local de trabalho não me interessava
- O meu local de trabalho fechou
- Fui dispensado/despedido
- O meu contrato de trabalho chegou ao fim
- A tarefa encomendada chegou ao fim
- Por motivos familiares
- Porque resolvi prosseguir os estudos
- Casei-me
- Doença ou incapacidade pessoal
- Por precisar cumprir o serviço militar
- Outro: _____

20) Qual o meio utilizado para encontrar esse seu último trabalho?

- Classificados de jornais
- Agência de empregos
- Amigos ou conhecidos
- Familiares
- Escola/Faculdade
- Concurso público
- Por meio de envio de currículo
- Outro: _____

21) Qual é a sua situação profissional na atividade profissional atual ou no seu último trabalho?

Empresário/Empregador	
Trabalhador por conta própria/profissional liberal	
Empregado, carteira assinada	
Empregado, sem carteira assinada	
Trabalhador familiar remunerado	
Trabalhador familiar não remunerado	
Estagiário – tempo integral	
Estagiário – tempo parcial	
Funcionário público	
Outra situação:	

22) Qual é (era) seu rendimento mensal médio nessa atividade?

- Menos do que o salário mínimo
 de 1 a 3 salários mínimos
 de 3 a 5 salários mínimos
 de 5 a 10 salários mínimos
 mais de 10 salários mínimos

23) Quantas horas você trabalha(va) por semana? _____

24) A atividade profissional que você exerce ou exerceu está/estava dentro de suas expectativas?

- Sim
 Não

Por quê?

25) Você acha que estudou o suficiente para exercer sua atividade profissional?

- Sim
 Não

26) Você precisaria ter estudado

- mais
 menos

27) Você gosta da atividade que exerce ou exerceu?

- Sim
 Não

28) Você gostaria de exercer outra atividade?

- Não
 Sim Qual? _____

Por que você não a exerce?

29) Você está procurando trabalho atualmente? (**mesmo que esteja empregado**)

- Sim
 Não (vá para a questão 31)

30) As oportunidades de trabalho que você está encontrando estão correspondendo as suas expectativas?

- Sim
 Não

Por quê?

31) Depois de formado, você considera que conseguirá realizar as suas expectativas com relação ao trabalho esperado/desejado?

- Sim
 Não

Por quê?

- 32) Depois de formado, você acredita que:
- Vai continuar no trabalho atual
 - Com certeza estará empregado imediatamente
 - Com certeza estará empregado em menos de 6 meses
 - Provavelmente não estará empregado em menos de 6 meses
 - Provavelmente não estará empregado no primeiro ano
 - Não pretende trabalhar
 - Outro: _____

- 33) Quais dificuldades você pode encontrar ao buscar o trabalho que você deseja? **(numere de 1 a 3 em ordem de prioridade)**

	Falta de experiência
	Falta de especialização
	Falta de indicação
	Falta de vagas
	Excesso de concorrentes
	Por problemas pessoais
	Pela atual situação do país
	Outra: _____

- 34) As suas expectativas hoje em relação às oportunidades de trabalho:
- São bem mais otimistas do que quando você iniciou o Curso
 - São bem mais pessimistas do que quando você iniciou o Curso
 - Não se alteraram

Por quê?

- 35) Você já participou de algum concurso público?
- Sim
 - Não
- 36) Você tem vontade de participar (novamente ou pela primeira vez) de algum concurso público?
- Sim
 - Não

- 37) Você já teve alguma empresa ou atividade comercial?
- Sim Qual _____
 - Não (vá para a **questão 42**)

- 38) Em que ano iniciou? _____

- 39) Sua empresa ou atividade comercial gera(ou) empregos?
- Sim Quantos? _____
 - Não

- 40) Você já encerrou sua empresa ou atividade comercial?
- Sim Em que ano? _____
 - Não (vá para a **questão 42**)

- 41) Se você encerrou sua empresa ou atividade comercial, qual foi o motivo?

- 42) Você já pensou em ter uma empresa ou atividade comercial?
- Sim Qual? _____
 - Não

- 43)) Para cada uma das seguintes atividades diga-me se, no futuro, gostaria de ocupar mais tempo, menos tempo ou o mesmo tempo que ocupa hoje em dia

	Muito mais tempo	Um pouco mais tempo	O mesmo tempo que agora	Um pouco menos de tempo	Muito menos tempo
Trabalho remunerado	1	2	3	4	5
Ocupações domésticas/caseiras	1	2	3	4	5
Tempo com a família	1	2	3	4	5
Tempo com os amigos	1	2	3	4	5
Descansar	1	2	3	4	5
Ler	1	2	3	4	5
Ir a espetáculos	1	2	3	4	5
Viajar, passear	1	2	3	4	5
Formação orientada para o trabalho	1	2	3	4	5

Idade:

- 20 a 22
- 23 a 25
- 26 a 29
- Acima de 29

44) Relacionamento:

- Solteiro
- Casado/ União Estável Há quantos anos? _____
- Viúvo
- Separado/divorciado

45) Você tem filhos

- Sim Quantos? _____
- Não

46) Número de pessoas que moram com você _____

47) Qual a renda da sua família por mês?

- de 1 a 3 salários mínimos
- de 3 a 5 salários mínimos
- de 5 a 10 salários mínimos
- de 10 a 20 salários mínimos
- mais de 20 salários mínimos

48) Você cursou ensino médio em:

- Escola pública
- Escola privada
- Escola técnica federal (CEFET, COLTEC)
- Escola técnica privada

49) Qual é o nível de instrução mais elevado que o seu pai concluiu

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior
- Pós-graduação (especialização)
- Pós-graduação (mestrado/doutorado)

50) Qual é o nível de instrução mais elevado que sua mãe concluiu

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior
- Pós-graduação (especialização)

- Pós-graduação (mestrado/doutorado)

51) Qual é (ou qual foi) exatamente a situação de seu pai na profissão principal?

Empresário/Empregador	
Trabalhador por conta própria/profissional liberal	
Empregado, carteira assinada	
Empregado, sem carteira assinada	
Trabalhador familiar remunerado	
Trabalhador familiar não remunerado	
Funcionário público	
Outra situação:	

52) Qual é (ou qual foi) exatamente a situação de sua mãe na profissão principal?

Empresário/Empregador	
Trabalhador por conta própria/profissional liberal	
Empregado, carteira assinada	
Empregado, sem carteira assinada	
Trabalhador familiar remunerado	
Trabalhador familiar não remunerado	
Funcionário público	
Outra situação:	

53) Tem interesse em participar de outra fase dessa pesquisa?

- Sim

Nome: _____

Telefone de contato: _____

E-mail de contato: _____

APÊNDICE C – Roteiro Grupo Focal

Por que vocês escolheram Administração?

Suas expectativas corresponderam à realidade?

Naquela época, quais eram as suas expectativas em relação ao trabalho?

Hoje, quais são as suas expectativas em relação ao trabalho?

Quais as expectativas dos seus familiares em relação ao seu trabalho? (ou) Tem alguma coisa que sua família espera que você consiga através do trabalho e que você discorda?

Vocês trabalham? Quantos fazem estágio?

Como se deu a inserção profissional no atual trabalho? (Como ele descobriu a vaga?)

Têm surgido novas oportunidades de trabalho?

Essas oportunidades correspondem as suas expectativas?

Na área profissional, quais as suas principais preocupações?

Até que ponto a realização pessoal passa pelo trabalho?

Até que ponto se deve fazer sacrifícios em função do trabalho?

O que é mais importante no trabalho? (o ambiente, a possibilidade de crescimento, o salário, os amigos...)

Compare seu trabalho atual com seu trabalho ideal? (ou) Como seria o trabalho ideal?

Se você pudesse, você mudaria de profissão?

Quais as dificuldades que você pensa encontrar ou encontrou na busca pelo trabalho?

O que lhe traz satisfação no trabalho? (ou) Por que é bom trabalhar?

Como você quer estar em relação ao trabalho daqui a 5 anos?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)